

**O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA MODERNA:
UM ESTUDO DE CASO**

DANIELA ANDRADE COELHO DA FONSECA

**O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA MODERNA:
UM ESTUDO DE CASO**

DANIELA ANDRADE COELHO DA FONSECA

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Instituição Educacional e Formação do Educador.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Ivone Tambelli Schmidt

370
F676e

Fonseca, Daniela Andrade Coelho da
O espaço escolar e sua contribuição para o ensino
de língua estrangeira moderna: um estudo de caso.
Daniela Andrade Coelho da Fonseca. – Presidente
Prudente, 2013.
244 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
do Oeste Paulista – Unoeste: Presidente Prudente – SP,
2013.

Bibliografia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ivone Tambelli Schmidt

1. Aprendizagem. 2. Ensino. 3. Língua estrangeira. I.
Título.

DANIELA ANDRADE COELHO DA FONSECA

**O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA MODERNA:
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 30 de setembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivone Tambelli Schmidt
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Banca: Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Banca: Prof^a. Dr^a. Fátima Aparecida Dias Gomes Marin
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Presidente Prudente - SP

Às minhas filhas, Nathália e Marcella,
que me fizeram pensar em como uma boa educação
faz diferença para o futuro da humanidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pelo Dom da Vida, por iluminar meu caminho, guiando-me para as escolhas certas...

À minha orientadora, Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt, pela dedicação, não se limitando a transferir todo seu potencial e conhecimento, mas também incentivando e colaborando para o desenvolvimento de minhas ideias.

Aos membros da banca de Exame de Qualificação, Profa. Dra. Fátima Aparecida Dias Gomes Marin e Profa. Dra. Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri, pelas valiosas contribuições que me possibilitaram visualizar novos horizontes para a construção deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Levino Bertan, que sempre me incentivou a desenvolver esta pesquisa, percebendo a importância do espaço para a educação.

Ao governo do Estado de São Paulo e à Comissão de Bolsa da Diretoria de Ensino de Santo Anastácio, pela bolsa concedida para a realização do Mestrado.

Ao meu querido marido, Nino, que se privou de minha presença durante a graduação em Arquitetura, em período integral. E, em seguida, aos diversos cursos que realizei e ainda realizo, durante todo processo de aquisição de conhecimento para chegar a esta dissertação.

Aos meus pais, Paulo e Helisaura, que foram pais de minhas filhas para que eu passasse por todo esse processo.

À minha neta, Vitória, que ao olhá-la vejo a imagem de todas as crianças que têm sede pelo saber e um potencial que deve ser aproveitado desde seus primeiros dias de vida.

À minha amiga, Marilani Vanalli, que sempre apoiou e colaborou para a concretização de meus estudos.

Aos colegas que fizeram parte desta caminhada, a cada curso, a cada passo dado para chegar até aqui, a cada mão estendida para aliviar as dificuldades durante esse caminho.

RESUMO

O espaço escolar e sua contribuição para o ensino de Língua Estrangeira Moderna: um estudo de caso

O espaço físico escolar ainda deixa muitos questionamentos ao considerado como instrumento para o processo de ensino e aprendizagem. No ensino da Língua Estrangeira, esse problema se intensifica, em razão da real necessidade da existência de espaços preparados, ambientados como facilitadores para a prática de uma nova língua. Com a finalidade de encontrar soluções para a falta de um ambiente que favoreça o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira, que neste caso é a Língua Inglesa, utilizou-se a pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e o estudo de caso. Esta pesquisa baseou-se no estudo de caso na EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, localizada no interior do Estado de São Paulo, na cidade de Presidente Venceslau. Para que não haja somente uma visão unilateral da pesquisadora, a pesquisa qualitativa baseou-se nas relações entre os usuários e os espaços existentes, por meio da observação tanto de aulas ministradas como dos espaços do edifício escolar. Além das observações, foram utilizados questionários e entrevistas não-estruturadas voltadas para alunos e professores envolvidos no processo do ensino e da aprendizagem da Língua Inglesa. Importante lembrar que o estudo baseou-se na experiência vivida nas aulas do Ensino Fundamental Ciclo II, do 6º ao 9º ano. Para abordar tal tema, foi necessário também avaliar o ambiente físico, sua ocupação e a percepção dos usuários, por meio de uma abordagem experiencial e pela observação comportamental. Para isso, foram utilizados os instrumentos: *Walkthrough*, Mapa Comportamental, *Wish Poem*, Seleção Visual, e uma história técnica que contou com levantamento e documentação arquitetônica. A pesquisa bibliográfica pelos campos da Pedagogia e Arquitetura incluiu os estudos de Kowaltowski, Frago, Rheingantz e de outros teóricos que se preocupam com o uso do espaço escolar como currículo e nos quais se encontram algumas respostas claras sobre a influência espacial no processo educativo. Os dados coletados intensificaram a necessidade de uma readequação espacial na escola estudada, em relação aos ambientes voltados para o processo de ensino e aprendizagem, em especial da Língua Inglesa. Por fim, foram apontadas alternativas de uso e ocupação dos espaços estudados com recomendações para melhoria dos ambientes com o intuito de favorecer o ensino de Língua Estrangeira Moderna.

Palavras-chave: Espaço Escolar. Ensino de Língua Estrangeira Moderna. Ambiência Escolar.

ABSTRACT

The school space and its contribution to the Modern Foreign Language teaching: a case study

The school physical space still leaves many questions when considered as a tool for the teaching and learning process. On the teaching of foreign languages, this problem intensifies, by reason of the actual need of the existence of spaces, set as facilitators to practice a new language. With the purpose of finding solutions to the lack of an environment that promotes the teaching and learning of a foreign language, which in this case is the English language, bibliographic in nature qualitative research and case study. This research was based on the case study in EE "Antônio Marinho de Carvalho Filho", located within the State of São Paulo, in the city of Hyderabad. For that there is only a one-sided view of the researcher, the qualitative research was based on relationships between users and the existing spaces, through both observation of lessons and the school building spaces. In addition to the observations, questionnaires were used and unstructured interviews geared toward students and teachers involved in the process of teaching and learning the English language. Important to remember that the study was based on experience in the classroom of elementary school Cycle II, 6th to 9th grade. To address this issue, it was necessary to also assess the physical environment, their occupation and the perception of the users, through an experiential approach and behavioral observation. To this end, the instruments were used: Walkthrough, Behavioral Map, Wish, Visual Selection, Poem and a technical inspection which featured survey and architectural documentation. The bibliographical research in the fields of pedagogy and Kowaltowski studies included Architecture, Frago, Rheingantz and other theorists who worry about the use of school space as curriculum and in which are some clear answers about the spatial influence in the educational process. The collected data intensified the need for readjustment in the space school studied in relation to the process-oriented environments for teaching and learning, in particular in the English language. Finally, use alternatives were pointed and occupation of spaces studied with recommendations for improvement of the environments with the aim of promoting the teaching of Modern Foreign languages.

Keywords: School Space. Foreign Modern Language Teaching. School Ambience.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Escola Caetano de Campos (denominada “Escola da praça”)	36
FIGURA 2 - EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” detalhes da arquitetura escolar da década de 60 – pilotis, pátios e marquises	40
FIGURA 3 - EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” detalhes da arquitetura escolar da década de 60 – janelas, corredores e escadas	41
FIGURA 4 - Sala de Aula - EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	71
FIGURA 5 - Cidade de Presidente Venceslau e EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	72
FIGURA 6 - Município de Presidente Venceslau a oeste do Estado de São Paulo	73
FIGURA 7 - Escolas Estaduais das Séries Finais do Ensino Fundamental em Presidente Venceslau	73
FIGURA 8 - Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	74
FIGURA 9 - Setorização dos Blocos da EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” - Planta original	75
FIGURA 10 - Fachada Oeste do Bloco I da EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	76
FIGURA 11 - Entrada dos alunos – Fachada Oeste na Rua Euclides da Cunha	76
FIGURA 12 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco I – Piso I	77
FIGURA 13 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco II – Piso I	78
FIGURA 14 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco I – Piso II	78
FIGURA 15 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco I – Piso III	79
FIGURA 16 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco II – Piso II	80
FIGURA 17 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco II – Piso III	80
FIGURA 18 - Setorização da Implantação – Blocos I, II, III e IV (Apêndice C)	81
FIGURA 19 - Setorização da Implantação – EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” (Apêndice C)	81
FIGURA 20 - Desenho em DWG da Sala de aula - padrão 6,50m x 8,00m com total de 52m ²	82

FIGURA 21 - Fotos da Sala de aula – padrão 6,50m x 8,00m com total de 52m ²	83
FIGURA 22 - Ficha de Inventário – Sala de aula – Piso II	91
FIGURA 23 - Ficha de Inventário – Sala de aula – Piso III	92
FIGURA 24 - Ficha de Inventário – Biblioteca	93
FIGURA 25 - Ficha de Inventário - Laboratório de Informática	94
FIGURA 26 - Ficha de Inventário – Sala de Leitura	95
FIGURA 27 - Ficha de Inventário – Sala de Vídeo	96
FIGURA 28 - Ficha de Inventário – Áreas Externas: entrada da escola	97
FIGURA 29 - Ficha de Inventário – Áreas Externas: Pátio I	98
FIGURA 30 - Ficha de Inventário – Pátio II	99
FIGURA 31 - Ficha de Inventário – Circulações: horizontais e verticais	100
FIGURA 32 - Análise <i>Walkthrough</i> – Sala de aula	101
FIGURA 33 - Análise <i>Walkthrough</i> – Biblioteca	102
FIGURA 34 - Análise <i>Walkthrough</i> – Laboratório de Informática	103
FIGURA 35 - Análise <i>Walkthrough</i> – Sala de Leitura	104
FIGURA 36 - Figura 50 – Análise <i>Walkthrough</i> – Sala de Vídeo	105
FIGURA 37 - Análise <i>Walkthrough</i> – Entrada e Pátio I e II	106
FIGURA 38 - Mapa Comportamental – Sala de aula: 6ºano	108
FIGURA 39 - Mapa Comportamental – Sala de aula: 7º ano	109
FIGURA 40 - Mapa Comportamental – Sala de Aula: 8º ano	110
FIGURA 41 - Mapa Comportamental – Sala de Aula: 9º ano	111
FIGURA 42 - <i>Wish Poems</i> – Ambiência: layout, decoração, cor, interação	113
FIGURA 43 - <i>Wish Poems</i> - Tecnologia (TV, <i>ipad</i> , lousa digital) e Necessidades Físicas (bebedouro, ar condicionado)	113
FIGURA 44 - <i>Wish Poems</i> – Método Tradicional: lousa, giz, apagador, carteiras, cadernos	114
FIGURA 45 - <i>Wish Poems</i> – Tecnologia: TV, computador, <i>ipad</i>	115
FIGURA 46 - <i>Wish Poems</i> – Tecnologia: TV, DVD, som, <i>notebook</i>	115
FIGURA 47 - <i>Wish Poems</i> – TV, computador, <i>ipad</i>	116
FIGURA 48 - <i>Wish Poems</i> – Tecnologia: <i>ipad</i> , <i>notebook</i>	116

FIGURA 49 - <i>Wish Poems</i> – Métodos Tradicionais: lousa, cadernos, apostilas, giz, carteiras	117
FIGURA 50 - <i>Wish Poems</i> – Métodos Tradicionais: lousa, carteiras, cadernos	118
FIGURA 51 - <i>Wish Poems</i> – Ambiência: cor, decoração, bandeiras, vegetação ...	119
FIGURA 52 - <i>Wish Poems</i> – Ambiências: cor, <i>layout</i> , decoração, bandeiras	120
FIGURA 53 - <i>Wish Poems</i> – Ambiências: cor, <i>layout</i> , bandeira, decoração	120
FIGURA 54 - <i>Wish Poems</i> – Necessidades Físicas: ar condicionado, bebedouro, geladeira, alimentos	121
FIGURA 55 - <i>Wish Poems</i> - Necessidades Físicas: ar condicionado, bebedouro, poltrona	122
FIGURA 56 - Seleção Visual – Pontos Negativos e Positivos	174
FIGURA 57 - <i>Layout</i> das salas de aula	194
FIGURA 58 - Projeto DWG – Sala de aula – novo <i>layout</i>	204
FIGURA 59 - Projeto DWG – Biblioteca – ambiente ampliado e novo <i>layout</i>	204
FIGURA 60 - Projeto DWG – Laboratório de Informática – ambiente reformado e novo <i>layout</i>	205
FIGURA 61 - Projeto DWG – Biblioteca – ambiente preparado para atender às atividades de leitura	205
FIGURA 62 - Projeto DWG – Área externa e Pátios – ambientes para atividade de leitura	206
FIGURA 63 - Projeto DWG – Sala de aula – ambiente preparado para uso do multimídia	206
FIGURA 64 - Projeto DWG – Área Externa e Pátios I e II – ambiente preparado para vivência	207
FIGURA 65 - Projeto DWG – Área Externa e Pátio II – ambiente preparado para vivência e leitura	207
FIGURA 66 - Projeto DWG – Bloco I e Pátio I – ambiente preparado para vivência e leitura	208
FIGURA 67 - Projeto DWG – Bloco II – Piso II – Salas de aula e circulações: horizontais e verticais	208
FIGURA 68 - Projeto DWG – Bloco II – Piso III – Salas de aula e circulações: horizontal e vertical	209
FIGURA 69 - Projeto DWG – Bloco I – Piso III – Salas de aula e circulações: horizontal e vertical	209
FIGURA 70 - Projeto DWG – Bloco I – Piso III – Salas de aula e circulações: horizontal e vertical	210

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - <i>Wish Poems</i>	113
GRÁFICO 2 - <i>Wish Poems</i> – Tecnologia	114
GRÁFICO 3 - <i>Wish Poems</i> – Métodos Tradicionais	117
GRÁFICO 4 - <i>Wish Poems</i> – Ambiência	119
GRÁFICO 5 - <i>Wish Poems</i> – Necessidades Físicas	121
GRÁFICO 6 - Tamanho da Sala de aula	123
GRÁFICO 7 - Aparência da Sala de aula	124
GRÁFICO 8 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de aula	125
GRÁFICO 9 - Tamanho da Biblioteca	126
GRÁFICO 10 - Aparência da Biblioteca	126
GRÁFICO 11 - Quantidade e tamanho das janelas na Biblioteca	127
GRÁFICO 12 - Tamanho do Laboratório de Informática	128
GRÁFICO 13 - Aparência do Laboratório de Informática	129
GRÁFICO 14 - Quantidade das janelas no Laboratório de Informática	130
GRÁFICO 15 - Tamanho da Sala de Leitura	130
GRÁFICO 16 - Aparência da Sala de Leitura	131
GRÁFICO 17 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Leitura	132
GRÁFICO 18 - Tamanho da Sala de Vídeo	133
GRÁFICO 19 - Aparência da Sala de Vídeo	134
GRÁFICO 20 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Vídeo	134
GRÁFICO 21 - Temperatura de conforto da Sala de aula	135
GRÁFICO 22 - Nível de ruído da Sala de aula	136
GRÁFICO 23 – Nível de iluminação na Sala de aula	137
GRÁFICO 24 - Ventilação e qualidade do ar na Sala de aula	138
GRÁFICO 25 - Temperatura de conforto da Biblioteca	138
GRÁFICO 26 - Nível de ruído da Biblioteca	139
GRÁFICO 27 - Nível de iluminação na Biblioteca	140
GRÁFICO 28 - Ventilação do ar na Biblioteca	141

GRÁFICO 29 - Temperatura de conforto do Laboratório de Informática	142
GRÁFICO 30 - Nível de ruído no Laboratório de Informática	143
GRÁFICO 31 - Nível de iluminação no Laboratório de Informática	144
GRÁFICO 32 - A ventilação e a qualidade do ar no Laboratório de Informática	145
GRÁFICO 33 - Temperatura de conforto na Sala de Leitura	146
GRÁFICO 34 - Nível de ruído na Sala de Leitura	147
GRÁFICO 35 - Nível de iluminação na Sala de Leitura	148
GRÁFICO 36 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Leitura	149
GRÁFICO 37 - Temperatura de conforto na Sala de Vídeo	150
GRÁFICO 38 - Nível de ruído na Sala de Vídeo	151
GRÁFICO 39 - Nível de iluminação na Sala de Vídeo	152
GRÁFICO 40 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Vídeo	153
GRÁFICO 41 - Circulação	154
GRÁFICO 42 - Corredores usados para atividades pedagógicas	155
GRÁFICO 43 - <i>Layout</i> na Sala de aula (aula de Inglês)	156
GRÁFICO 44 - Mudanças no <i>layout</i> nas aulas de Inglês	157
GRÁFICO 45 - Aulas de Inglês utilizam o Laboratório de Informática	158
GRÁFICO 46 - Aulas de Inglês realizadas na Biblioteca	159
GRÁFICO 47 - Aulas de Inglês na Sala de Leitura	160
GRÁFICO 48 - Aulas de Inglês na Sala de Vídeo	161
GRÁFICO 49 - Sala de aula decorada por atividades dos alunos	162
GRÁFICO 50 - Corredor decorado por atividades dos alunos	163
GRÁFICO 51- Mudanças na sala nas aulas de Inglês	164
GRÁFICO 52 - Alunos consultados sobre as mudanças físicas na escola	165
GRÁFICO 53 - Opinião dos alunos sobre mudanças estéticas na escola	166
GRÁFICO 54 - Ministras aulas de Inglês em outros ambientes	167
GRÁFICO 55 - Equipamentos tecnológicos para as aulas de Inglês	168
GRÁFICO 56 - Sala ambiente de Inglês	169
GRÁFICO 57 - Frequência das aulas de Inglês na Biblioteca	170

GRÁFICO 58 - Frequência das aulas de Inglês no Laboratório de Informática	171
GRÁFICO 59 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Leitura	172
GRÁFICO 60 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Vídeo	173

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Resolução SS-493 de 08/09/1994: Norma técnica que dispõe sobre a elaboração de projetos de educação de 1º e 2º graus no Estado de São Paulo	41
QUADRO 2 - Conforto Ambiental para Construções Escolares	42
QUADRO 3 - Padrões mínimos dos ambientes	43
QUADRO 4 - Padrões mínimos dos ambientes	43
QUADRO 5 - Pontos Negativos e Positivos dos ambientes após as Análises <i>Walkthrough</i>	107
QUADRO 6 - Análise da Seleção Visual	178
QUADRO 7 - Itens que constituem uma sala de aula ideal para as aulas de Inglês	178
QUADRO 8 - Ponto de vista dos Professores de Inglês para uma sala ideal	179
QUADRO 9 - Matriz de Descobertas por meio dos Instrumentos Aplicados	181
QUADRO 10 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Sala de Aula	201
QUADRO 11 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Biblioteca	202
QUADRO 12 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Laboratório de Informática	202
QUADRO 13 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Sala de Leitura	203
QUADRO 14 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Sala de Vídeo	203
QUADRO 15 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Pátios	203
QUADRO 16 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Corredores	203

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Horas/mês de estudo de Inglês no Brasil	30
TABELA 2 - <i>Wish Poems</i> (Poemas dos Desejos)	112
TABELA 3 - <i>Wish Poems</i> – Tecnologia	114
TABELA 4 - <i>Wish Poems</i> – Métodos Tradicionais	116
TABELA 5 - <i>Wish Poems</i> – Ambiência	118
TABELA 6 - <i>Wish Poems</i> – Necessidades Físicas	120
TABELA 7 - Tamanho da Sala de aula	122
TABELA 8 - Aparência da Sala de aula	123
TABELA 9 - Quantidade e tamanho das janelas na sala de aula	124
TABELA 10 - Tamanho da Biblioteca	125
TABELA 11 - Aparência da Biblioteca	126
TABELA 12 - Quantidade e tamanho das janelas na Biblioteca	127
TABELA 13 - Tamanho do Laboratório de Informática	128
TABELA 14 - Aparência do Laboratório de Informática	128
TABELA 15 - Quantidade e tamanho das janelas do Laboratório de informática	129
TABELA 16 - Tamanho da Sala de Leitura	130
TABELA 17 - Aparência da Sala de Leitura	131
TABELA 18 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Leitura	132
TABELA 19 - Tamanho da Sala de Vídeo	132
TABELA 20 - Aparência da Sala de Vídeo	133
TABELA 21 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Vídeo	134
TABELA 22 - Temperatura de conforto da Sala de aula	135
TABELA 23 - Nível de ruído da Sala de aula	136
TABELA 24 - Nível de iluminação na Sala de aula	137
TABELA 25 - Ventilação e qualidade do ar na Sala de aula	137
TABELA 26- Temperatura de conforto da Biblioteca	138
TABELA 27 - Nível de ruído da Biblioteca	139

TABELA 28 - Nível de iluminação na Biblioteca	140
TABELA 29 - Ventilação e a qualidade do ar na Biblioteca	140
TABELA 30 - Temperatura de conforto do Laboratório de Informática	141
TABELA 31 - Nível de ruído no Laboratório de Informática	142
TABELA 32 - Nível de iluminação no Laboratório de Informática	143
TABELA 33 - Ventilação e a qualidade do ar no laboratório de informática	144
TABELA 34 - Temperatura de conforto na Sala de Leitura	145
TABELA 35 - Nível de ruído na Sala de Leitura	146
TABELA 36 - Nível de iluminação na Sala de Leitura	147
TABELA 37 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Leitura	148
TABELA 38 - Temperatura de conforto na Sala de Vídeo	149
TABELA 39 - Nível de ruído na Sala de Vídeo	150
TABELA 40 - Nível de iluminação na Sala de Vídeo	151
TABELA 41 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Vídeo	152
TABELA 42 - Circulação	143
TABELA 43 - Corredores usados para atividades pedagógicas	144
TABELA 44 - <i>Layout</i> na Sala de aula (aula de Inglês)	145
TABELA 45 - Mudanças no <i>layout</i> nas aulas de Inglês	146
TABELA 46 - Aulas de Inglês utilizam o Laboratório de Informática	147
TABELA 47 - Aulas de Inglês realizadas na Biblioteca	148
TABELA 48 - Aulas de Inglês na Sala de Leitura	149
TABELA 49 - Aulas de Inglês na sala de vídeo	150
TABELA 50 - Sala de aula decorada por atividades dos alunos	151
TABELA 51 - Corredor decorado por atividades dos alunos	152
TABELA 52 - Mudanças na sala nas aulas de Inglês	153
TABELA 53 - Alunos consultados sobre as mudanças físicas na escola	154
TABELA 54 - Opinião dos alunos sobre mudanças estéticas na escola	155
TABELA 55 - Ministrando aulas de Inglês em outros ambientes	156
TABELA 56 - Equipamentos tecnológicos para as aulas de Inglês	157

TABELA 57 - Sala ambiente de Inglês	158
TABELA 58 - Frequência das aulas de Inglês na Biblioteca	159
TABELA 59 - Frequência das aulas de Inglês no Laboratório de Informática	160
TABELA 60 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Leitura	161
TABELA 61 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Vídeo	162

LISTA DE SIGLAS

APO	- Avaliação Pós-Ocupação
AREA	- Associação Recreativa Esportiva e Agrícola
Art	- Artigo
Conesp	- Companhia de Construções de São Paulo
DOE	- Diário Oficial do Estado
DWG	- Desenho digital de Auto CAD
EE	- Escola Estadual
EF	- Ensino Fundamental
EM	- Ensino Médio
FDE	- Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Fundoescola	- Fundo de Fortalecimento da Escola
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases
LE	- Língua Estrangeira
MEC	- Ministério da Educação
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
p.d.	- Pé direito (altura do chão ao teto)
PD	- Pessoa Deficiente
ProLUGAR	- Grupo Qualidade do Lugar e Paisagem
SEBRAE	- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEE	- Secretaria de Estado da Educação
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
2 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA	27
2.1 Abordagem Histórica	27
2.2 A Língua Inglesa no Brasil e a Legislação	35
2.3 A Função e o uso do Edifício Escolar concebido no Estado de São Paulo	36
3 “ESPAÇO E LUGAR” PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	44
3.1 A Percepção, a Experiência e os Aspectos Cognitivos	44
3.2 Espaço, Ambiente e “Lugar”	46
3.2.1 O espaço	46
3.2.2 O ambiente	47
3.2.3 O lugar	49
3.2.4 Sala Ambiente para aulas de Inglês	51
4 ARQUITETURA ESCOLAR E O ENSINO E A APRENDIZAGEM: UMA INTERAÇÃO USUÁRIO AMBIENTE	54
4.1 Parâmetros Contextuais Ambientais – A implantação no terreno	54
4.1.1 O entorno	55
4.1.2 Os acessos	56
4.1.3 A paisagem	57
4.1.4 O conforto ambiental	57
4.2 Parâmetros Técnico-Construtivos	58
4.3 Parâmetros Estético-Compositivos	59
4.4 Parâmetros de Organização Espacial	60
5 METODOLOGIA	61
5.1 Avaliação Pós-Ocupação	61
5.2 Os Instrumentos	61
5.2.1 Análise <i>Walkthrough</i>	62
5.2.2 Mapa Comportamental	63
5.2.3 <i>Wish Poems</i> (Poemas dos Desejos)	64
5.2.4 Seleção visual	65
5.2.5 Entrevistas	66
5.2.6 Questionários	67

6 A EE “ANTÔNIO MARINHO DE CARVALHO FILHO”	69
6.1 Contextualização	70
6.2 A Edificação e seu Entorno	74
6.3 Etapas da Pesquisa de Campo	83
6.3.1 A análise <i>Walkthrough</i>	83
6.3.2 As entrevistas	85
6.3.3 Os mapas comportamentais e os <i>Wish Poems</i>	86
6.3.4 Os questionários e a seleção visual	86
6.4 Análise dos Resultados do Estudo de Caso - Avaliação Pós-Ocupação	88
6.4.1 Análise da <i>Walkthrough</i> com os alunos do Ensino Fundamental 6° ao 9° Ano	101
6.4.2 Análise dos Mapas Comportamentais com os alunos e professores em sala de aula	107
6.4.2.1 Ensino Fundamental 6° ano ao 9° ano	108
6.4.3 Análise dos <i>Wish Poems</i> com os alunos do 6° ano ao 9° ano do Ensino Fundamental	112
6.4.4 Análise do questionário e da seleção visual (Apêndice A)	122
6.4.4.1 Análise do questionário aplicado aos discentes do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental	122
6.4.4.1.1 Questões baseadas na percepção e significado (O que você veem nos ambientes?)	122
6.4.4.1.2 Questões baseadas em opinião e valores (O que você sentem em relação aos ambientes?)	135
6.4.4.1.3 Questões baseadas nos lugares, caminhos e relações (O que você fazem nos ambientes?)	153
6.4.4.1.4 Questões baseadas nas adaptações e mensagens (O que você fazem aos ambientes?)	161
6.4.4.1.5 Questões baseadas em conhecimentos e dados (O que você sabem sobre os ambientes?)	166
6.4.4.2 Análise da seleção visual com os alunos das séries finais do Ensino Fundamental - 6° ao 9° ano (Apêndice B)	173
6.4.5 Análise das entrevistas com os professores – O ambiente ideal para o ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa	179
6.4.6 Cruzamento dos dados e considerações sobre os resultados	181
6.4.6.1 Matriz de descobertas por meio dos instrumentos aplicados	181
6.4.6.2 Parâmetros contextuais ambientais	183
6.4.6.3 Parâmetros Técnico-Construtivos	187
6.4.6.4 Parâmetros Estético-Compositivos	188
6.4.6.5 Parâmetros de Organização Espacial	190

6.4.6.6 Parâmetros para as aulas de Inglês	194
6.5 Recomendações para a Instituição do Estudo de Caso – EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” em Relação aos Espaços Propícios para o Ensino da Língua Estrangeira Moderna	196
6.6 Projetos para a Instituição do Estudo de Caso – EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” em Relação aos Espaços Propícios para o Ensino da Língua Estrangeira Moderna (APÊNDICE C)	204
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
REFERÊNCIAS	217
ANEXOS	222
Anexo A - Solicitações para efetuar o estudo de caso	223
Anexo B - PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola do Estudo de Caso	226
APÊNDICES	234
Apêndice A - Questionário – Perguntas Fechadas de Múltiplas Escolhas	235
Apêndice B - Seleção Visual	239
Apêndice C - Projetos sem Escala	244

1 INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa nasceu há quase oito anos, quando precisei escolher o tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Graduação em Arquitetura, por volta de 2005. Como já trabalhava como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, desde 1995, decidi estudar sobre o espaço escolar. Na época, havia poucas publicações sobre o assunto, mas, até então, o objetivo era projetar um Centro Cultural que atendesse às Escolas de Tempo Integral na cidade de Presidente Prudente.

Ao me inscrever para o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), apresentei um projeto voltado para o estudo do Espaço Escolar e a relação deste com o Processo de Ensino e Aprendizagem. Durante o decorrer do curso, a ideia inicial foi reestruturada, com foco para o estudo dos espaços escolares utilizados pela Área de “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” que abrange as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Física e Artes.

Porém, ao perceber a abrangência deste tema, optei por realizar a pesquisa sobre o espaço escolar utilizado para o Ensino e Aprendizagem da disciplina a qual leciono: a Língua Inglesa.

Desta forma, iniciei um estudo voltado para o ensino de Língua Estrangeira no Brasil e o espaço escolar no qual esse processo ocorre.

Por se tratar de um estudo direcionado às questões humanísticas, essa pesquisa baseia-se em uma Perspectiva Qualitativa e pretende proporcionar uma visão das relações existentes entre o espaço e as ações que nele ocorrem, bem como verificar de que modo essa relação pode influenciar nas atitudes dos usuários e nos resultados esperados.

Como a função do espaço escolar promover a efetivação do processo de ensino e aprendizagem, esses espaços foram analisados com base na disciplina de Língua Inglesa. Utilizaram-se os Instrumentos de Pesquisas de Avaliação Pós-Ocupação (APO) para se obter dados relacionados ao desempenho dos espaços e à satisfação de seus usuários.

Os instrumentos selecionados para esta pesquisa foram: Análise *Walkthrough* (Passeio Dirigido), *Wish Poems* (Poemas dos Desejos), Mapa Comportamental, Seleção Visual, Questionário e Entrevista.

Para obter-se uma visão da realidade, o estudo de caso foi realizado em uma Escola do Estado de São Paulo, a EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, situada na cidade de Presidente Venceslau.

O foco do estudo centrou-se nas Séries Finais (antigo Ciclo II) do Ensino Fundamental, que abrange do 6º ao 9º ano (antigas 5ª a 8ª série). Nessas etapas, os alunos encontram-se na faixa etária entre 10 e 14 anos.

Essa pesquisa fundamentou-se nos estudos dos teóricos voltados para a percepção ambiental, em especial Tuan (1983), Heimstra e MacFarling (1978), Del Rio e Oliveira (1996), Azevedo (2002), Rheingantz (1998), Rheingantz et al. (2009), Frago e Escolano (2001) e outros.

Logo após a fundamentação teórica, foi realizado um Estudo de Caso na EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, com o intuito de identificar o uso dos espaços para o processo de ensino e aprendizagem na disciplina da Língua Inglesa. Foram selecionados os ambientes que favorecem essa aprendizagem, como: sala de aula, sala de informática, sala de leitura, sala de vídeo, biblioteca, pátios e locais de circulação. Procurou-se seguir a análise experiencial defendida pelos teóricos Del Rio e Oliveira, Tuan, Frago e outros, que analisam as relações entre o espaço e seus usuários.

Um dos instrumentos aplicados envolveu a Análise *Walkthrough*, que foi realizada com cinco alunos de cada ano/série, sendo formados quatro grupos: um grupo do 6º ano, um grupo do 7º ano, um grupo do 8º ano e um grupo do 9º ano. Assim, participaram 20 alunos dos passeios guiados pelos espaços estudados. O *Walkthrough* iniciou-se na entrada da escola, passando pelos dois pátios, biblioteca, sala de informática, sala de leitura, sala de vídeo e sala de aula.

O segundo instrumento aplicado foi o Mapa Comportamental, realizado apenas no ambiente sala de aula, em que foram observadas quatro salas de aula, sendo uma de cada ano/série objeto da pesquisa, durante as aulas de Inglês, abrangendo um total de 140 alunos, uma vez que cada sala tem uma média de 35 alunos.

O terceiro instrumento utilizado foi o *Wish Poems* que foi aplicado também nos cerca de 140 alunos, os quais foram observados no Mapa Comportamental.

O quarto instrumento foi a Seleção Visual, que foi aplicado nos mesmos 20 alunos que participaram do *Walkthrough*, por terem já observado ambientes de uma forma mais perceptiva.

Os questionários foram aplicados aos alunos com o intuito de averiguar quatro pontos importantes em relação aos ambientes em estudo. Para a seleção dos alunos foi feito um sorteio com base na população total de cada sala, separando os números dos alunos e alunas, a fim de obter um equilíbrio entre o sexo masculino e feminino. De cada uma das quatro salas participantes foram selecionados 15 alunos, totalizando 60 alunos que receberam o questionário. Cabe salientar que dois alunos que haviam faltado foram substituídos seguindo o critério de sorteio, contudo, fizeram questão de responder ao questionário no dia seguinte, assim, obteve-se 62 respondentes, os quais participaram em sua totalidade da pesquisa.

A entrevista não-estruturada foi aplicada apenas aos professores, permitindo elencar as necessidades e os sonhos em relação a um espaço ideal para as aulas de Inglês.

Os resultados de todos os instrumentos foram expostos em forma de fichas, tabelas, gráficos e matrizes comparativas com detalhes para os pontos positivos e pontos negativos, salientando as questões espaciais que foram mais representativas para os usuários em relação ao ensino e aprendizagem em Inglês. Não se detiveram às metodologias de ensino, uma vez que seria um estudo para outra pesquisa, mas sim, à questão da percepção do usuário sobre o ambiente, possibilitando uma intervenção nos espaços já existentes com a finalidade de se propor mudanças necessárias que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa de forma prática, útil e prazerosa, não só para os alunos, mas também para o professor.

Desta forma, esta pesquisa está dividida em seis partes. Na primeira, são apresentados: a relevância deste estudo para a área da Educação; o percurso da pesquisadora para a delimitação do tema; a justificativa da concretização desta pesquisa; os objetivos propostos e a estrutura desta dissertação.

A segunda parte, com o título “O Ensino e a Aprendizagem da Língua Inglesa”, subdivide-se em: “Uma Abordagem Histórica”, discorre sobre o ensino da Língua Inglesa desde o final do século XIX até nossos dias; “A Língua Inglesa no Brasil e a Legislação”, mostrando as mudanças na educação voltada para o estudo da língua estrangeira e as legislações vigentes; “A Função e o Uso do Edifício Escolar concebido no Estado de São Paulo”, que apresenta, resumidamente, as necessidades e as mudanças ocorridas durante quase dois séculos nos projetos e

programas arquitetônicos para edifícios escolares que atendessem e se adequassem às pedagogias vigentes de cada época.

A segunda parte, intitulada “Espaço e lugar para o ensino de Língua Inglesa”, divide-se em: “A percepção, a experiência e os aspectos cognitivos”, fundamentada nas concepções dos teóricos Tuan e Heimstra em relação à percepção sensorial e experiencial; e o “Espaço, Ambiente e Lugar” que se subdivide em “O Espaço” como algo mais distante; “O Ambiente” como um espaço necessário e familiar; “O Lugar” como um ambiente, além de útil, atrativo e aconchegante; e por fim “Sala Ambiente para as aulas de Inglês” que apresenta um lugar no qual a ambiência, a tecnologia e a pedagogia favorecem as trocas culturais e sociais.

A terceira parte intitula-se “Arquitetura Escolar e o Ensino e a Aprendizagem: uma interação usuário ambiente” e aborda a influência que o espaço pensado pode exercer sobre os usuários; divide-se em: “Parâmetros Contextuais Ambientais – A implantação no Terreno”, que se subdivide em: “O Entorno”, “Os Acessos”, “A Paisagem”, “O Conforto Ambiental”, sintetizando toda a concepção da edificação pensada para atender a função de cada ambiente; “Parâmetros Técnico-Construtivos” determinam as características físicas do edifício, seu padrão construtivo, a qualidade dos materiais e acabamentos e os aspectos de conforto ambiental; “Parâmetros Estético-Compositivos”, relacionados ao desempenho da edificação. Neste item considera-se, também, a aparência, o estilo, que propicia diferentes mensagens aos seus usuários, por meio da percepção ambiental, a qual favorece ou não uma empatia no usuário em relação à edificação. Esta parte ainda contempla o item “Parâmetros de Organização Espacial”, em que são consideradas as diferentes funções de cada ambiente: o pedagógico, o administrativo e de serviços, assim, conforme cada atividade escolar deve-se fazer uma setorização dos ambientes em conjuntos funcionais.

O Estudo de Caso inicia-se na quarta parte – “Materiais e Método” – que apresenta a metodologia utilizada para efetuar o estudo de caso, dividindo-se em “Avaliação Pós-Ocupação” (APO), que analisa os ambientes conforme as necessidades de seus usuários e os “Instrumentos”. Subdividindo-se, ainda, em: “A Análise *Walkthrough*”, “As Entrevistas”, “Os Mapas Comportamentais e os *Wish Poems*” e “Os Questionários e a Seleção Visual”, pois são eles que possibilitam

visualizar as necessidades de mudanças nos ambientes por meio da percepção de seus usuários e pelo uso e ocupação que eles fazem do espaço.

A quinta parte, intitulada “A EE Antônio Marinho de Carvalho Filho”, divide-se em: “Contextualização”, “A Edificação e seu Entorno”, “Etapas de Pesquisa de Campo” – às quais se aplicam os Instrumentos do Estudo de Caso – e “Análise dos Resultados do Estudo de Caso”, na qual se analisa os resultados obtidos por meio dos Instrumentos aplicados nos usuários dos ambientes escolares.

Por fim, procede-se aos cruzamentos dos dados obtidos e às considerações sobre os resultados, por meio de uma matriz de descobertas e recomendações sobre os Parâmetros: Contextuais Ambientais, Técnico-Construtivos, Estético-Compositivos, Organização Espacial e o Layout da Sala de Inglês. Chega-se, então, às Recomendações para a Instituição do Estudo de Caso em relação aos ambientes que favorecem as aulas de Língua Inglesa e às Recomendações na Concepção Projetual de ambientes para o ensino e aprendizagem de Línguas.

Após essas recomendações relatam-se as considerações finais.

2 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

2.1 Abordagem Histórica

Segundo Chaves (2004), o ensino formal da língua inglesa, no Brasil, iniciou-se por meio do Decreto de 22 de junho de 1809, assinado pelo Príncipe Regente de Portugal, que mandou criar uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa. Até então, o grego e o latim eram as únicas línguas estrangeiras ensinadas na escola. O referido Decreto assim determina:

E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa. (OLIVEIRA, 1999 apud CHAVES, 2004, p. 5).

Naquela época, o ensino era para poucos, mesmo assim já se enfrentavam problemas parecidos com os de hoje, como a falta de uma metodologia adequada. O método adotado era o de tradução de texto e análise gramatical (OLIVEIRA, 1999 apud CHAVES, 2004).

Segundo Oliveira (1999 apud CHAVES, 2004), desde aquela época, o Estado Brasileiro vinha mantendo a sua determinação de incluir o ensino de línguas estrangeiras no currículo da educação pública. Porém, no início, não foi fácil para as línguas modernas – o francês e o inglês – alcançarem o mesmo *status* que as línguas clássicas ocupavam.

A fundação do Colégio D. Pedro II em 1837 teve um papel muito importante neste processo, que foi bastante lento. Este colégio teve, desde a fundação, o ensino da língua inglesa em seu currículo, juntamente com o francês, o latim e o grego. No entanto, naquela época, a importância atribuída à língua francesa era notavelmente maior do que à dada ao inglês, já que o francês era considerado 'língua universal' e requisito obrigatório para o ingresso nos cursos superiores (OLIVEIRA, 1999 apud CHAVES, 2004).

Em 1889, o ensino de inglês foi excluído do currículo obrigatório, voltando a ser obrigatório em 1892 e, em 1898, passa a ser facultativo. Em 1911, o enfoque do ensino volta-se para um caráter mais prático, e a abordagem no estudo

da língua estrangeira, além da abordagem nas habilidades de leitura e escrita, começa a valorizar a habilidade da fala (OLIVEIRA, 1999 apud CHAVES, 2004).

É na década de 1930 que o ensino de inglês, no Brasil, teve um grande impulso, por causa da II Guerra Mundial, quando a economia norte-americana passa a ser a primeira no mundo e a Inglaterra investe em atividades produtivas no Brasil.

Ainda como consequência das mudanças no contexto político e econômico nacional e internacional, a década de 1930 presenciou, também, o surgimento dos cursos livres de inglês, no Brasil (OLIVEIRA, 1999 apud CHAVES, 2004).

Com o apoio da Embaixada Britânica no Brasil, em 1934, nascia a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, no Rio de Janeiro, que trazia, no seu esboço de projeto, a missão de difundir a língua e as manifestações do pensamento, das ciências e das artes inglesas (DIAS, 1999 apud CHAVES, 2004).

No período de 1942, com a reforma Capanema, até 1961, com a nova estrutura de “ginásio” e “científico”, a carga horária das Humanidades e Ensino de línguas estrangeiras no currículo foi gradativamente reduzida, em razão da maior ênfase dada às Ciências e, com isso, alcançaram uma situação de equilíbrio. Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) muda o currículo de ensino de “ginásio” e “científico” para 1º e 2º graus. Essa lei estabelece que o ensino de uma Língua Estrangeira (LE) Moderna é o único do Núcleo Comum a ter obrigatoriedade apenas parcial para o 1º grau, mas recomenda a inclusão da língua “onde e quando tenha o estabelecimento condições de ministrá-la com eficiência” (CHAGAS, 1980 apud CHAVES, 2004, p. 8).

Após dez anos da primeira LDB, foi publicada a LDB de 1971, a Lei nº 5.692, a qual reduziu o ensino de 12 para 11 anos, com oito anos no 1º grau e três anos no 2º grau. Isso provocou uma redução drástica na carga horária de LE, “agravada ainda por um parecer posterior do Conselho Federal de que a língua estrangeira seria ‘dada por acréscimo’ dentro das condições de cada estabelecimento” (LEFFA, 1999, p. 10).

Deste modo, muitas escolas tiraram a LE do 1º grau e reduziram a carga horária do 2º grau para até 1 hora semanal.

Os 1º e 2º graus foram substituídos por ensino fundamental e médio, respectivamente, a partir da LDB de 1996, a qual deixou clara a necessidade de

uma LE no ensino fundamental, delegando a escolha para as mãos da comunidade escolar. Já em relação ao ensino médio, essa lei estabeleceu a obrigatoriedade de uma LE moderna, possibilitando a existência de uma segunda língua optativa, segundo as disponibilidades da instituição.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1999 complementam a LDB:

[...] no âmbito da LDB, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada, já que elas assumem a condição de serem parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado. (BRASIL, 1999).

Ao mencionar um mundo globalizado, deve-se pensar nas diferentes formas de comunicação que acentuam as práticas de escrita, leitura e fala.

Os PCNs apenas sugerem uma abordagem sociointeracional, não propondo uma metodologia específica para o ensino de línguas, mas enfatizam o desenvolvimento da leitura. Conforme os Parâmetros:

[...] a leitura atende [...] as necessidades da educação formal, e, por outro lado, é a habilidade que o aluno pode usar em seu próprio contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em LE pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. (BRASIL, 1999).

Os próprios PCNs salientam a importância da leitura sobre as outras habilidades e competências que são a escrita e a fala, que constituem a alma da conversação, da comunicação por cartas, telefone, internet e diálogos presenciais. Conclui-se, então que, conforme os PCNs, o ato de ler em uma língua estrangeira bastaria como forma de aquisição de informação e de conhecimento.

A Tabela 1, a seguir, traz um histórico das horas/mês das aulas de Inglês ministradas desde a Primeira República (1855) até os dias atuais. Assim, é possível visualizar a importância dada ao ensino dessa língua estrangeira no decorrer de mudanças políticas e econômicas no Brasil.

TABELA 1 - Horas/mês de estudo de Inglês no Brasil

Período	Ano	Horas/Mês
Império	1855	8
Império	1857	10
Império	1876	6
1ª República	1890	11
1ª República	1892	16
1ª República	1900	10
1ª República	1925	8
Reforma Capanema	1942	12
LDB 1971	1971	9
LDB 1996	1996	6 ou 12
Dias atuais	2013	8

Fonte: Adaptado de LEFFA (1999, p. 13, 24).

Percebe-se que, desde a implantação da língua inglesa, houve uma oscilação na quantidade de horas estudadas, desde o Império, com a chegada da família real, ainda durante o estudo de diversas outras línguas, o inglês já tinha uma importância. Tal valor chega ao seu auge a partir da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Leffa (1999), as décadas de 40 e 50, na Reforma Capanema, vistas por uma perspectiva histórica, formam os anos dourados das línguas estrangeiras no Brasil. Nesse momento verifica-se uma maior preocupação em usar o método direto, com ênfase em “um ensino pronunciadamente prático”. Ao deixar claro que o ensino de línguas deve ser orientado não só para objetivos instrumentais (compreender, falar, ler e escrever), como também para objetivos educativos (que contribuam para a formação da mentalidade, para o desenvolvimento de hábitos de observação e reflexão) e ainda para objetivos culturais (conhecimento da civilização estrangeira e capacidade de compreender tradições e ideais de outros povos), cabe ressaltar que:

Os instrumentos que deveriam ser usados para atingir esses objetivos foram também detalhados até o nível da aplicação pedagógica na sala de aula. O vocabulário seria escolhido pelo critério de frequência; a leitura deveria iniciar-se por manuais “de preferência ilustrados” dentro e fora da sala de aula, começando com “histórias fáceis” e progredindo até a leitura de obras literárias completas; os recursos audiovisuais, desde giz colorido, ilustrações e objetos até discos gravados e filmes foram amplamente recomendados. (LEFFA, 1999, p. 10)

Hoje, a Língua Inglesa é uma disciplina que constitui o currículo das Séries Finais do Ensino Fundamental, com duas aulas semanais, resultando oito aulas por mês, sendo cada aula constituída por 50 minutos. A aula baseia-se em trabalhar o conteúdo estipulado para cada ano, fortalecendo as habilidades e competências esperadas por cada faixa etária. O espaço físico reservado para essa disciplina é a sala de aula, mas nada impede que o professor ministre a aula em outro ambiente da escola. Basta que ele reserve esse outro espaço com antecedência.

Conforme salientam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira:

[...] objetiva-se restaurar o papel da Língua Estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes de Bases e na Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem. (BRASIL, 1998, p. 19).

Ao tratar da omissão da escola no ensino da Língua Estrangeira, pois é um direito de todo cidadão, os Parâmetros assumem que esse ensino não está sendo realizado de forma a se obter bons resultados. A sociedade brasileira atribui valor a esse conhecimento, mas quando as famílias com melhores condições financeiras não estão satisfeitas com os resultados do ensino público, enviam seus filhos a institutos e cursos particulares de idiomas (ALMEIDA FILHO, 1993).

Desta forma, o Estado se torna livre dessa obrigação de produzir um ensino e aprendizagem em Língua Inglesa que ofereça resultados satisfatórios para toda a sociedade. Resta, assim, para questioná-lo, apenas a grande parcela da população que não tem condições de financiar cursos particulares para seus filhos, mas que também não julga essa aprendizagem como algo essencial.

A maioria dos alunos considera o ensino de inglês e a própria aprendizagem como algo supérfluo. Ao se deparar com o ensino de língua estrangeira (Inglês) pela primeira vez, que normalmente ocorre no 6º ano das Séries Finais do Ensino Fundamental, os alunos se sentem empolgados, adoram quando há aulas de inglês, sentem-se ansiosos durante as aulas e querem sempre descobrir mais. Porém, ao chegar no 9º ano do Ensino Fundamental, esses mesmos alunos se sentem desencorajados a fazer qualquer atividade referente a essa disciplina,

tudo que produzem é o mínimo para passar de ano sem problemas de nota, sem nenhuma motivação pessoal ou profissional futura.

A pesquisa feita por Bernardo (2006, p. 101) comprova esta situação:

Os dados mostraram que 88% dos alunos da quinta série gostam de inglês, demonstrando mais interesse na aprendizagem do idioma, devido ao fator “novidade”. Já na oitava série, observa-se que esse interesse cai para 58%, devido à ausência do mesmo fator.

Essas questões comportamentais diferenciadas, durante o decorrer de quatro anos, precisam ser analisadas para se detectar quais são os aspectos que levam a tal mudança. Conforme Bernardo, o interesse inicial estaria relacionado à “novidade”, outros pesquisadores salientam a questão da “motivação”. Nesta pesquisa, pretende-se salientar principalmente a questão do espaço usado para o processo educativo na disciplina de Inglês.

Segundo Berger (2005, p. 11), o ensino eficaz é “[...] aquele que capacita o aprendiz a usar a língua inglesa para se comunicar, para negociar, ou seja, para interagir em diferentes situações pessoais e comerciais”.

Estudos mostram que o ensino de inglês na escola pública está longe de atender a essas necessidades. Walker (2003, p. 47) diagnostica a situação do ensino de inglês na escola pública como um “quadro desolador”. Batista (2003, p. 14) acrescenta: “[...] há problemas no ensino de LE, tanto em nível de ensino básico como em nível superior [...]”.

Em pleno século XXI, no Brasil, que sediará a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016, percebe-se uma grande preocupação com a dinâmica para atender o grande número de estrangeiros que virá para o país durante essas duas festividades mundiais.

Segundo Peregrino (2013), o atendimento em inglês ou espanhol é um diferencial para fazer negócio em 2014, pois o Brasil receberá turistas estrangeiros em virtude dos megaeventos esportivos. Assim, dominar os dois idiomas mais falados no mundo é fundamental para conquistar essa clientela.

O Brasil deve receber 600 mil turistas estrangeiros em 2014. Eles virão ao País para assistir aos jogos da Copa do Mundo da Fifa e também estarão interessados em conhecer o que há de melhor por aqui: a história, a cultura, a gastronomia, o artesanato, os pontos turísticos e a fauna e a flora. Esta é uma grande oportunidade para empreendedores de diversos segmentos fazerem negócio, mostrando os diferenciais de produtos e serviços brasileiros. (PEREGRINO, 2013)

O primeiro problema está no atendimento a esse grande número de estrangeiros advindos de diversos países, mas que acabam se comunicando com a língua franca, que é o Inglês. Pesquisas mostram que a população brasileira não está preparada para atendê-los, já que o nível de uma boa comunicação em Língua Inglesa entre os brasileiros é de apenas 5% da população.

De acordo com levantamento feito pelo *British Council*¹, apenas 5% da população brasileira sabe falar inglês. Conforme Amorin (2012), em épocas pré-eventos esportivos, em que os olhos do mundo todo começam a se voltar cada vez mais para o Brasil, a falta de fluência na língua inglesa representa risco de perda de oportunidades, para profissionais e para as empresas.

É realmente preocupante a situação do ensino e aprendizagem de inglês na escola pública, visto que a maioria dos alunos, ao final de sete anos de estudo, parece estar estudando inglês pela primeira vez.

Esse fracasso educacional é complexo e pode estar relacionado a várias causas, tais como: metodologia utilizada; concepção pedagógica; interesse do aluno em aprender; motivação; necessidade; relacionamento professor-aluno; e o próprio prazer.

Como afirmam Mattos et al. (2007), o aprender é um processo pessoal, que ocorre desde o nascimento, desenvolve-se gradualmente de acordo com o ritmo de cada um, observando as condições físicas, psicológicas, ambientais e sociais favoráveis. Neste ângulo, pode-se perceber a importância da cultura na qual o educando é criado, pois seu desenvolvimento cultural vai intensificar necessidades de aprendizagem, bem como interesses diversos para determinada área.

Ainda Mattos et al. (2007, p. 694) com base em Zanella (2001),

Ao relatar a aprendizagem na situação de sala de aula, esclarece que existe um repertório do aprender humano em que hábitos e atitudes podem ser positivas ou negativas, em decorrência da relação professor aluno. Essa relação implica, de um lado, competência, motivação e humanismo, e, de outro, disposição em aprender.

Nota-se a importância do relacionamento entre os protagonistas do saber, pois tanto o professor como mediador do saber, quanto o aluno como

¹ Organização sem fins lucrativos que atua em mais de 100 países. Fundada em 1934, tem como objetivo fortalecer os laços entre o Reino Unido e os países onde está presente, por meio da construção de relacionamentos mutuamente benéficos em: Artes, Educação, Esportes e Inglês.

construtor de seu próprio saber precisam estar em sintonia, para que o diálogo e a produção do conhecimento sejam favorecidos.

Como visto, restou para o ensino e a aprendizagem de línguas apenas o inglês, ao passo que os estudantes do início do século 20, mesmo que em número restrito, eram obrigados a ter em sua grade curricular uma média de cinco línguas obrigatórias ou facultativas: Latim, Grego, Francês, Inglês e Alemão.

Somando esses anos chega-se ao total de sete anos de estudo de Língua Inglesa, com uma média de 8 aulas mensais, totalizando 672 aulas (33.600 horas) entre Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Questiona-se, assim, o número de alunos na sala, a falta de uma metodologia adequada, a preocupação em trabalhar apenas a leitura, depois uma forma de estudo voltada apenas para a gramática e pouco se discute, na escola pública, a questão da conversação, que é a atividade viva de uma língua.

Isso se explica, talvez, pelo grande número de alunos por sala, que chega a ter uma média de 35 a 40 alunos em cada sala, e também uma metodologia voltada para um estudo apostilado sem identificação com os interesses do aluno.

Como já foi mencionado que a motivação é um dos incentivadores para a aprendizagem em Língua Estrangeira (Inglês), esta pesquisa avalia o espaço como meio motivador para o ensino e aprendizagem em inglês, com a finalidade de que o ambiente de estudo se torne facilitador para o processo e que o aluno se identifique com a ambiência da sala, e que as aulas de inglês sejam o lugar de comunicação, pesquisa (descoberta) e prazer em aprender.

[...] Uma aprendizagem só é possível se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras: só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. O professor não produz o saber no aluno, ele realiza alguma coisa (uma aula, a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, etc) para que o próprio aluno faça o que é essencial, o trabalho intelectual. (CHARLOT, 2005, p. 76).

Charlot (2000, p. 81-82) se refere à necessidade do aluno querer aprender. Para o autor, esse desejo “advém quando o sujeito experimentou o prazer de aprender e saber”, assim, o sujeito é definido por ele como sendo “relação com o saber” e também como “um ser vivo engajado em uma dinâmica do desejo” e que “sua relação com o saber coloca em jogo a questão do valor do que ele aprende”. Assim, o valor da língua inglesa deve estar claro para que haja um interesse que

leve a desenvolver o desejo de dominar outra língua e não somente aquela que é necessária para sua sobrevivência.

2.2 A Língua Inglesa no Brasil e a Legislação

As Línguas Estrangeiras (LEs) fazem parte do currículo escolar brasileiro há mais de dois séculos. Nessa longa trajetória, não deve causar estranhamento o fato de que tanto a presença quanto o papel das LEs passaram por alterações significativas. Tais alterações refletem as mudanças relacionadas à educação em geral e, em particular, aquelas relacionadas às concepções de língua e de aprendizagem de línguas. (SÃO PAULO, 2010, p. 105).

As alterações significativas levaram o ensino de Inglês a capacitar o aprendiz a vivenciar a dinâmica entre a sistematicidade da regra e a mutabilidade da regra ao longo do tempo, conforme os diversos contextos socioculturais (SÃO PAULO, 2010).

Desta forma, propôs-se que houvesse o desenvolvimento da leitura, da comunicação oral e da escrita de forma contextualizada, para que todas as habilidades comunicativas fossem trabalhadas ao longo dos anos, proporcionando um ensino com ênfase no uso prático da linguagem, e o ensino de gramática como complemento dessa aprendizagem.

Segundo Cope (2000 apud SÃO PAULO, 2010), o letramento permite a compreensão das várias habilidades da linguagem que se fundiram, pois antes, as habilidades de leitura, escrita, fala e compreensão oral eram vistas de modo fragmentado, e hoje, fazem parte do uso heterogêneo da linguagem, havendo uma interação da leitura e da escrita em práticas contextualizadas.

As orientações curriculares salientam que as práticas de linguagem precisam estar integradas às regras gramaticais, de forma que essas não inibam o desenvolvimento do educando, e sim que sejam vistas como complementos do letramento. Sugerem, ainda, que no planejamento das aulas de Inglês sejam utilizados temas diversos, para que as habilidades da linguagem partam desses temas (SÃO PAULO, 2010).

Visando um ensino comunicativo, que enfatize o uso e o desenvolvimento da comunicação oral como meio de preparar o educando para uma comunicação em Língua Inglesa em contextos significativos, devem-se contemplar contextos simples, como a troca de informações e apresentações pessoais, até

situações mais complexas, por meio de diálogos formulados para cada contexto e nível (BRASIL, 2008).

Com base nessas novas ideias de ensino, percebe-se a necessidade de garantir um ambiente que favoreça esses diálogos; essas trocas comunicativas baseadas em temas reais da vida, que proporcionem um interesse pela língua estrangeira não mais como uma simples disciplina a ser cumprida e sim como um instrumento de aprendizagem para a vida.

2.3 A Função e o uso do Edifício Escolar concebido no Estado de São Paulo

Em 1894, foi inaugurada, na cidade de São Paulo, a Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República, denominada por muitos anos como “Escola da praça” – um símbolo do ensino público de alta qualidade (WOLFF, 2010).

Para Wolff (2010, p. 11), a produção arquitetônica paulista ganhou impulso no decorrer de 40 anos: “[...] atentos a novos princípios pedagógicos, ao pensamento sanitaria, a complexas modulações de plantas duplicadas de divisão axial, fortemente *Beaus Arts*², e soluções compositivas e ornamentos vinculadas ao ecletismo”.

FIGURA 1 - Escola Caetano de Campos (denominada “Escola da praça”)



Fonte: ESCOLA CAETANO DE CAMPOS (2013).

Em 1890, inicia-se a arquitetura pioneira das escolas paulistas com o projeto já citado da Escola Normal da Praça da República, pois antes da Proclamação da República não houve investimentos governamentais na área

² O estilo arquitetônico *Beaux-Arts*, originado da Escola de Belas Artes de Paris, combina influências gregas e romanas com ideias renascentistas.

educacional. Após a construção dessa primeira escola, segue-se uma série de projetos e obras de estabelecimentos modelares para o ensino básico.

Essa arquitetura foi caracterizada pela experimentação, segundo Wolff (2010), até chegar à tipologia de um edifício em dois pavimentos, com alegorias para delinear a imponência da escola pública. Até então, o modelo de edifício escolar público baseava-se em uma construção de dois andares, com uma divisão axial simétrica, de modo que o edifício, uma vez partido ao meio, os seus dois lados eram idênticos.

A partir de 1910, as soluções arquitetônicas adotam prédios térreos, tendo como preocupação edificações corretas, mais baratas e de fácil elaboração, assim, perde-se a suntuosidade, mas inicia-se uma construção maciça de prédios escolares (WOLFF, 2010).

Segundo Henry Baudin (apud WOLFF, 2010, p. 58-59):

A arquitetura escolar pública nasceu imbuída do papel de propagar a ação de governos pela educação democrática. Como prédio público, devia divulgar uma imagem de estabilidade e nobreza das administrações. O investimento para atingir esses objetivos residia na composição de sua aparência. [...]

As escolas anteriores à República eram consideradas “arremedos de escolas”. Funcionavam em salas de aula improvisadas em espaços precários, sob a orientação de um único e mal preparado professor (WOLFF, 2010).

As reclamações sobre os espaços de estudos se intensificam a partir de 1874, após a lei de obrigatoriedade de ensino. São relatadas nos pedidos de professores, os quais mencionam a falta de um espaço adequado, de mobiliário, de livros e até a falta de alunos, os quais se matriculavam, mas depois não frequentavam a escola.

Até então, os alunos estudavam juntos, sem uma divisão de idade ou de grau de informação. Com o estabelecimento das escolas-modelo, dirigidas pela professora americana Miss Brown, as instituições começaram a ministrar um ensino seriado, separando os alunos em classes conforme seu grau de aprendizagem e por sexo (WOLFF, 2010).

Os projetos das escolas eram repetidos em outras cidades, até mesmo os erros eram repetidos.

O fato de a primeira planta para prédios escolares com dez salas de aula em um mesmo bloco – a dos projetos de Dubugras de Itapira e São Manuel – não ser especialmente bem-resolvida, não impede que seja empregada, também, em Tietê por Antônio By, em 1896. (WOLFF, 2010, p. 199).

A partir de 1910, projetaram-se as escolas térreas. Essas evoluíram a com base em esquemas de planta que dispunham as salas de aula em volta de um pátio central, em torno do qual a circulação era organizada. O motivo ainda não era a acessibilidade em questão das escadas e sim em razão dos prédios de dois pavimentos serem mais onerosos.

“Entre as escolas com esquema distributivo em torno de um pátio, houve de dez salas, mas houve também as de oito; número que foi afirmado para as escolas do interior, pois o ensino passou a ser seriado em quatro anos e não mais em cinco” (WOLFF, 2010, p. 235).

Em 1936, a pesquisa arquitetônica visa à construção de escolas públicas, os projetos abandonam o ecletismo do século XIX, baseando-se na estética dos materiais; assim, as fachadas eram lisas e despojadas com envasaduras retas preenchidas com caixilhos de ferro e vidro (WOLFF, 2010).

Artigas (1999 apud KOWALTOWSKY, 2011) transcreve as regras mais relevantes que definiram os critérios de projetos no Código de Saboya, de 1934:

- Art. 435 – As escolas terão um pavimento apenas, sempre que possível, e caixa de ar de cinquenta centímetros, no mínimo, convenientemente ventilada.
- Art. 436 – As escadas das escolas serão de lance reto e seus degraus não terão mais de 16 centímetros de altura nem menos de vinte e oito de largura.
- Art. 437 – As dimensões das salas de classes serão proporcionais ao número de alunos; estes não excederão de quarenta em cada sala e cada um disporá, no mínimo, de um metro e trinta e cinco decímetros [sic], quando individuais.
- Art. 438 – A altura mínima das salas de classe será de quatro metros.
- Art. 439 – A iluminação das salas de classe será de unilateral esquerda, tolerada, todavia, a bilateral esquerda direita diferencial.

- Art. 440 – A iluminação artificial preferida será a elétrica, tolerada, todavia, a iluminação a gás ou álcool quando convenientemente estabelecida.
- Art. 441 – As janelas das salas de classe serão abertas na altura de um metro, no mínimo, sobre o assoalho e se aproximando do teto quanto possível.
- Art. 442 – A superfície total das janelas de cada sala de classe corresponderá, no mínimo, à quinta parte da superfície do piso.
- Art. 443 – A forma retangular será a preferida para as salas de classe e os lados do retângulo guardarão a relação de dois para três.
- Art. 444 – Haverá uma latrina para cada grupo de vinte alunas ou de trinta alunos e um lavabo para cada grupo de trinta alunos ou alunas.

Assim, começou-se a projetar edifícios escolares por meio de programas que contemplassem um conjunto de necessidades. Esse programa arquitetônico propunha salas de aula amplas, claras e bem-ventiladas, com dimensões de 6m x 8m, e com pé-direito de 3,60, pintadas entre o creme e o verde-claro; dependências de trabalho; um auditório (somente nas capitais); sala de educação física, jogos, canto, cinema educativo, sala de festas, de reunião; biblioteca; instalações para assistência médica, dentária e higiênica (FDE, 1998a apud KOWALTOWSKI, 2011).

Em relação ao estilo dos edifícios, optou-se pela arquitetura moderna, propondo edifícios escolares com formas geométricas simples, de concreto armado, que permitisse a estrutura independente da vedação, pátios internos sob *pilotis* e grandes aberturas envidraçadas e com uma ampla liberdade de implantação. As plantas desses edifícios escolares eram, em geral, em forma de “L” ou “U” e possuíam uma linguagem formal sem ornamentação e suas aberturas eram horizontais (KOWALTOWSKY, 2011).

Kowaltowsky relata que a arquitetura moderna passou a ser empregada no Estado de São Paulo a partir do Convênio Escolar (1949-1954), o

convênio era coordenado por Hélio Duarte com o auxílio de Anísio Teixeira, que havia proposto, na Bahia, um programa da escola-parque que complementaria a escola-classe. A estrutura dos edifícios escolares dessa época era de concreto armado e os fechamentos revestidos por mosaicos, porém, pontos importantes foram negligenciados, como a alocação da biblioteca, dos sanitários e também a questão dos confortos térmico, acústico e de iluminação.

Segundo Artigas (1999 apud KOWALTOWSKI, 2011), a arquitetura escolar paulista, a partir de 1960, estava consolidada com os preceitos da arquitetura moderna, com estrutura de concreto, pátios em pilotis sem fechamentos, os demais pavimentos eram fechados em alvenaria, com coberturas de telhas de fibrocimento sobre lajes pré-fabricadas, aparentes ou por trás de platibandas. A circulação entre os edifícios era feita por marquises, que serviam para acesso e proteção de entradas e circulações externas.

Artigas relata, ainda, que os ambientes internos recebiam acabamento nos pisos de tacos de madeira; ladrilhos cerâmicos eram usados nos corredores e sanitários; as escadas eram de concreto e revestidas de granilite; o galpão era cimentado e as janelas eram de caixilhos metálicos.

As Figuras 2 e 3, a seguir, trazem imagens da EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” que permitem visualizar detalhes da arquitetura escolar da década de 60, com pilotis; pátios cobertos sem vedações; marquises; janelas de caixilhos metálicos; corredor revestido com ladrilhos cerâmicos verdes (originais); escadas de concreto revestido com granilite.

FIGURA 2 - EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” detalhes da arquitetura escolar da década de 60 – pilotis, pátios e marquises.



Fonte: Arquivo da autora (2012).

FIGURA 3 - EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” detalhes da arquitetura escolar da década de 60 – janelas, corredores e escadas.



Fonte: Arquivo da autora (2012).

Em 1976, a Companhia de Construções de São Paulo (Conesp) foi criada para elaborar normas que sintetizassem e elencassem as principais informações necessárias aos projetistas para elaboração dos projetos. Esses programas arquitetônicos definiam a quantidade de ambientes e as respectivas áreas construídas, com dimensionamento das salas de aula com 51,84m², 7,20m x 7,20m, com pé-direito mínimo, que oferecesse condições de leitura e estudo em seu interior. Criou-se o módulo “embrião”, composto por duas a seis salas de aula; direção e administração; sanitários e quadra de esportes e espaço para futuras ampliações (KOWALTOWSKI, 2011).

A seguir, no Quadro 1, a Resolução SEE/94 traz a norma técnica para a elaboração de projetos de educação no Estado de São Paulo, determinando o ambiente, o conforto térmico, o conforto lumínico e o conforto funcional.

QUADRO 1 - Resolução SS-493 de 08/09/1994: Norma técnica que dispõe sobre a elaboração de projetos de educação de 1º e 2º graus no Estado de São Paulo

Ambiente	Conforto Térmico	Conforto Lumínico	Conforto Funcional
Sala de Aula	Pé-direito médio de 3m, com o mínimo em qualquer ponto de 2,50m; área de ventilação natural no mínimo igual à metade da superfície iluminante; recomenda-se ventilação cruzada. Uso obrigatório de forro, preferencialmente em laje.	Obrigatória iluminação natural unilateral, preferencialmente à esquerda; admitida iluminação zenital, desde que sem ofuscamento. Iluminação artificial obrigatória com nível mínimo de 500 lux; superfície iluminante igual ou superior a 1/5 da área do piso.	Área mínima de 1m ² por aluno; dimensão mínima de 20m ² ; salas de aula das escolas de 1º grau não poderão estar em piso acima de 10m da soleira do andar térreo; distância máxima de salas de aula às escadas (degrau superior) de 25m a partir do ponto mais distante da sala.

Centro de Leitura ou Biblioteca	Pé-direito mínimo de 3 m com forro obrigatório; ventilação com metade da área iluminante.	Nível de iluminação de 500 lux; iluminação natural de 1/5 da área do piso.	Quando a área for maior de 120m ² , deverá ter duas saídas, no mínimo, com abertura no sentido da fuga.
Auditórios / Anfiteatros	Ventilação natural no mínimo igual à metade da superfície iluminante, ou renovação mecânica, conforme a ABNT; pé-direito médio de 3m e mínimo de 2,50m em qualquer ponto.	Iluminação natural de 1/8 da área do piso; também aceita a iluminação artificial conforme as normas da ABNT.	Área útil não inferior a 1m ² por pessoa; para área menor de 120m ² , no mínimo uma saída de 1,50m com porta dupla e abertura em sentido da fuga; para área maior de 120m ² , no mínimo duas saídas de 1,50m com porta dupla e abertura em sentido da fuga.
Corredores			Menor largura: 1,50m para até 200 alunos; acrescidos de 0,007m/ aluno de 201 a 500; acrescidos de 0,005 m/ aluno de 501 a 1.000; acrescidos de 0,003m/ aluno excedente de 1.000.

Fonte: FDE (1997 apud KOWALTOWSKI, 2011). Quadro adaptado pela autora.

O Quadro 2, a seguir, apresenta os indicadores de conforto ambiental determinados pela FDE/SP/97 para as construções escolares.

QUADRO 2 - Conforto Ambiental para Construções Escolares

Ambiente	Pé-direito (m)	Nível de iluminação (lux)	Instalações
Administração	2,40	300	Interruptor, tomada, tel., luminárias
Professores	2,40	300	Interruptor, tomada, luminárias
Sala de Aula	3,00	500	Tomadas, luminárias
Sala de Leitura	3,00	500	Interruptor, tomada, luminárias, telefone, FM/TV
A capacidade do número de salas de aula varia de 2 a 23			
Forro obrigatório (exceto no galpão)			
Iluminação fluorescente			
Pintura semi-impermeável até a altura do peitoril			
Iluminação mínima: 1/5 da área do piso			
Ventilação mínima: 1/10 da área do piso			
Ventilação cruzada obrigatória nas áreas pedagógicas			

Fonte: FDE (1997 apud KOWALTOWSKI, 2011)

Segundo Kowaltowski (2011), quanto aos edifícios escolares do Estado de São Paulo predominam os de três pavimentos em um bloco monolítico. Por terem sido projetados em escritórios terceirizados, apresentam certa originalidade nas fachadas, além da inclusão da quadra de esportes, acréscimo que interfere no desempenho acústico da escola. A partir da década de 90, podem-se encontrar quatro tipos de tipologia predominantes, a saber: escolas compactadas e verticais; escolas horizontais com a quadra em seu centro; escolas dispostas em mais de um volume e escolas longitudinais.

Em 2002, foram publicados pelo Ministério da Educação (MEC), por intermédio do Programa “Fundo de Fortalecimento da Escola” (Fundescola), cadernos técnicos para subsidiar a elaboração dos projetos e adequar as edificações escolares em quatro volumes. Nesta publicação aparecem fichas com determinação dos padrões mínimos para serem aplicados tanto nas adequações como nos futuros projetos.

O Quadro 3, a seguir, apresenta os padrões mínimos dos ambientes estudados nesta pesquisa.

QUADRO 3 - Padrões mínimos dos ambientes

PEDAGÓGICO	Ambiente	Dimensão m ²
	Sala de aula	51,84
	Uso Múltiplo	51,84
	Uso Múltiplo	77,76
	Sala de Leitura	77,76
	Sala de Informática	51,84
	Sala de Informática	77,76
	Depósito Material Pedagógico	12,96

Fonte: FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE (2012)

QUADRO 4 - Padrões mínimos dos ambientes

VIVÊNCIA	Ambiente	Dimensão m ²
	Pátio Coberto	129,60
	Pátio Coberto	194,40
	Pátio Coberto	259,20

Fonte: FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE (2012)

3 “ESPAÇO E LUGAR” PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

3.1 A Percepção, a Experiência e os Aspectos Cognitivos

Segundo Tuan (1983), espaço e lugar são termos que indicam experiências comuns. Contudo, o lugar simboliza segurança e o espaço liberdade, onde se está ligado ao lugar e se deseja o espaço.

“Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da ampliação, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6).

Com base nas definições de Tuan, percebe-se que há uma interação desses dois termos para designar um local. A partir do momento em que há alguma familiaridade entre o indivíduo e o espaço ocupado por ele, esse se torna um lugar e pode trazer-lhe segurança, como também emoções negativas.

Os psicólogos concebem o ambiente como social ou interpessoal. Consideram as pessoas como principais determinantes do comportamento humano, mas veem o ambiente como conformador do comportamento.

Para eles, o ambiente físico compreende tudo que rodeia uma pessoa, lembrando que estudos recentes classificam o ambiente como sendo a relação entre três meios: o físico, o biológico e o antrópico. Os principais elementos que constituem o meio físico são as rochas, solos, águas superficiais e subterrâneas, geomorfologia e climas. O meio biológico é constituído pela flora e a fauna. E o meio antrópico ou socioeconômico são todas as atividades do homem, nos setores primário, secundário, terciário e até quaternário.

Sendo assim, no ambiente em estudo, o espaço escolar faz parte do meio antrópico, mesmo se tratando de um produto cuja principal função é abrigar em seu interior um dos elementos que constitui o meio biológico, o homem.

Assim, surge um paradoxo, já que o espaço escolar, que é produzido pelo homem desde a concepção, projeto, execução e uso, deixa lacunas para o processo de ensino e aprendizagem, em que o homem é seu usuário.

Isto seria explicado pela própria questão de métodos de ensino, que também são produzidos pelo homem para serem aplicados no desenvolvimento da humanidade, e que muitas vezes possuem falhas.

Sem mencionar a questão de que tanto os espaços projetados para a educação quanto os próprios métodos educacionais chegam a ficar obsoletos em épocas diferentes, nas quais as gerações possuem outros interesses, atitudes, além de outros problemas sociais, econômicos e culturais.

Os psicólogos ambientais dividem o ambiente físico em dois tipos: o construído ou modificado pelo homem e o natural (HEIMSTRA; MACFARLING, 1978). Relacionando com as definições atuais de interações entre os meios, o natural é constituído pelo meio biológico e físico e o ambiente construído ou modificado pelo homem é o meio antrópico ou socioeconômico.

Para essa pesquisa, o que mais interessa é o relacionamento existente entre os espaços escolares e o comportamento humano, como as características do ambiente afetam o comportamento e o efeito dos usuários sobre o mesmo.

Segundo Heimstra e Macfarling (1978), o maior problema da pesquisa na análise da relação do espaço construído e o comportamento humano é a influência de subsistemas (condições climáticas, cidades, edificações, vizinhança, etc.), pois todos eles relacionam-se e influem no comportamento.

Valendo-se desse ponto de vista, não se pode analisar apenas a sala de aula como único espaço que influencia o comportamento dos usuários, tendo assim, a necessidade de estudo de uma abrangência maior, preocupando-se com as demais características do edifício escolar sobre o comportamento dos educandos.

A psicologia ambiental é definida como a disciplina que estuda o relacionamento entre o comportamento humano e o ambiente físico. Para isso, precisa descrever e definir características do ambiente físico, uma vez que seu objetivo é relacionar estas características com o comportamento humano. (HEIMSTRA; MACFARLING, 1978).

De acordo com Skinner (1953 apud HEIMSTRA; MACFARLING, 1978, p. 15):

O comportamento humano é um assunto difícil, não por ser inacessível, mas porque é extremamente complexo. Dado que é um processo e não uma coisa, o mesmo não pode ser facilmente retido para observação. É mutável, fluido e efêmero e, por esta razão, apresenta grandes exigências técnicas que ultrapassam a energia dos cientistas.

Em razão da complexidade do comportamento humano, a observação das atitudes em sala de aula precisa ter uma frequência maior, pois as reações são diversificadas a cada tipo de aula, já que cada aluno possui personalidades, vivências, princípios, valores diferentes e, dependendo do que está ocorrendo em sua vida, suas reações podem ser acentuadas e até inesperadas.

Segundo Wohlwill (1970 apud HEIMSTRA; MACFARLING, 1978), há três formas de relações entre o comportamento humano e o ambiente. A primeira está relacionada ao contexto do ambiente, o qual impõe restrições de comportamento; a segunda é determinada pelas qualidades associadas a um ambiente particular; e, na terceira, o ambiente serve como força motivadora.

A relação motivadora entre comportamento e ambiente possui três facetas, a saber: 1) reações afetivas e “atitudinais” diante de características ambientais; 2) reações de aproximação e esquiva diante de atributos do ambiente; e 3) adaptação às qualidades ambientais (WOHLWILL, 1970, p. 305 apud HEIMSTRA; MACFARLING, 1978).

O ambiente físico pode estimular sentimentos e atitudes, tanto positivas como negativas. E, ainda, resultar num comportamento de aproximação ou de esquiva, e também de adaptação, quando algo que lhe incomoda naquele ambiente passa a não ser mais percebido após algum tempo de permanência nele (HEIMSTRA; MACFARLING, 1978).

3.2 Espaço, Ambiente e “Lugar”

3.2.1 O espaço

O espaço construído pelo homem é voltado sempre para uma finalidade, mesmo que seja apenas para abrigá-lo ou protegê-lo das intempéries. Tuan (1983) questiona a consciência do construtor humano, visto que primeiro cria um espaço e depois passa a habitá-lo. O autor coloca em questão, também, os vários tipos de experiências e conhecimentos que envolvem a determinação desses espaços e salienta que, primeiramente, há a necessidade de saber onde construir, com que materiais construir e com qual forma construir.

Conforme Tuan (1983), assim que finalizado o edifício, esse se torna um meio ambiente, que é capaz de afetar as pessoas que nele vivem, mesmo que

por algumas horas. O autor ainda aponta que “O espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana” (TUAN, 1983, p. 114).

O meio ambiente construído define as funções sociais e as relações. Desse modo, para Tuan (1983), as pessoas sabem melhor quem elas são e como devem se comportar, quando o ambiente é planejado pelo homem, assim a arquitetura ensina.

O conhecimento adquirido para a concepção de um espaço a ser construído é herança deixada por povos primitivos e tradicionais, os quais viam o ato de construir como um assunto sério envolto por ritos religiosos (TUAN, 1983).

Construir é uma atividade complexa, segundo Tuan (1983, p. 119):

Construir... Torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: ao nível de tomar decisões pragmáticas; de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; e de comprometer-se inteiramente, de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal.

Tuan compara o meio ambiente construído com a linguagem, pois ambos possuem poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. O autor salienta que, “Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes” (TUAN, 1983, p. 119). O espaço, para ele, é dado pela capacidade de mover-se; assim, o espaço pode ser experienciado de várias maneiras, dependendo da visão que se tem dele conforme a localização e pode ser definido como uma rede de lugares.

O espaço é, conforme esse pensamento, formado por vários lugares e pelo vazio, isso o leva a ser constituído de tudo que é natural e por tudo que é construído, elaborado. Portanto, o usuário, para se movimentar no espaço, ocupa ou passa por diversos tipos de lugares, nos quais permanece por mais tempo ou apenas o utiliza como transição.

3.2.2 O ambiente

Para Heimstra e MacFarling (1978), há dois tipos principais de ambientes: o ambiente construído e o ambiente natural. O ambiente construído compreende as estruturas projetadas e construídas pelo homem num determinado espaço físico, o qual antes era classificado como ambiente natural.

O comportamento humano ocorre, em grande parte, em ambientes construídos, e esses têm grande influência sobre as atividades dos homens. Um ambiente é formado por subsistemas, os quais variam em dimensão física, função e quantidade de relacionamento social que neles ocorre. Cada um desses subsistemas pode afetar o comportamento humano, pois os relacionamentos entre o homem e o ambiente construído são influenciados tanto pelo espaço quanto pelo indivíduo (HEIMSTRA; MACFARLING, 1978).

Desta forma, o espaço, que constitui um subsistema, é influenciado pelos outros subsistemas que compõem o ambiente construído (a edificação). É a função de um espaço que o transforma em um lugar, em um ambiente funcional, por meio das características físicas necessárias para realização dessa função e pelas características não necessárias, não exigidas por sua função.

Segundo Heimstra e Macfarling (1978), todas as características físicas contêm variáveis independentes que exercem influência no comportamento humano. As variáveis das características físicas são: cor, conforto ambiental, tamanho e forma, mobiliário e sua disposição. E as variáveis individuais são compostas por espaço pessoal e territorialidade.

A cor não é um item que estabelece ligação direta com a função do ambiente, porém não deve ser escolhida apenas por questões estéticas, já que é um dispositivo de iluminação por reduzir o brilho e aumentar os reflexos da luz. O conforto ambiental é afetado por ruídos, temperatura, iluminação e odor; as condições ambientais requeridas para satisfazer o usuário vão depender da função para qual o ambiente foi projetado. O tamanho e a forma de um ambiente influenciam o comportamento conforme sua função; já o mobiliário tem o objetivo de acomodar os usuários conforme a função a ser realizada no ambiente, a qual pode ser favorecida se houver uma boa ergonomia.

Segundo Heimstra e Macfarling (1978, p. 42):

O espaço pessoal pode ser considerado como um invólucro em volta de um indivíduo, formando o seu território "portátil". O espaço pessoal é social porque sua existência pode ser diretamente observada somente quando uma pessoa se introduz inadvertida ou propositalmente no espaço pessoal da outra.

Deste modo, para averiguar o território estabelecido e ocupado por outrem, há a necessidade de invadir o espaço pessoal deste para poder observar seus usos e suas ações.

Para Frago e Escolano (2001), o espaço se projeta se vê ou se imagina, o lugar se constrói. Logo, a instituição escolar ocupa um espaço que se torna um lugar. Um lugar específico, o qual possui características determinadas, um lugar onde se permanece por determinadas horas, durante determinados dias, que é ocupado por diversas gerações, com expectativas diferentes e opiniões diferentes. Um local que é construído para atender um sistema mutável, tanto em relação às perspectivas de seus usuários, quanto às mudanças pedagógicas. Segundo Frago e Escolano (2001, p. 17):

Ao mesmo tempo, essa ocupação do espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva a de espaço-lugar, uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal –, uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço-território.

3.2.3 O lugar

Os lugares são centros aos quais se atribuem valores e onde são satisfeitas as necessidades biológicas. A relação de espaço e lugar está na transformação do espaço em lugar, quando o primeiro se torna mais aconchegante e familiar e o segundo ganha valor sentimental (TUAN, 1983).

O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Desta forma, é impossível discutir o espaço experiencial sem falar sobre seus objetos e sobre os lugares que definem o espaço (TUAN, 1983).

A permanência é um elemento importante na ideia de lugar, pois além dos objetos e coisas que o constituem, o ser humano faz parte desse sistema, já que é ele que traz vida e significado ao lugar, influenciando as ações e os sentimentos dos usuários que ali estão.

“Na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado, de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto” (TUAN, 1983, p. 155).

Os lugares, para Tuan (1983), proporcionam trocas íntimas entre seus usuários. Esses lugares podem ser transitórios e pessoais, basta que haja um

contato entre as pessoas, para que se tornem agradáveis ou não. Os lugares transitórios ficam na memória e vêm à tona por meio das lembranças; já os lugares pessoais são aqueles que envolvem todos os sentidos, de forma real.

“Sentimos que o real é importante, mas, paradoxalmente, também passa despercebido. [...] O real são os afazeres diários, é como respirar. O real envolve todo nosso ser, todos os nossos sentidos” (TUAN, 1983, p. 161).

Tuan (1983) afirma que o lugar existe em escalas diferentes e pode ser definido de diversas maneiras, como qualquer objeto estável que capta nossa atenção, e esse pode ser contemplado por um olho crítico ou por meio de emoções.

A arte e a arquitetura buscam visibilidade. São tentativas de dar forma sensível aos estados de espírito, sentimentos e ritmos da vida diária. A maioria dos lugares não são criações deliberadas, pois são construídas para satisfazer necessidades práticas. (TUAN, 1983, p. 184).

A função do lugar, como acrescenta Tuan (1983), está muitas vezes em primeiro plano e sua aparência arquitetônica ou é deixada para segundo plano ou é resultado do que a funcionalidade criou. O espaço, para se tornar um lugar, precisa que haja a experientiação de seus usuários, para que se torne algo íntimo, pois envolve as emoções, a experiência direta, as quais não são marcadas pela quantidade de uso do espaço e sim pela qualidade desse uso. A experiência de lugar depende mais da intensidade das emoções passadas, do que da quantidade de permanência nele. E, essa experiência, depende, também, da maturidade do usuário que dele usufrui.

Para Frago e Escolano (2001), existem três tendências históricas dominantes na configuração do espaço escolar como lugar: a estabilidade, a independência física e a especificidade. O autor considera que, como território, o espaço, o lugar escolar implica em uma tripla dialética entre o interno e o externo “o que é escola, o que está na sala de aula ou em outro espaço escolar e o que está fora dele, o fechado e o aberto, [...], e o próprio, o comum e o alheio, minha ou nossa sala de aula, minha carteira” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 18).

Valendo-se dessa perspectiva da instituição escolar, Frago e Escolano (2001) a consideram como um território demarcado por limites mais ou menos estabelecidos, que dá ênfase a espaços segmentados ocultando a visibilidade e a transparência por razões de controle. Por esta razão, colocam a utilidade e a importância de analisar essa segmentação e a distribuição e usos dos espaços-lugares dessa instituição.

3.2.4 Sala Ambiente para aulas de Inglês

Frago e Escolano (2001) consideram o espaço escolar segmentado, por ser dividido por zonas edificadas e não edificadas, nas quais são atribuídas uma ou mais funções. Nesse sentido, salientam que os espaços que possuem uma função específica demonstram que essa atividade é essencial, e o oposto, quando uma atividade não tem um espaço específico para sua realização, revela que essa é uma tarefa não necessária. Esses espaços possuem bons indicadores que são: sua localização, suas relações com outros espaços, as dimensões e a disposição interna.

A sala de aula é um ambiente construído que possui uma função específica. Segundo Heimstra e Mcfarling (1978), grande parte do comportamento ocorre em ambientes construídos. Há também um grande potencial desses ambientes influenciarem as atividades humanas, assim a sala de aula, além de enfatizar que educar é uma tarefa necessária, como afirma Frago, é também um local que influencia essa atividade.

Heimstra e Macfarling (1978) consideram que para projetar uma sala de aula o ponto fundamental é a preocupação em facilitar o aprendizado do aluno.

A influência mais significativa de uma sala sobre o comportamento é a finalidade da sala. Em muitos casos, a função de uma sala é parcialmente definida pela finalidade de um sistema maior – uma única sala de aula numa escola, por exemplo. O fato de esta sala constituir parte da escola tem como característica o tipo de comportamento, por assim dizer, que nela ocorre. O tipo de influência sobre o comportamento depende de ser a sala um auditório de palestras. Além disso, para cada tipo de sala, presumimos uma determinada forma, determinado mobiliário e determinadas condições ambientais, todos os quais afetam, certamente, o comportamento. (HEIMSTRA; MACFARLING, 1978, p. 29).

As características físicas de uma sala que influenciam o comportamento humano, segundo Heimstra e Macfarling (1978), são: cor; conforto ambiental; tamanho e forma; mobiliário e sua disposição; espaço pessoal e territorialidade. Todos esses podem favorecer ou não a função do ambiente.

A sala de aula, segundo Forneiro (1998), pode ser ocupada por mesas e cadeiras organizadas por “territórios pessoais”, isto é, espaços nos quais cada criança possui o seu lugar – fixo ou não –, no qual as atividades são realizadas.

Forneiro afirma que a organização espacial deve ser feita pelo professor, pois é tarefa dele dispor os móveis com objetivo de criar espaços para o

movimento, para as atividades de aprendizagem, pois essa distribuição da mobília influencia os deslocamentos e a conduta dos alunos. O autor deixa claro que outra tarefa do professor é a seleção, reunião e elaboração dos materiais e dos equipamentos dentro do ambiente – sala de aula – para que os alunos tenham acesso direto a eles. Em seguida, o professor deve decidir onde colocar os objetos no ambiente e como combiná-los e exibi-los.

Forneiro (1998, p. 260) defende que “É importante que a sala de aula esteja organizada e ambientada com certa sensibilidade estética que, além de tornar agradável a permanência na mesma, eduque a sensibilidade estética e artística dos alunos”.

A questão da sensibilidade estética é uma forma de tornar o ambiente mais agradável para que os usuários permaneçam nele por experimentarem uma sensação prazerosa, que garanta uma intimidade proporcionada pelos sentidos que podem ser estimulados.

Frago e Escolano (2001) também consideram a sala de aula como um núcleo por excelência da atividade instrutiva, e por meio de uma análise histórica mostra a relação entre a disposição das pessoas e dos objetos no espaço e o sistema ou método de ensino adotado.

Destinar espaços específicos – lugares construídos – para as atividades de ensino e aprendizagem e sua distribuição e ordenação interna não são senão uma faceta a mais entropia negativa que é a educação. Aquilo que se quer transmitir, ensinar ou apreender tem de estar mais ou menos delimitado, demarcado, mas também ordenado e sequenciado. O mesmo acontece com o contexto ordenado e construído para ensinar e apreender. Sua disposição, funções e usos não são deixados ao acaso. Isso suporia reforçar a tendência geral e crescente em direção à máxima entropia e, com ela, o horror ao vazio, a insegurança e a incerteza. O imprevisível, aleatório e instável deslocariam o provável, seguro e previsível. Por isso, o ser humano prepara e dispõe, ordena e organiza. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 138).

Ao refletir sobre as teorias acima, que possuem uma visão semelhante sobre a função da sala de aula para o processo de ensino e aprendizagem, nota-se a necessidade de se ter um espaço elaborado e constantemente modificado para a realização de uma aula de determinada disciplina.

Deste modo, percebe-se que seria importante que cada disciplina dispusesse de numa sala exclusiva, onde os materiais, o mobiliário, a organização espacial, os espaços pessoais, pudessem ser pensados para cada conteúdo a ser

ministrado pelo professor. Este, seria o responsável para organizar espacialmente a sua aula, sem se preocupar em ter que voltar tudo ao lugar na troca de sala.

Isso possibilitaria várias articulações dentro do espaço, bem como facilitaria o uso de equipamentos tecnológicos; jogos didáticos; painéis; lembretes; armários com livros e dicionários, organizações espaciais diferenciadas conforme as especificidades das atividades.

Frago e Escolano (2001) afirmam que, nos espaços que possuem uma função específica, as atividades são consideradas essenciais, caso contrário, são tidas como não necessárias. Logo, uma sala ambiente para a Língua Inglesa, além de possibilitar um trabalho mais elaborado, seria também um estímulo para que os alunos aprendessem uma nova língua.

4 ARQUITETURA ESCOLAR E O ENSINO E A APRENDIZAGEM: UMA INTERAÇÃO USUÁRIO AMBIENTE

Acompanhando a mesma linha de raciocínio da segunda parte do trabalho, verifica-se uma familiaridade do ser humano com o espaço ocupado. Esse espaço é ocupado para realização de atividades que são necessárias para o desenvolvimento humano. Valendo-se deste uso, o ser humano, começa a estabelecer relações psicológicas com o ambiente que lhe traz possibilidade de desempenhar as ações. Muitas vezes, essas relações são imperceptíveis. Ocorrem sem que o usuário tenha consciência da percepção ambiental, porém essa interação influi no comportamento humano, facilitando ou dificultando as ações ali desenvolvidas.

Desta forma, o ensino e a aprendizagem realizam-se em espaços específicos para que haja o desenvolvimento da educação. O espaço pensado, a princípio, para essa atividade, é a sala de aula, que durante todas as mudanças pedagógicas ocorridas através dos séculos, ainda é o ambiente para a função de se ensinar e de se aprender. Com base em uma visão microespacial, nota-se que as escolas, no início, eram compostas por uma ou mais salas de aulas. Somente com o passar do tempo, o espaço escolar começou a ser pensado para atender as outras necessidades que foram surgindo, como os espaços para outros tipos de atividades e necessidades físicas, tais como: alimentar-se; higiene pessoal; atividades ao ar livre; exercícios físicos e, até mesmo, um espaço para descanso e lazer. Mesmo após tantas mudanças, ainda permanecem as salas de aula como espaço exclusivo para a ação de aquisição de conhecimento.

Tendo uma visão macroespacial, a escola é constituída por muitas salas de aula e alguns espaços complementares como biblioteca, salas de administração, sala de vídeo, sala de leitura, sala de informática, laboratórios, entre outros.

4.1 Parâmetros Contextuais Ambientais – A implantação no terreno

A implantação da edificação no terreno influencia toda a distribuição dos ambientes. No tocante à edificação do estudo de caso, como a escola é constituída por dois blocos com dois andares, a influência no espaço ultrapassa a da organização espacial interna, já que influencia seu entorno e toda a cidade.

Como afirmam Frago e Escolano (2001, p. 21):

[...] não apenas o espaço-escola, mas também sua localização, a disposição dele na trama urbana dos povoados e cidades, tem de ser examinada como um elemento curricular. A produção do espaço escolar no tecido de um espaço urbano determinado pode gerar uma imagem da escola como centro e um urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal e excrescente.

A escola, em estudo, possui uma relevância marcante, tanto visual quanto emocionalmente, de boa parte dos habitantes da cidade. Localizada no centro da cidade, em um planalto, possui dois blocos com dois andares, assim, não só o entorno próximo garante uma visão dela como a distância também é bem demarcada no horizonte da cidade. Como foi construída em 1963, praticamente todos os habitantes tiveram filhos, netos, parentes que estudaram, ou eles mesmos já passaram por lá.

4.1.1 O entorno

A escola retratada por Frago e Escolano (2001, p. 23) possui uma determinada dimensão espacial:

Em primeiro lugar, se deverá considerar sua localização e sua adequação em relação a outros espaços e lugares; depois, o local ou o território ocupado e a distribuição, no mesmo, das zonas edificadas e não edificadas e, assim, seguir progressivamente, desde essas últimas até a sala de aula, passando pelo edifício em seu conjunto e sua distribuição interna em diversos espaços e usos. Além disso, entre um espaço e outro será necessário considerar as áreas de transição.

Assim, o próprio Frago sugere que se deve analisar a projeção espacial do estabelecimento de ensino e as relações com o seu entorno.

A escola em estudo ocupa praticamente um quarteirão inteiro, no início de uma das avenidas principais da cidade, no centro, como já mencionado, possui uma volumetria abastada e é um símbolo de referência na cidade. Seu entorno é constituído por um hospital, uma padaria, uma farmácia e diversas residências.

Passados 50 anos de sua construção, nota-se que o público-alvo da escola, durante esse período, se modificou muito. Hoje, é constituído por alunos que vêm de bairros distantes em transporte público. Então, quando se fala em comunidade escolar essa não reside no mesmo bairro no qual a escola está localizada.

Para Frago e Escolano (2001, p. 78): “a ordenação do espaço, sua configuração como lugar, constitui um elemento significativo, independentemente de que aqueles que o habitam estejam, ou não, conscientes disso”.

Pelo fato de ser cercada apenas por alambrados, a percepção visual da escola, para seu entorno, até a década de 90, era privilegiada, pois as ruas e toda a vizinhança eram vistas de dentro da escola. Contudo, em nome da segurança dos alunos, o alambrado foi substituído por um muro alto, sem reboco, e por um portão de chapa de aço, pelo qual não se tem nenhuma visibilidade tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro, o que segrega o interior da escola com seu entorno.

4.1.2 Os acessos

Os acessos são importantes como pontos de chegada e de partida. E, a partir da implantação da Lei de Acessibilidade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004), os acessos são vistos com maior preocupação, requerendo adaptações para que a legislação seja cumprida.

As conexões horizontais dentro do espaço escolar favorecem os deslocamentos entre os blocos e as conexões verticais possibilitam os deslocamentos entre pavimentos. Porém, em relação à Lei de Acessibilidade, há certas determinações que ainda devem ser adequadas, uma vez que esta lei começou a vigorar em 2004. Mesmo assim, muitos estabelecimentos não conseguem se adequar a todos os pontos determinados pela lei, como o uso de um elevador em edifícios de vários pavimentos, que ainda não foi atendido. As rampas substituindo escadas foram adaptadas em todas as escolas, porém, nem sempre com a inclinação correta, pois a adequação nem sempre propicia uma implantação perfeita.

Na escola em questão, essa acessibilidade somente existe no pavimento térreo, por ter sido construída em 1963, quando ainda nem se pensava na questão de acessibilidade. Deste modo, algumas adaptações foram feitas para possibilitar essa acessibilidade, porém, nos pavimentos superiores esse problema só seria resolvido por meio de um elevador. Rampas foram implantadas para amenizar desníveis entre os pátios e os blocos, mas sem uma inclinação adequada.

Segundo Azevedo (2002), os acessos podem ser considerados locais para relações sociais e pedagógicas:

Caminhos cobertos podem estabelecer uma intencionada conexão entre blocos dispersos, reduzindo distâncias e ao mesmo tempo, favorecendo relações sociais. Esses espaços de conexão solucionam o problema, por exemplo, de um partido arquitetônico que privilegie a localização dispersa de blocos que compõem um conjunto, diminuindo a sensação de longos percursos. Alternar espaços-corredores com espaços-vivência - estreitando-se e alargando-se, abertos, semiabertos ou fechados – vai promover uma dinâmica espacial onde as pessoas se encontram, trocam experiências ou simplesmente se sentam e descansam. Esses espaços podem funcionar como local de divulgação de informação e exposição de trabalhos.

Azevedo aponta para a importância de aproveitar os espaços de circulação para propiciar locais de vivência, onde os alunos podem relacionar-se, descansar, estudar, ler, informar-se; mas, para isso, o local precisa ter elementos que favoreçam essas ações, tais como: mesas, bancos, painéis, iluminação adequada e ambiência.

4.1.3 A paisagem

A paisagem, de acordo com Santos (1988), é dada pela dimensão da percepção, seria tudo aquilo que for captado pela visão, a qual comporta: volumes, cores, movimentos, sons e cheiros – tudo isso ao mesmo tempo. Deste modo, a paisagem é percebida pelo usuário do espaço por meio de sua bagagem cultural e pela relação que ele tem com o lugar ocupado.

Tuan (1983) entende essa relação como uma relação sentimental entre o usuário e um determinado espaço, logicamente ocupado e explorado por ele. Assim, defende que essa relação produz sentimentos e emoções que podem gerar angústias ou prazeres, os quais podem influenciar as ações nele efetuadas.

A paisagem propicia, portanto, uma relação entre o usuário e todos os elementos que compõem o ambiente, e esses elementos influenciam as ações que ali ocorrem.

4.1.4 O conforto ambiental

Uma edificação com alta qualidade ambiental deve assumir um compromisso de promover a eficiência energética, o conforto ambiental e a proteção

ao meio ambiente. Para isso, o edifício deve estar adequado ao clima da região onde foi implantado, sua arquitetura deve ser compatível aos parâmetros ambientais: implantação, forma, volumetria, padrão construtivo, materiais e acabamentos, dispositivos de sombreamento, conforto térmico, conforto visual, conforto acústico e conforto lumínico (AZEVEDO, 2002).

Para que haja um conforto visual, deve se ter um bom projeto de iluminação, levando em conta tanto a iluminação natural quanto a artificial, desta forma, é possível favorecer as tarefas visuais que são intensamente utilizadas no processo de aprendizagem.

Para obter-se um conforto térmico, o edifício deve estar implantado com orientação solar correta, a fim de que a incidência solar venha favorecer as atividades que nele ocorrem – a temperatura e iluminação interna. Os materiais usados para a construção e seus acabamentos também podem favorecer ou não o conforto térmico; as aberturas das janelas e portas, os recuos e o pé-direito também são fatores que melhoram o conforto térmico. Os dispositivos de sombreamento também são articulações naturais ou artificiais que possibilitam uma melhoria na temperatura, são eles: a vegetação e a orientação solar, a tipologia e o posicionamento das aberturas e o uso de brises ou até mesmo cortinas ou *insufilms*.

O conforto acústico pode ser favorecido pela proteção dos ruídos externos, pelos materiais construtivos e de acabamento, pelo posicionamento das aberturas. O conforto lumínico é favorecido pela orientação solar, pela iluminação artificial e natural, a qual é determinada pelo posicionamento e dimensionamento das aberturas.

A iluminação, a ventilação e a acústica são fatores essenciais para o conforto ambiental, o uso da circulação cruzada proporcionada pelo dimensionamento, posicionamento e pelo tipo das esquadrias e aberturas do edifício proporcionam a circulação do ar que melhora a parte térmica.

4.2 Parâmetros Técnico-Construtivos

Estes parâmetros compreendem as características físicas do edifício, o padrão construtivo, a qualidade dos materiais e acabamentos e os aspectos de conforto ambiental. Segundo Azevedo (2002), existem recomendações que são

feitas pelos manuais de especificações dos projetos escolares, em relação ao acabamento dos pisos, paredes e tetos.

Os pisos devem ser revestidos com material antiderrapante; as paredes devem ter acabamento lavável até na altura dos usuários, ou até 2,10m de altura. Para um bom desempenho técnico da edificação, as esquadrias devem ter facilidade de manuseio, integrar o ambiente interno ao externo, favorecer a ventilação, a iluminação e a acústica, itens que possibilitam o conforto ambiental.

As esquadrias devem ficar à esquerda dos usuários, tanto para que, ao escrever, os usuários (destros) não façam sombras com suas próprias mãos sobre o material didático quanto para não provocar ofuscamento visual.

Outro ponto importante está relacionado com a dinâmica da proposta educacional, que exige flexibilidade e necessidade de expansão dos ambientes. Os requisitos de projeto podem acentuar a relação usuário-ambiente. Desta forma, afirma Azevedo (2002, p. 30):

Assim, o espaço físico deixa de lado sua posição de neutralidade – que não compromete ou prejudica uma dinâmica educacional – para assumir um papel mais participativo nesse processo. Deseja-se que prédio escolar além de abrigar confortavelmente seus usuários, fornecendo condições adequadas de segurança e de conforto ambiental, interaja como os mesmos, participando de seu aprendizado.

4.3 Parâmetros Estético-Compositivos

Os aspectos estético-compositivos relacionam-se ao desempenho da edificação, considera-se também sua aparência, seu estilo, que propicia diferentes mensagens aos seus usuários, por meio da percepção ambiental, a qual desperta ou não uma empatia no usuário em relação à edificação.

As questões relacionadas com a composição estética são: cor, texturas, superfícies, padrão construtivo, formas, proporções, símbolos, princípios compositivos. Tudo que está relacionado com os elementos visuais do edifício. “Além de tudo, o parâmetro estético-compositivo está ligado à possibilidade de ‘espacialização’ dos conceitos pedagógicos adotados pela escola” (AZEVEDO, 2002, p. 30).

Azevedo salienta que a estética da escola pode favorecer e intensificar os conceitos pedagógicos que ela segue, possibilitando que os elementos compositivos sirvam de elementos educativos.

4.4 Parâmetros de Organização Espacial

As condições do sítio, a infraestrutura existente, a legislação em vigor, o entorno construído, os aspectos socioculturais e econômicos e os condicionantes físico-climáticos e ambientais favorecem ou não a implantação de um projeto arquitetônico escolar (AZEVEDO, 2002).

São essas condições do sítio que determinam a tipologia da edificação que deve ser implantada para atender as necessidades do programa arquitetônico, estabelecendo a organização espacial por meio dos acessos, das áreas construídas, das áreas livres e das possíveis áreas de ampliação.

A organização espacial do edifício escolar deve considerar os ambientes: pedagógico, administrativo e de serviços. Em razão da complexidade das atividades escolares, deve ser feita uma setorização dos ambientes em conjuntos funcionais: conjunto pedagógico, conjunto vivência-assistência, conjunto administrativo/apoio técnico-pedagógico, e conjunto de serviços (AZEVEDO, 2002).

Cada conjunto funcional possui ambientes específicos: o Conjunto Pedagógico é constituído pelas salas de aula, as salas de atividades específicas (música, leitura, artes, TV, vídeo, laboratórios de informática e de ciências, as oficinas, a biblioteca e o auditório); o Conjunto Vivência-Assistência é composto pelas áreas de recreação – recreio coberto, quadras, grêmio estudantil – e pelos vestiários, sanitários, refeitório, cantina, salas de atendimento médico; o Conjunto Administrativo / Apoio Técnico-Pedagógico é formado pela diretoria, secretaria, sala de professores, coordenação pedagógica, orientação educacional, inspetoria, sala de espera ao atendimento, sanitários administrativos; e o Conjunto de Serviços é constituído pela cozinha, despensa, área de serviços, depósito de material de limpeza, sanitários e vestiários de funcionários, dependência do zelador e almoxarifado.

Segundo Azevedo (2002), as características de cada ambiente irão depender das necessidades de cada escola, de acordo com sua Pedagogia e seu público-alvo.

5 METODOLOGIA

Para avaliar as relações pessoa-ambiente e avaliar o espaço construído, foi necessário utilizar instrumentos de coleta de dados e ferramentas de avaliação. Desse modo, foram selecionados seis instrumentos de Análise Pós-Ocupação (APO), compilados pelo grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLugar) do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da FAU/UFRJ, são eles: *Walkthrough*, Mapa Comportamental, *Wish Poems* (Poemas dos Desejos), Seleção Visual, Entrevista e Questionários. E, ainda, um instrumento produzido por meio dos dados coletados com base nas percepções dos usuários – a Matriz de Descobertas e Recomendações – que foi utilizada para finalizar a análise.

5.1 Avaliação Pós-Ocupação

A Avaliação Pós-Ocupação (APO) é a análise de uma edificação concluída e que já está sendo ocupada por seus usuários, desta forma pode-se averiguar se o ambiente construído está desempenhando suas funções. Para isso, é necessário avaliar a percepção e o comportamento ambiental das pessoas que ali usufruem do espaço para se chegar à análise positiva ou negativa do mesmo. Assim, usa-se uma abordagem experiencial, a qual mostra a influência das pessoas sobre o ambiente construído e vice-versa. Segundo Alcântara (2008, p. 5 apud RHEINGANTZ et al., 2009, p. 12), a abordagem experiencial “se configura como uma transformação qualitativa [...] do conjunto de técnicas e instrumentos para a avaliação do ambiente construído”.

5.2 Os Instrumentos

Os Instrumentos consistem em técnicas para averiguar se o uso do lugar corresponde às expectativas dos usuários, os instrumentos selecionados possuem cada um deles uma forma de observação participativa, de modo que o pesquisador, ao observar a interação sujeito e espaço, consiga compilar dados sobre o uso do lugar e sobre a percepção ambiental de seus usuários. Cabe ressaltar que o próprio usuário faz parte dessa observação participativa que é caracterizada pela experiência dele em determinado espaço.

5.2.1 Análise *Walkthrough*

O instrumento de análise *Walkthrough* é de origem inglesa e a palavra pode ser traduzida como passeio ou entrevista acompanhado, já como instrumento mantém-se seu nome estrangeiro. Trata-se de um método que combina, simultaneamente, uma observação com uma entrevista, cuja principal função é avaliar o desempenho do ambiente construído. Nesse passeio dirigido, os usuários se deparam com características do ambiente as quais não notam no dia a dia e não percebem a influência que elas causam no desempenho de suas funções.

O primeiro a usar uma *Walkthrough* foi Kevin Lynch, em 1960, em Boston, para mostrar a importância do ambiente construído na vida e no cotidiano das pessoas.

A *Walkthrough* é fácil e rápida de aplicar, deve preceder a todos os outros instrumentos, porque permite a identificação dos aspectos positivos e negativos de cada lugar.

O Passeio *Walkthrough*, modalidade mais usada nas APOs, baseia-se no uso do ambiente físico como elemento capaz de ajudar os respondentes nas análises positivas ou negativas em relação ao edifício analisado.

Rheingantz et al. (1998) e Zube (1980), citados por Rheingantz et al. (2009), consideram as experiências e emoções vivenciadas pelos usuários e pesquisadores como “instrumentos de medição” e de “identificação da qualidade” dos ambientes.

O pesquisador, antes de ir a campo, precisa preparar plantas baixas do ambiente em estudo em escala de 1/50, impressas em papel para facilitar o manuseio em campo. Durante o passeio, devem-se anotar todas as impressões do grupo, tirar fotos que esclareçam os detalhes positivos ou negativos do ambiente e gravar os comentários, se necessário pode-se fazer o percurso novamente para tirar as fotos. Logo depois do trabalho em campo, o pesquisador precisa registrar as observações em uma matriz composta por plantas baixas, fotografias e comentários.

O planejamento de uma *Walkthrough* deve definir: o grupo de trabalho; o percurso a ser feito no edifício; os ambientes a serem observados. Os grupos devem montados com no máximo cinco integrantes, uma média de dois a três grupos para cada 100 pessoas, e também é preciso estabelecer quanto tempo cada um deve durar.

Uma *Walkthrough* deve durar entre 30 a 60 minutos. E caso algum participante indique outro percurso que possa enriquecer a análise, esse deve ser acrescentado. Devem-se enfatizar as questões mais relevantes para cada ambiente.

Brill et al. (1985, p. 243 apud RHEINGANTZ et al., 2009, p. 32) sugerem algumas questões para motivar a discussão durante o passeio:

- O que você considera importante neste ambiente ou lugar?
- O que parece estar funcionando?
- O que parece não estar funcionando?
- O que acontece ali?
- O que deve ser mantido como está?
- O que deve ser modificado?

E, segundo Rheingantz et al. (2009, p. 33), deve-se acrescentar “Você pode dizer-me mais alguma coisa sobre...?”.

É preciso registrar tudo em folha preparada, sem interpretações e, em seguida, fazer uma reunião para revisar as observações anotadas e fotografadas. Assim, os participantes podem fazer as recomendações, as quais devem ser expostas a todos, para que cada um possa acrescentar algo. A análise deve basear-se em um conjunto de recomendações de desempenho focadas nas características de um resultado desejado.

5.2.2 Mapa Comportamental

“O Mapa Comportamental é um instrumento para registro das observações sobre o comportamento e as atividades dos usuários em um determinado ambiente” (RHEINGANTZ et al., 2009, p. 35).

Este recurso é muito usado na Psicologia Ambiental, pois detalha o layout do ambiente; o uso do espaço por seus usuários; as atividades individualizadas e coletivas; as atitudes e os possíveis pontos negativos e positivos, conforme a necessidade do usuário.

Foi muito utilizado na Finlândia e Holanda para desenvolver programas de educação no trânsito. Sommer e Sommer (1997 apud RHEINGANTZ et al., 2009) esclarecem que há dois tipos de mapas comportamentais, um centrado no lugar e outro no indivíduo.

Os centrados no lugar, o observador fica parado em um ponto estratégico, registrando em desenhos os movimentos e as ações dos usuários. Já os

centrados no indivíduo, focam a observação em determinado usuário ou grupo de usuários e o observador precisa seguir os indivíduos.

Uma limitação para esse instrumento é que o observador necessita permanecer no espaço a ser observado, podendo interferir nas atitudes dos indivíduos, e isso pode prejudicar a análise final. Para minimizar essa limitação, o observador deve permitir que os usuários, primeiramente, familiarizem-se com sua presença, para depois anotar suas observações.

Para analisar os resultados, devem-se anotar nos formulários previamente preparados, o dia do mês, o horário, as condições climáticas e os locais do cenário a ser observado. O registro pode ser feito por meio de notações em códigos não identificados, em que os nomes reais e detalhes de conversas devem ser omitidos. Assim, tem-se o layout do espaço observado em planta baixa, os usuários são simbolizados por signos e suas ações são demonstradas graficamente (SANOFF, 1991 apud RHEINGANTZ et al., 2009).

5.2.3 *Wish Poems* (Poemas dos Desejos)

O *Wish Poems* ou Poema dos Desejos foi desenvolvido por Henry Sanoff para descobrir os sentimentos, as necessidades, os desejos dos usuários de um determinado ambiente. É um instrumento não estruturado e de livre expressão, o qual estimula a espontaneidade das repostas para as afirmações subjetivas como: “Eu gostaria que o ambiente...”, “Eu desejo que minha sala...” (RHEINGANTZ et al., 2009).

Rheingantz afirma que essas ideias formuladas por frases incompletas geram uma expectativa nos indivíduos, estimulando seus desejos e necessidades, e esses podem ser representados por desenhos, versos, pequenos textos, entre outros. Os resultados são ricos e representativos.

Assim, as declarações espontâneas dadas pelos usuários são excelentes fontes quando agrupadas e analisadas, principalmente em virtude da diversidade de ideias que surgem de cada usuário, possibilitando um perfil representativo dos desejos que os usuários possuem em relação a determinado ambiente.

A análise dos poemas dos desejos possibilita a “identificação do imaginário coletivo” em relação ao ambiente (DEL RIO et al., 1999 apud RHEINGANTZ, 2009, p. 43). Segundo Sanoff (2001 apud RHEINGANTZ et al.,

2009), as repostas dadas por meio de desenhos são as mais incluídas e pluralistas, porque os respondentes se focam nos elementos mais significativos para eles, uma vez que os valores dos usuários são explicitados.

A aplicação do Poema dos Desejos tem o intuito de conhecer o imaginário dos usuários. Quando trabalhado com crianças, oferece um bom resultado por meio dos desenhos; e com os adultos, os respondentes utilizam-se mais da escrita do que dos desenhos.

O instrumento é produzido em papel alcalino, tamanho A4, com frases como: “Eu gostaria que o meu ambiente...”, “Eu desejo que meu ambiente...”, deixando o resto da folha em branco para que a ideia seja desenhada ou escrita.

Segundo Rheingantz et al. (2009), o instrumento deve ser acompanhado pelo pesquisador, interagindo com os usuários, sobretudo quando as repostas são traduzidas por desenhos.

Na análise, é importante verificar as recorrências, pois esse instrumento favorece o aparecimento de desejos variados, assim, é importante que as interpretações sejam agrupadas em categorias. Para finalizar, é importante que os dados sejam representados em forma de gráficos, indicando os desejos mais representativos de cada categoria ou grupo de resposta.

5.2.4 Seleção visual

A seleção visual possibilita que os respondentes identifiquem valores e significados agregados às imagens referenciais previamente escolhidas. Podendo, assim, identificar os símbolos, as preferências e os aspectos culturais de um determinado grupo de usuários (RHEINGANTZ et al., 2009).

Os instrumentos que utilizam imagens facilitam ao usuário visualizar melhor os julgamentos e as escolhas ambientais. Segundo Hall (1994) e Sanoff (1994), citados por Rheingantz et al. (2009, p. 64), “os ambientes produzem mensagens silenciosas que refletem a vida, as atitudes, as atividades e os valores sociais dos seus usuários”.

Os usuários, por meio de uma análise visual, conseguem definir as preferências: estética, funcional, emocional, cultural. Em razão da capacidade de levar os respondentes a expressar com mais facilidade suas percepções ambientais, esse instrumento acaba sendo mais eficaz que outros mais tradicionais.

Sanoff (1991 apud RHEINGANTZ et al., 2009) assinala que a seleção visual é eficaz para traduzir e reconhecer os componentes simbólicos que atraem os possíveis usuários.

A Seleção Visual também conhecida por *Visual Preferences* (SANOFF, 1991 apud RHEINGANTZ et al., 2009) ou *Photo Questionnaires* (SANOFF, 1994 apud RHEINGANTZ et al., 2009) tem sido divulgada pelo arquiteto Henry Sanoff, sendo indicada para identificar a influência e o significado dos ambientes para seus usuários.

A escolha das imagens deve ser criteriosa, pois elas devem se relacionar entre si, com o contexto do ambiente a ser analisado, com os aspectos econômicos e socioculturais. Lembrando-se de destacar os aspectos a serem investigados para se obter as informações necessárias para a análise.

A seleção visual pode ser utilizada também para identificar impressões positivas ou negativas dos usuários sobre um conjunto de imagens de ambientes. Devem-se relacionar essas imagens sempre com o contexto real a ser analisado e como análise final pode-se construir uma tabela para compilar os dados.

5.2.5 Entrevistas

A Entrevista é o instrumento mais usado nas Ciências Sociais, uma vez que gera um conjunto de informações sobre o que as pessoas sentem, querem, pensam, acreditam, fazem, conhecem e esperam (ZEISEL, 1981 apud RHEINGANTZ et al., 2009).

Este recurso permite um aprofundamento dos dados levantados por outros instrumentos, possibilitando ao pesquisador direcionar as perguntas de forma a tirar dúvidas sobre colocações dadas em outros momentos ou mesmo durante a própria entrevista.

Assim, a entrevista pode ser classificada em: estruturada, semiestruturada ou não-estruturada. Pode ocorrer pessoalmente, em forma de um painel ou por meio eletrônico – telefone, internet.

Para realizar a entrevista estruturada, o entrevistador segue um roteiro previamente elaborado e impresso em um formulário; a semiestruturada pode ter um roteiro preestabelecido, mas que não precisa ser seguido “à risca” e ainda podem ser acrescentadas questões conforme a necessidade do entrevistador; a não-

estruturada ou não-dirigida é aquela que não possui um roteiro, as perguntas vão surgindo como um diálogo, facilitando questionamentos mais íntimos e emocionais. Vale ressaltar que em nenhuma dessas categorias de entrevista o entrevistador deve expor a sua opinião, mantendo-se neutro em relação às preferências, aos desejos e aos sentimentos.

A principal vantagem da entrevista em relação ao questionário, é que as pessoas estão mais dispostas a falar do que ler e escrever, desse modo, a devolutiva é bem maior nas entrevistas.

Na entrevista, o registro deve ser completo e literal, assim, o uso de um gravador é muito útil para registrar as respostas, entretanto, pode inibir o entrevistado. Na análise dos resultados, devem-se indicar quantas entrevistas foram feitas e o número dos entrevistados que se recusaram a participar da pesquisa.

5.2.6 Questionários

O questionário é um instrumento de pesquisa que apresenta um conjunto de perguntas ordenadas referentes a um determinado tema, as quais são respondidas sem a presença do pesquisador.

Segundo Zeisel (1981 apud RHEINGANTZ et al., 2009, p. 79), “o questionário é um instrumento de grande utilidade quando se necessita descobrir regularidades entre grupos de pessoas por meio da comparação de repostas relativas a um conjunto de questões”.

A maior vantagem desse instrumento é que ele pode ser aplicado em um número maior de respondentes. Segundo Gifford (1997 apud RHEINGANTZ et al., 2009, p. 79), o arranjo ambiental quando é inadequado pode causar às pessoas um “entorpecimento ambiental” que as impede de perceber como o espaço poderia ficar muito melhor, assim, o questionário pode despertar para tais problemas.

As questões de um questionário devem ser simples e estar relacionadas com o propósito da pesquisa. Segundo Sommer (1979 apud RHEINGANTZ et al., 2009), o questionário deve iniciar com questões mais gerais para depois tratar de itens mais específicos. Além disso, deve seguir uma progressão lógica, e uma questão não deve influenciar a questão seguinte, devem-se alternar as questões em diferentes tipos: abertas, dicotômicas e de múltipla escolha (RHEINGANTZ et al., 2009).

Para análise dos resultados devem-se considerar os pontos mais importantes, dando atenção especial ao efeito que os ambientes provocam nas pessoas, é essa relação que possibilita a classificação das respostas (ZEISEL, 2006 apud RHEINGANTZ et al., 2009).

Essas relações possuem categorias que facilitam a interpretação do pesquisador, tais como: percepção e significado – o que as pessoas veem nos ambientes; opinião e valor – o que elas sentem em relação aos ambientes; lugares, caminhos e relações – o que elas fazem nos ambientes; adaptações, mensagens – o que elas fazem aos ambientes; conhecimento e dados – o que elas sabem sobre o ambiente (RHEINGANTZ et al., 2009).

6 A EE “ANTÔNIO MARINHO DE CARVALHO FILHO”

Vinculada à Secretaria de Administração do Estado de São Paulo, a Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho” funciona há 65 anos, atendendo as faixas etárias diferenciadas a cada mudança político-pedagógica. Há 49 anos, está situada na Rua Euclides da Cunha, em bairro central, na cidade de Presidente Venceslau, Estado de São Paulo.

Foi inaugurada em 28 de agosto de 1947, com a instalação do Ginásio do Estado de Presidente Venceslau (atendendo à faixa etária de 11 a 15 anos). Este estabelecimento de Ensino funcionava em antigo prédio do Grupo Escolar Dr. Álvaro Coelho, hoje sede social da Associação Recreativa Esportiva e Agrícola (AREA), na Rua Almirante Barroso, s/n. Em 13 de fevereiro de 1949, o Ginásio do Estado passa a funcionar em prédio construído pela municipalidade, na Rua Castro Alves.

Na data de 29 de dezembro de 1950, foi criado o Curso Normal (atendendo a faixa etária a partir dos 16 anos, como era um curso de formação para o magistério, não havia uma sala homogênea, muitas senhoras começaram a frequentar o curso), passando o estabelecimento de Ensino a denominar-se Ginásio Estadual e Escola Normal de Presidente Venceslau.

Em 1º de julho de 1955, o estabelecimento de Ensino passou a denominar-se Ginásio Estadual e Escola Normal “Antônio Marinho de Carvalho Filho” (O patrono da escola, Sr. Antônio Marinho de Carvalho Filho, foi prefeito de Presidente Venceslau no período de 1934 a 1937 e pelos serviços prestados à municipalidade, seu nome foi eleito para eternizar-se nos documentos e registros históricos desta instituição).

Na data de 15 de fevereiro de 1958, foi instalado o Curso Primário de Aplicação (atendendo a faixa etária de 7 a 11 anos). Em 04 de setembro de 1958, por meio da Lei nº 4.848, foi criado o Curso Colegial, passando a denominar-se Colégio Estadual Escola Normal “Antônio Marinho de Carvalho Filho” (atendendo as faixas etárias dos 7 aos 17 anos, e no Curso Normal sem um limite de idade).

Somente em 28 de outubro de 1963 a Escola passou a funcionar nos altos da Rua Princesa Isabel, em prédio próprio, construído pelo Estado, onde se mantém até hoje. Em 18 de agosto de 1965, por meio da Lei nº 8.926, o Estabelecimento de Ensino passou a denominar-se Instituto de Educação Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho” (de onde vem seu apelido “IEE”, que se

mantém até hoje). Em 18 de março de 1969, pela Portaria nº 13, foi autorizado o funcionamento do Curso Pós-Graduado de Administradores Escolares, tendo as aulas iniciadas em 1º de abril de 1969. Na data de 24 de janeiro de 1976, pela Resolução SE, de 23 de janeiro, o Estabelecimento passou a denominar-se Escola Estadual de 1º Grau “Antônio Marinho de Carvalho Filho” e em 03 de junho de 1981, por meio da Resolução SE nº 93, a Escola passou a denominar-se Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Antônio Marinho de Carvalho Filho” (atendendo alunos com faixa etária de 7 a 17 anos).

Em 24 de novembro de 1999, pelo Decreto nº 44.449/99, a escola passa a denominar-se Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho” (atendendo alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio), nome pelo qual é denominada nos dias atuais.

6.1 Contextualização

“O ensino e a aprendizagem de Inglês na EE Antônio Marinho de Carvalho Filho”

Como o público-alvo para esse estudo é o Ensino Fundamental – Séries Finais – que atende do 6º ano ao 9º ano (antigas 5ª a 8ª série), foi necessário verificar as aulas e os alunos de três professores de Inglês que trabalham nessa escola.

A matriz curricular básica para as séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), segundo a legislação – Lei nº 9.394/96 (LDB) e Resolução SE nº 98/2008 (Anexo A) Del. 16/01 e art. 33 da Lei Federal nº 9.394/96 – o módulo possui 40 semanas com carga-horária de 30 aulas semanais resultando em 1.200 aulas anuais.

O período da manhã inicia-se às 7h e termina às 12h20min, o período da tarde inicia às 12h35min e termina às 17h50min.

Os Componentes Curriculares da Base Nacional Comum (Lei nº 9.394/96 e Res. SE nº 98/2008) são: **Linguagens e Códigos** (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Inglês - LEM); **Ciências da Natureza e Matemática** (Matemática e Ciências); **Ciências Humanas** (História e Geografia).

A carga-horária semanal de cada classe das séries finais do Ensino Fundamental é de seis aulas de Língua Portuguesa, duas aulas de Arte, duas aulas

de Educação Física, duas aulas de Inglês, seis aulas de Matemática, quatro aulas de Ciências, quatro aulas de História e três aulas de Geografia.

O foco do presente estudo são as aulas de Inglês, sendo duas aulas semanais de 50 minutos cada, como indicado anteriormente. São trabalhadas as habilidades e competências estipuladas pela apostila impressa pelo governo do Estado de São Paulo e enviada à escola.

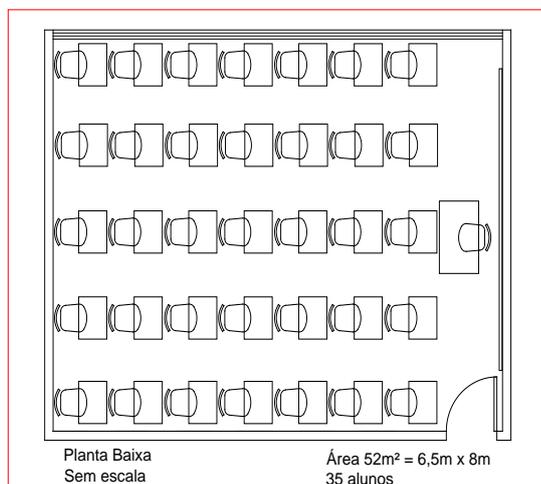
As salas de aula, na escola, são distribuídas por classe, isto é, cada série/ano possui uma sala própria, onde o aluno assiste às aulas de todos os componentes curriculares, durante todo o ano.

Somente nas aulas de Educação Física há um uso mais frequente das quadras para desenvolver as aulas práticas. O restante dos espaços como: biblioteca, laboratório de informática, laboratório, sala de leitura, sala de vídeo e pátios são usados conforme a necessidade do professor e a disponibilidade do espaço.

As aulas de Inglês, nas séries finais do Ensino Fundamental, em sua maioria ocorrem dentro da sala de aula, a qual possui uma área de 52m², 8m x 6,5m (Figura 4), comportando a mesa e a cadeira do professor e mais 35 carteiras, com mesas e cadeiras avulsas, possibilitando alguns arranjos diferenciados; quando há necessidade que caibam 40 ou 45 alunos a sala é mobiliada com a carteira universitária, isto ocorre nas salas do Ensino Médio.

Além do mobiliário, há na sala dois ventiladores, uma lousa e apenas uma tomada ao lado da porta. É nesse espaço que acontece o ensino e a aprendizagem dos alunos com faixa etária de 10 a 14 anos (EF) e 15 a 18 anos (EM).

FIGURA 4 - Sala de Aula - EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”



Fonte: Arquivo da autora.

O ambiente construído tem grande potencial de influência sobre as atividades, o ambiente construído pode ser considerado como um sistema composto de muitos subsistemas, os quais variam em dimensão física, função e quantidade de relacionamento social que neles ocorre (HEIMSTRA; MACFARLING, 1978).

A relação entre o homem e o ambiente construído sala de aula, mesmo visto de forma singular, deve-se lembrar de que a sala está dentro de uma escola, a qual está locada em um bairro que pertence a uma cidade e assim por diante. Cada um desses subsistemas possui características físicas únicas que podem influenciar o comportamento do indivíduo na sala e as relações sociais. (HEIMSTRA; MACFARLING, 1978).

FIGURA 5 - Cidade de Presidente Venceslau e EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”

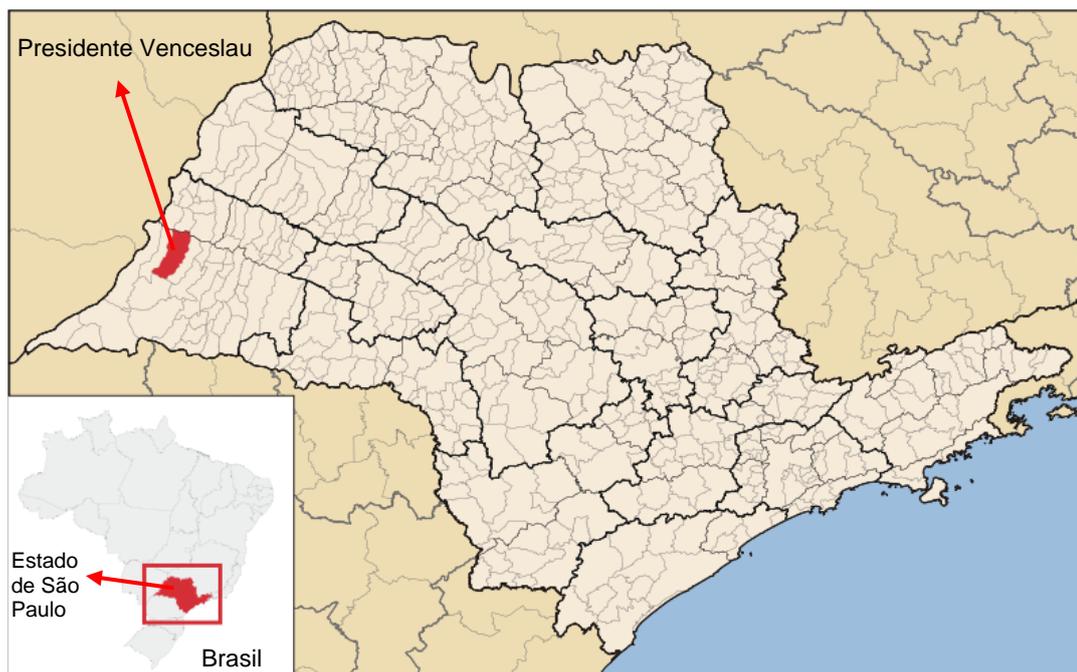


Fonte: Google Earth 31/03/2013 (elaborado pela autora).

A Figura 5 mostra a localização da escola na área urbana de Presidente Venceslau, situada em uma das avenidas principais da cidade, Avenida Princesa Isabel, Centro, localizada em uma das partes mais altas da cidade e por serem dois blocos com dois andares pode ser vista por quase toda a cidade.

A cidade de Presidente Venceslau, possui 37.910 habitantes, cuja população na faixa etária de 10 a 14 anos de 2.755 alunos cursando as séries finais do Ensino Fundamental (Fonte: IBGE/2010), está localizada a oeste do Estado de São Paulo, seguindo assim as instruções pedagógicas desse Estado, sob administração pedagógica da Diretoria de Ensino de Santo Anastácio, distante 30 quilômetros de Presidente Venceslau.

FIGURA 6 - Município de Presidente Venceslau a oeste do Estado de São Paulo



Fonte: Abreu (2006).

A cidade de Presidente Venceslau possui quatro escolas estaduais das Séries Finais do Ensino Fundamental: EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, EE “Alfredo Álvares Cabral”, EE “Dra. Isabel Campos” e EE “Prof. Hiroshi Shirassu Shiruca”. Cada uma delas abrange um bairro da cidade.

FIGURA 7 - Escolas Estaduais das Séries Finais do Ensino Fundamental em Presidente Venceslau



Fonte: Google Earth 31/03/2013 (elaborado pela autora).

EE “Alfredo Álvares Cabral”

EE “Dra. Isabel Campos”

EE “Prof. Hiroshi Shirassu Shiruca”

6.2 A Edificação e seu Entorno

A EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, como já mencionado, está localizada em Bairro Central, ao passo que as demais estão localizadas em Bairros mais periféricos. A EE “Alfredo Álvares Cabral” fica na Rua Anita Garibaldi, nº 572, próximo à Avenida Tiradentes, avenida da entrada da cidade atendendo aos bairros: Jardim Europa, Vila Santa Lucília, Vila Nunes, Parque São Francisco, Jardim Eldorado, Jardim Primavera. A EE “Hiroshi Shirassu Shiruca”, localiza-se na Rua Monteiro Lobato, nº 459, atendendo aos bairros: Vila Popular, Vila Sumaré, Vila Tropical, Conj. Hab. Antônio Daraya, Jardim São Paulo, Vila Lírio, CDHU Watanabe. A EE “Dra. Isabel de Campos” está na Rua Pirapora, nº 115, atendendo aos bairros: Jardim São Paulo, Vila Festi, Vila Santa Filomena, Vila Sr. do Bonfim, CECAP, Pq. Augusto Pereira.

FIGURA 8 - Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho”



Fonte: Google Earth 31/03/2013 (elaborado pela autora)

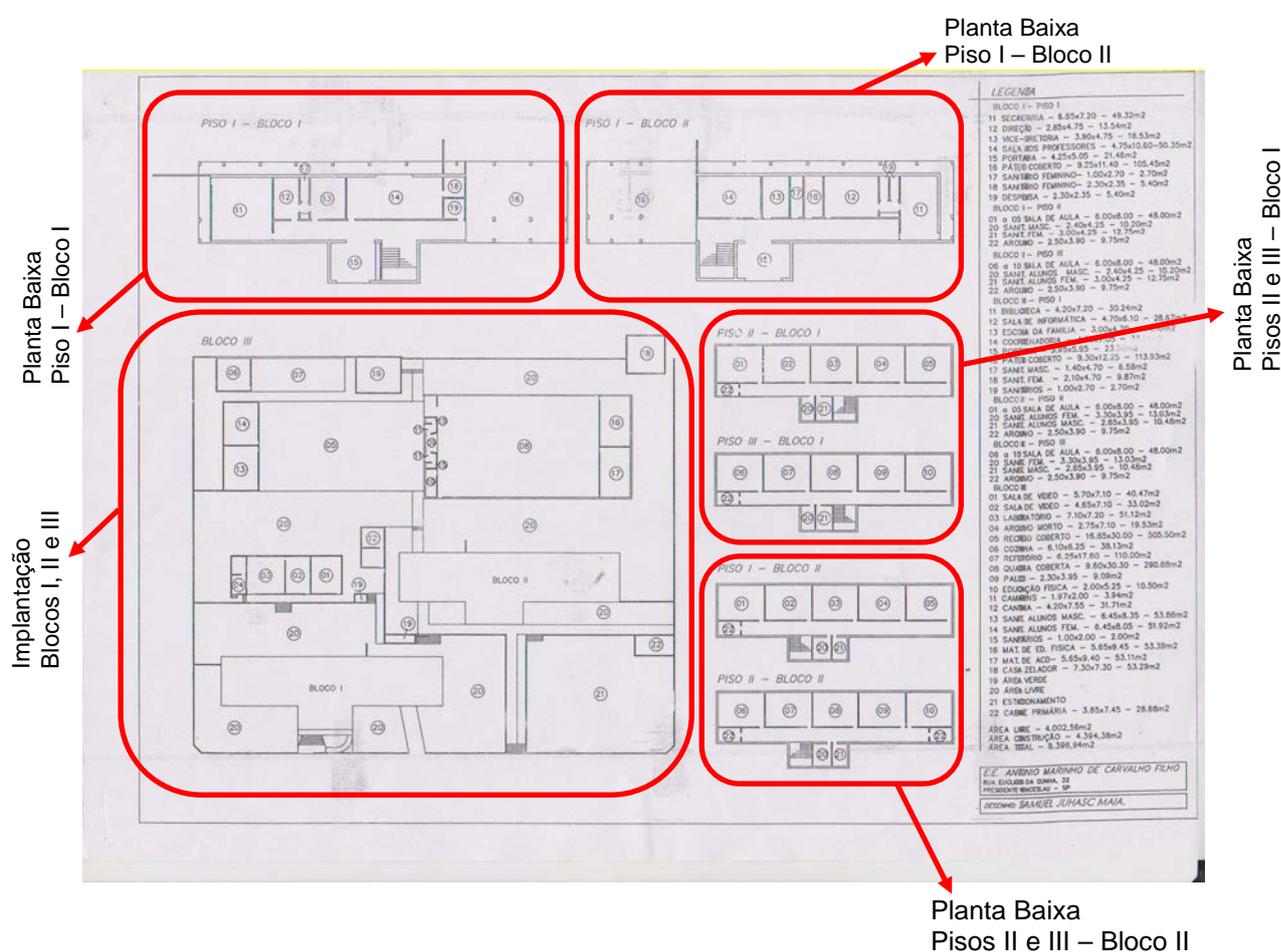
EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”

A Figura 8 é uma imagem aérea da escola em estudo, na qual se pode visualizar a sua grande área de 8.396,94m², dos quais 4.002,56m² são de áreas livres e 4.394,38m² correspondem à área construída.

Boa parte de seus alunos não são oriundos do centro da cidade. A escola atende os seguintes bairros: Vila Oriental, Vila Sales, Vila Baruta, Jardim

Santa Maria, Jardim Arantes, Vila Carmem, Vila Coimbra, Cidade Jardim, Jardim Morada do Sol, Jardim Nova Ipanema; tanto no período matutino quanto no vespertino. A maioria dos alunos vem para a escola por meio de transporte público: ônibus, micro-ônibus e vans. No período da manhã, os ônibus percorrem diversos bairros da cidade para buscar os estudantes, mas no período da tarde os alunos vêm, em grande parte, da zona rural, saindo de suas casas cerca de três horas antes do início da aula. Nesse caso, a distância percorrida pode provocar nesses alunos maior cansaço e menor disponibilidade para enfrentar as horas de estudo.

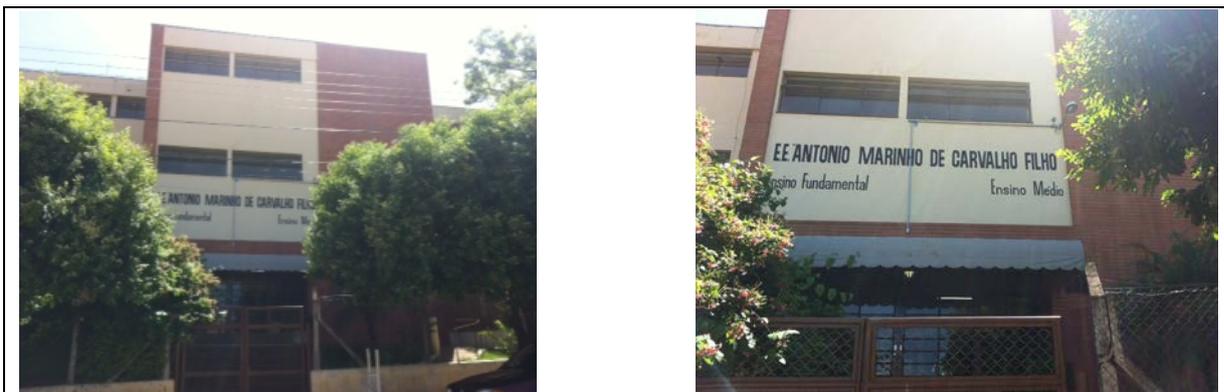
FIGURA 9 - Setorização dos Blocos da EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” - Planta original³



Fonte: Arquivo da EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”.

³ O desenho da planta baixa da escola e sua implantação foram feitos pelo desenhista Samuel Juhasc Maia.

FIGURA 10 - Fachada Oeste do Bloco I da EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”



Fonte: Arquivo da autora (2012).

Esta é a entrada principal da escola, situada na Rua Euclides da Cunha. Possui uma ampla portaria que permite acesso às alas administrativa, pedagógica e pátios. Não é de costume que os alunos usem-na como entrada. Somente em horários específicos.

FIGURA 11 - Entrada dos alunos – Fachada Oeste na Rua Euclides da Cunha

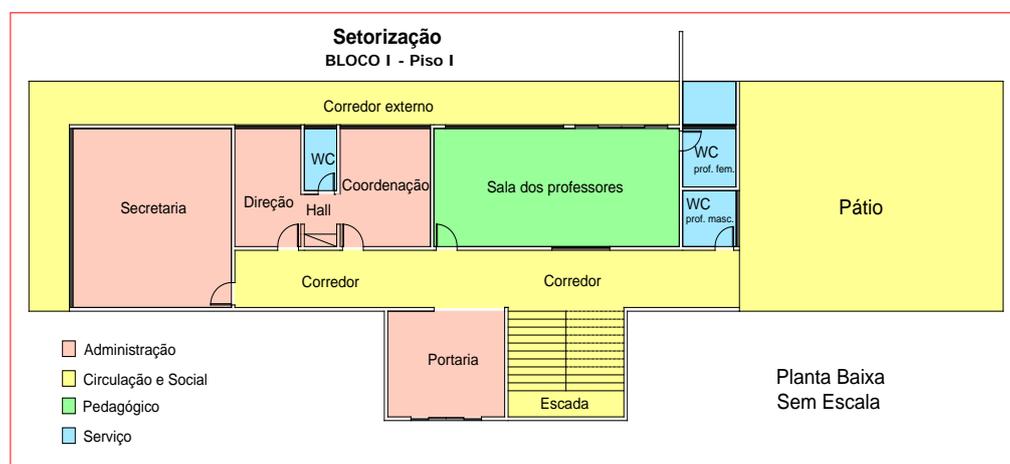


Fonte: Arquivo da autora (2012).

A entrada dos alunos sempre foi por esse local, só que, na década de 1990, o alambrado que cercava toda a fachada oeste foi substituído por um muro mal acabado, sem reboco e que permanece até hoje, com mudanças apenas de pintura durante os anos. Tornou-se um local sem diálogo com seu entorno. O que antes pelo lado de fora se via um belo jardim com pátios em pilotis, e por dentro via-se quem passava na rua, estabelecendo um diálogo visual com o resto da cidade, hoje se tornou uma barreira para a interação social. Um elo visual com o cotidiano da cidade foi perdido para quem fica do lado de dentro da escola, ficando isolada do resto da sociedade.

A imagem abaixo mostra a setorização do Bloco I, piso térreo com 435,62m² onde ficam os principais ambientes administrativos, a secretaria com 53m², a direção com 14m², a coordenação com 18m² e a portaria com 22m². Neste pavimento ficam também ambientes de serviço: três banheiros para professores e funcionários e um ambiente pedagógico: a sala dos professores, com 50m², que é usada para descanso nos horários de intervalo; é onde também que acontece a maioria das reuniões pedagógicas. O restante são áreas de circulação: corredores, escadas e pátio.

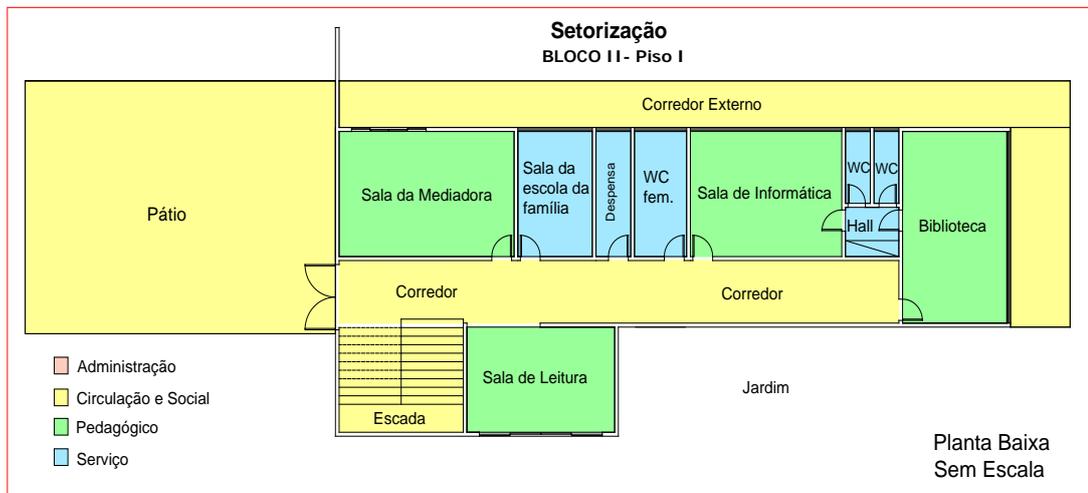
FIGURA 12 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco I – Piso I



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

A Figura 13, a seguir, corresponde ao pavimento térreo do Bloco II, que possui 439,29m². A entrada do prédio está voltada para o pátio e, neste bloco, estão as áreas pedagógica (sala da professora mediadora com 33,13m², sala de leitura com 23,50m², sala de informática com 28,67m² e biblioteca com 30,24m²) e de serviço (sala do Programa Escola da Família, despensa e banheiros); e toda circulação horizontal e vertical, que são consideradas como espaço social, pois são nos pátios e corredores que acontecem as relações sociais entre aluno e aluno, aluno e professor, professor e professor. Neste bloco, não há setor administrativo.

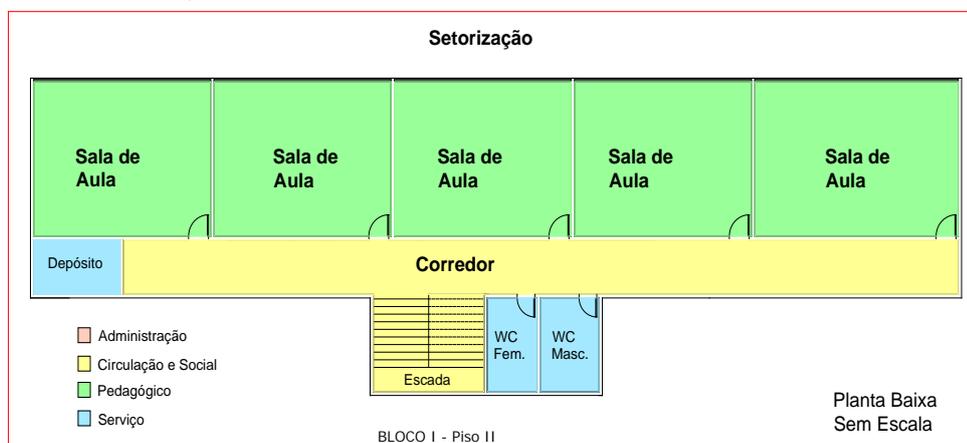
FIGURA 13 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco II – Piso I



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

No Piso II do Bloco I, representado na Figura 14, estão localizadas as salas de aula. Neste pavimento, há cinco salas de aula, cada uma com 52m², dois banheiros, um feminino e outro masculino. As salas estão ligadas por uma circulação horizontal, um corredor com 86,82m², 2,39m de largura e 37,90m de comprimento, nele há janelas voltadas para o Oeste. As salas de aula têm 6,5m x 8,00m, as janelas estão voltadas para o Leste, tendo uma área de 2,00m x 7,50m composta por esquadrias de ferro com vidro, o que favorece a iluminação das salas, porém, em virtude da má manutenção e do tempo de uso, a maioria já não abre, dificultando a troca de ar interno e externo, prejudicando a ventilação natural das salas.

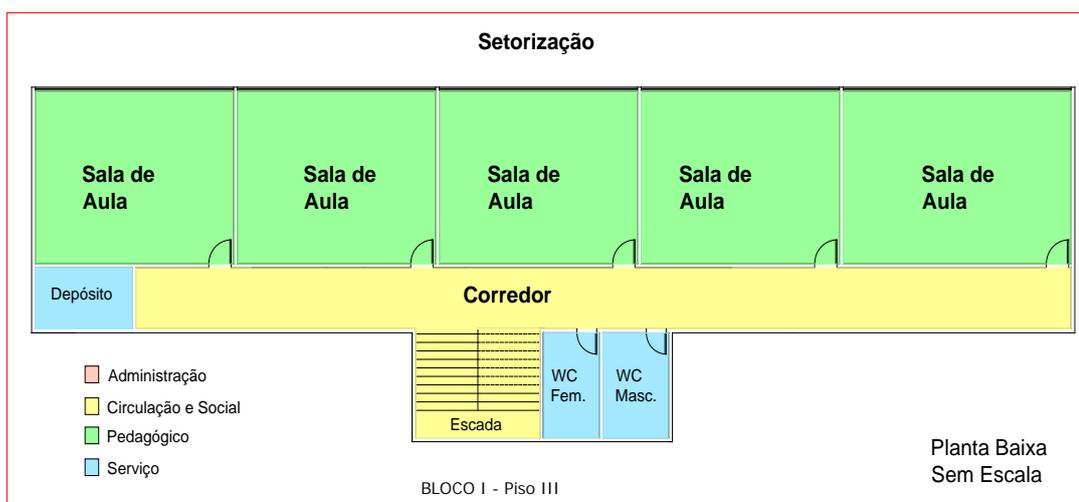
FIGURA 14 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco I – Piso II



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

O último pavimento do Bloco I, Piso III, representado pela Figura 15, é idêntico ao Piso II. Neste Bloco funcionam as salas de Ensino Médio, quatro salas de primeiro ano, três salas de segundo ano e três salas de terceiro ano que ocupam os dois pavimentos do Bloco I. Os dois pavimentos possuem uma sala de depósito no final do corredor.

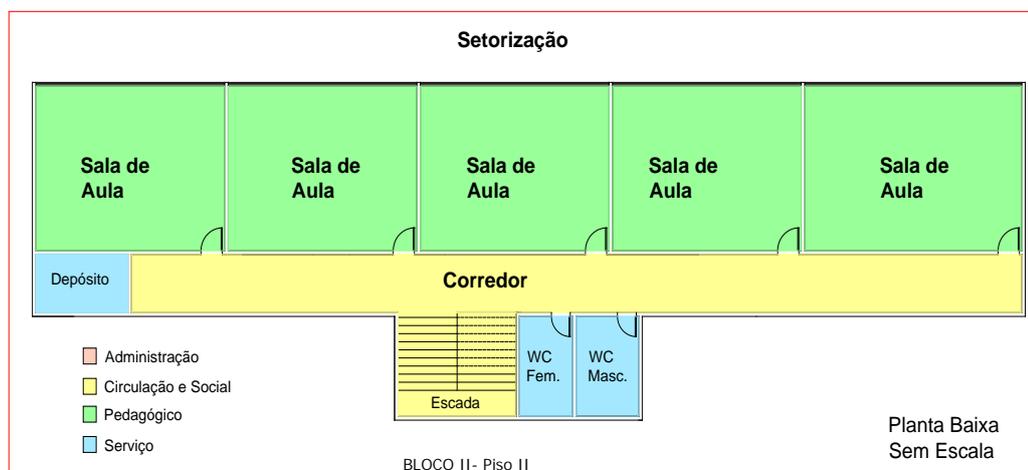
FIGURA 15 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco I – Piso III



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

O Piso II do Bloco II, representado na Figura 16, segue a mesma arquitetura do Bloco I. Neste pavimento, há cinco salas de aula, também voltadas para o Leste, ligadas por um corredor com janelas voltadas para o Oeste, no final do corredor há uma pequena sala para depósito, também no corredor há dois banheiros, um feminino e um masculino. As salas de aula possuem uma área de 52m², com 6,5m x 8,00m, ventiladas por uma janela de 2,00m de altura por 7,50m de largura, apresenta boa iluminação, porém má ventilação.

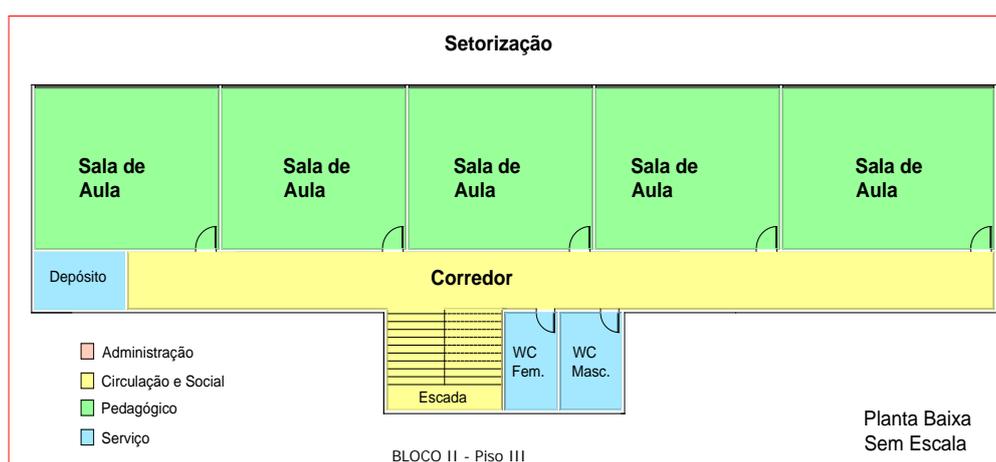
FIGURA 16 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco II – Piso II



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

O Piso III do Bloco II, como mostra a Figura 17, também possui os mesmos ambientes e áreas do Piso II. Neste Bloco funcionam, nos segundo e terceiro pavimentos, as séries finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, que são o foco desta pesquisa. No Piso II, funcionam três salas de 6º ano, duas salas de 7º ano. No Piso III, estão duas salas de 8º ano e três salas de 9º ano.

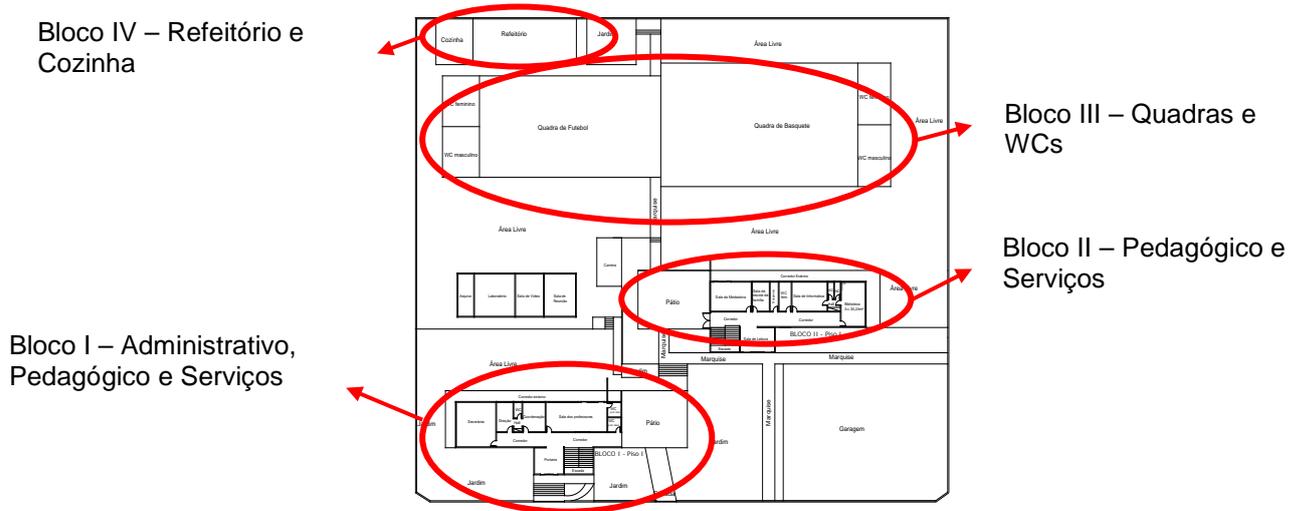
FIGURA 17 - Setorização dos ambientes – Planta Baixa – Bloco II – Piso III



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

A Figura 18 corresponde à setorização da Implantação dos quatro blocos: Bloco I – áreas administrativa, pedagógica e de serviços; Bloco II – áreas pedagógica e de serviços; Bloco III – duas quadras cobertas e banheiros; Bloco IV – refeitório e cozinha.

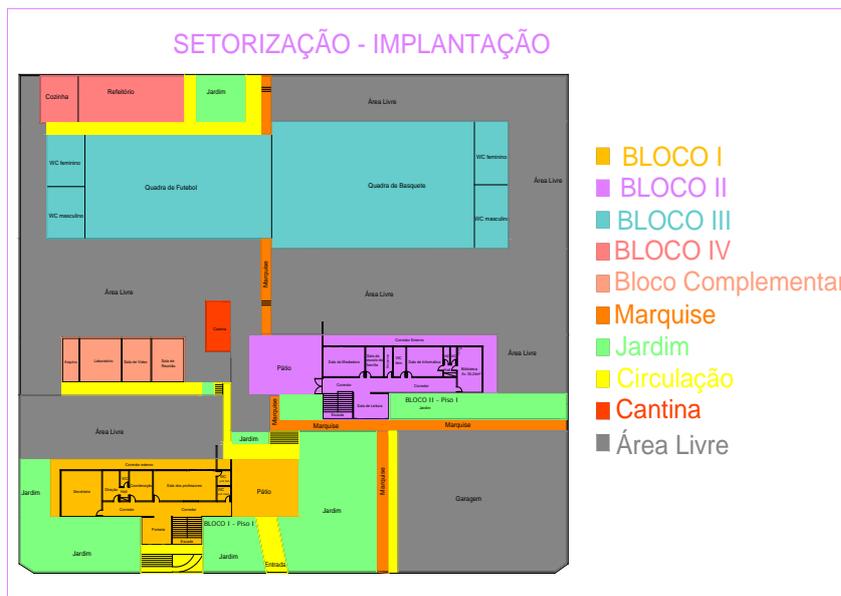
FIGURA 18 - Setorização da Implantação – Blocos I, II, III e IV (Apêndice C)



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

A Figura 19 mostra a Implantação da escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, as áreas construídas, as áreas livres, as ligações dos blocos e as áreas verdes. Cabe salientar que, além dos Blocos I a IV, descritos anteriormente, há um Bloco complementar no qual se encontram a sala de vídeo, um laboratório de Ciências desativado e uma despensa.

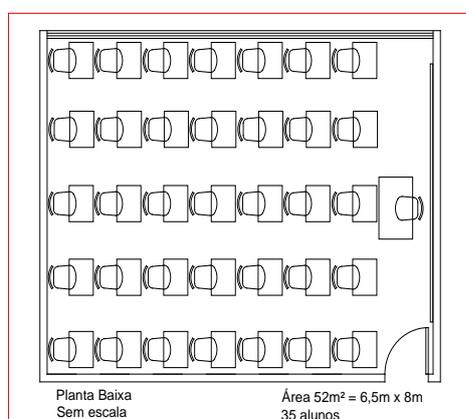
FIGURA 19 - Setorização da Implantação – EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” (Apêndice C)



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (Auto CAD)

A sala de aula, espaço fundamental para essa pesquisa é visualizada abaixo (Figura 20) com sua ambiência mais frequente nas aulas ministradas na escola em estudo e nas escolas em todo o Estado de São Paulo, uma área de 52m², distribuída em 6,5m de largura e 8,00m de comprimento, possui 35 carteiras que ocupam uma área 1,12m² cada uma, o corredor entre as carteiras possui 0,70m de largura e um comprimento de 6,90m. É nesse espaço que 35 alunos assistem às aulas durante o período de cinco horas por dia.

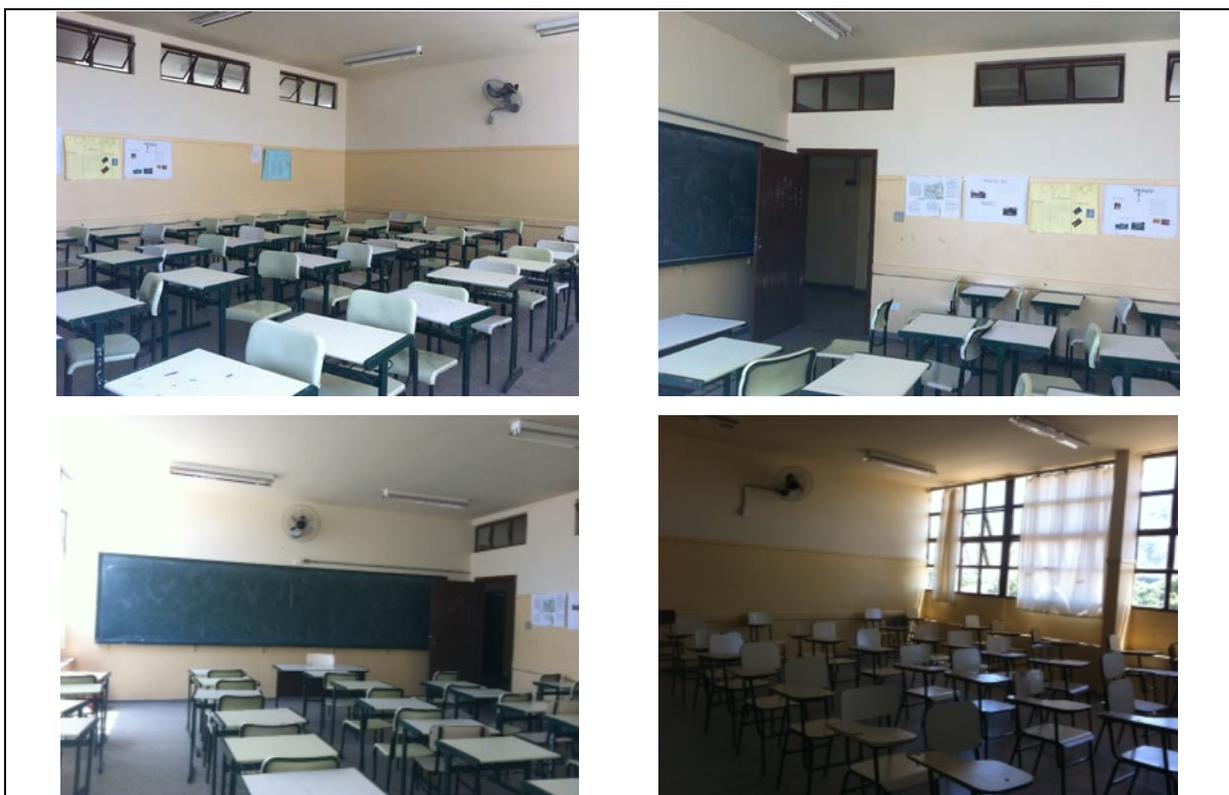
FIGURA 20 - Desenho em DWG da Sala de aula - padrão
6,50m x 8,00m com total de 52m²



Fonte: Elaborado pela autora. DWG (auto CAD)

Sala de aula

A escola dispõe, ao todo, de 20 salas distribuídas nos dois blocos de edifícios, tanto no Bloco I quanto no Bloco II não há salas de aula no térreo. No primeiro e no segundo pavimento há cinco salas de aula por andar, ao todo são dez salas por bloco. A Figura 21 mostra imagens com detalhes das salas de aula, as janelas ao alto são voltadas para o corredor, favorecendo a circulação cruzada quando estão abertas; o ventilador na parede dos fundos; a porta voltada para o corredor; as carteiras; a iluminação artificial; outro ventilador na parede frontal, sobre a lousa e a mesa do professor; as janelas abertas para o Leste, com esquadrias de ferro e vidro e as cortinas sobre elas para regular a entrada do sol.

FIGURA 21 - Fotos da Sala de aula – padrão 6,50m x 8,00m com total de 52m²

Fonte: Arquivo da autora (2012).

6.3 Etapas da Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo foi realizada com o intuito de averiguar a relação do ambiente “sala de aula” e seus usuários “o aluno e o professor” nas aulas de Inglês e também os espaços nos quais as aulas de Inglês poderiam ser ministradas. Para averiguar essa relação por meio do uso e das percepções de cada usuário, foram utilizados instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação (APO), os instrumentos selecionados foram: *Walkthrough* Passeio, Mapa Comportamental, *Wish Poems*, Seleção Visual, Entrevistas e Questionários.

6.3.1 A análise *Walkthrough*

O instrumento *Walkthrough* escolhido para essa pesquisa é utilizado pela equipe APO/ProLUGAR, constituída pelo arquiteto Paulo Afonso Rheingantz, professor doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e outros colaboradores, com base nas ideias de Del Rio e Oliveira (1996). Os passeios *Walkthrough* são

realizados normalmente por duplas de pesquisadores, os quais dividem as atividades durante os passeios. Nessa pesquisa, não foi possível ter uma equipe para aplicar os instrumentos. Desta forma, as atividades foram feitas em etapas separadas. Primeiro, foi preparado o roteiro de visitas o qual estava relacionado com o objetivo de averiguar os ambientes que as aulas de Língua Inglesa poderiam ser ministradas.

Os ambientes escolhidos para visita foram: a entrada da escola, o pátio do Bloco I o pátio do Bloco II, a biblioteca, a sala de informática, a sala de leitura e a sala de aula. Após a preparação do roteiro, foi feito um levantamento dos alunos por ano, como o estudo estava centrado nas séries finais do Ensino Fundamental (6° ao 9° ano), optou-se por selecionar cinco alunos de cada ano. Desta forma, foram constituídos quatro grupos – 6° ano, 7°ano, 8° ano e 9° ano – para a realização dos quatro “Passeios *Walkthrough*”.

A escolha dos alunos foi feita por meio de sorteio e, em seguida, foi entregue uma autorização para os pais desses alunos, explicando os objetivos da pesquisa e pedindo a autorização para que seus filhos participassem, uma vez que todos são menores de idade.

Após a autorização confirmada, marcou-se uma reunião com cada grupo, a fim de explicar os objetivos, os trajetos e o dia do *Walkthrough*. Os Passeios *Walkthrough* ocorreram cada dia com um grupo de cinco alunos, pois Rheingantz aconselha não ultrapassar esse número para que se possa ouvir a todos.

Como a pesquisa foi realizada por um único pesquisador, as fotografias dos ambientes e as medidas foram tiradas anteriormente ao passeio e também após, quando necessário, para registrar detalhes averiguados pelos grupos.

O passeio *Walkthrough* seguiu rigorosamente o roteiro, mas, caso houvesse interesse dos usuários entrevistados em modificá-lo, acrescentando outro espaço, assim seria feito, pois como a opinião do usuário é a fonte principal da percepção e experiência das necessidades daquele que usa e ocupa o espaço.

As questões colocadas para os alunos foram: “O que você considera importante neste ambiente?”; “O que parece estar funcionando aqui?”; “O que não parece estar funcionando aqui?”; “O que deve ser mantido como está?”; “O que deve ser modificado?”; “O que mais você gostaria de falar sobre esse espaço?”; “Quais são os pontos positivos e os negativos desse ambiente?”.

As informações recebidas foram anotadas sem pressa pelo pesquisador. As perguntas não seguiram uma ordem única e em alguns dos locais visitados foram acrescentadas perguntas para sanar algumas dúvidas, como no espaço da entrada da escola, quando se verificou o portão e os muros, que realmente incomodaram os alunos, foi necessário que eles dissessem o que lhes incomodava.

Praticamente todos os *Walkthroughs* duraram uma média de 60 a 70 minutos e a reunião para revisão, realizada logo após o término do passeio, durou 20 minutos em média. Essas reuniões serviram para que os participantes fizessem algumas recomendações sobre as melhorias a serem propostas.

Por fim, os dados foram arquivados em fichas de registro para que depois fosse realizada a análise.

6.3.2 As entrevistas

As entrevistas foram realizadas com professores de Língua Inglesa das séries finais do Ensino Fundamental. A entrevista com os professores não precisou de uma seleção, pois na EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” há somente três professores para essa disciplina e todos participaram.

A entrevista usada nesta pesquisa foi a não-estruturada ou não-dirigida, a qual possibilita ao entrevistado falar sobre o tema proposto com total liberdade, e o entrevistador atua somente como um estimulador para que o entrevistado fique à vontade e dê respostas espontâneas sobre sua avaliação do tema proposto. Em alguns momentos, foi necessário implementar algo inesperado, como já previsto por Sommer e Sommer (apud RHEINGANTZ et al., 2009).

A fim de garantir a apreensão total do conteúdo dessas entrevistas, bem como manter o foco de atenção entre pesquisador e entrevistados, as entrevistas foram gravadas para depois serem transcritas, com a devida autorização dos participantes. Inicialmente, houve um pouco de intimidação por partes de todos, mas, ao fim, se saíram bem. A análise das percepções e compreensões dos entrevistados em relação aos ambientes foi relatada em pontos principais voltados para o uso do ambiente como meio facilitador do ensino e da aprendizagem da Língua Inglesa.

6.3.3 Os mapas comportamentais e os *Wish Poems*

Os mapas comportamentais foram realizados nas quatro salas de aula participantes da pesquisa – 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Esses espaços foram observados durante as aulas de Língua Inglesa, a fim de averiguar as atitudes dos usuários conforme o uso do espaço, em relação ao *layout* utilizado pelo professor e à metodologia aplicada. Com o objetivo de obter uma análise realista, sem omissão de detalhes, foi necessário manter em sigilo os usuários e as respectivas salas.

As observações nas salas de aula duraram 20 minutos, o suficiente para manter a naturalidade nas atitudes dos usuários. Este tempo também foi suficiente para se analisar os pontos positivos e negativos do *layout* em relação à aula ministrada.

Os resultados dos Mapas Comportamentais trazem todas as características dos ambientes por meio de plantas baixas, croquis, legendas e fotos. As ações dos usuários são determinadas por signos, os pontos positivos e negativos são observados pelas ações dos usuários e seus resultados para o processo de ensino e aprendizagem.

Os *Wish Poems* foram feitos apenas em relação à sala de aula de Inglês, a pergunta estimuladora foi: “Eu desejo que minha sala de aula de Inglês seja...”. Foram aplicados nos alunos das quatro salas nas quais foram realizados os mapas comportamentais, desta forma, proporcionou uma análise cruzada entre as atitudes e os desejos. Ao todo, foram aproximadamente 140 alunos, 35 alunos por sala. As análises das informações coletadas pelos *Wish Poems* foram agrupadas em tabelas e gráficos para que se pudessem visualizar os desejos mais representativos dos alunos.

6.3.4 Os questionários e a seleção visual

Os questionários foram aplicados em uma sala de cada ano/série, isto é, nas salas de 6º, 7º, 8º e 9º ano. Como a população dessas salas totaliza 140 alunos, pois cada sala possui 35 alunos, foi feita uma média para se obter uma amostra representativa. Para isso, foram aplicados 15 questionários por sala, o que representa 42,86% da população de cada sala. O conteúdo das perguntas e

repostas foi programado para não exceder 30 minutos, a fim de que os participantes não se cansassem e respondessem às questões com atenção.

O questionário foca no propósito do ambiente escolar para a aprendizagem da Língua Inglesa. Para que as questões não fugissem desse objetivo e também não excedessem em número, o questionário só foi elaborado após o Passeio *Walkthrough*, para obter mais informações sobre as expectativas dos usuários sobre o ambiente escolar, que se deteve nas salas de aula, biblioteca, sala de informática, sala de leitura e sala de vídeo.

O anonimato dos respondentes foi garantido dando-lhes liberdade, sem deixá-los intimidados para que, assim, pudessem colocar respostas autênticas e honestas. Evitou-se a influência de uma questão sobre a seguinte e optou-se, quanto ao formato, por questões de múltipla escolha e, quanto ao objetivo, foram utilizadas questões de opinião.

A elaboração do questionário (Apêndice A) seguiu a categoria proposta por Zeisel (2006 apud RHEINGANTZ et al., 2009): percepção e significado (O que vocês veem nos ambientes?); opinião e valor (O que vocês sentem em relação ao ambiente?); lugares, caminhos e relações (O que vocês fazem nos ambientes?); adaptações, mensagens (O que vocês fazem aos ambientes?); conhecimento e dados (O que vocês sabem sobre os ambientes?).

Ao todo foram 46 questões: 12 para a primeira categoria; 16 para a segunda; sete para a terceira; cinco para a quarta; e seis para a última.

Os dados foram analisados por meio de gráficos, conforme cada categoria estabelecida por Zeisel (2006 apud RHEINGANTZ et al., 2009).

A Seleção Visual foi aplicada aos mesmos alunos que participaram do *Walkthrough*, por possibilitar um entrosamento em relação às visitas no passeio guiado e às imagens. Logo, foram ao todo 20 alunos respondendo à seleção visual, cinco de cada sala. A seleção visual foi elaborada com imagens de salas de aula com *layouts* diferenciados para que os alunos indicassem três aspectos positivos e três aspectos negativos.

As imagens, segundo Sanoff (1991 apud RHEINGANTZ et al., 2009), revelam-se como essenciais para uma melhor compreensão do ambiente, por meio da percepção e interpretação podem provocar uma reflexão dos usuários sobre as características do ambiente analisado.

As imagens selecionadas estão relacionadas ao tema da pesquisa, que é a sala de aula para o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa. Foram selecionadas imagens que se referem ao ambiente escolar com *layouts* bastante variados.

A análise dos resultados foi feita por meio de uma tabela de atributos positivos e negativos, divididos por categorias, tais como: dimensionamento, *layout*, mobiliário, equipamentos, iluminação, acesso visual, cores, materiais de revestimento e ambiência. Na tabela, demonstra-se também o detalhamento da imagem com aspectos mais positivos e o da imagem com aspectos mais negativos.

Foram selecionadas 15 imagens, as quais possuem características distintas (Apêndice B).

6.4 Análise dos Resultados do Estudo de Caso - Avaliação Pós-Ocupação

Para analisar os ambientes do estudo de caso, inicialmente, foi realizado um fichamento ambiental dos espaços considerados relevantes para essa pesquisa, os quais foram: sala de aula do Piso II, Bloco II; sala de aula do Piso III, Bloco II; Biblioteca; Sala de Informática; Sala de Leitura; Sala de Vídeo; entrada da escola; Pátio I; Pátio II e circulações verticais e horizontais.

O fichamento tem a função de descrever os espaços em seus detalhes físicos, como: área total do ambiente; usuários; atividades realizadas; revestimentos; cores; texturas; iluminação e ventilação; e a adequação desses em relação às necessidades de seus usuários.

Em relação aos itens revestimentos, cores e texturas, foram detalhados esses aspectos do teto, das paredes e do piso, pois são esses componentes construtivos que constituem elementos importantes para o bom funcionamento do ambiente, já que a cor favorece o estado emocional dos usuários, e também a questão da projeção da luz. O teto deve sempre ser pintado de cor branca para que a luminância seja alcançada ao máximo. O piso deve ser sempre antiderrapante para que não cause acidentes e as paredes e tetos com textura lisa para favorecer a acústica do ambiente.

Com base nesses parâmetros construtivos as análises foram realizadas e permitiram a obtenção das seguintes informações:

- a) Sala de Aula, Bloco II, Piso II: possui uma área suficiente para o desempenho do processo de ensino e aprendizagem, porém o número de carteiras que são 35 – cada uma ocupa 1,13m², ao todo ocupam 39,55m² dos 52m² existentes – prejudica as mudanças no layout. As cores das paredes foram bem escolhidas, por trazerem ao ambiente uma sensação alegre e deixá-lo mais claro, porém a cor do teto – creme – deveria ser branca, para aumentar a luminância tanto natural quanto artificial e a cor do piso, apesar de evitar a aparência de sujeira, por ser escuro, deixa o ambiente mais sereno.
- b) Sala de Aula, Bloco II, Piso III: apresenta os mesmos problemas que ocorrem na sala do Piso II, por advir de construções com a mesma planta tipo, isto é, a planta do primeiro pavimento se repete no segundo pavimento.
- c) Biblioteca: foi adaptada em uma sala que antes servia como sala dos professores. A dimensão não comporta as estantes e mesas que ali deveriam existir e a iluminação é prejudicada. A permanência dos alunos neste local não é estimulada em razão da falta de conforto ergonômico, luminoso, acústico (fica ao lado da quadra de esportes) e térmico (as janelas são bloqueadas pelas estantes).
- d) Sala de Informática: locada em uma sala muito pequena, não comportando um número suficiente de equipamentos, nem mesmo para atender os alunos de uma única sala de aula.
- e) Sala de Leitura: foi adaptada em um local de circulação, pois este ambiente era a portaria do Bloco II, e ainda possui uma circulação média. É nesse lugar que está a entrada e saída do Bloco II para a garagem dos professores.
- f) Sala de Vídeo: é o ambiente mais prejudicado, está locada em um edifício complementar de construção desconhecida que foge às regras estabelecidas pela FDE/MEC e também às regras arquitetônicas e estéticas, deixando todos os quesitos de conforto de lado. Além de todos esses pontos negativos, ainda possui uma área quadrada inadequada para uma sala de vídeo ou uma sala multimídia.

- g) Entrada: é um local visto da Rua Euclides da Cunha como algo desarmonioso, sem beleza e que não possibilita um diálogo do interior da escola com seu entorno.
- h) Pátios: os dois são agradáveis e protegem os alunos do sol e da chuva, sendo assim um local de permanência em várias estações do ano.
- i) Circulação vertical: prejudica o acesso para deficientes, não estando em acordo com a legislação de acessibilidade. A circulação horizontal torna-se um espaço de permanência nas trocas de aulas, contudo, por ser fechada, com pouca ventilação natural e sem visibilidade para o exterior, proporciona atitudes agressivas entre alguns alunos e não possibilita uma vivência saudável e menos ainda, um uso pedagógico desse espaço.

Após as Análises *Walkthrough*, foram realizados Fichamentos de todos os ambientes estudados, a saber:

- Sala de aula do Bloco II, Piso II;
- Sala de aula do Bloco II, Piso III;
- Biblioteca;
- Sala de Informática;
- Sala de Leitura;
- Sala de Vídeo ou Multimídia;
- Entrada da Escola;
- Pátio I;
- Pátio II;
- Circulação vertical e horizontal.

A seguir, as Figuras 22 a 31 mostram as Fichas de Inventário ambiente por ambiente.

FIGURA 22 – Ficha de Inventário – Sala de aula – Piso II

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado /2013 Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

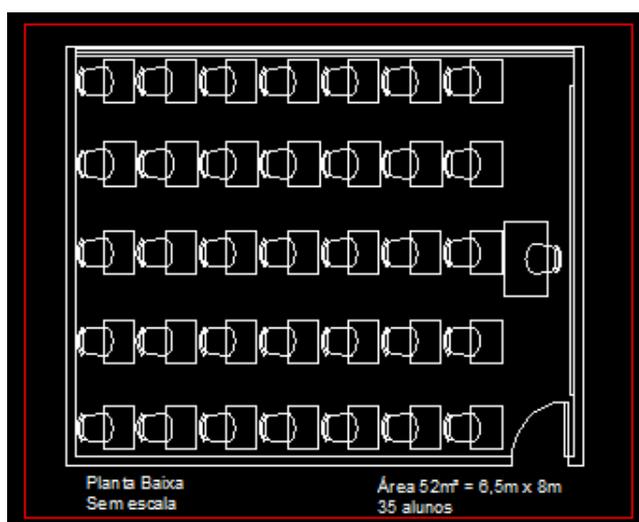
FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE: Sala de Aula – Bloco II

Data: 10/03/2013	Horário: Manhã	Tempo de Observação: 2 horas Pavimento: Piso II, Bloco II
Ambiente: Sala de Aula	Sector: sociopedagógico	
Área aproximada: 6,50 x 8,00=52m ²	p.d. aprox.: 3,18m	

Usuários:	Atividades: atividades pedagógicas dirigidas; local de maior tempo de permanência dos alunos.
Alunos: 35	
Funcionários: 0	
Educadores: 1	
Outros: 0	

Revestimento:	Cores:	Textura:	Iluminação/Ventilação:
Piso: cerâmico	Piso: cinza	Piso: liso	Natural: boa/péssima
Paredes: alvenaria/pintura	Paredes: amarela	Paredes: lisas	Artificial: boa
Teto: laje de concreto	Teto: creme	Teto: liso	Mecânica: 2 ventiladores

Adequação	Adequação Cores:	Adequação	Condição de Conforto:
Revestimento:	Piso: adequado	Textura:	Térmico: ruim
Piso: médio	Paredes: adequado	Piso: inadequada	Lumínico: média
Paredes: adequadas	Teto: inadequado	Paredes: adequada	Acústico: péssimo
Teto: adequado		Teto: adequada	Qualidade do ar: péssimo



Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 23 - Ficha de Inventário – Sala de aula – Piso III

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado /2013 Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

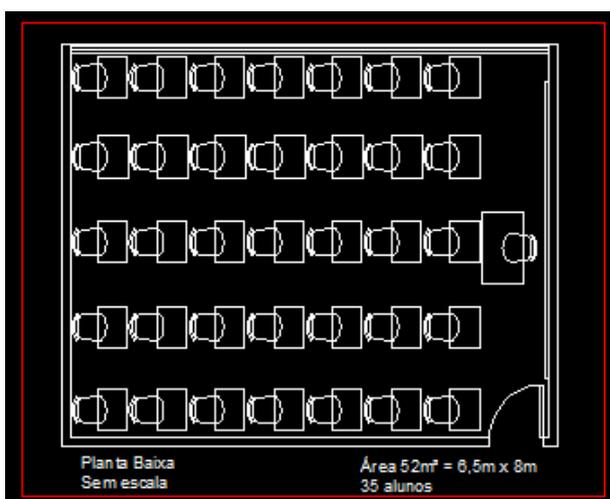
FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE: Sala de Aula – Bloco II

Data: 10/03/2013	Horário: Manhã	Tempo de Observação: 2 horas
Ambiente: Sala de Aula	Setor: sociopedagógico	Pavimento: Piso III, Bloco II
Área aproximada: 6,50 x 8,00=52m ²	p.d. aprox.: 3,18m	

Usuários:	Atividades: atividades pedagógicas dirigidas;
Alunos: 35	local de maior tempo de permanência dos alunos.
Funcionários: 0	
Educadores: 1	
Outros: 0	

Revestimento:	Cores:	Textura:	Iluminação/Ventilação:
Piso: cerâmico	Piso: cinza	Piso: liso	Natural: boa/péssima
Paredes: alvenaria/pintura	Paredes: amarela	Paredes: lisas	Artificial: boa
Teto: laje de concreto	Teto: creme	Teto: liso	Mecânica: 2 ventiladores

Adequação	Adequação Cores:	Adequação Textura:	Condição de Conforto:
Revestimento:	Piso: adequado	Piso: inadequada	Térmico: ruim
Piso: médio	Paredes: adequado	Paredes: adequada	Lumínico: média
Paredes: adequadas	Teto: inadequado	Teto: adequada	Acústico: péssimo
Teto: adequado			Qualidade do ar: péssimo



Janelas amplas, mas sem ventilação

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 24 - Ficha de Inventário – Biblioteca

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído¹

Mestrado /2013 Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

Biblioteca

Data: 15/03/2013

Ambiente: Biblioteca

Área aproximada: 4,20 x 7,20=30,24m²

Horário: Manhã

Setor: sociopedagógico

p.d. aprox.: 3,18m

Tempo de

Observação: 2 horas

Pavimento: Térreo –
Bloco II

Usuários:

Alunos: máximo 15 alunos

Funcionários: 2

Educadores: 0

Outros: 0

Atividades: atividade de
leitura, pesquisa e
aquisição de livros.

Revestimento:

Piso: granilite

Paredes:

alvenaria/pintura

Teto: laje de concreto

Cores:

Piso: cinza

Paredes: amarela

Teto: branco

Textura:

Piso: liso

Paredes: lisas

Teto: liso

Iluminação/Ventilação:

Natural:

média/péssima

Artificial: média

Mecânica: 2
ventiladores

Adequação

Revestimento:

Piso: médio

Paredes: adequadas

Teto: adequado

Adequação Cores:

Piso: adequado

Paredes: adequado

Teto: adequado

Adequação Textura:

Piso: inadequada

Paredes: adequada

Teto: adequada

Condição de Conforto:

Térmico: ruim

Lumínico: ruim

Acústico: péssimo

Qualidade do ar:
péssimo

Banheiro da Biblioteca com estantes por falta de espaço.



A iluminação natural é prejudicada pelas estantes.



Mesas postas no corredor de entrada da Biblioteca.

FIGURA 25 - Ficha de Inventário - Laboratório de Informática

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado /2013 Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

Sala de Informática

Data: 15/03/2013	Horário: Manhã	Tempo de Observação: 2 horas
Ambiente: Sala de Informática	Setor: sociopedagógico	Pavimento: Térreo - Bloco II
Área aproximada: 4,70 x 6,10=28,67 m ²	p.d. aprox.: 3,18m	

Usuários:	Atividades: atividade de pesquisa na Internet; elaboração de trabalhos digitalizados; contatos nas redes sociais; etc.
Alunos: máximo 16 alunos	
Funcionários: 1	
Educadores: 1	
Outros: 0	

Revestimento:	Cores:	Textura:	Iluminação/Ventilação:
Piso: granilite	Piso: cinza	Piso: liso	Natural: boa
Paredes: alvenaria/pintura	Paredes: amarela	Paredes: lisas	Artificial: ruim
Teto: laje de concreto	Teto: creme	Teto: liso	Mecânica: 1 ventilador

Adequação Revestimento:	Adequação Cores:	Adequação Textura:	Condição de Conforto:
Piso: médio	Piso: adequado	Piso: inadequada	Térmico: ruim
Paredes: adequadas	Paredes: adequado	Paredes: adequada	Lumínico: bom
Teto: adequado	Teto: inadequado	Teto: adequada	Acústico: péssimo
			Qualidade do ar: boa



Boa iluminação e ventilação natural.



Poucos computadores. Mesas grandes com CPUs sobre elas, prejudicando ainda mais o espaço.



Não possui ar condicionado que é essencial para o bom funcionamento das máquinas.

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 26 - Ficha de Inventário – Sala de Leitura

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado /2013

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

Sala de Leitura

Data: 16/03/2013

Ambiente: Sala de Leitura

Área aproximada: 3,95 x 5,95= 23,44 m²

Horário: Manhã

Setor: sociopedagógico
p.d. aprox.: 3,18m

Tempo de
Observação: 1 hora
Pavimento:
Térreo - Bloco II

Usuários:

Alunos: máximo 16 alunos

Funcionários: 1

Educadores: 1

Outros: 0

Atividades: atividade
de leitura; atividade de
artes; trabalho em
grupo.

Revestimento:

Piso: granilite

Paredes: alvenaria/
pintura

Teto: laje de concreto

Cores:

Piso: cinza

Paredes: amarela

Teto: creme

Textura:

Piso: liso

Paredes: lisas

Teto: liso

Iluminação/Ventilação:

Natural: ruim

Artificial: ruim

Mecânica: 2
ventiladores

Adequação

Revestimento:

Piso: médio

Paredes: adequadas

Teto: adequado

Adequação Cores:

Piso: adequado

Paredes: adequado

Teto: inadequado

Adequação Textura:

Piso: inadequada

Paredes: adequada

Teto: adequada

Condição de Conforto:

Térmico: ruim

Lumínico: ruim

Acústico: péssimo

Qualidade do ar: boa



Única abertura da sala, servindo
como janela e porta.

Estantes

Mesas e assentos

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 27 - Ficha de Inventário – Sala de Vídeo

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado /2013

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

Sala de Vídeo

Data: 16/03/2013

Ambiente: Sala de Vídeo

Área aproximada: 4,20x7,20=30,24m²

Horário: Manhã

Setor: sociopedagógico

p.d. aprox.: 3,00m

Tempo de

Observação: 1 hora

Pavimento: Bloco

Complementar

Usuários:

Alunos: 35 alunos

Funcionários: 0

Educadores: 1

Outros: 0

Atividades: assistir filmes,

documentários, *clips*

musicais, uso de DVD,

TV, multimídias.

Revestimento:

Piso: granilite

Paredes:

alvenaria/pintura

Teto: laje de concreto

Cores:

Piso: cinza

Paredes: amarela

Teto: creme

Textura:

Piso: liso

Paredes: lisas

Teto: liso

Iluminação/Ventilação:

Natural: péssima

Artificial: ruim

Mecânica: 2

ventiladores

Adequação

Revestimento:

Piso: médio

Paredes: adequadas

Teto: adequado

Adequação Cores:

Piso: adequado

Paredes: adequado

Teto: inadequado

Adequação Textura:

Piso: inadequada

Paredes: adequada

Teto: adequada

Condição de Conforto:

Térmico: péssimo

Lumínico: péssimo

Acústico: péssimo

Qualidade do ar:

péssimo



TV em péssima posição para questão ergonômica.



Vista externa da sala de vídeo, vitrões que não possibilitam uma boa ventilação e iluminação natural.



Sala apertada e desconfortável.

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 28 - Ficha de Inventário – Áreas Externas: entrada da escola

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado /2013 Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

Áreas Externas – Entrada da Escola

Data: 16/03/2013	Horário: Manhã	Tempo de
Ambiente: Entrada da Escola	Setor: sociopedagógico	Observação: 30 minutos
Área aproximada: 32 m ²	p.d. aprox.: Livre	Pavimento: área externa

Usuários:	Atividades: circulação diária; permanência; socialização; leituras.
Alunos: 40 alunos	
Funcionários: 2	
Educadores: 0	
Outros: 0	

Revestimento:	Cores:	Textura:	Iluminação/Ventilação:
Piso: cimento	Piso: cinza	Piso: áspero	Natural: ótima
Paredes: não há	Paredes: não há	Paredes: não há	Artificial: ruim
Teto: não há	Teto: não há	Teto: não há	Mecânica: não há

Adequação	Adequação Cores:	Adequação Textura:	Condição de Conforto:
Revestimento:	Piso: inadequado	Piso: adequada	Térmico: bom
Piso: excelente	Paredes: não há	Paredes: não há	Lumínico: bom
Paredes: não há	Teto: não há	Teto: não há	Acústico: ruim
Teto: não há			Qualidade do ar: muito boa



Bancos que favorecem o descanso e as relações sociais.



Portão de entrada e muro na Av. Euclides da Cunha.



Mesinhas que favorecem a permanência e a vivência nesse espaço.

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 29 - Ficha de Inventário – Áreas Externas: Pátio I

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado /2013

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

Áreas Externas – Pátio I

Data: 16/03/2013

Ambiente: Pátio I

Área aproximada: 9,25 x 11,40= 105,45 m²

Horário: Manhã

Setor: social

p.d. aprox.: Livre

Tempo de Observação: 30 minutos

Pavimento: área externa

Usuários:

Alunos: 150 alunos (em pé)

Funcionários: 2

Educadores: 0

Outros: 0

Atividades: circulação diária; permanência; socialização; leituras.

Revestimento:

Piso: cerâmico

Paredes: não há

Teto: laje de concreto

Cores:

Piso: verde claro

Paredes: não há

Teto: branco

Textura:

Piso: liso

Paredes: não há

Teto: liso

Iluminação/Ventilação:

Natural: ótima

Artificial: boa

Mecânica: não há

Adequação

Revestimento:

Piso: inadequado

Paredes: não há

Teto: adequado

Adequação Cores:

Piso: adequado

Paredes: não há

Teto: adequado

Adequação Textura:

Piso: inadequado

Paredes: não há

Teto: adequado

Condição de Conforto:

Térmico: bom

Lumínico: bom

Acústico: ruim

Qualidade do ar: muito boa



Uso do pátio ao sábado na Escola da Família.



Uso de pilotis e aberturas laterais que favorecem a visão e a ventilação

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 30 - Ficha de Inventário – Pátio II

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado/2013

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

Áreas Externas – Pátio II

Data: 16/03/2013

Ambiente: Pátio II

Área aproximada: 9,50 x 12,50=118,75 m²

Horário: Manhã

Setor: social

p.d. aprox.: Livre

Tempo de Observação: 30 minutos

Pavimento: área externa

Usuários:

Alunos: 150 alunos (em pé)

Funcionários: 2

Educadores: 0

Outros: 0

Atividades: circulação diária; permanência; socialização; leituras.

Revestimento:

Piso: cimento

Paredes: não há

Teto: laje de concreto

Cores:

Piso: cinza

Paredes: não há

Teto: branco

Textura:

Piso: áspero

Paredes: não há

Teto: liso

Iluminação/Ventilação:

Natural: ótima

Artificial: boa

Mecânica: não há

Adequação

Revestimento:

Piso: adequado

Paredes: não há

Teto: adequado

Adequação Cores:

Piso: inadequado

Paredes: não há

Teto: adequado

Adequação Textura:

Piso: adequado

Paredes: não há

Teto: adequado

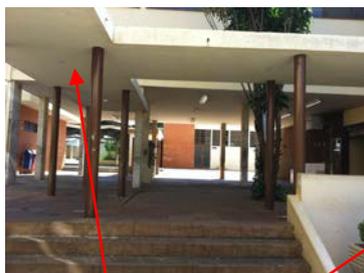
Condição de Conforto:

Térmico: bom

Lumínico: bom

Acústico: ruim

Qualidade do ar: muito boa



Marquise que liga o Pátio II ao Bloco III e II.



Pátio coberto sobre pilotis. Detalhes das janelas dos corredores nos Pisos II e III.



Entrada do Bloco II pelo Pátio II, detalhe da parede em pedra e bebedouro.

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

FIGURA 31 - Ficha de Inventário – Circulações: horizontais e verticais

O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO

Avaliação Pós Ocupação do Ambiente Construído

Mestrado/2013 Orientadora: Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt

FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTE POR AMBIENTE:

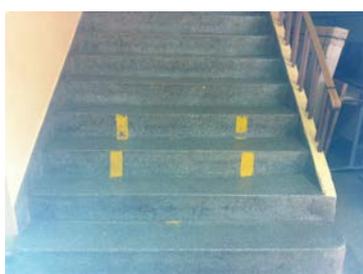
Circulações – horizontais e verticais

Data: 17/03/2013	Horário: Manhã	Tempo de
Ambiente: Circulações - horizontais e verticais	Setor: sociopedagógico	Observação: 30 minutos
Área aproximada: 240 m ²	p.d. aprox.: 3,18m	Pavimento: Bloco II

Usuários:	Atividades: circulação
Alunos:)	diária; permanência;
Funcionários: 1	socialização.
Educadores: 0	
Outros: 0	

Revestimento:	Cores:	Textura:	Iluminação/Ventilação:
Piso: granilite	Piso: cinza	Piso: liso	Natural: ruim
Paredes: alvenaria	Paredes: amarela	Paredes: lisa	Artificial: ruim
Teto: laje de concreto	Teto: creme	Teto: liso	Mecânica: não há

Adequação	Adequação Cores:	Adequação Textura:	Condição de Conforto:
Revestimento:	Piso: inadequado	Piso: inadequado	Térmico: ruim
Piso: inadequado	Paredes: adequadas	Paredes: adequadas	Lumínico: ruim
Paredes: adequado	Teto: inadequado	Teto: adequado	Acústico: ruim
Teto: adequado			Qualidade do ar: ruim



Escadas perigosas e peitoril sem segurança. Sem acessibilidade.



Corredores fechados e pouco ventilados, sem visão do exterior.

Fonte: A Autora, adaptado de Azevedo (2002).

6.4.1 Análise do *Walkthrough* com os alunos do Ensino Fundamental 6° ao 9° Ano

A seguir, as Figuras 32 a 37 apresentam a análise do *Walkthrough* referente aos ambientes observados pelos alunos.

FIGURA 32 - Análise *Walkthrough* – Sala de aula

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	FICHA DE REGISTRO DA ANÁLISE WALKTHROUGH
AMBIENTE: Sala de aula	Data: 18, 19, 20, 21/03/2013
OCUPANTES: Alunos do Grupo 1, 2, 3 e 4 (6° ao 9° ano – entre 10 a 14 anos)	Área aproximada: 6,5 x 8,00=52m ²
ATIVIDADES: Pedagógicas	Pé direito: 3,18m
MOBILIÁRIO: 35 carteiras de MDF, ferro e plástico; mesa e cadeira do professor; lousa.	Período: Manhã
MATERIAIS: Piso granilite cinza, alvenaria acab. pintura amarelo claro, teto creme, porta marrom com abertura para o corredor.	
TEMPERATURA: Prejudicada em razão da má abertura das janelas, prejudicando a circulação do ar.	
ILUMINAÇÃO: Boa em virtude do tamanho das janelas.	
VENTILAÇÃO: Razoável, dois ventiladores.	
COMENTÁRIOS: São 20 salas idênticas e espaçosas, tanto no Bloco I quanto no Bloco II, porém o número de alunos e as 35 carteiras não facilitam muitas mudanças no <i>layout</i> .	

FOTOS/CROQUIS:



Área
Pessoal
= 1,30m²

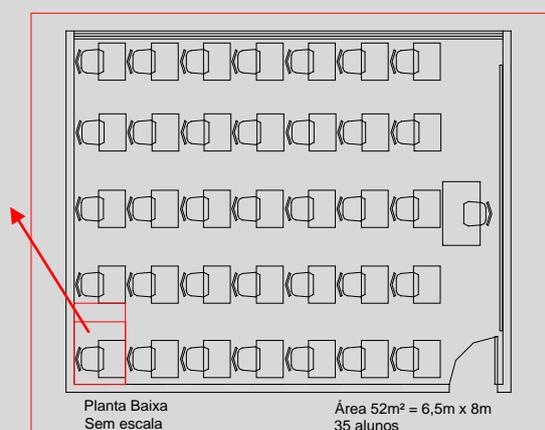
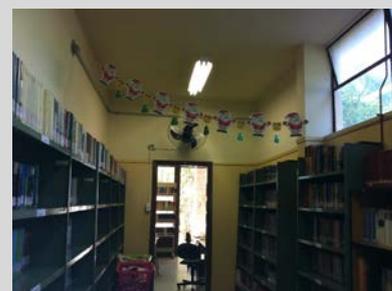
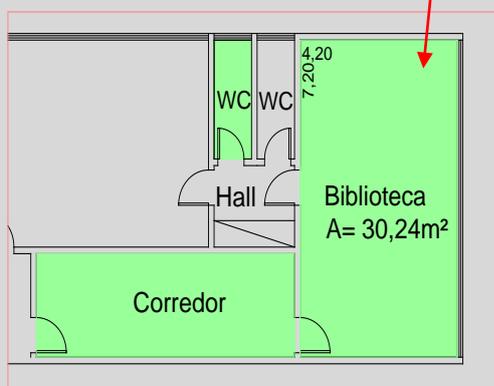
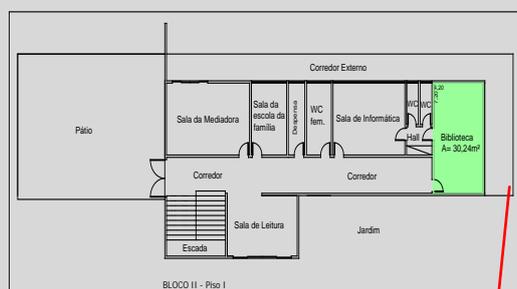


FIGURA 33 - Análise *Walkthrough* – Biblioteca

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	FICHA DE REGISTRO DA ANÁLISE WALKTHROUGH
AMBIENTE: Biblioteca	Data: 18, 19, 20, 21/03/2013
OCUPANTES: Alunos dos Grupos 1, 2, 3 e 4 (6º ao 9º ano – entre 10 a 14 anos)	Área aproximada: $4,20 \times 7,20 = 30,24\text{m}^2$
ATIVIDADES: Pedagógicas	Pé direito: 3,18m
MOBILIÁRIO: 30 estantes de ferro e MDF, duas mesas e duas cadeiras, um banco, uma mesa redonda com quatro cadeiras, um armário de ferro e um de madeira, dois computadores.	Período: Manhã
MATERIAIS: Piso granilite cinza, alvenaria acab. pintura amarelo claro, teto creme, porta marrom com abertura para o corredor.	
TEMPERATURA: Prejudicada em razão da má abertura das janelas, prejudicando a circulação do ar por causa das estantes.	
ILUMINAÇÃO: Prejudicada por causa das estantes.	
VENTILAÇÃO: Razoável, dois ventiladores.	
COMENTÁRIOS: A Biblioteca usa uma parte do espaço do corredor e de um dos banheiros.	

FOTOS/CROQUIS:

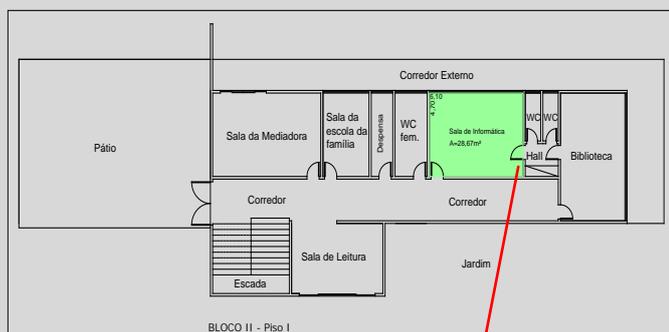


Fonte: A Autora.

FIGURA 34 - Análise *Walkthrough* – Laboratório de Informática

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	FICHA DE REGISTRO DA ANÁLISE WALKTHROUGH
AMBIENTE: Sala de Informática	Data: 18, 19, 20, 21/03/2013
OCUPANTES: Alunos dos Grupos 1, 2, 3 e 4 (6° ao 9° ano – entre 10 a 14 anos)	Área aproximada: 4,70 x 6,10 = 28,67 m ²
ATIVIDADES: Pedagógicas	Pé direito: 3,18m
MOBILIÁRIO: 8 computadores, 8 mesas e 20 cadeiras, uma lousa branca.	Período: Manhã
MATERIAIS: Piso granilite cinza, alvenaria acab. pintura amarelo claro, teto creme, porta marrom com abertura para o corredor.	
TEMPERATURA: Amena graças à grande abertura das janelas.	
ILUMINAÇÃO: Muito boa em virtude da iluminação natural.	
VENTILAÇÃO: Não possui ar condicionado, quesito essencial para esse tipo de ambiente.	
COMENTÁRIOS: A sala de informática só comporta 16 alunos, com uso de um computador por dupla.	

FOTOS/CROQUIS:

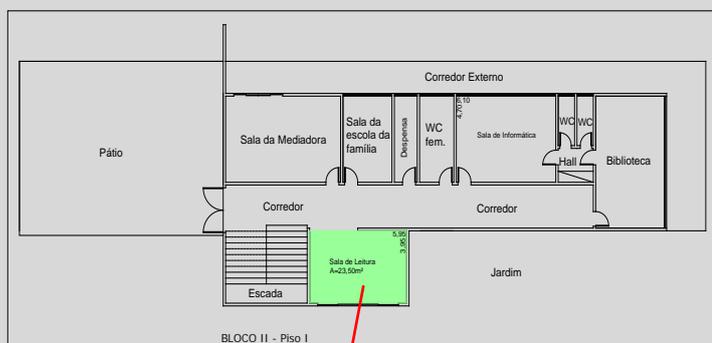


Fonte: A Autora.

FIGURA 35 - Análise *Walkthrough* – Sala de Leitura

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	FICHA DE REGISTRO DA ANÁLISE WALKTHROUGH
AMBIENTE: Sala de Leitura	Data: 18, 19, 20, 21/03/2013
OCUPANTES: Alunos do Grupo 1, 2, 3 e 4 (6º ao 9º ano – entre 10 a 14 anos)	Área aproximada: 3,95 x 5,95 = 23,50 m ²
ATIVIDADES: Pedagógicas	Pé direito: 3,18m
MOBILIÁRIO: 6 estantes de madeira, duas mesas retangulares, 20 cadeiras.	Período: Manhã
MATERIAIS: Piso granilite cinza, alvenaria acab. pintura amarelo claro, teto creme, porta de vidro e ferro marrom com abertura para o exterior.	
TEMPERATURA: Amena por causa da abertura da porta para o exterior.	
ILUMINAÇÃO: Prejudicada por estar entre o corredor e a marquise de entrada, não possui janelas, apenas uma porta de vidro e ferro.	
VENTILAÇÃO: Possui apenas um ventilador.	
COMENTÁRIOS: A sala de leitura é na verdade a portaria do Bloco II, que não é usada com essa função, assim, foi adaptada uma sala para expor revistas e propiciar neste espaço leitura e pesquisa.	

FOTOS/CROQUIS:



Fonte: A Autora.

FIGURA 36 - Figura 50 – Análise *Walkthrough* – Sala de Vídeo

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	FICHA DE REGISTRO DA ANÁLISE <i>WALKTHROUGH</i>
AMBIENTE: Sala de Vídeo	Data: 18, 19, 20, 21/03/2013
OCUPANTES: Alunos do Grupo 1, 2, 3 e 4 (6º ao 9º ano – entre 10 a 14 anos)	Área aproximada: 6,5 x 8,00=52m ²
ATIVIDADES: Pedagógicas	Pé direito: 3,18m
MOBILIÁRIO: 35 carteiras, uma mesa de professor, lousa, TV, DVD.	Período: Manhã
MATERIAIS: Piso granilite cinza, alvenaria acab. pintura amarelo claro, teto creme, porta marrom com abertura para o exterior.	
TEMPERATURA: Prejudicada por causa da má abertura das janelas, prejudicando a circulação do ar.	
ILUMINAÇÃO: Péssima, em razão das pequenas janelas no alto e apenas em uma das paredes.	
VENTILAÇÃO: Razoável, dois ventiladores.	
COMENTÁRIOS: A sala de vídeo já foi mudada de ambiente por várias vezes, como a escola foi construída em 1963, época em que não havia muita tecnologia, a sala de vídeo está no Bloco complementar, construção feita há 50 anos que foge da arquitetura das demais edificações.	

FOTOS/CROQUIS:



Sem janelas na parede dos fundos



Pouca ventilação

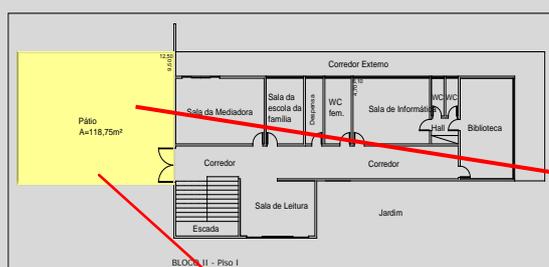


Fonte: A Autora.

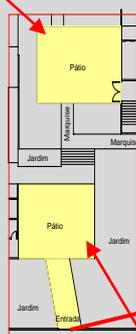
FIGURA 37 - Análise *Walkthrough* – Entrada e Pátio I e II

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	FICHA DE REGISTRO DA ANÁLISE <i>WALKTROUGH</i>
AMBIENTE: Entrada e Pátio I e II	Data: 18, 19, 20, 21/03/2013
OCUPANTES: Alunos do Grupo 1, 2, 3 e 4 (6º ao 9º ano – entre 10 a 14 anos)	Área aproximada: 256 m ²
ATIVIDADES: Vivência	Pé direito: 3,18m
MOBILIÁRIO: Bancos de concreto.	Período: Manhã
MATERIAIS: Piso de concreto cinza, piso cerâmico verde claro (original), pedra mineira revestimento da parede do Pátio I, seixos marrons revestimento da parede do Pátio II, pilares do Pátio I tijolinho aparente, pilares do Pátio II mármore cinza claro.	
TEMPERATURA: Ótima em virtude da grande área livre e os pátios abertos.	
ILUMINAÇÃO: Boa iluminação natural.	
VENTILAÇÃO: Boa ventilação natural.	
COMENTÁRIOS: A entrada e os pátios se interligam, porém não há cobertura entre a Entrada e o Pátio I e do Pátio para o Pátio II.	

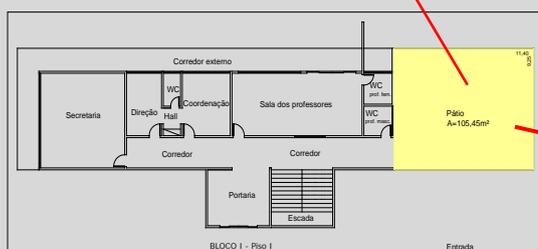
FOTOS/CROQUIS:



Pátio II



Entrada



Pátio I

Fonte: A Autora.

QUADRO 5 - Pontos Negativos e Positivos dos ambientes após as Análises *Walkthrough*

4 Grupos – 20 alunos (6° ao 9° ano)	Análise <i>Walkthrough</i>	EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”
Ambientes	Pontos Negativos	Pontos Positivos
Sala de Aula	Ventilação, Excesso de alunos e carteiras, ambiência e tecnologia.	Espaço da sala (menos alunos), Iluminação, Circulação.
Biblioteca	Espaço do ambiente, Ventilação, Iluminação, Circulação.	Quantidade e qualidade de livros.
Sala de Informática	Espaço do ambiente, Quantidade de computadores.	Iluminação e Ventilação.
Sala de Leitura	Ambiência e Iluminação.	Ventilação.
Sala de Vídeo	Iluminação, Espaço do ambiente, Ventilação, Ambiência.	Tecnologia.
Entrada e Pátios	Muro e portão (Prisão), Piso escorregadio, Falta de mobília (bancos e mesas), Entrada e trajeto de um pátio a outro sem cobertura.	Pátios cobertos e ventilados, área verde.

Fonte: A Autora.

A Análise *Walkthrough* foi realizada com quatro grupos, Grupo 1 (6° ano), Grupo 2 (7° ano), Grupo 3 (8° ano) e Grupo 4 (9° ano); cada grupo constituído por cinco alunos, selecionados por meio de sorteio. Os passeios iniciaram pela Entrada da escola e percorreram o trajeto: Pátio I, Pátio II, Biblioteca, Sala de informática, Sala de leitura, Sala de vídeo e Sala de aula. Antes de iniciar o passeio foi explicado o objetivo para cada grupo, para que não houvesse influência das percepções ambientais entre os grupos, principalmente entre os alunos mais novos de 6° ano, cada passeio ocorreu em dias diferentes.

6.4.2 Análise dos Mapas Comportamentais com os alunos e professores em sala de aula

Foram analisadas quatro salas, conforme apresentado anteriormente, uma sala de cada ano/série (6º, 7º, 8º e 9º ano). Ao observar cada sala durante 20 minutos, foi possível perceber como a ambiência e a técnica usada pelo professor para ministrar a aula influencia nas atitudes dos alunos e na capacidade de concentração e interesse. O envolvimento de cada aluno pode ser percebido conforme seu comportamento diante de atividades passivas ou ativas e diante do *layout* da sala escolhido pelo professor.

6.4.2.1 Ensino Fundamental 6° ano ao 9° ano

FIGURA 38 - Mapa Comportamental – Sala de aula: 6°ano

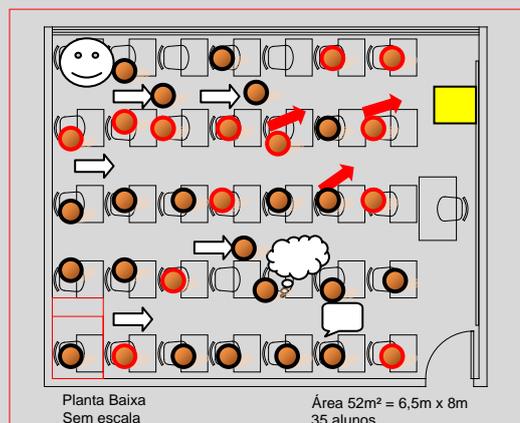
EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	MAPA COMPORTAMENTAL
AMBIENTE: Sala de aula	Data: 10/04/2013
OCUPANTES: 6° ano – 10 a 11 anos (13 alunas, 21 alunos, professor)	Hora: 8:40 – 9:10
ATIVIDADES: Pedagógicas	Clima: ensolarado - quente
OBSERVAÇÕES: A professora explica a matéria na lousa e alguns alunos prestam atenção e outros não.	

FOTOS/CROQUIS:



LEGENDA:

Alunos:	Educador:	Outros:
● Aprendizagem Receptiva	■ Aula expositiva	⇒ Movimentam-se Interagem
● Aprendizagem Ativa	■ Aula interativa	☞ Conversam
○ Masculino	☺ Observador	☁ Dormem
○ Feminino		



Como o professor estava explicando a matéria para todos na lousa e os alunos recebendo a informação, percebe-se todo tipo de comportamento.

FIGURA 39 - Mapa Comportamental – Sala de aula: 7° ano

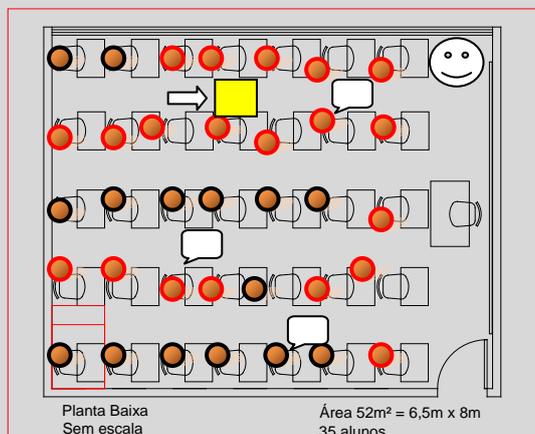
EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	MAPA COMPORTAMENTAL
AMBIENTE: Sala de aula	Data: 10/04/2013
OCUPANTES: 7° ano – 11 a 12 anos (20 alunas, 15 alunos, professor)	Hora: 10:10 – 10:30
ATIVIDADES: Pedagógicas	Clima: ensolarado - quente
OBSERVAÇÕES: A professora circula pela sala, assim os alunos fazem as atividades sem interrupção.	

FOTOS/CROQUIS:



LEGENDA:

Alunos:	Educador:	Outros:
● Aprendizagem Receptiva	■ Aula expositiva	➡ Movimentam-se
● Aprendizagem Ativa	■ Aula interativa	➡ Interagem
○ Masculino	😊 Observador	💬 Conversam
○ Feminino		☁ Dormem



O professor passou as atividades e circula pela sala, percebe-se que os alunos possuem um comportamento mais homogêneo, todos fazem as atividades, porém não agem ativamente e sim seguindo as informações do professor.

FIGURA 40 - Mapa Comportamental – Sala de Aula: 8º ano

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”**MAPA COMPORTAMENTAL****AMBIENTE:** Sala de aula

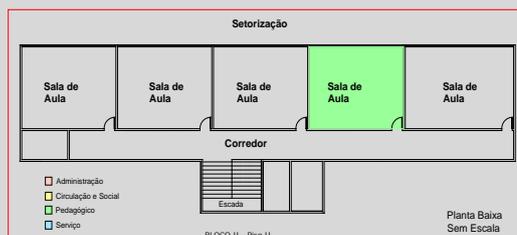
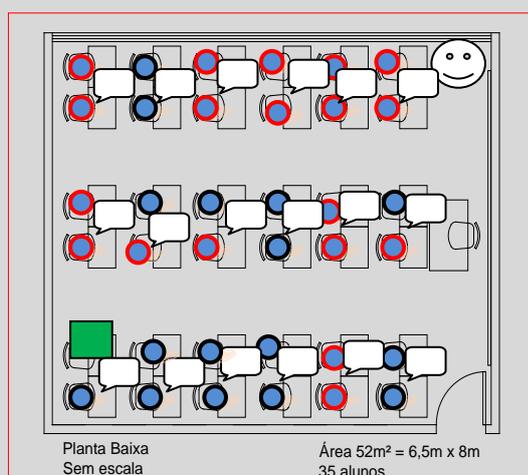
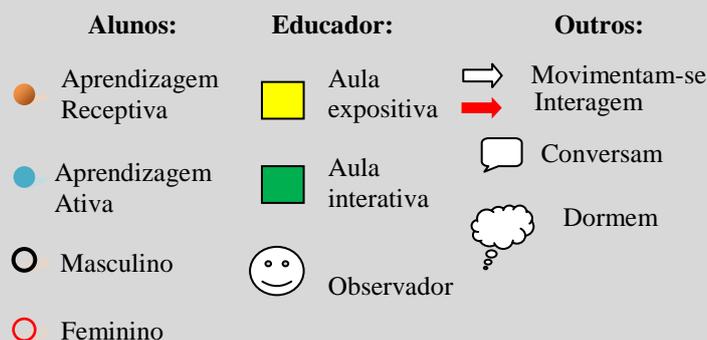
Data: 11/04/2013

OCUPANTES: 8º ano – 12 a 13 anos (19 alunas, 16 alunos, professor)

Hora: 10:10 – 10:30

ATIVIDADES: Pedagógicas

Clima: chuvoso - frio

OBSERVAÇÕES: A professora passa a atividade e os alunos trabalham o diálogo em duplas.**FOTOS/CROQUIS:****LEGENDA:**

Alunos em pares trabalhando o diálogo em inglês, professor senta-se com um aluno que ficou sem par, todos trabalham ativamente. A importância na mudança do *layout*, além de propiciar um espaço pessoal maior, também possibilitou uma interação entre os alunos.

FIGURA 41 - Mapa Comportamental – Sala de Aula: 9º ano

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	MAPA COMPORTAMENTAL
AMBIENTE: Sala de aula	Data: 12/04/2013
OCUPANTES: 9º ano – 13 a 14 anos (16 alunas, 19 alunos, professor)	Hora: 10:10 – 10:30
ATIVIDADES: Pedagógicas	Clima: chuvoso - fresco
OBSERVAÇÕES: A professora passa a atividade e os alunos trabalham em grupos de quatro.	

FOTOS/CROQUIS:



LEGENDA:

Alunos:

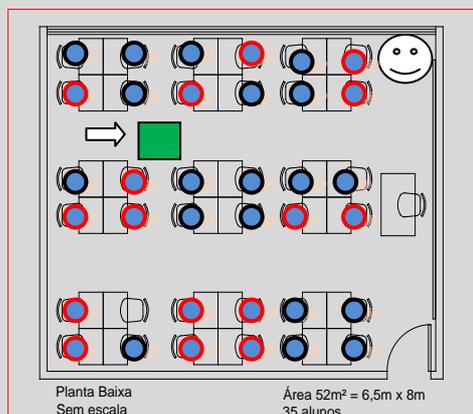
- Aprendizagem Receptiva
- Aprendizagem Ativa
- Masculino
- Feminino

Educador:

- Aula expositiva
- Aula interativa
- ☺ Observador

Outros:

- ➔ Movimentam-se
- ➔ Interação
- ☞ Conversam
- ☁ Dormem



Sentados em grupos de quatro alunos realizam trabalhos de pesquisa e produção de material, uma aprendizagem ativa a qual todos se envolvem. O professor circula de grupo em grupo para mediar a aprendizagem. Esse *layout* favorece grande interação entre os alunos e proporciona mais espaços livres, aparentando que a sala é ainda maior.

6.4.3 Análise dos *Wish Poems* com os alunos do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental

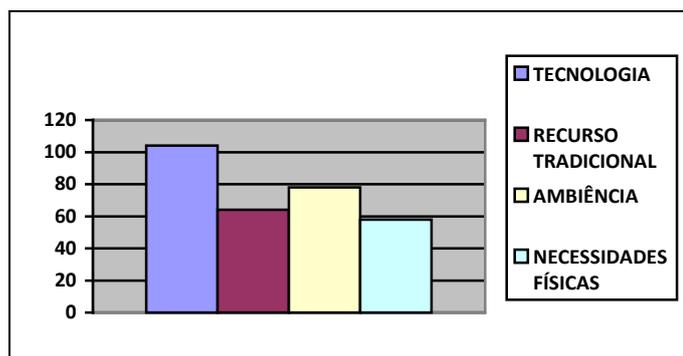
Na análise geral dos *Wish Poems*, com o intuito de verificar os desejos mais representativos nos desenhos dos alunos, notou-se que o tema Tecnologia foi o mais representado nos desenhos. Os itens que compõem esse tema são: TV, computador, *notebook*, *smartphone*, *ipad*, celular, som, multimídia. O tema representado, em segundo lugar, foi a Ambiência, que compreende: decoração, *layout*, cor, calendário, espaços maiores, relógio, instrumentos musicais, bandeiras, jogos, espaços externos, vegetação, armários. O terceiro tema mais representado foi o Recurso Tradicional, que abrange os seguintes elementos: lousa, carteiras, cadernos, apostilas, giz, apagador, professor, mesa do professor. E o quarto tema representado corresponde às Necessidades Físicas, tais como: bebedouro, geladeira, alimentos, almofadas, sofás, banheiros, ar condicionado, ventiladores. (relacionados ao bem-estar)

No desejo dos alunos, a tecnologia é a que mais se destaca nas expectativas deles, principalmente porque faz parte da geração “Z”, a geração digital. A ambiência vem em segundo, por ser por meio dela que se fortalece uma empatia entre o usuário e o ambiente, transformando o espaço em lugar. O método tradicional já está internalizado nos alunos, por se tratar de alunos das séries finais do Ensino Fundamental, pois a presença do professor, da mesa do professor, lousa, giz e de outros elementos deste contexto, já faz parte do cotidiano escolar deles. Por último estão as necessidades físicas, as quais são simbolizadas pela sede, fome, conforto, fisiologia, e que fortalecem a sensação agradável de estar e de permanecer em determinado ambiente.

TABELA 2 - *Wish Poems* (Poemas dos Desejos)

EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	<i>Wish Poems</i> – Poemas dos Desejos: “Eu desejo que minha sala de aula de Inglês seja...”	%
Tecnologia	104	34
Recurso tradicional	64	21
Ambiência	78	26
Necessidades físicas	58	19
Total	304	100

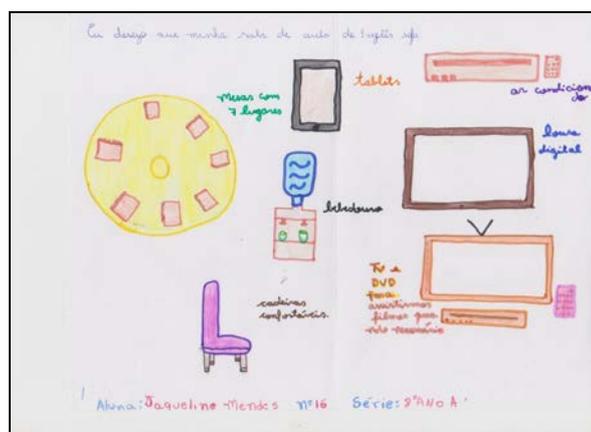
Fonte: A Autora.

GRÁFICO 1 - *Wish Poems*

Fonte: A Autora.

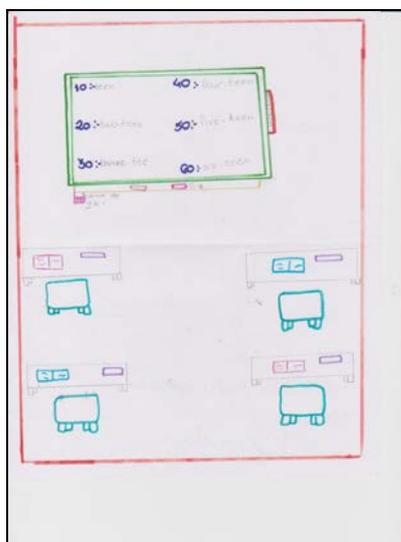
FIGURA 42 - *Wish Poems* – Ambiente: layout, decoração, cor, interação

Fonte: Desenho de alunos

FIGURA 43 - *Wish Poems* - Tecnologia (TV, *ipad*, lousa digital) e Necessidades Físicas (bebedouro, ar condicionado)

Fonte: Desenho de alunos

FIGURA 44 - *Wish Poems* – Recurso Tradicional: lousa, giz, apagador, carteiras, cadernos



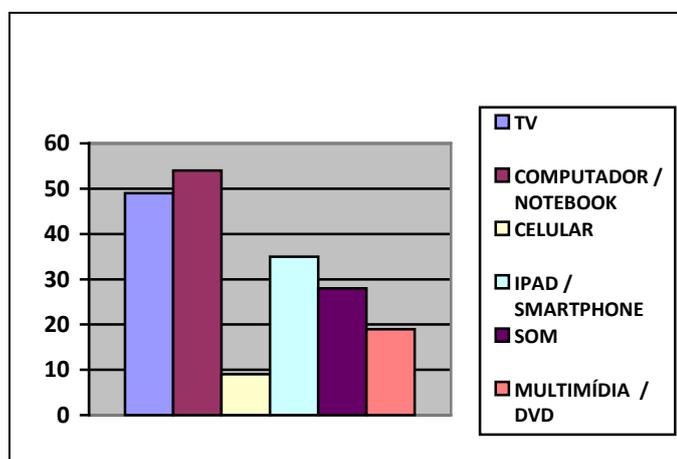
Fonte: Desenho de alunos

TABELA 3 - *Wish Poems* – Tecnologia

EE “ Antônio Marinho de Carvalho Filho”	<i>Wish Poems</i> – Poemas dos Desejos Tema: Tecnologia	%
TV	49	25
Computador / Notebook	54	27
Celular	9	5
Ipad / Smartphone	35	18
Som	28	15
Multimídia / DVD	19	10
Total	194	100

Fonte: A Autora.

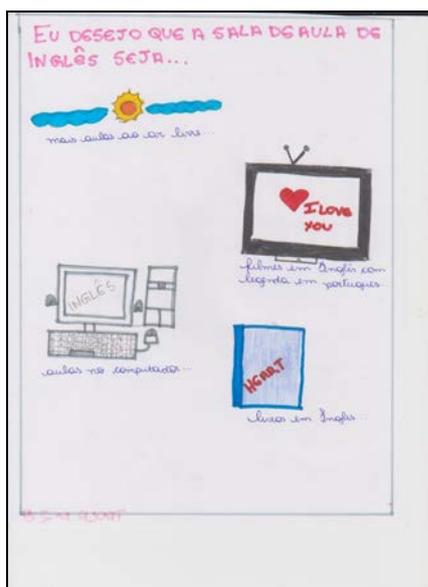
GRÁFICO 2 - *Wish Poems* – Tecnologia



Fonte: A Autora.

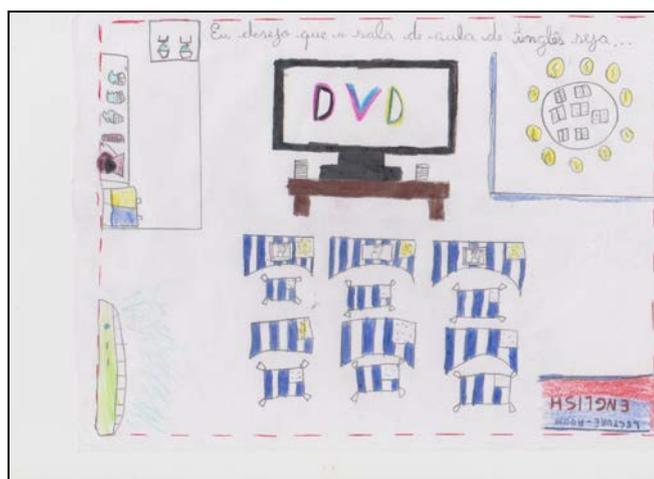
A tecnologia mais representada foi o computador (27%), seguido pela TV (25%). E a tecnologia menos representada foi o celular, com apenas 5%, isso se deve à lei que proíbe o seu uso em sala de aula. O som também teve uma representatividade maior em comparação ao multimídia.

FIGURA 45 - *Wish Poems* – Tecnologia: TV, computador, *ipad*

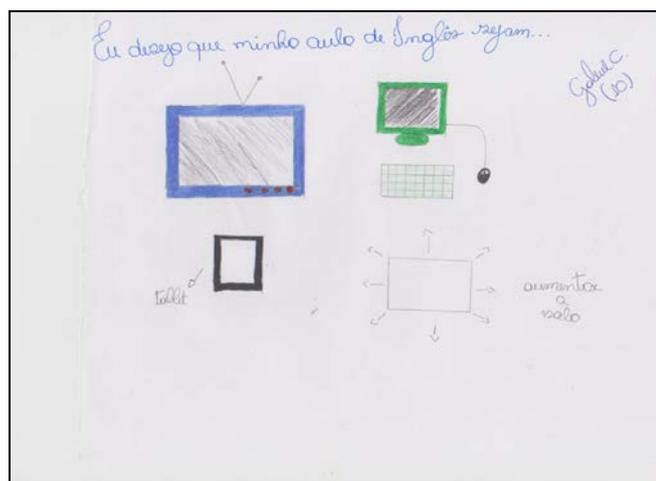


Fonte: Desenho de alunos.

FIGURA 46 - *Wish Poems* – Tecnologia: TV, DVD, som, *notebook*



Fonte: Desenho de alunos.

FIGURA 47 - *Wish Poems* – TV, computador, *ipad*

Fonte: Desenho de alunos.

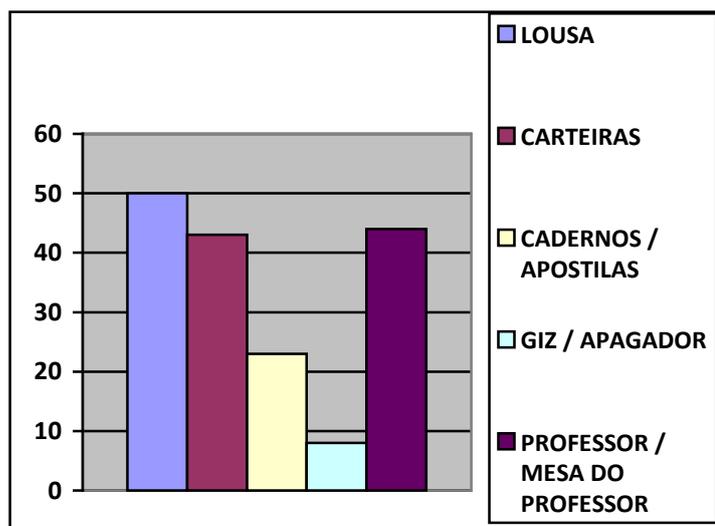
FIGURA 48 - *Wish Poems* – Tecnologia: *ipad*, notebook

Fonte: Desenho de alunos.

TABELA 4 - *Wish Poems* – Recursos Tradicionais

EE "Antônio Marinho de Carvalho Filho"	<i>Wish Poems</i> – Poemas dos Desejos Tema: Recursos Tradicionais	%
Lousa	50	30
Carteiras	43	25
Cadernos / Apostilas	23	14
Giz / Apagador	8	5
Professor / Mesa do professor	44	26
Total	168	100

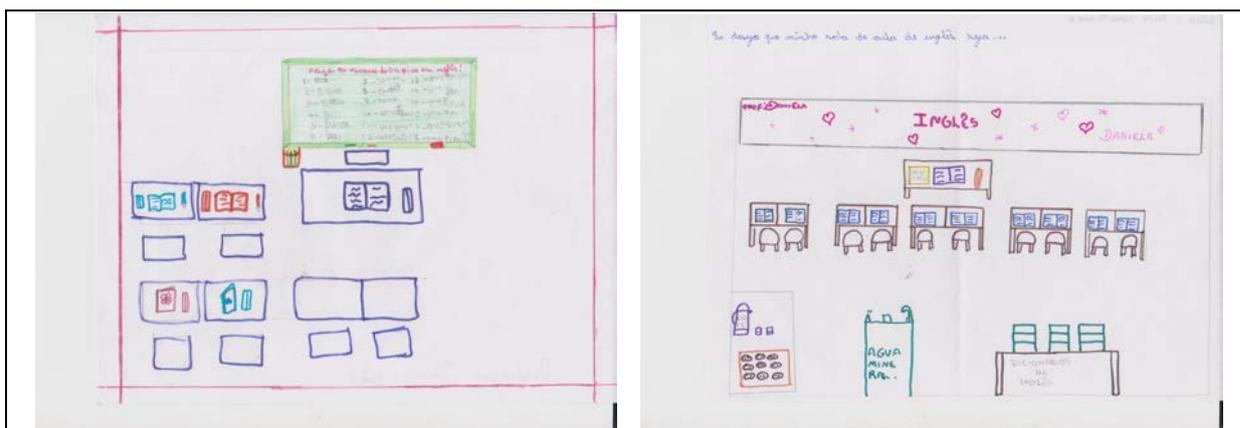
Fonte: A Autora.

GRÁFICO 3 - *Wish Poems* – Recursos Tradicionais

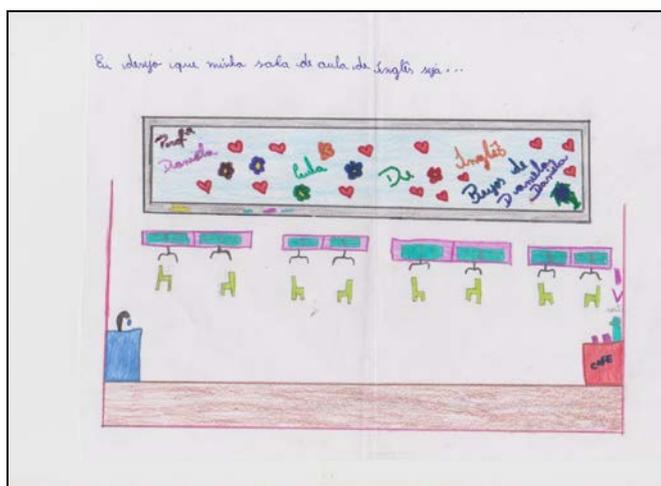
Fonte: Autora

A lousa foi o item mais representado pelos alunos, item quase que essencial. Depois, praticamente empatados, estiveram a mesa do professor, o professor e as carteiras; em seguida, as apostilas e cadernos e, por último, o giz e o apagador.

FIGURA 49 - *Wish Poems* – Recursos Tradicionais: lousa, cadernos, apostilas, giz, carteiras



Fonte: Desenhos de alunos.

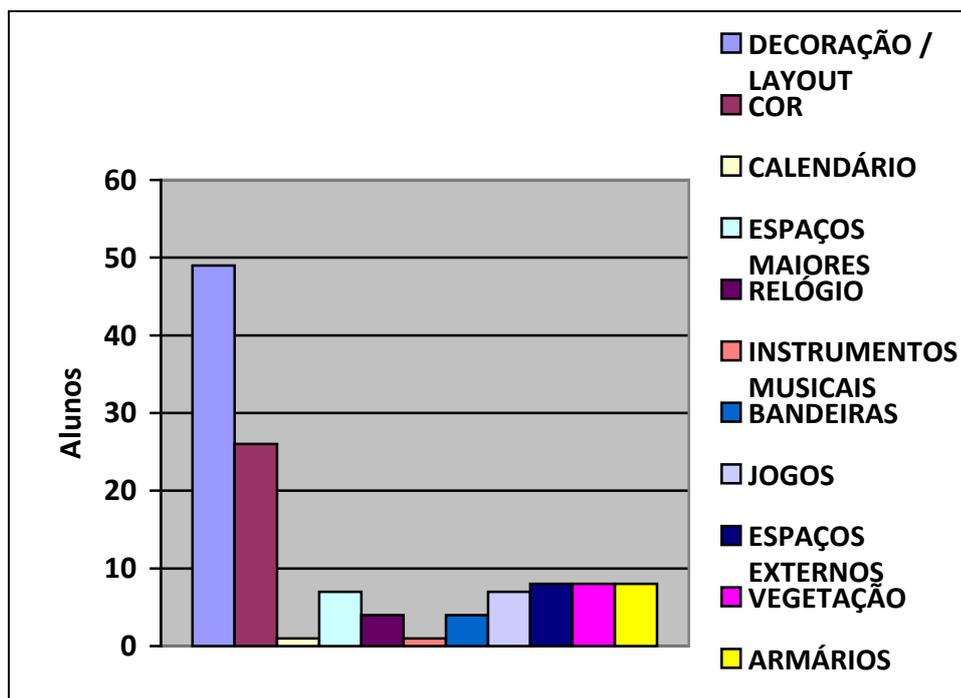
FIGURA 50 - *Wish Poems* – Recursos Tradicionais: lousa, carteiras, cadernos

Fonte: Desenho de alunos.

TABELA 5 - *Wish Poems* - Ambiência

EE “ Antônio Marinho de Carvalho Filho”	<i>Wish Poems</i> – Poemas dos Desejos Tema: Ambiência	%
Decoração / Layout	49	40
Cor	26	21
Calendário	1	1
Espaços maiores	7	6
Relógio	4	7
Instrumentos musicais	1	1
Bandeiras	4	7
Jogos	7	6
Espaços externos	8	6
Vegetação	8	6
Armários	8	6
Total	123	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 4 - *Wish Poems* – Ambiência

Fonte: Autora.

Os itens de ambiência mais representados foram a decoração e o *layout* da sala e, em seguida, a cor, o restante não ultrapassou o índice de 7%.

FIGURA 51 - *Wish Poems* – Ambiência: cor, decoração, bandeiras, vegetação

Fonte: Desenhos de alunos

FIGURA 52 - *Wish Poems* – Ambiências: cor, *layout*, decoração, bandeiras

Fonte: Desenhos de alunos.

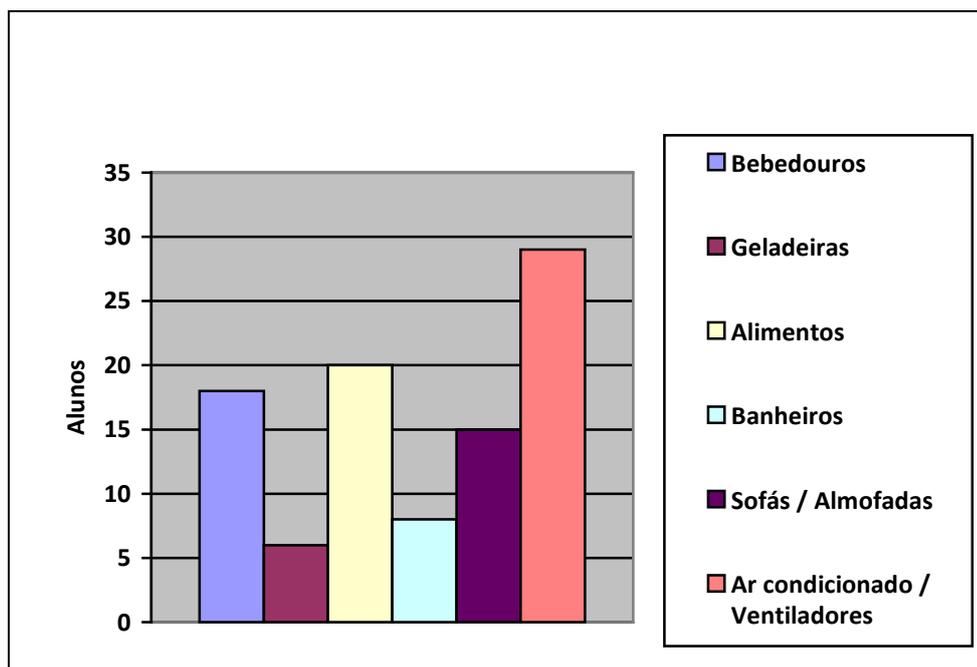
FIGURA 53 - *Wish Poems* – Ambiências: cor, *layout*, bandeira, decoração

Fonte: Desenhos de alunos.

TABELA 6 - *Wish Poems* – Necessidades Físicas

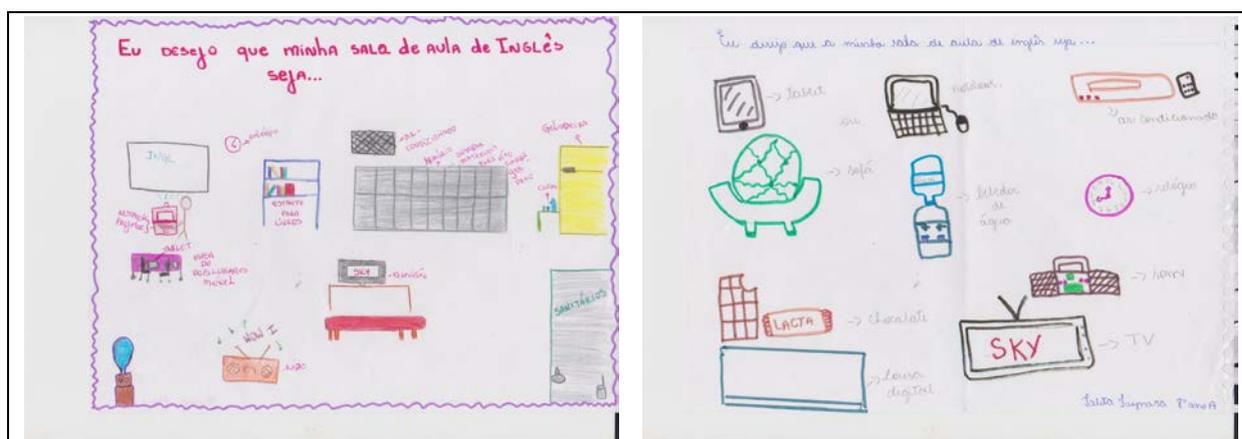
EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”	<i>Wish Poems</i> – Poemas dos Desejos Tema: Necessidades Físicas	%
Bebedouros	18	19
Geladeiras	6	7
Alimentos	20	20
Banheiros	8	8
Sofás / Almofadas	15	16
Ar condicionado / Ventiladores	29	30
Total	96	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 5 - *Wish Poems* – Necessidades Físicas

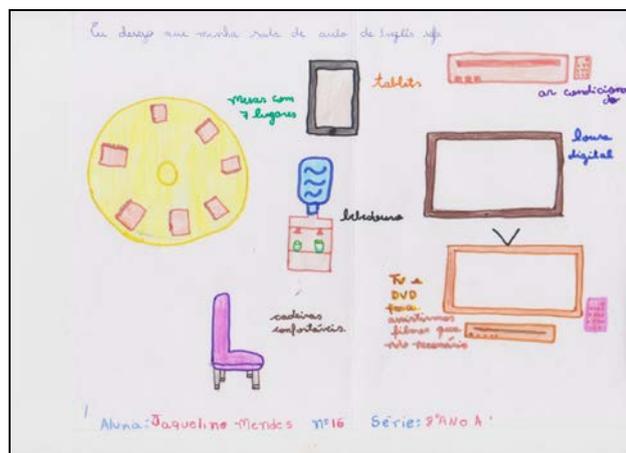
Fonte: A Autora.

Em primeiro lugar ficaram o ar condicionado e os ventiladores, por causa do calor da região; em seguida os alimentos, algo que normalmente não é permitido em sala de aula, depois, bebedouros, assentos confortáveis, banheiros e até geladeira.

FIGURA 54 - *Wish Poems* – Necessidades Físicas: ar condicionado, bebedouro, geladeira, alimentos

Fonte: Desenhos de alunos.

FIGURA 55 - *Wish Poems* - Necessidades Físicas: ar condicionado, bebedouro, poltrona



Fonte: Desenho de alunos.

6.4.4 Análise do questionário e da seleção visual (Apêndices A e B)

6.4.4.1 Análise do questionário aplicado aos discentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (Apêndice A)

O questionário de perguntas fechadas de múltipla escolha foi aplicado aos alunos, conforme mencionado anteriormente, foram 62 respondentes e todos entregaram, havendo assim, 100% de devolução. A análise contou com tabelas e gráficos para acentuar as respostas com os maiores índices. O questionário foi um meio importante para visualizar a percepção dos alunos em relação à sala de aula e ao ensino e aprendizagem na disciplina de Inglês.

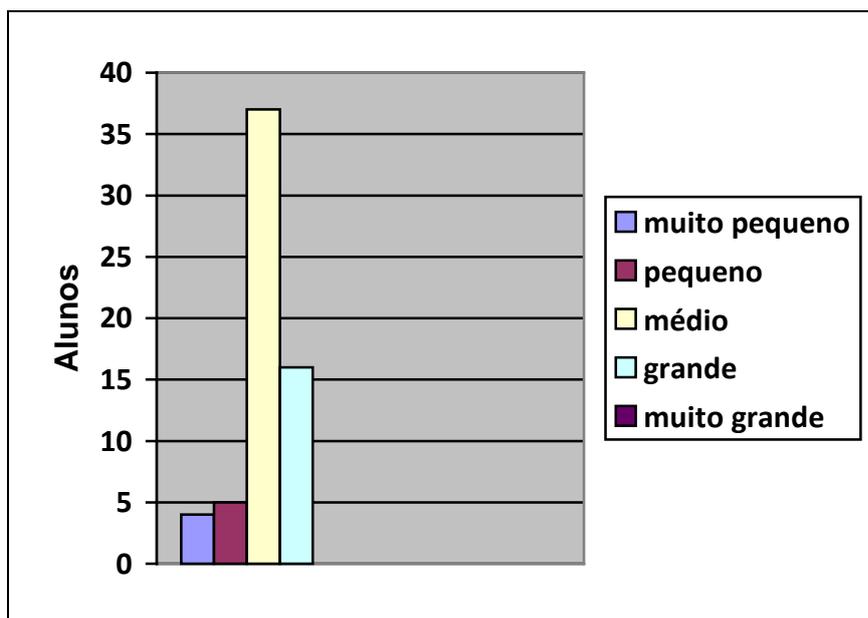
6.4.4.1.1 Questões baseadas na percepção e significado (O que vocês veem nos ambientes?)

TABELA 7 - Tamanho da Sala de aula

1 - O tamanho da sala é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito pequeno	4	15
Pequeno	5	12,4
Médio	37	59,6
Grande	16	25,8
Muito grande	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 6 - Tamanho da Sala de aula



Fonte: A Autora.

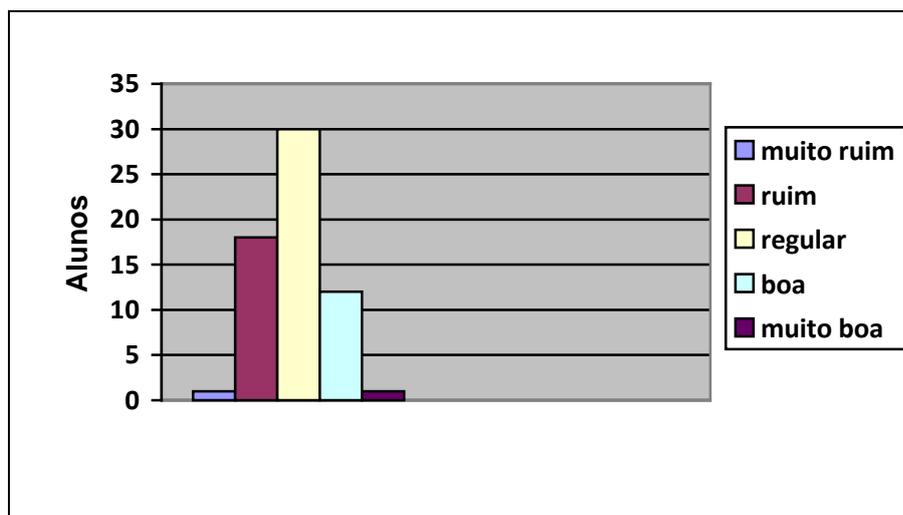
Em relação ao tamanho da Sala de aula, verificou-se que, dos 62 alunos participantes da pesquisa, 37 (59%) consideraram que as salas apresentam um tamanho médio, cuja dimensão é de 6,5m x 8,0m, uma área de 52m². Desta forma, conclui-se que a dimensão da sala é satisfatória e suficiente para que haja um processo de ensino e aprendizagem.

TABELA 8 - Aparência da Sala de aula

2 - O aparência da Sala de aula é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	1	1,61
Ruim	18	29
Regular	30	48,3
Boa	12	19,3
Muito boa	1	1,61
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 7 - Aparência da Sala de aula



Fonte: A Autora.

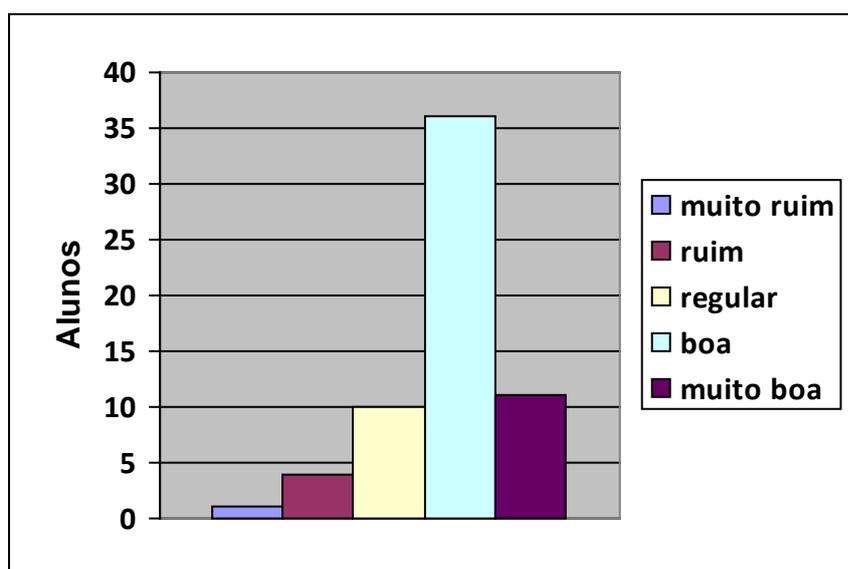
A aparência da Sala de aula foi considerada por 48,3% dos alunos como regular, havendo, assim, quesitos que precisam ser modificados para torná-la um espaço mais agradável e eficaz para o processo de ensino e aprendizagem.

TABELA 9 - Quantidade e tamanho das janelas na sala de aula

3 - A quantidade e o tamanho das janelas na Sala de aula:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	1	1,61
Ruim	4	6,45
Regular	10	16,1
Boa	36	58
Muito boa	11	17,7
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 8 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de aula



Fonte: A Autora.

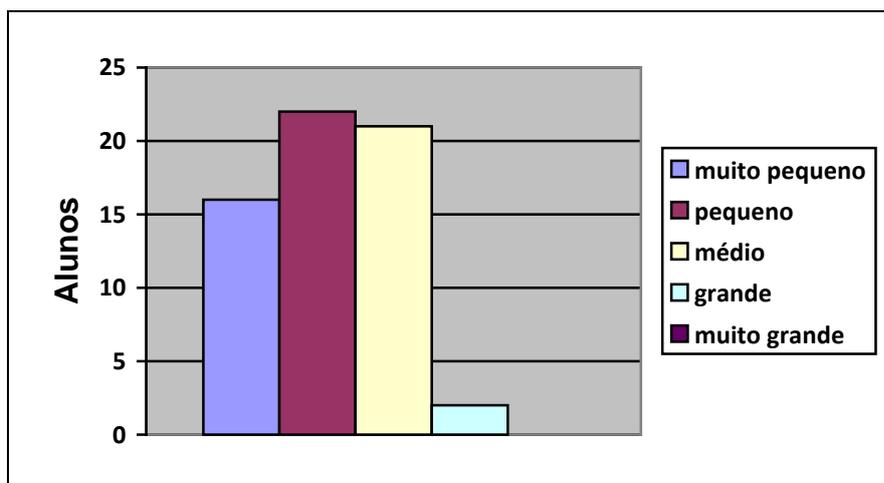
No tocante à quantidade de janelas e ao tamanho delas, 58% dos alunos as consideraram boas, por causa da esquadria em estrutura metálica e vidro ocuparem quase toda a parede voltada para o Leste, além de passar boa claridade em virtude do uso do vidro, a locação delas ao Leste proporciona a incidência do sol da manhã.

TABELA 10 - Tamanho da Biblioteca

4 - O tamanho da Biblioteca é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito pequeno	16	25,8
Pequeno	22	35,4
Médio	21	33,8
Grande	2	3,22
Muito grande	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 9 - Tamanho da Biblioteca



Fonte: A Autora.

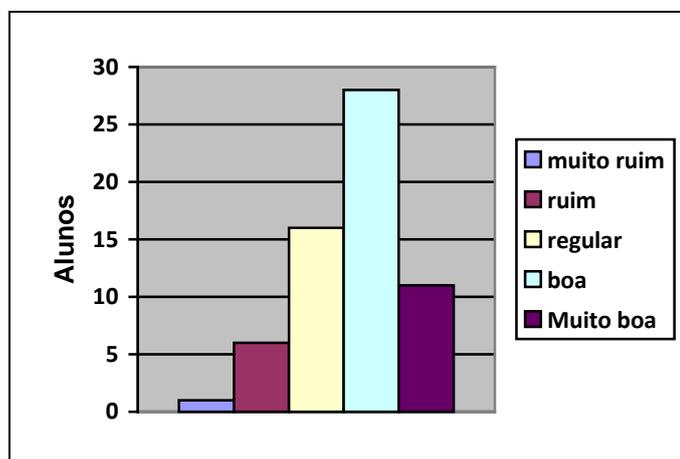
Já o tamanho da Biblioteca foi considerado pequeno por 35,4% dos alunos e muito pequeno por 25,8% deles. Desta forma, nota-se que este espaço deve ser repensado, talvez até mesmo reprojeto para que suas funções sejam cumpridas.

TABELA 11 - Aparência da Biblioteca

5 – A aparência da Biblioteca é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	1	1,61
Ruim	6	9,67
Regular	16	25,8
Boa	28	45,1
Muito boa	11	17,7
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 10 - Aparência da Biblioteca



Fonte: A Autora.

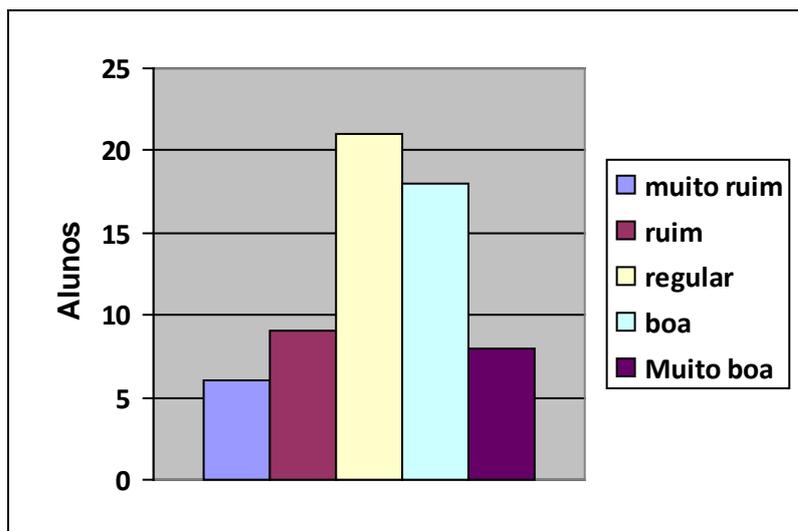
A aparência da Biblioteca foi considerada boa por 45,1% dos alunos, pois há uma boa organização dos livros expostos nas estantes, todos em ordem e os alunos podem manuseá-los com facilidade.

TABELA 12 - Quantidade e tamanho das janelas na Biblioteca

6 – A quantidade e o tamanho das janelas na Biblioteca:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	6	9,67
Ruim	9	14,5
Regular	21	33,8
Boa	18	29
Muito boa	8	12,9
Total	62	100

Fonte: Autora.

GRÁFICO 11 - Quantidade e tamanho das janelas na Biblioteca



Fonte: A Autora.

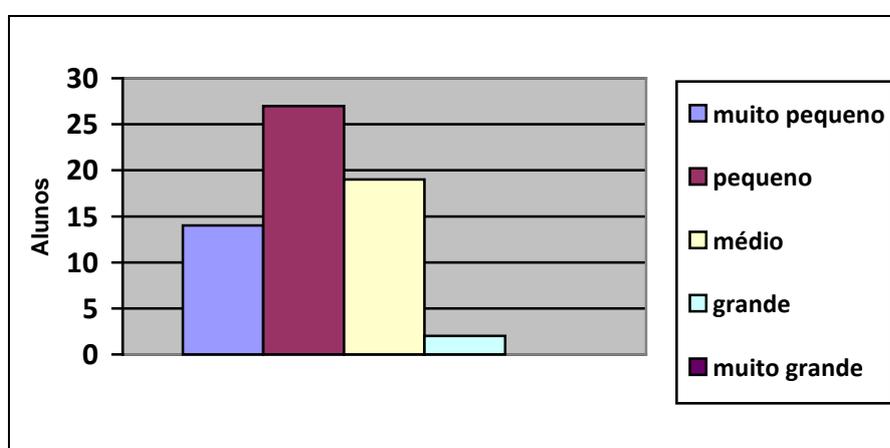
As janelas da Biblioteca ocupam toda a parede frontal, proporcionando uma boa iluminação, porém, como a sala possui um espaço insuficiente para a função de uma biblioteca, as estantes estão encostadas nas janelas, obstruindo toda a iluminação natural e impedindo que as janelas sejam abertas.

TABELA 13 - Tamanho do Laboratório de Informática

7 - O tamanho do Laboratório de Informática é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito pequeno	14	22,5
Pequeno	27	43,5
Médio	19	30,6
Grande	2	3,22
Muito grande	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 12 - Tamanho do Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

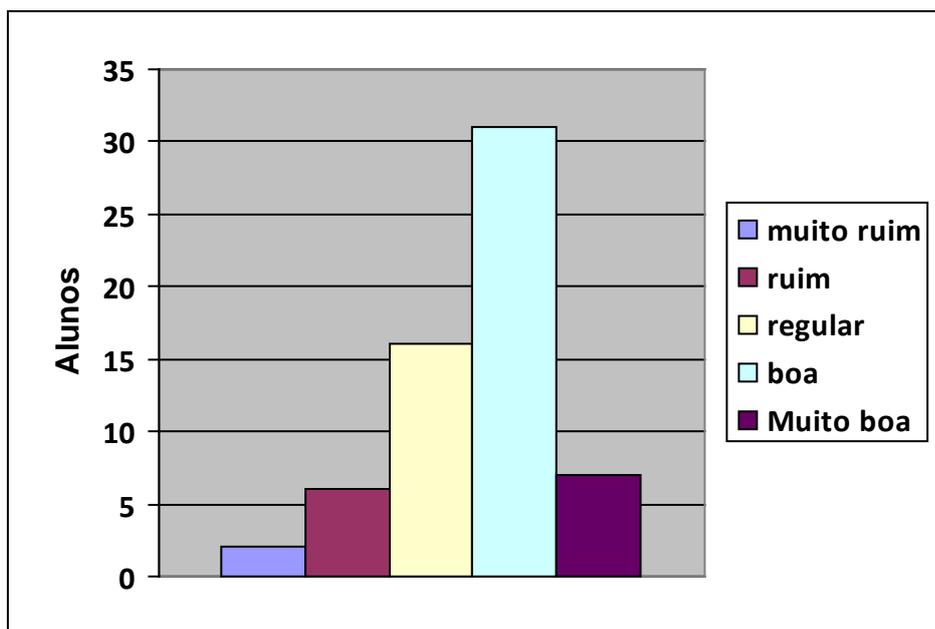
O tamanho do Laboratório ou Sala de Informática é insuficiente para comportar pelo menos 20 computadores, que seria o número mínimo para uso de uma única sala com 35 alunos. Atualmente, estão locados apenas oito computadores, portanto, deve ser relocado para outro ambiente, uma vez que não há outra forma de adaptação nesse mesmo espaço. Assim, foi considerado um ambiente pequeno por 43,5% dos respondentes.

TABELA 14 - Aparência do Laboratório de Informática

8 – A aparência do Laboratório de Informática é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	2	3,22
Ruim	6	9,67
Regular	16	25,8
Boa	31	50
Muito boa	7	11,2
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 13 - Aparência do Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

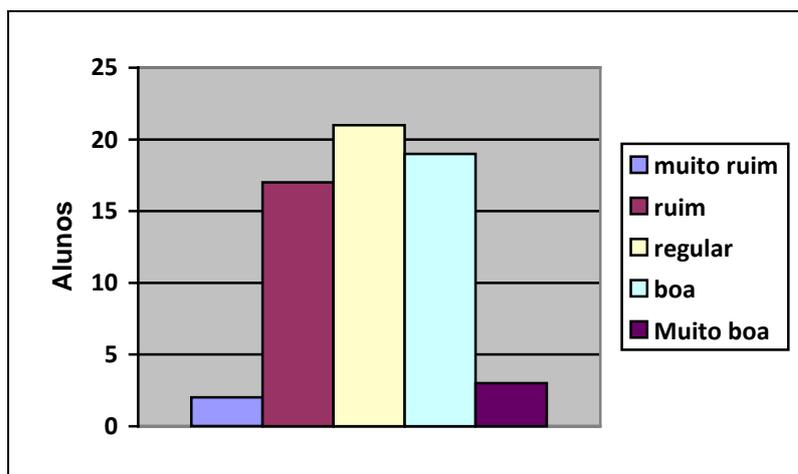
A aparência do Laboratório de Informática foi considerada boa por 50% dos alunos, pois, apesar de ser pequeno, possui uma mobília adequada, é bem ventilado e com uma excelente iluminação natural.

TABELA 15 - Quantidade e tamanho das janelas do Laboratório de informática

9 – A quantidade e tamanho das janelas no Laboratório de Informática:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	2	3,22
Ruim	17	27,4
Regular	21	33,8
Boa	19	30,6
Muito boa	3	4,83
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 14 - Quantidade das janelas no Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

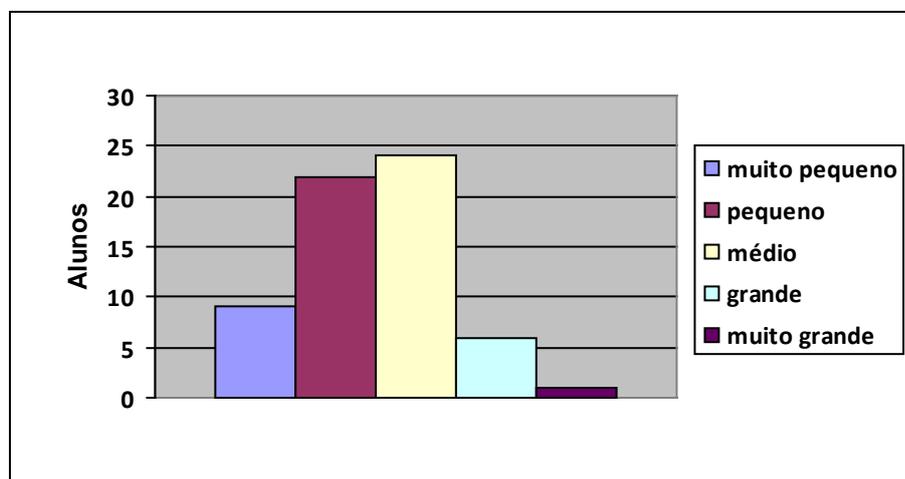
A quantidade das janelas do Laboratório de Informática foi considerada regular por 33,8% dos alunos e boa por 30,6%, são elas que proporcionam uma boa iluminação natural e uma boa ventilação nesse ambiente.

TABELA 16 - Tamanho da Sala de Leitura

10 – O tamanho da Sala de Leitura é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito pequeno	9	14,5
Pequeno	22	35,4
Médio	24	38,4
Grande	6	9,6
Muito grande	1	1,61
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 15 - Tamanho da Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

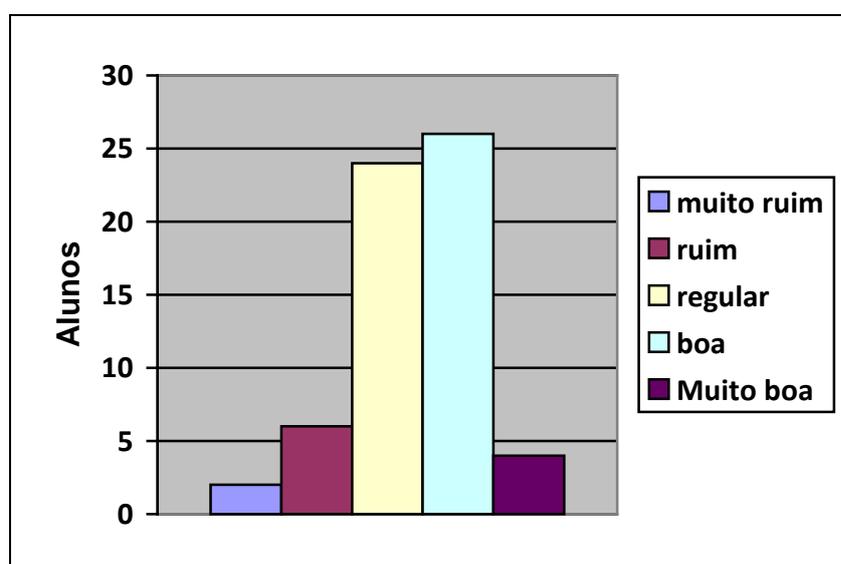
A Sala de Leitura ocupa um espaço de circulação entre a área externa e a área interna da escola, assim, está locada em um espaço improvisado, apesar de ter sido considerada de tamanho médio por 38,4% dos alunos e pequeno por 35,4%, não está em um ambiente adequado e sim num espaço que serviria apenas para vivência.

TABELA 17 - Aparência da Sala de Leitura

11 – A aparência da Sala de Leitura é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	2	3,22
Ruim	6	9,67
Regular	24	38,7
Boa	26	41,9
Muito boa	4	6,45
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 16 - Aparência da Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

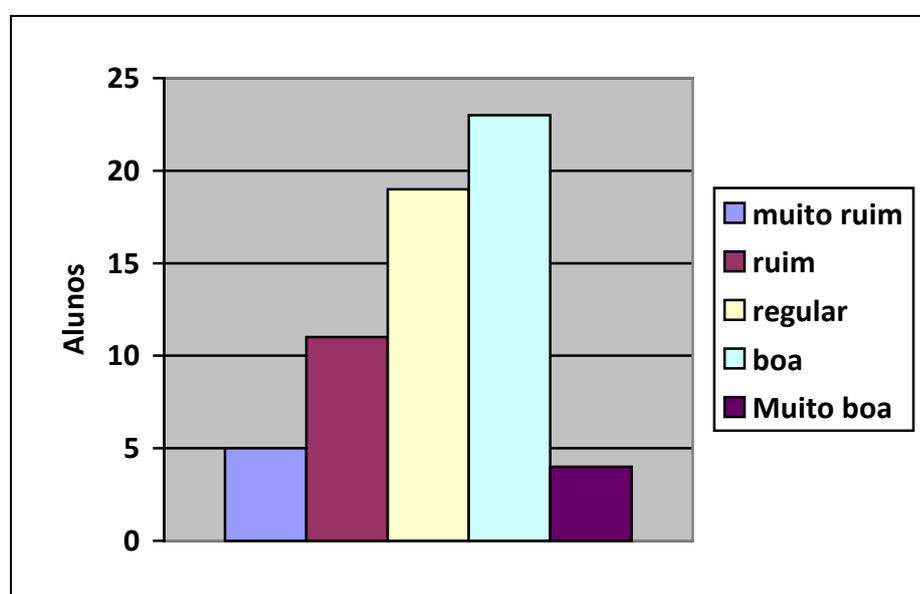
A aparência foi considerada boa por 41,9% e regular por 38,7%, apesar de estar locada em local de trânsito externo e interno, é esse detalhe que também favorece sua aparência, pois tem uma porta toda de vidro que proporciona claridade e visibilidade da área externa, integrando o espaço interno e o externo, favorecendo a permanência das pessoas e a sensação de amplidão.

TABELA 18 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Leitura

12 – A quantidade e o tamanho das janelas na Sala de Leitura:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	5	8,06
Ruim	11	17,7
Regular	19	30,6
Boa	23	37
Muito boa	4	6,45
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 17 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

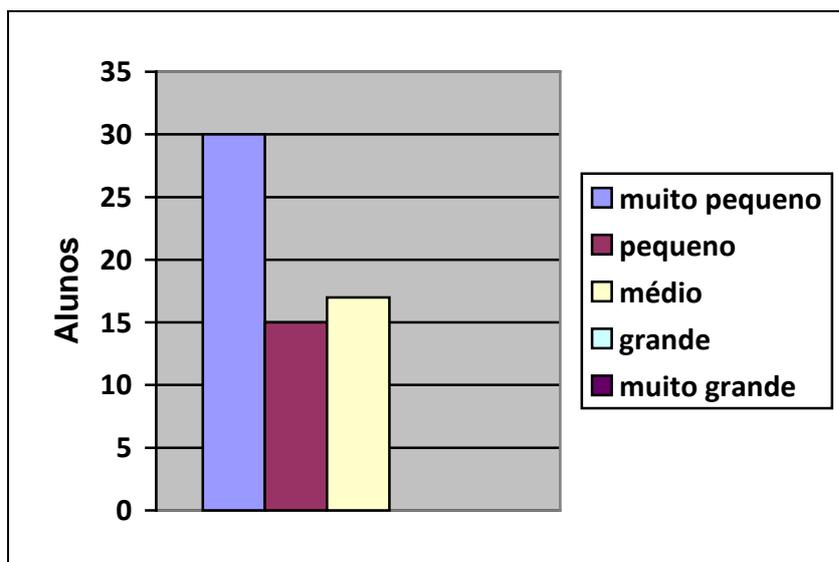
Não há janelas na Sala de Leitura e sim uma grande porta de estrutura metálica e vidro, logo, apresenta boa claridade, mas a sala só é bem ventilada quando a porta está aberta. Assim, 37% dos alunos consideraram-na boa e 30,6% regular.

TABELA 19 - Tamanho da Sala de Vídeo

13 – O tamanho da Sala de Vídeo é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito pequeno	30	48,3
Pequeno	15	24,1
Médio	17	27,4
Grande	0	0
Muito grande	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 18 - Tamanho da Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

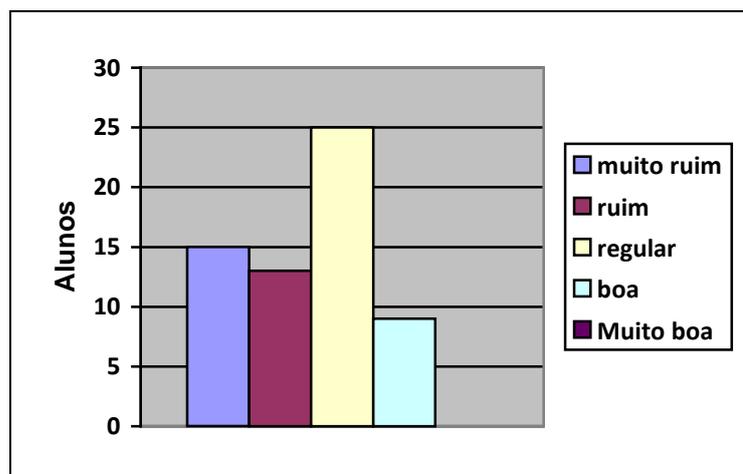
De todos os ambientes, o mais precário é a Sala de Vídeo, pois apresenta vários problemas. Como está locada no Bloco complementar, o qual foi construído sem um projeto específico e sem uma estrutura adequada, a técnica-construtiva e a estética-compositiva utilizada são bem diferenciadas de todas as adotadas nos demais blocos. Por esta razão, 48,3% dos alunos consideraram o espaço pequeno, impossibilitando uma adequação para a função à qual se propõe.

TABELA 20 - Aparência da Sala de Vídeo

14 – A aparência da Sala de Vídeo é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	15	24,1
Ruim	13	20,9
Regular	25	40
Boa	9	14,5
Muito boa	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 19 - Aparência da Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

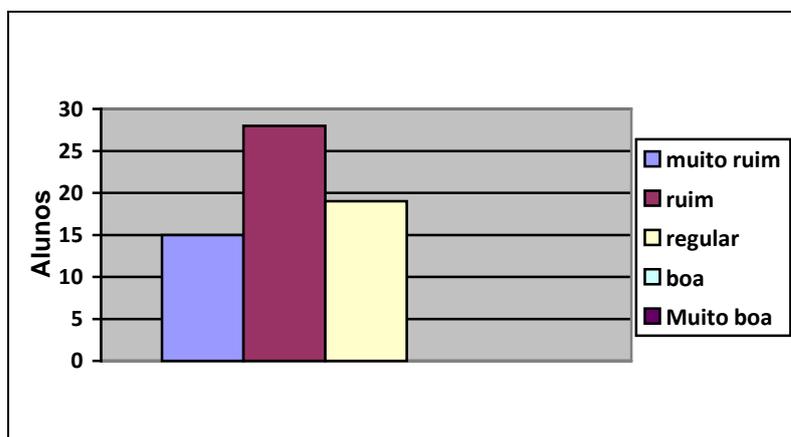
A aparência da Sala de Vídeo foi considerada regular por 40% dos alunos, muito ruim por 24,1% e ruim por 20,9%, confirmando a falta de um projeto específico para esse ambiente.

TABELA 21 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Vídeo

15 – A quantidade e o tamanho das janelas na Sala de Vídeo:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	15	24,1
Ruim	28	45,1
Regular	19	30,6
Boa	0	0
Muito boa	0	0
Total	62	100

Fonte: Autora

GRÁFICO 20 - Quantidade e tamanho das janelas na Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

A quantidade e o tamanho das janelas também foram prejudicados em razão da falta de um projeto específico, pois além de serem pequenas e estarem muito altas são vitrôs, nos quais a abertura é limitada. Assim, 45,1% dos alunos consideraram-nas ruins.

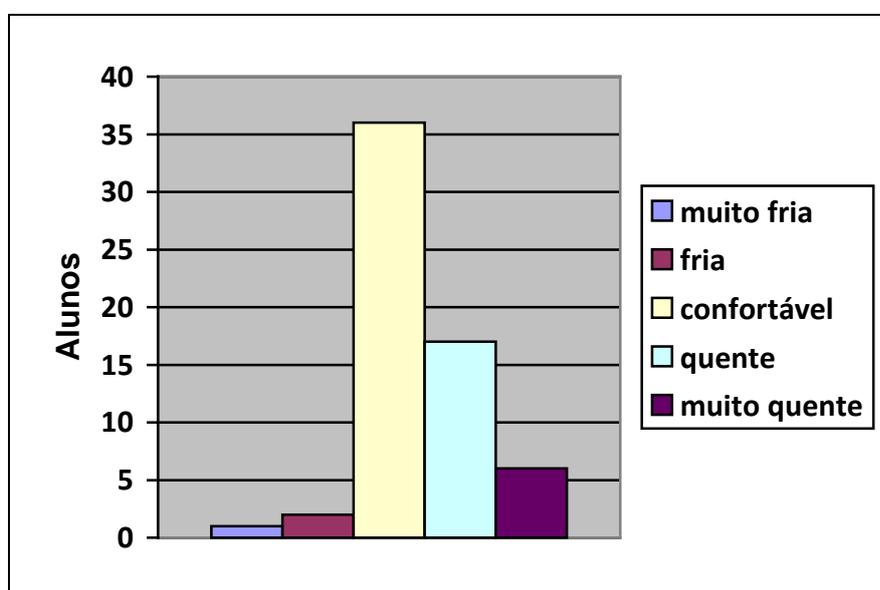
6.4.4.1.2 Questões baseadas em opinião e valores (O que vocês sentem em relação aos ambientes?)

TABELA 22 - Temperatura de conforto da Sala de aula

1 – A temperatura de conforto da Sala de aula é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito fria	1	1,61
Fria	2	3,22
Confortável	36	58
Quente	17	44
Muito quente	6	9,67
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 21 - Temperatura de conforto da Sala de aula



Fonte: A Autora.

A temperatura da Sala de aula foi considerada por 58% dos alunos como confortável, e como quente por 44% deles. Percebe-se que o uso dos dois ventiladores, um na parede da frente sobre a lousa e o outro locado na parede dos

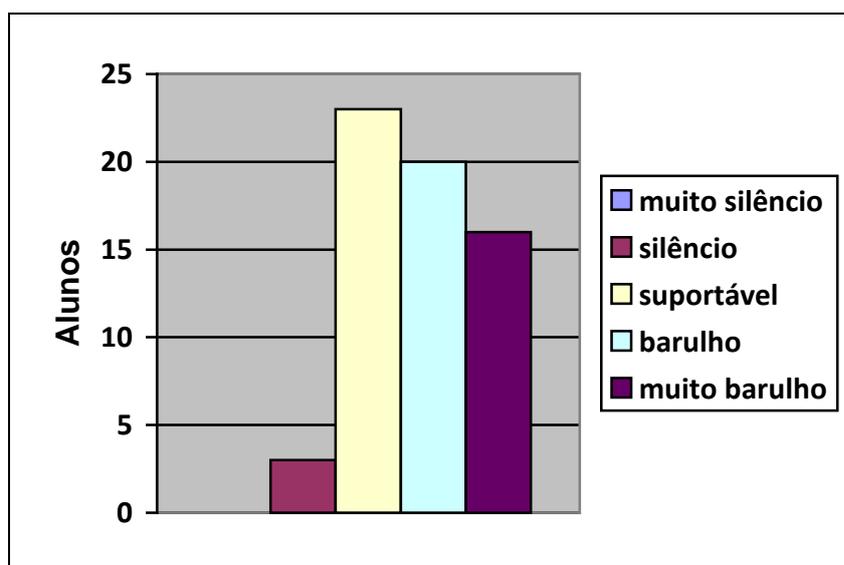
fundos, ameniza o calor dentro da sala, sobretudo para quem se senta próximo a eles, mas, não elimina a questão do calor sentido nesse ambiente em dias quentes.

TABELA 23 - Nível de ruído da Sala de aula

2 – O nível de ruído da Sala é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito silêncio	0	0
Silêncio	3	4,83
Suportável	23	37
Barulho	20	32,2
Muito barulho	16	25,8
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 22 - Nível de ruído da Sala de aula



Fonte: A Autora.

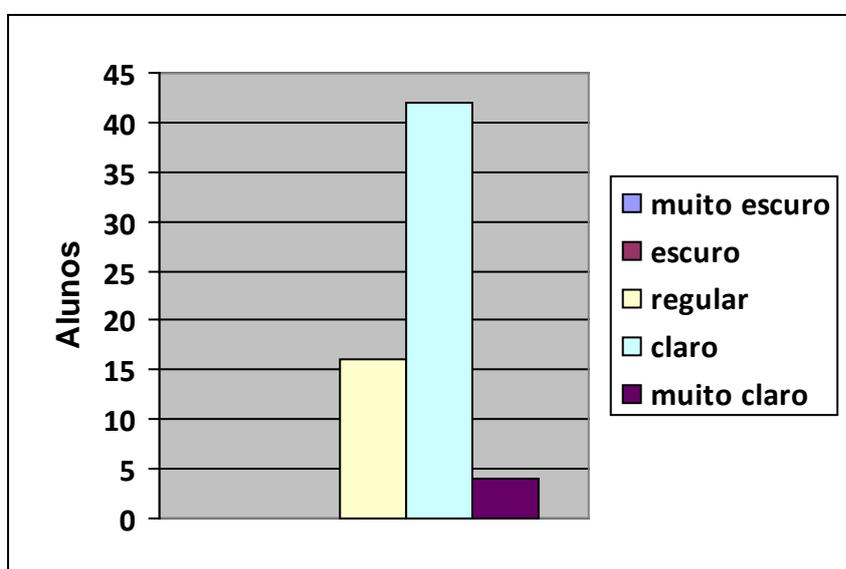
O nível de ruído da Sala de aula foi considerado suportável por 37% dos alunos, ao passo que 32,2% indicaram que há barulho e outros 25,8% consideraram com muito barulho. O motivo principal é que as salas ficam uma ao lado da outra, ligadas por um único corredor, o qual é fechado, apenas com janelas bem altas e, por causa do tempo da construção, já não abrem tão bem. Assim, o som de todas as salas centraliza-se ali e o barulho se propaga por todo o corredor. Além desse problema, as salas do Bloco II ficam ao lado da quadra coberta, que sempre está sendo usada e o som do térreo sobe tanto para o segundo piso quanto para o terceiro, prejudicando ainda mais a questão do conforto acústico das salas.

TABELA 24 - Nível de iluminação na Sala de aula

3 – O nível de iluminação na Sala de aula é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito escuro	0	0
Escuro	0	0
Regular	16	25,8
Claro	42	67,7
Muito claro	4	6,45
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 23 – Nível de iluminação na Sala de aula



Fonte: A Autora.

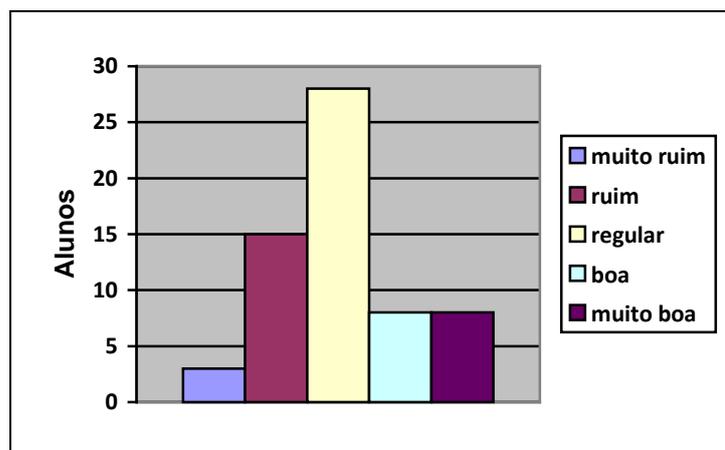
Em relação à iluminação, 67,7% dos alunos consideraram-na clara, em virtude da grande dimensão da janela de esquadria metálica e vidro, possibilitando uma boa claridade natural.

TABELA 25 - Ventilação e qualidade do ar na Sala de aula

4 – A ventilação e a qualidade do ar na Sala de aula é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	3	4,83
Ruim	15	24,1
Regular	28	45,1
Boa	8	12,9
Muito boa	8	12,9
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 24 - Ventilação e qualidade do ar na Sala de aula



Fonte: A Autora.

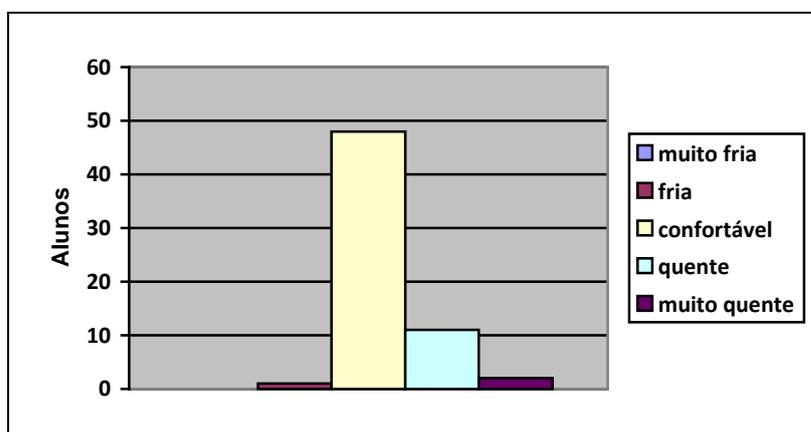
A ventilação e a qualidade do ar na sala de aula foram consideradas regulares por 45,1% dos alunos e ruim por 24,1%, exclusivamente por causa de problemas com a abertura das esquadrias que não proporcionam uma boa ventilação e circulação do ar.

TABELA 26- Temperatura de conforto da Biblioteca

5 – A temperatura de conforto da Biblioteca é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito fria	0	0
Fria	1	1,61
Confortável	48	77,4
Quente	11	17,4
Muito quente	2	3,22
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 25 - Temperatura de conforto da Biblioteca



Fonte: A Autora.

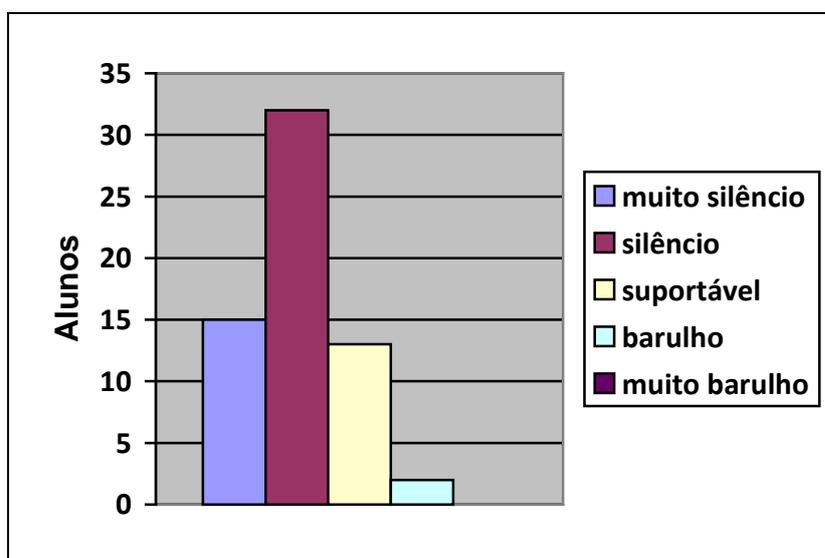
Apesar do problema relacionado à dimensão da Biblioteca, a temperatura dela foi considerada por 77,4% dos alunos como confortável, porém, em virtude da limitação espacial, ela não é um local de permanência e sim de aquisição e entrega de livros, não possibilitando a sensação térmica por um tempo maior.

TABELA 27 - Nível de ruído da Biblioteca

6 – O nível de ruído da biblioteca é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito silêncio	15	24,1
Silêncio	32	51,6
Suportável	13	20,9
Barulho	2	3,22
Muito barulho	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 26 - Nível de ruído da Biblioteca



Fonte: A Autora.

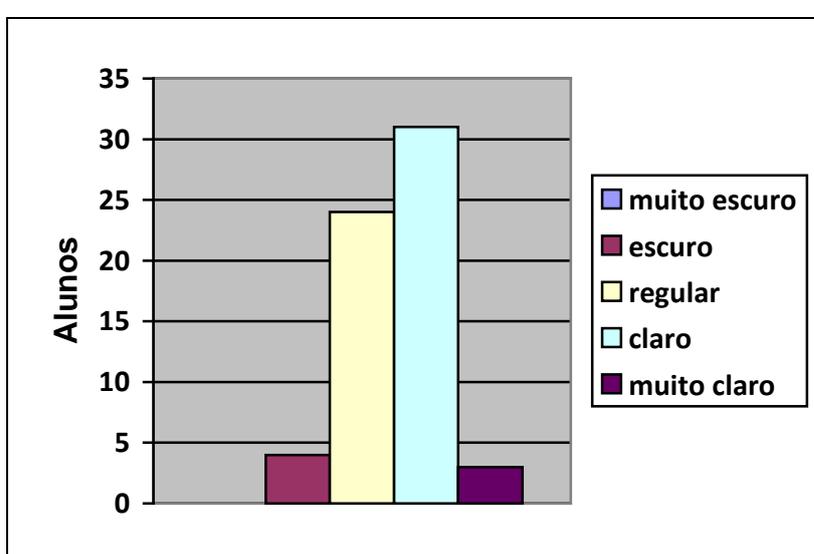
O nível de barulho foi considerado silencioso por 51,6% dos alunos, em razão do quesito da pouca permanência nesse ambiente.

TABELA 28 - Nível de iluminação na Biblioteca

7 – O nível de iluminação na Biblioteca é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito escuro	0	0
Escuro	4	6,45
Regular	24	38,4
Claro	31	50
Muito claro	3	4,83
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 27 - Nível de iluminação na Biblioteca



Fonte: A Autora.

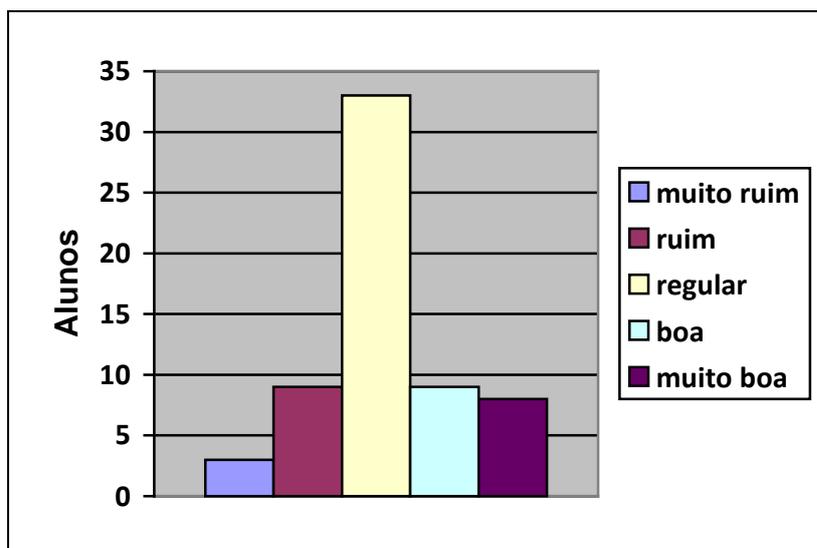
O nível de iluminação da Biblioteca foi considerado claro por 50% dos alunos e regular por 38,4%, isso se justifica em razão da grande dimensão da esquadria metálica e vidro, mas por causa das estantes a iluminação é vedada.

TABELA 29 - Ventilação e a qualidade do ar na Biblioteca

8 – A ventilação e a qualidade do ar na Biblioteca:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	3	4,83
Ruim	9	14,5
Regular	33	53,2
Boa	9	14,5
Muito boa	8	12,9
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 28 - Ventilação do ar na Biblioteca



Fonte: A Autora.

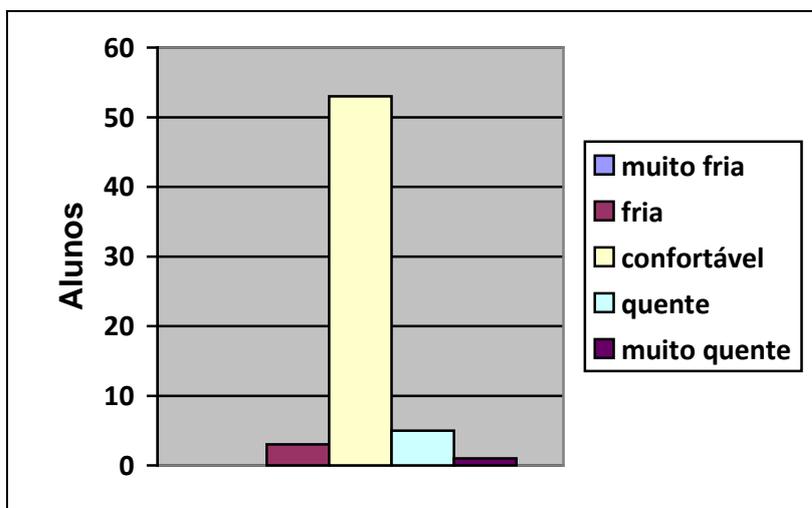
A ventilação e a qualidade do ar na Biblioteca foram consideradas regulares por 53,2% dos alunos. Verificou-se um empate entre ruim e boa com 14,5% para as ambas opções. Esse resultados mostra a confusão nas sensações em se deparar com uma grande área de vidro, a visibilidade de fora e claridade vinda de lá com a questão da troca de ar entre o exterior e o interior.

TABELA 30 - Temperatura de conforto do Laboratório de Informática

9 – A temperatura de conforto do Laboratório de Informática é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito fria	0	0
Fria	3	4,83
Confortável	53	85,4
Quente	5	8
Muito quente	1	1,61
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 29 - Temperatura de conforto do Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

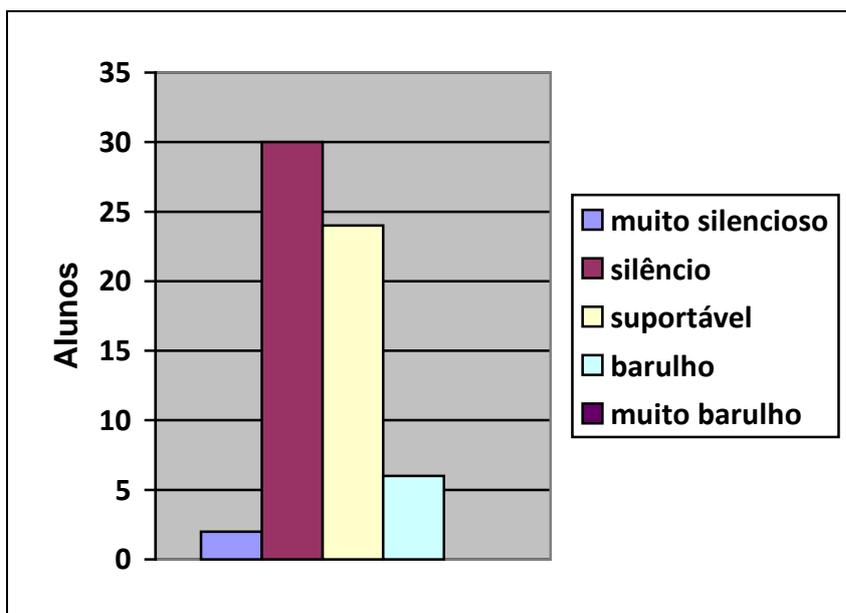
A temperatura do Laboratório de Informática foi considerada confortável por 85,4% dos alunos, em virtude da grande abertura das janelas, possibilitando uma excelente troca do ar externo e interno.

TABELA 31 - Nível de ruído no Laboratório de Informática

10 – O nível de ruído no Laboratório de Informática é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito silencioso	2	3,22
Silêncio	30	48,3
Suportável	24	38,7
Barulho	6	9,67
Muito barulho	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 30 - Nível de ruído no Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

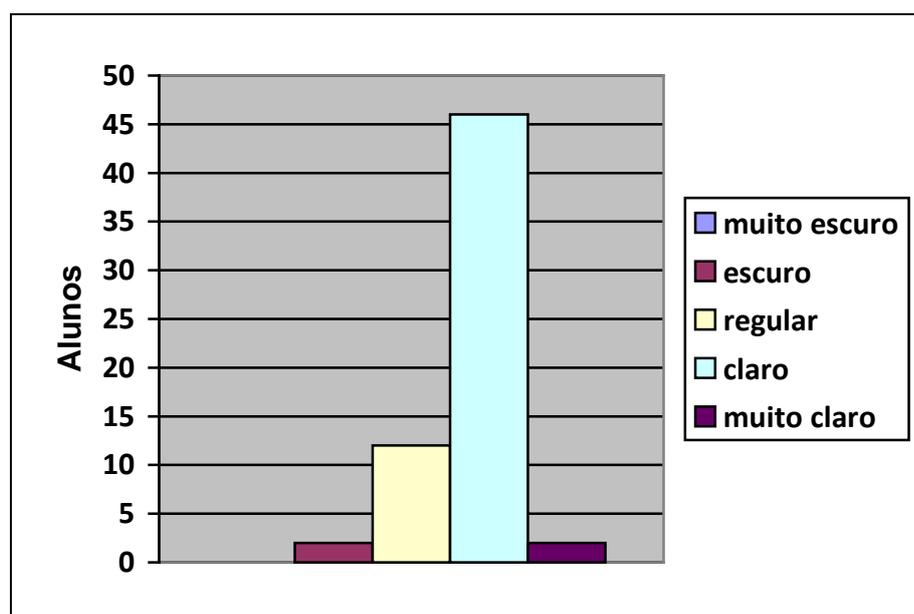
O Laboratório de Informática foi considerado um local silencioso por 48,3% dos respondentes, apesar de estar localizada ao lado da quadra de esportes, a sala fica no térreo, tornando o barulho menor, uma vez que o som sobe.

TABELA 32 - Nível de iluminação no Laboratório de Informática

11 – O nível de iluminação no Laboratório de Informática é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito escuro	0	0
Escuro	2	3,22
Regular	12	19,3
Claro	46	74,1
Muito claro	2	3,22
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 31 - Nível de iluminação no Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

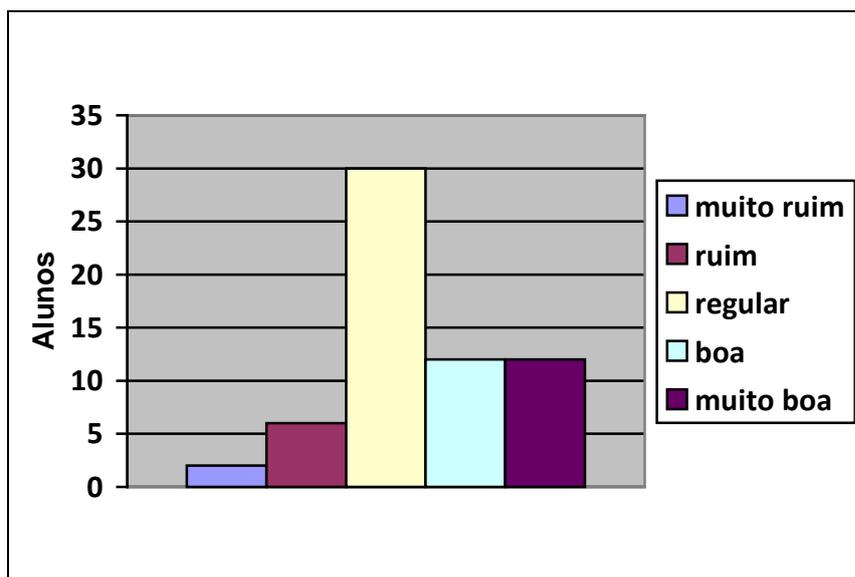
As grandes janelas produzidas em estrutura metálica e um amplo pano de vidro propiciam a luminosidade natural dentro da sala. Por esta razão, 74,1% consideraram a sala clara.

TABELA 33 - Ventilação e a qualidade do ar no laboratório de informática

12 – A ventilação e a qualidade do ar no Laboratório de Informática é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	2	3,22
Ruim	6	9,67
Regular	30	48,3
Boa	12	19,35
Muito boa	12	19,35
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 32 - A ventilação e a qualidade do ar no Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

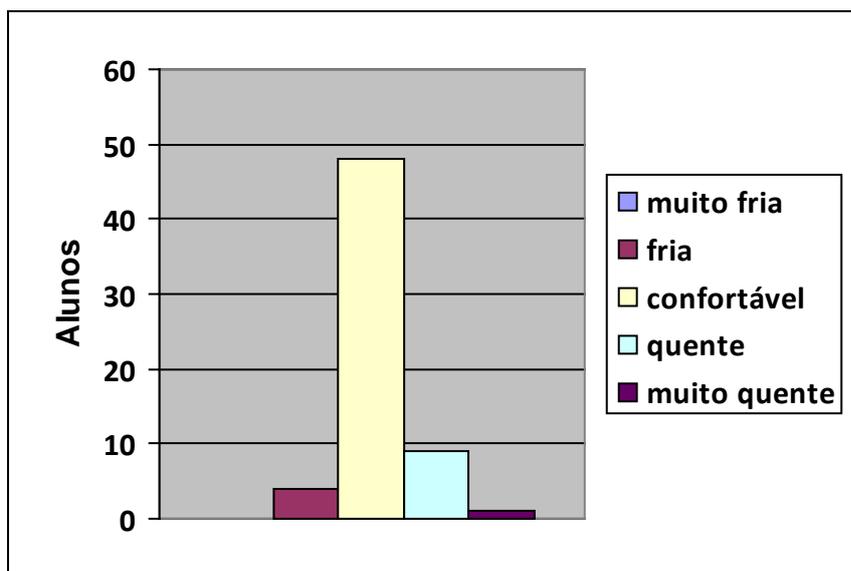
A ventilação e a qualidade do ar também são favorecidas pelas aberturas das janelas, possibilitando uma excelente qualidade do ar.

TABELA 34 - Temperatura de conforto na Sala de Leitura

13 – A temperatura de conforto na Sala de Leitura é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito fria	0	0
Fria	4	6,45
Confortável	48	77,4
Quente	9	14,5
Muito quente	1	1,61
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 33 - Temperatura de conforto na Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

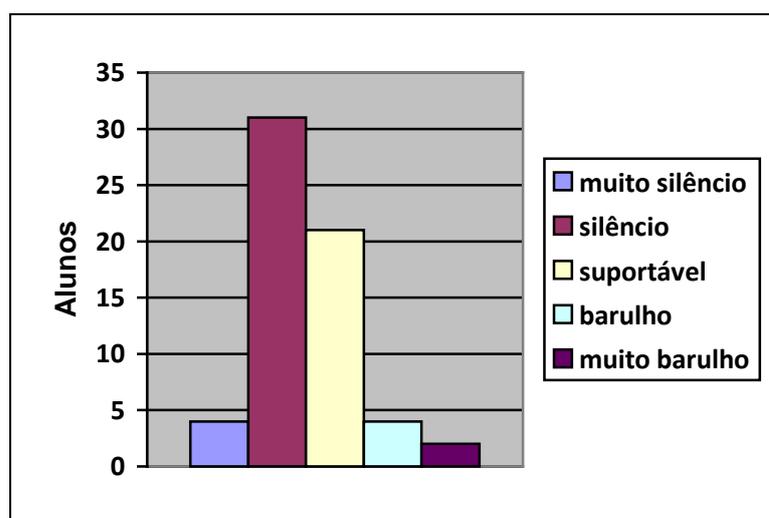
Por ser um espaço de trânsito entre o exterior e o interior, a ventilação é favorecida, logo, 77,5% dos alunos consideraram-na um local confortável.

TABELA 35 - Nível de ruído na Sala de Leitura

14 – O nível de ruído na Sala de Leitura é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito silêncio	4	6,45
Silêncio	31	50
Suportável	21	33,8
Barulho	4	6,45
Muito barulho	2	3,22
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 34 - Nível de ruído na Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

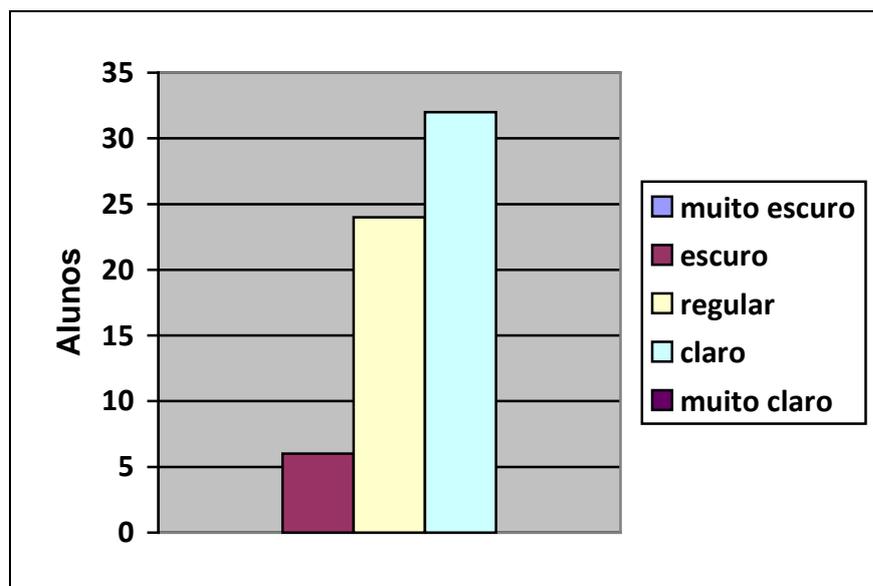
A Sala de Leitura foi considerada um ambiente silencioso por 50% dos alunos e 33% consideraram-na suportável, em virtude da localização, como trânsito de pessoas entre o exterior e interior da escola. Os alunos não têm acesso a esse trânsito, somente os professores e funcionários da escola, por isso é um ruído suportável.

TABELA 36 - Nível de iluminação na Sala de Leitura

15 – O nível de iluminação na Sala de Leitura é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito escuro	0	0
Escuro	6	9,67
Regular	24	38,7
Claro	32	51,6
Muito claro	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 35 - Nível de iluminação na Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

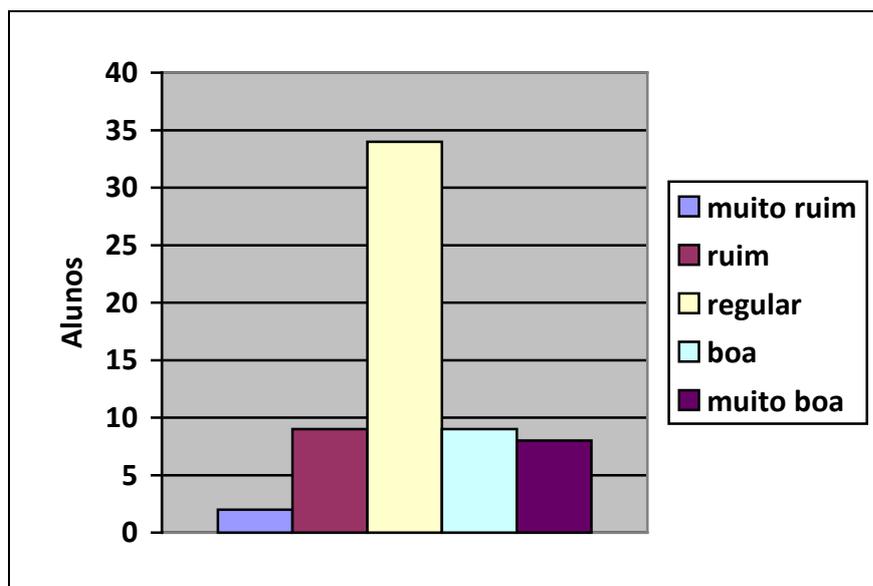
A Sala de Leitura, apesar de possuir uma grande porta de esquadria metálica e vidro, não apresenta uma excelente iluminação por estar localizada sob a marquise, a qual impede a iluminação natural direta.

TABELA 37 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Leitura

16 – A ventilação e a qualidade do ar na Sala de Leitura:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	2	3,22
Ruim	9	14,5
Regular	34	54,8
Boa	9	14,5
Muito boa	8	12,8
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 36 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

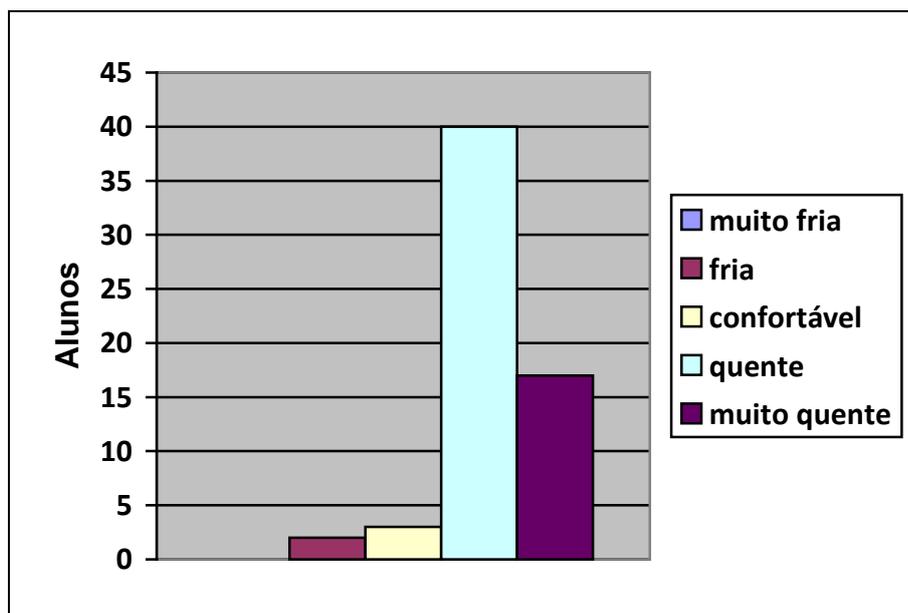
A ventilação e a qualidade do ar da Sala de Leitura seriam boas se a porta permanecesse aberta, porém, para limitar o trânsito nesse ambiente, normalmente a porta fica entreaberta, impossibilitando uma boa troca do ar. Assim, 54,8% dos alunos avaliaram como regular.

TABELA 38 - Temperatura de conforto na Sala de Vídeo

17 – A temperatura de conforto na Sala de Vídeo é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito fria	0	0
Fria	2	3,22
Confortável	3	4,83
Quente	40	64,5
Muito quente	17	27,4
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 37 - Temperatura de conforto na Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

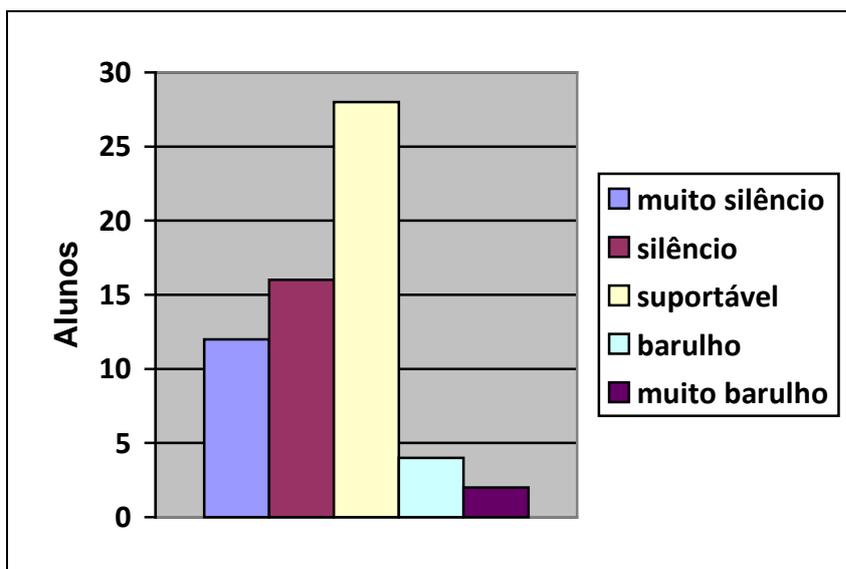
A Sala de Vídeo, como já mencionado anteriormente, não possui um projeto que favoreça os confortos ambientais, assim, 64,5% dos alunos consideraram-na um local quente.

TABELA 39 - Nível de ruído na Sala de Vídeo

18 – O nível de ruído na Sala de Vídeo é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito silêncio	12	19,3
Silêncio	16	25,8
Suportável	28	45,1
Barulho	4	6,55
Muito barulho	2	3,22
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 38 - Nível de ruído na Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

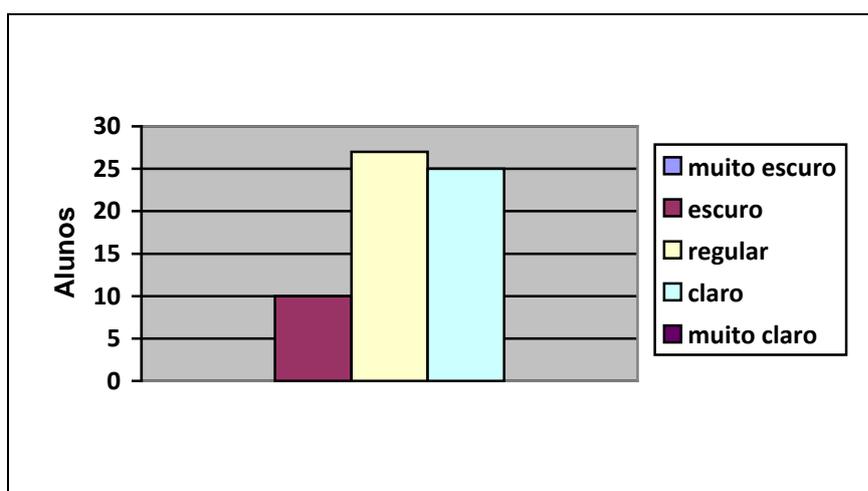
A Sala de Vídeo fica ao lado das quadras de esporte, entretanto, não há janelas voltadas para elas, assim, 45,1% dos alunos consideraram o ruído suportável.

TABELA 40 - Nível de iluminação na Sala de Vídeo

19 – O nível de iluminação na Sala de Vídeo é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito escuro	0	0
Escuro	10	16,1
Regular	27	43,5
Claro	25	40,3
Muito claro	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 39 - Nível de iluminação na Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

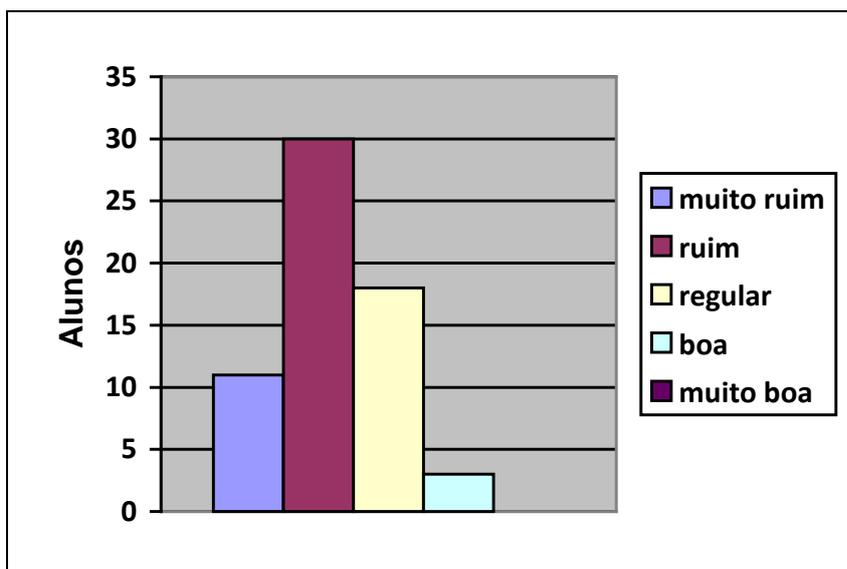
A iluminação da Sala de Vídeo é muito prejudicada em razão das janelas serem tipo “vitrô”, com uma pequena dimensão e fixadas no alto. Por isso, 43,5% dos alunos consideraram-na regular e 40,3%, clara.

TABELA 41 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Vídeo

20 – A ventilação e a qualidade do ar na Sala de Vídeo:	Alunos (Respondentes)	%
Muito ruim	11	17,7
Ruim	30	48,3
Regular	18	29
Boa	3	4,83
Muito boa	0	0
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 40 - Ventilação e a qualidade do ar na Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

Em relação à ventilação natural e à qualidade do ar, a Sala de Vídeo é muito prejudicada, logo 48,3% dos alunos avaliaram como ruim e 29% regular.

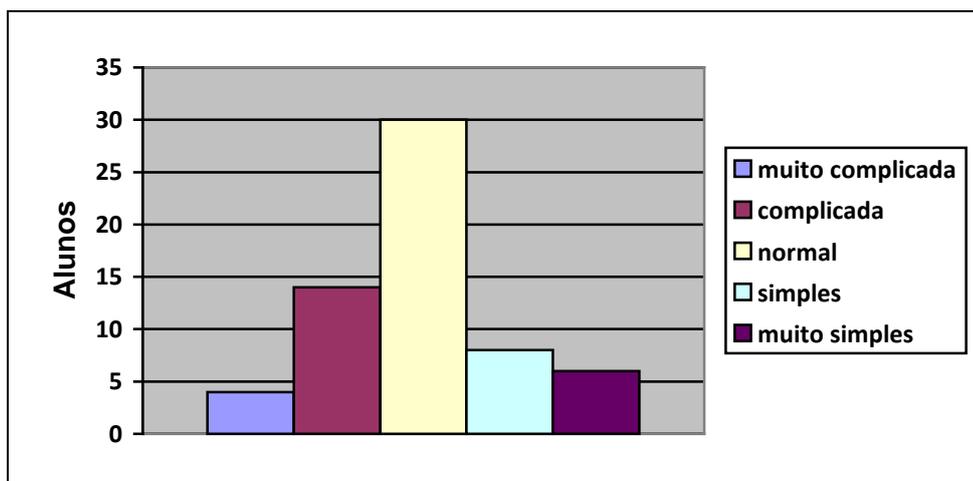
6.4.4.1.3 Questões baseadas nos lugares, caminhos e relações (O que vocês fazem nos ambientes?)

TABELA 42 - Circulação

1 – A circulação (o trajeto) até chegar à sua Sala de aula é:	Alunos (Respondentes)	%
Muito complicada	4	6,45
Complicada	14	22,5
Normal	30	48,3
Simple	8	12,9
Muito simples	6	9,67
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 41 - Circulação



Fonte: A Autora.

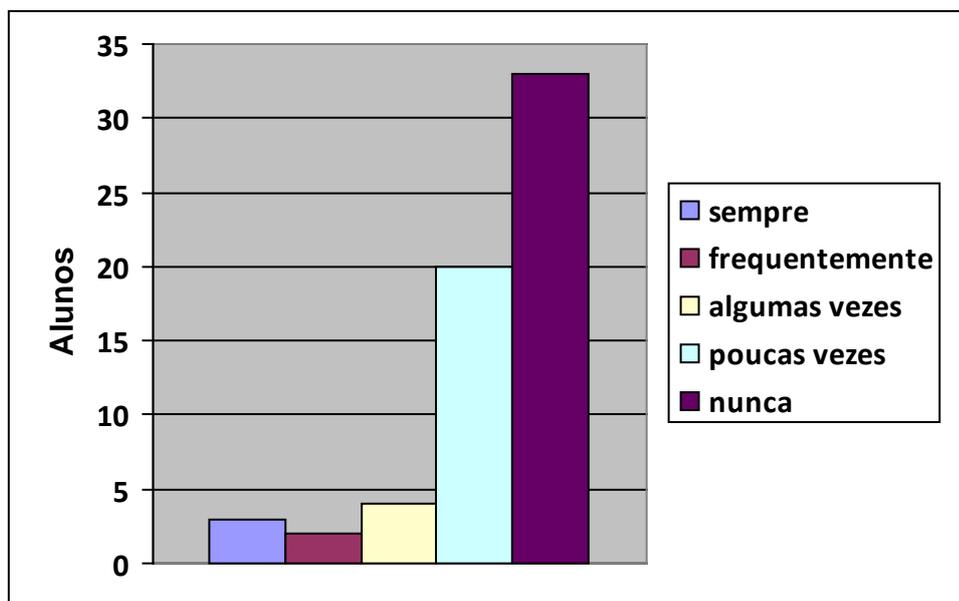
Como a edificação escolar é constituída por cinco blocos e acessos externos e internos, circulações horizontais e verticais, o trajeto torna-se complicado, especialmente para os alunos mais novos, porém, após alguns meses de circulação, passa a ser mais familiar. Assim, 48,3% dos alunos acharam-no normal e 22,5% consideraram-no complicado.

TABELA 43 - Corredores usados para atividades pedagógicas

2 – Os corredores são usados para realizar algumas atividades pedagógicas:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	3	4,83
Frequentemente	2	3,22
Algumas vezes	4	6,45
Poucas vezes	20	32,2
Nunca	33	53,2
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 42 - Corredores usados para atividades pedagógicas



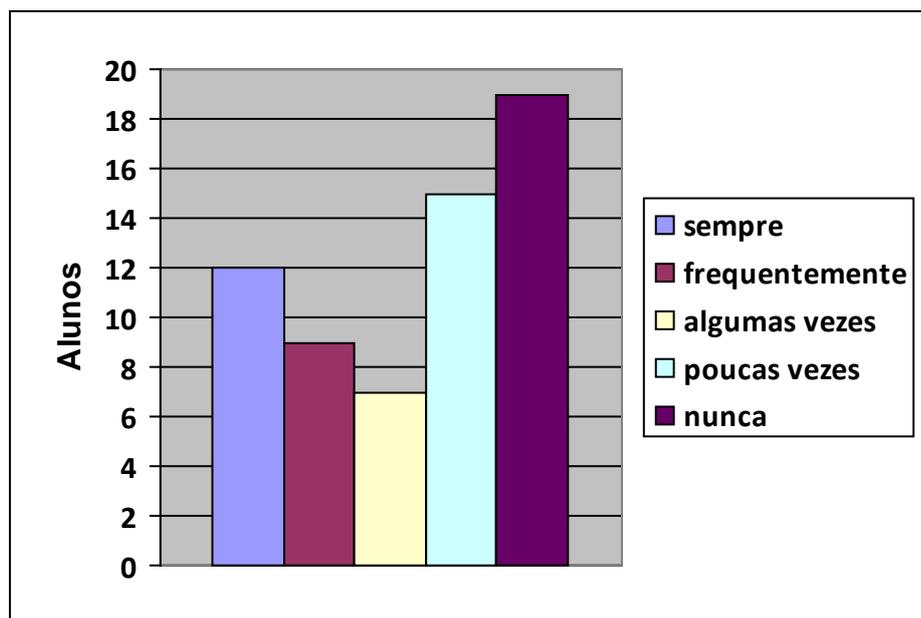
Fonte: A Autora.

Segundo 53,2% dos alunos, os corredores nunca são usados para realizar atividades pedagógicas, nem mesmo exposições de trabalhos ou murais.

TABELA 44 - *Layout* na Sala de aula (aula de Inglês)

3 – O layout na sala de aula nas aulas de Inglês é em fileiras indianas:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	12	19,3
Frequentemente	9	14,5
Algumas vezes	7	11,2
Poucas vezes	15	24,1
Nunca	19	30,6
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 43 - *Layout* na Sala de aula (aula de Inglês)

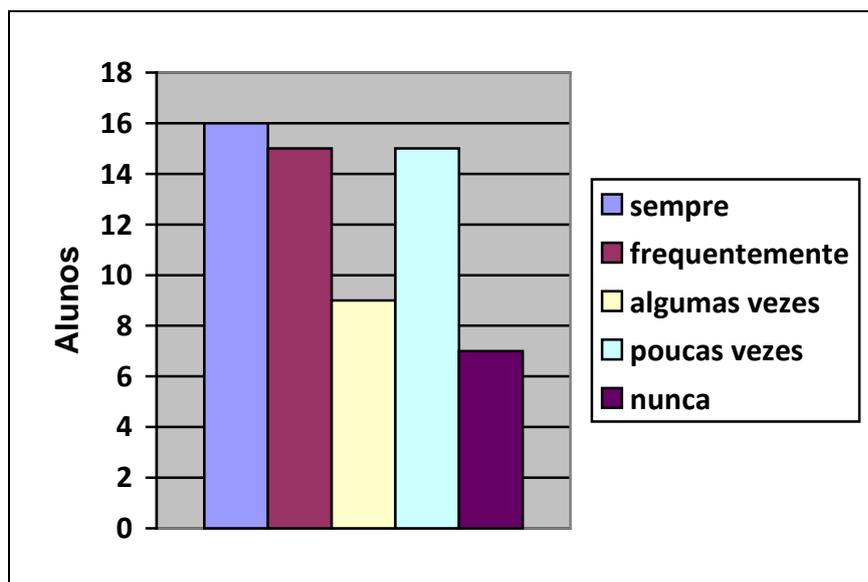
Fonte: A Autora.

Houve uma divisão nas respostas dos alunos, por haver três professores de Inglês e que, possivelmente, utilizam *layouts* diferenciados em suas aulas. Assim, 30,6% dos alunos indicaram que nunca, nas aulas de Inglês, o *layout* foi em fileiras individuais; 24,1% apontaram que poucas vezes estiveram em fileiras individuais; e 14,5% afirmaram que frequentemente, nas aulas de Inglês, utilizaram fileiras individuais.

TABELA 45 - Mudanças no *layout* nas aulas de Inglês

4 – Há mudanças no layout (mudanças na posição das carteiras) nas aulas de Inglês:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	16	25,8
Frequentemente	15	24,1
Algumas vezes	9	14,5
Poucas vezes	15	24,1
Nunca	7	11,2
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 44 - Mudanças no *layout* nas aulas de Inglês

Fonte: A Autora.

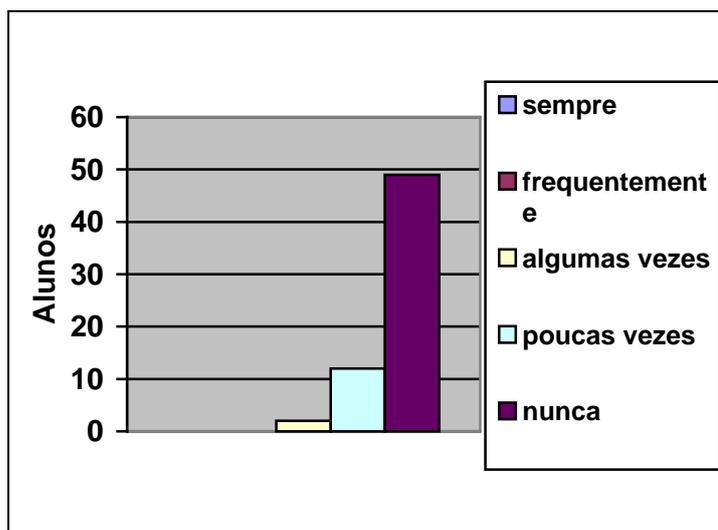
Também, por haver três professores de Inglês trabalhando com os respondentes, houve divisões nas respostas, pois 25,8% dos alunos afirmaram que sempre houve mudanças no *layout* na sala, durante as aulas de Inglês; 24,1% indicaram que frequentemente houve mudanças; e 24,1% apontaram que poucas vezes houve mudanças.

TABELA 46 - Aulas de Inglês utilizam o Laboratório de Informática

5 – As aulas de Inglês utilizam o Laboratório de Informática:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	0	0
Frequentemente	0	0
Algumas vezes	2	3,22
Poucas vezes	12	19,3
Nunca	49	79
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 45 - Aulas de Inglês utilizam o Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

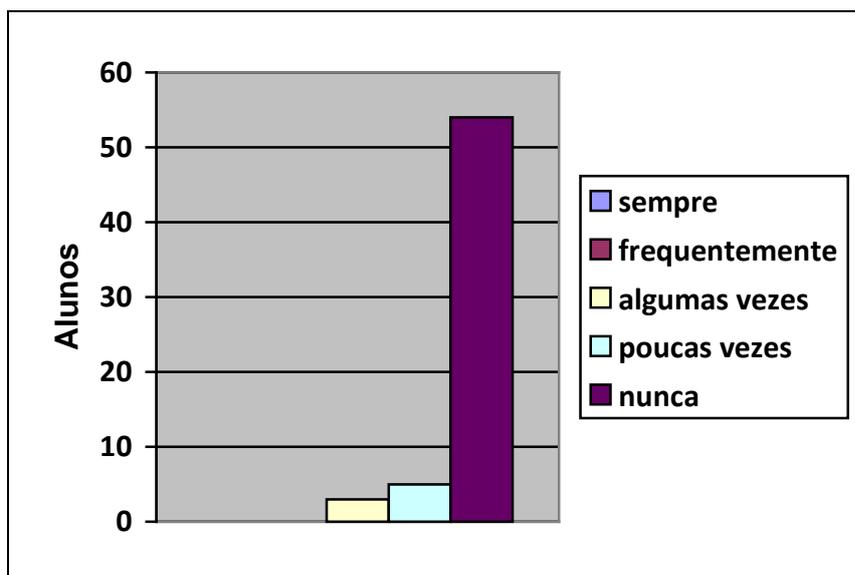
A resposta para esta questão foi praticamente unânime, pois 79% consideraram que as aulas de Inglês nunca foram realizadas no Laboratório de Informática, lembrando que esse ambiente possui apenas oito computadores, ao passo que a maioria das salas é constituída por 35 alunos.

TABELA 47 - Aulas de Inglês realizadas na Biblioteca

6 – As aulas de Inglês são realizadas na Biblioteca:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	0	0
Frequentemente	0	0
Algumas vezes	3	4,83
Poucas vezes	5	8
Nunca	54	87
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 46 - Aulas de Inglês realizadas na Biblioteca



Fonte: A Autora.

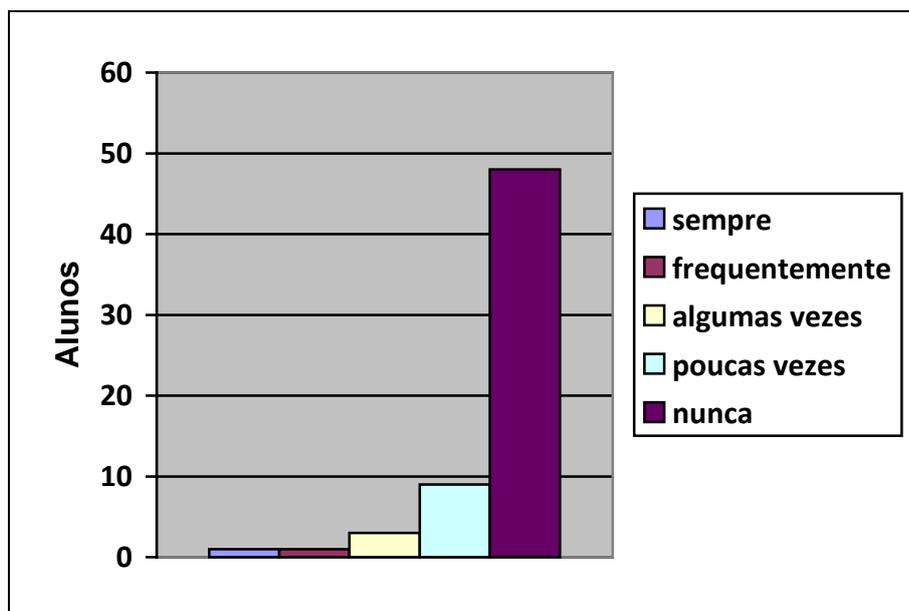
O mesmo ocorre com o uso da Biblioteca nas aulas de Inglês, 87% dos alunos indicaram que as aulas de Inglês nunca foram realizadas na Biblioteca.

TABELA 48 - Aulas de Inglês na Sala de Leitura

7 – As aulas de Inglês ocupam o espaço da Sala de Leitura:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	1	1,61
Frequentemente	1	1,61
Algumas vezes	3	4,83
Poucas vezes	9	14,5
Nunca	48	77,4
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 47 - Aulas de Inglês na Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

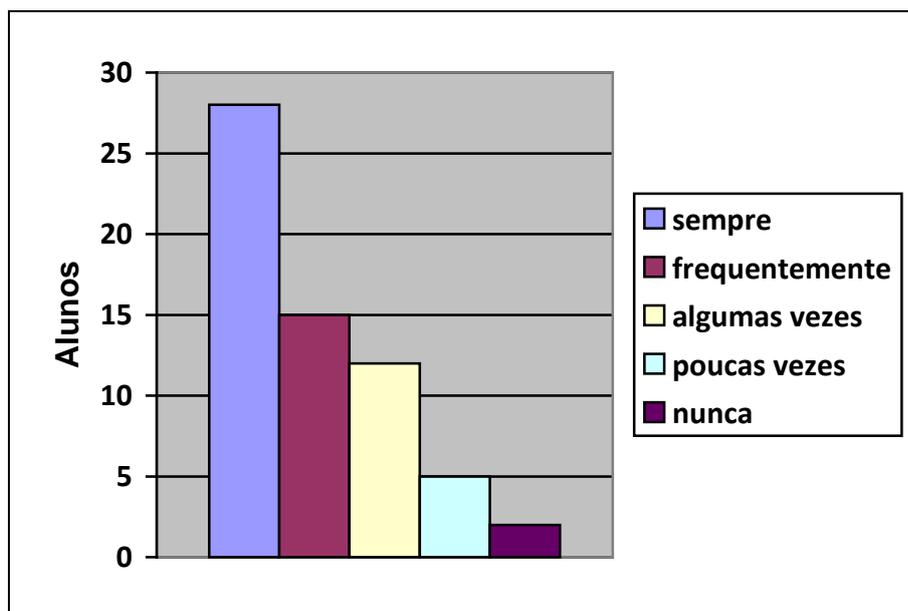
Seguindo as mesmas respostas das questões anteriores, 77,4% dos alunos indicaram que nunca o espaço da Sala de Leitura foi usado pelas aulas de Inglês.

TABELA 49 - Aulas de Inglês na sala de vídeo

8 – As aulas de Inglês são realizadas na sala de vídeo:	Alunos (Respondentes)	%
sempre	28	45,1
frequentemente	15	24,1
algumas vezes	12	19,3
poucas vezes	5	8
nunca	2	3,22
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 48 - Aulas de Inglês na Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

Quando questionados sobre a Sala de Vídeo, as repostas dos alunos não foram tão unânimes: 45,1% informaram que a sala de vídeo sempre foi usada pelas aulas de Inglês; 24,1% indicaram o uso como frequente; e 19,3% apontaram que algumas vezes a sala foi utilizada. Isso se deve à questão da tecnologia TV/DVD ser um meio mais acessível para um grande número de usuários e, apesar das constatações de que a Sala de Vídeo não possui os requisitos para oferecer um conforto ambiental, é ainda o espaço mais usado nas aulas de Inglês, após a Sala de aula.

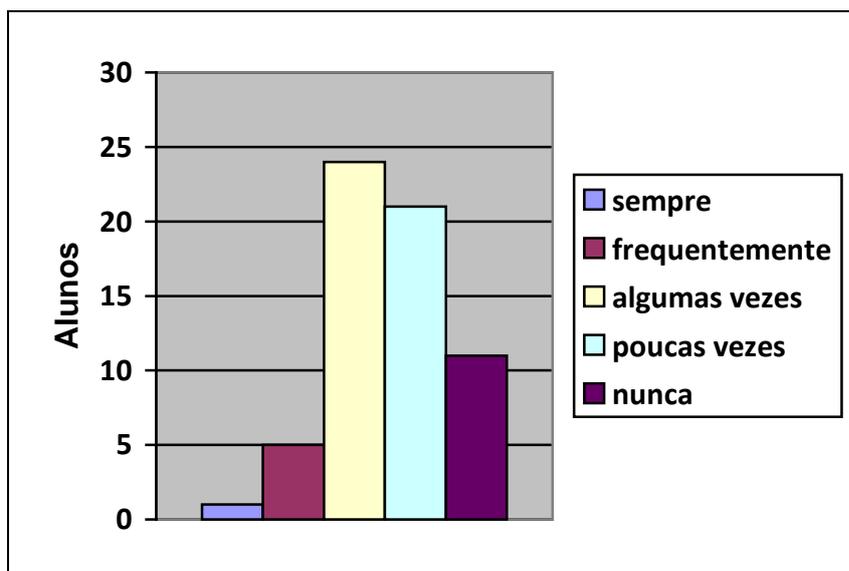
6.4.4.1.4 Questões baseadas nas adaptações e mensagens (O que vocês fazem aos ambientes?)

TABELA 50 - Sala de aula decorada por atividades dos alunos

1 – A Sala de aula é decorada com materiais produzidos por vocês:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	1	1,61
Frequentemente	5	8
Algumas vezes	24	38,7
Poucas vezes	21	33,8
Nunca	11	17,7
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 49 - Sala de aula decorada por atividades dos alunos



Fonte: A Autora.

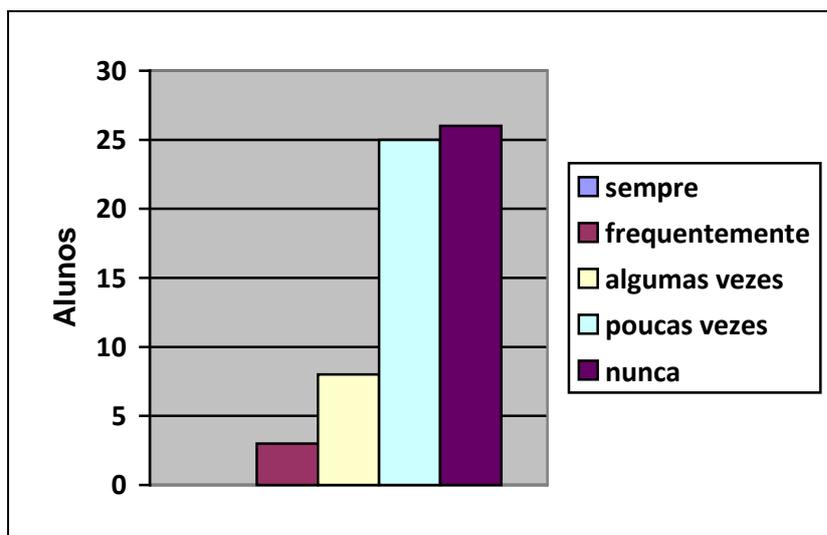
Os alunos informaram que a produção de materiais para exposição dentro de suas próprias salas de aulas só ocorreu algumas vezes (38,7%) e outros (33,8%) apontaram que isso ocorreu poucas vezes. Esses dados deixam claro que não existe o hábito de tornar o ambiente de sala de aula um local que sua ambiência fortaleça o aprendizado e que isso faça alguma diferença para fortalecê-lo.

TABELA 51 - Corredor decorado por atividades dos alunos

2 – Os corredores são decorados com materiais produzidos por você:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	0	0
Frequentemente	3	4,83
Algumas vezes	8	12,9
Poucas vezes	25	40,3
Nunca	26	41,9
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 50 - Corredor decorado por atividades dos alunos



Fonte: A Autora.

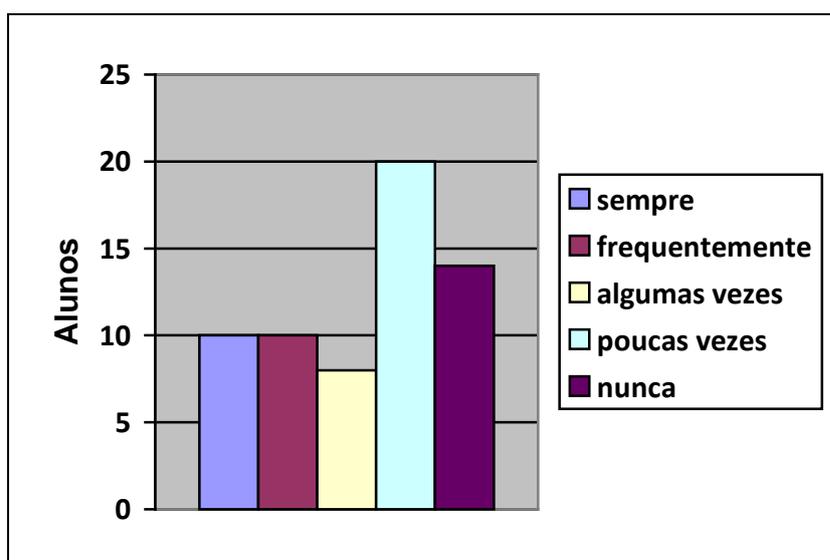
Os alunos foram unânimes em suas repostas: 41,9% informaram que nunca produzem materiais para decorar os corredores e 40,3% apontaram que poucas vezes produzem materiais com esse objetivo.

TABELA 52 - Mudanças na sala nas aulas de Inglês

3 – Há mudanças no layout da sala nas aulas de Inglês:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	10	16,1
Frequentemente	10	16,1
Algumas vezes	8	12,9
Poucas vezes	20	32,2
Nunca	14	22,5
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 51- Mudanças na sala nas aulas de Inglês



Fonte: A Autora.

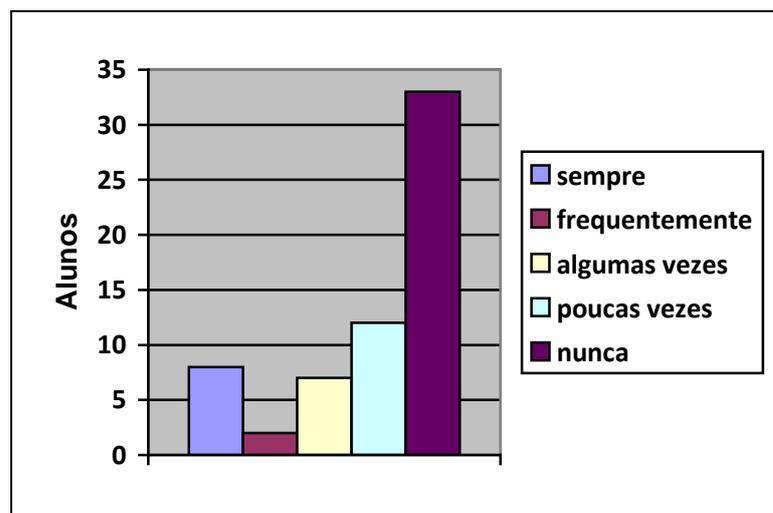
Sobre as mudanças no *layout* da sala nas aulas de Inglês, 32,2% dos alunos afirmaram que poucas vezes houve mudanças e 22,5% indicaram que nunca houve mudanças. Sendo assim, o ambiente torna-se um local imutável e estático, pronto para qualquer atividade sem necessidade de modificações.

TABELA 53 - Alunos consultados sobre as mudanças físicas na escola

4 - Você é consultado quando há mudanças na pintura ou em ambientes da escola:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	8	12,9
Frequentemente	2	3,22
Algumas vezes	7	11,2
Poucas vezes	12	19,3
Nunca	33	53,2
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 52 - Alunos consultados sobre as mudanças físicas na escola



Fonte: A Autora.

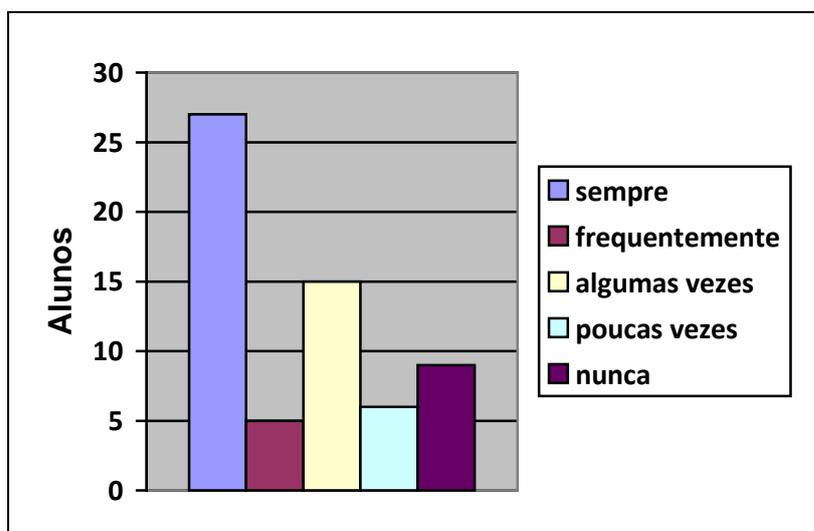
No tocante à consulta aos alunos para melhorias e modificações físicas ou estéticas da escola como um todo ou de ambientes específicos, 53,2% dos alunos informaram que nunca foram consultados e 19,3% indicaram que poucas vezes isso ocorreu.

TABELA 54 - Opinião dos alunos sobre mudanças estéticas na escola

5 – Você gostaria de opinar nas mudanças estéticas de sua escola:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	27	43,5
Frequentemente	5	8
Algumas vezes	15	24,1
Poucas vezes	6	9,67
Nunca	9	14,5
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 53 - Opinião dos alunos sobre mudanças estéticas na escola



Fonte: A Autora.

Sobre a possibilidade de opinar nas mudanças estéticas da escola, 43,5% dos alunos afirmaram que gostariam de participar dessas decisões sempre; 24,1% dos alunos indicaram algumas vezes; e 14,5% dos alunos apontaram que nunca gostariam de participar. Percebe-se que há três extremos, os que gostariam de estar totalmente envolvidos, os que gostariam de estar parcialmente envolvidos e os que não querem se envolver.

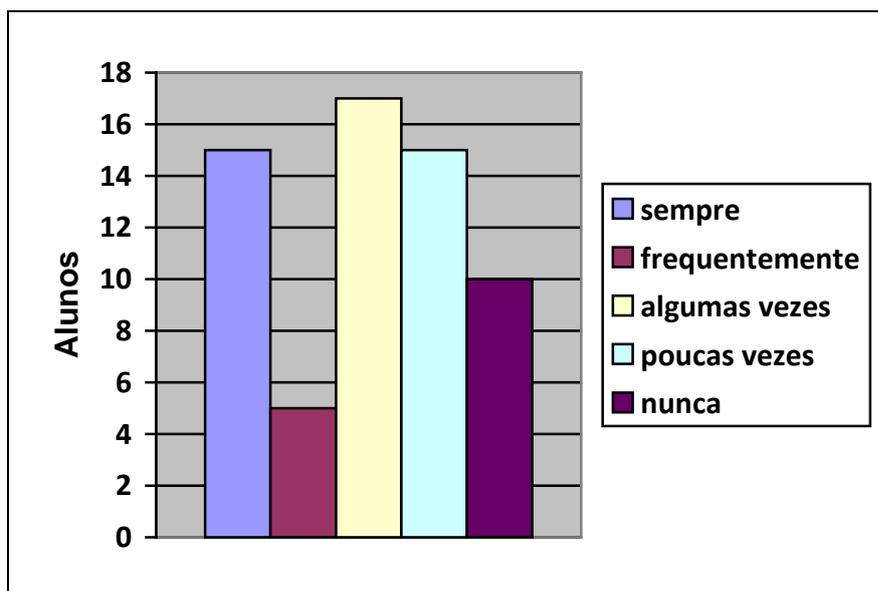
6.4.4.1.5 Questões baseadas em conhecimentos e dados (O que vocês sabem sobre os ambientes?)

TABELA 55 - Ministrando aulas de Inglês em outros ambientes

1 – As aulas de Inglês podem ser ministradas em outros ambientes:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	15	24,1
Frequentemente	5	8
Algumas vezes	17	27,4
Poucas vezes	15	24,1
Nunca	10	16,12
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 54 - Ministrando aulas de Inglês em outros ambientes



Fonte: A Autora.

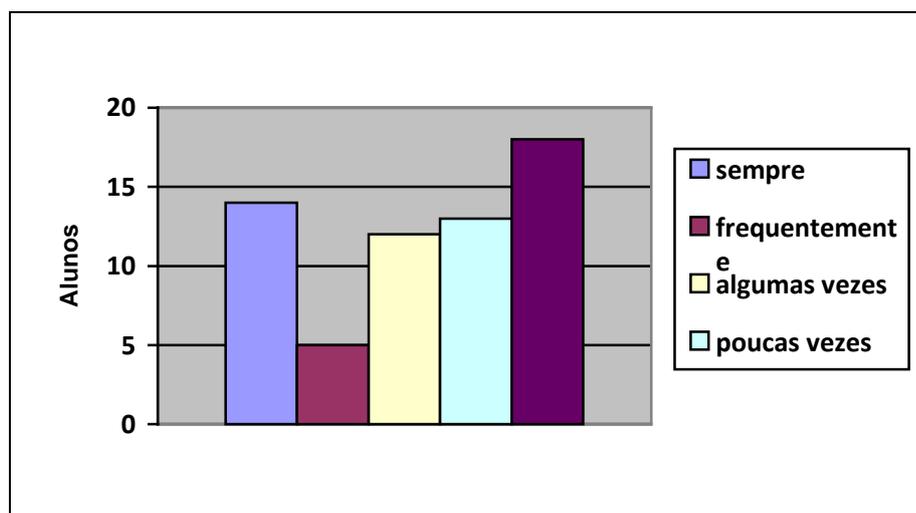
A questão que envolve mudanças de ambientes para a realização das aulas de Inglês foi respondida sem unanimidade, ou seja, houve uma mistura de opiniões, justificadas pelas poucas saídas do ambiente da sala de aula durante as aulas de Inglês. Assim, 27,4% consideraram que algumas vezes podem usar outros ambientes que não a sala de aula tradicional.

TABELA 56 - Equipamentos tecnológicos para as aulas de Inglês

2 – As aulas de Inglês precisam de equipamentos tecnológicos:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	14	22,5
Frequentemente	5	8
Algumas vezes	12	19,3
Poucas vezes	13	20,9
Nunca	18	29
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 55 - Equipamentos tecnológicos para as aulas de Inglês



Fonte: A Autora.

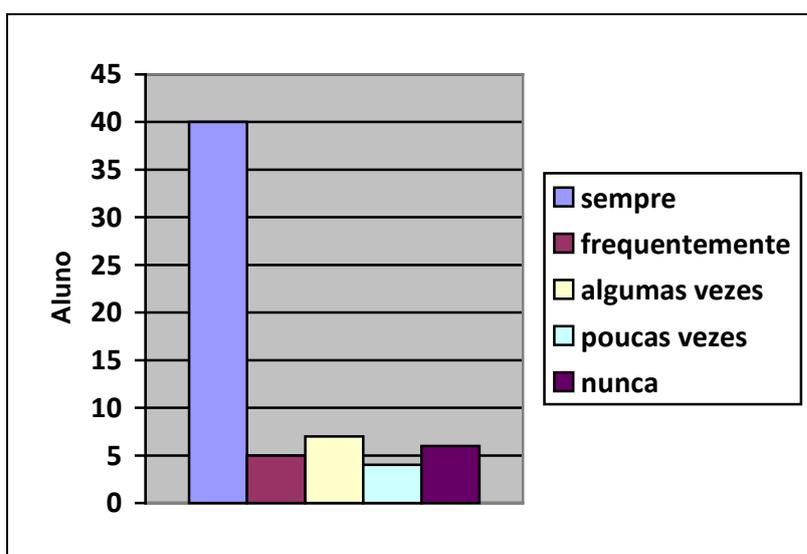
A questão refere-se à necessidade do uso de equipamentos tecnológicos nas aulas de Inglês. A esse respeito, 29% dos alunos indicaram que nunca é necessário; 22,5% dos alunos apontaram que sempre é importante; e 19,3% consideraram que algumas vezes deve ocorrer o uso desses equipamentos. Isso se deve a não utilização dessa tecnologia, tornando-se desnecessário, aos olhos de alguns alunos, especialmente pelo não uso do Laboratório de Informática.

TABELA 57 - Sala ambiente de Inglês

3 – As aulas de Inglês poderiam ter uma sala, a fim de que essa fosse uma sala ambiente (sala própria para aula de Inglês):	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	40	64,5
Frequentemente	5	8
Algumas vezes	7	11,2
Poucas vezes	4	6,45
Nunca	6	9,67
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 56 - Sala ambiente de Inglês



Fonte: A Autora.

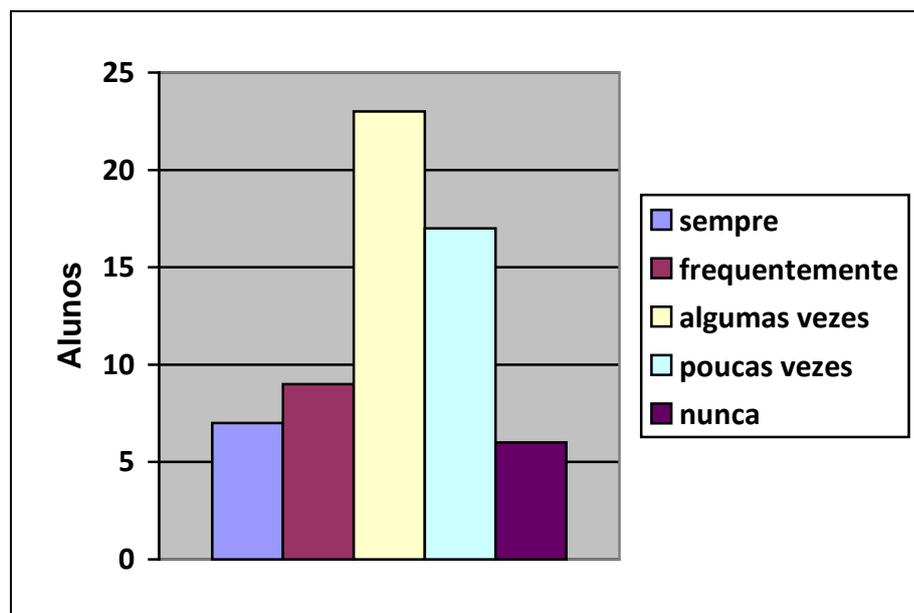
Sobre a sala ambiente de Inglês, 64,5% dos alunos consideraram que todas as aulas de Inglês deveriam ser em uma sala própria para o estudo de línguas.

TABELA 58 - Frequência das aulas de Inglês na Biblioteca

4 – A Biblioteca deve ser usada com qual frequência nas aulas de Inglês:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	7	11,2
Frequentemente	9	14,5
Algumas vezes	23	37
Poucas vezes	17	27,4
Nunca	6	9,67
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 57 - Frequência das aulas de Inglês na Biblioteca



Fonte: A Autora.

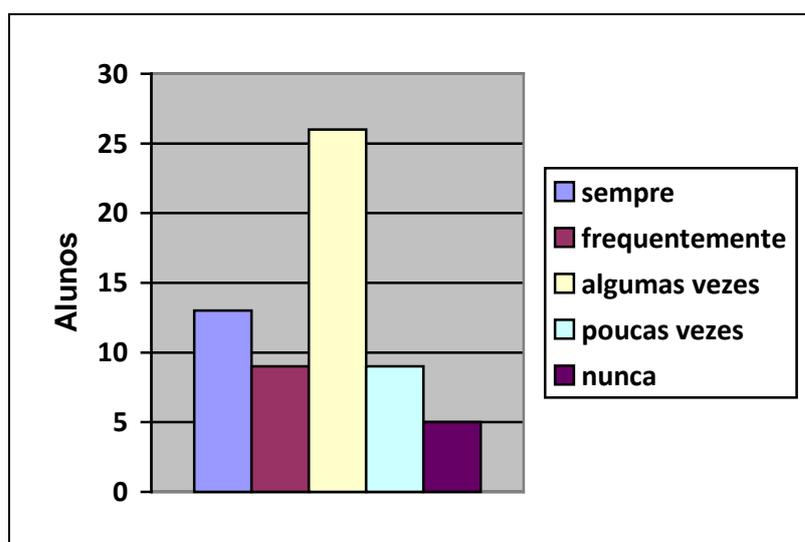
A Biblioteca foi considerada por 37% dos alunos como um ambiente que deve ser utilizado algumas vezes para a aprendizagem de Inglês e por 27,4% dos alunos poucas vezes. Um dos motivos que poderia justificar essa ideia seria por não haver quase nenhum material na Língua Inglesa disponível na Biblioteca, nem muitos livros e nenhuma revista ou publicação similar.

TABELA 59 - Frequência das aulas de Inglês no Laboratório de Informática

5 – O Laboratório de Informática deve ser usado com qual frequência nas aulas de Inglês:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	13	20,9
Frequentemente	9	14,5
Algumas vezes	26	41,9
Poucas vezes	9	14,5
Nunca	5	8
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 58 - Frequência das aulas de Inglês no Laboratório de Informática



Fonte: A Autora.

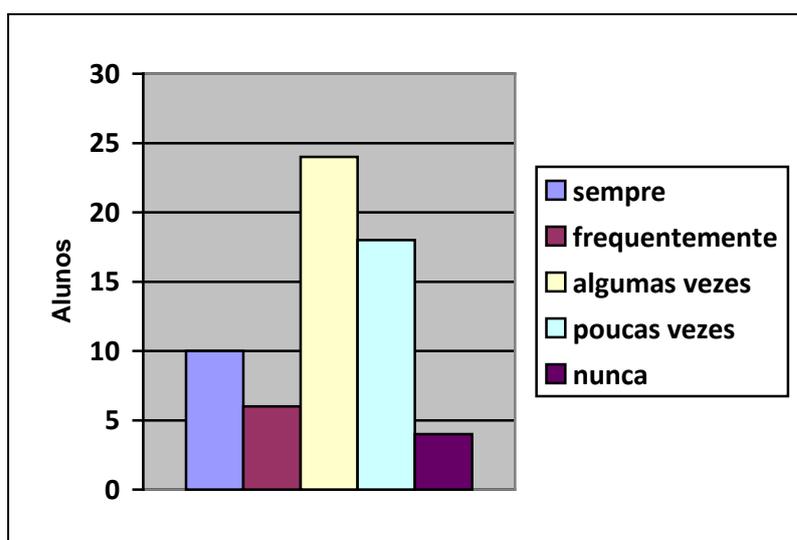
O uso do Laboratório de Informática já foi abordado anteriormente em relação às características ambientais. Como só há oito computadores disponíveis para 35 alunos, nas aulas de Inglês, os alunos quase não o utilizam. Assim, ao questionar a frequência de uso do Laboratório de Informática obteve-se o seguinte resultado: 41,9% dos alunos indicaram algumas vezes; 20,9% apontaram sempre, 14,5% informaram frequentemente; a mesma porcentagem de 14,5% foi registrada para os alunos que indicaram poucas vezes; e, ainda, 8% dos alunos apontaram que nunca frequentaram o Laboratório de Informática nas aulas de Inglês.

TABELA 60 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Leitura

6 – A Sala de Leitura deve ser usada com qual frequência nas aulas de Inglês:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	10	16,1
Frequentemente	6	9,67
Algumas vezes	24	38,7
Poucas vezes	18	29
Nunca	4	6,45
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 59 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Leitura



Fonte: A Autora.

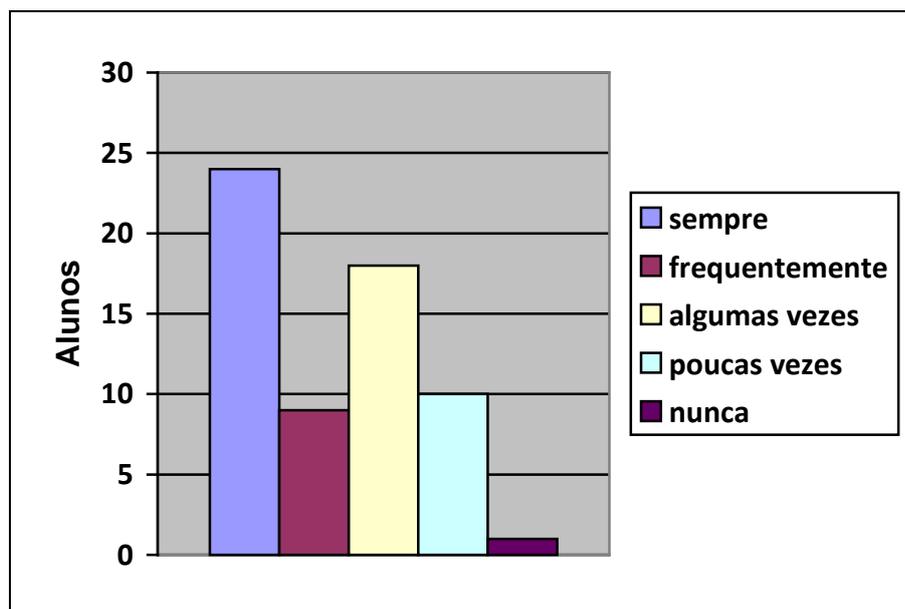
A Sala de Leitura obteve quase a mesma análise do Laboratório de Informática e da Biblioteca. Em relação à frequência de uso, constatou-se que 38,7% dos alunos indicaram que deve ser usada algumas vezes. A justificativa deste índice é parecida, pois, como não há livros, revistas e similares em língua inglesa à disposição na Biblioteca, fica esta lacuna: Ir à Sala de Leitura para ler o quê?

TABELA 61 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Vídeo

7 – A Sala de Vídeo deve ser usada com qual frequência nas aulas de Inglês:	Alunos (Respondentes)	%
Sempre	24	38,7
Frequentemente	9	14,5
Algumas vezes	18	29
Poucas vezes	10	16,1
Nunca	1	1,61
Total	62	100

Fonte: A Autora.

GRÁFICO 60 - Frequência das aulas de Inglês na Sala de Vídeo



Fonte: A Autora.

O único ambiente fora da sala de aula que possui uma porcentagem maior com a opção de “sempre” ser usado nas aulas de Inglês é a Sala de Vídeo, podendo ser chamada de sala multimídia, que possui TV, DVD, vídeo, telão, projetor, som, etc. Essa opção decorre da familiaridade de se usar a Sala de Vídeo nas aulas de Inglês, mesmo sendo trinta e cinco alunos conseguem se acomodar e realizar a atividade proposta para este ambiente pela disciplina de Inglês. O que é inviável de acontecer na Biblioteca e no Laboratório de Informática.

6.4.4.2 Análise da seleção visual com os alunos das séries finais do Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano (Apêndice B)

As características expostas pelos alunos para cada imagem estão ordenadas por ordem das mais citadas para as menos citadas.

Deste modo, é possível visualizar quais são os aspectos mais negativos e os mais positivos da cada ambiente representado pelas imagens. E, também, qual a imagem da sala que se aproxima da mais idealizada pelos alunos e a imagem da sala que menos agradou em relação a suas características físicas e ao material que lá existe.

FIGURA 56 - Seleção Visual – Pontos Negativos e Positivos

	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
<p>IMAGEM 1</p>  <p>Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt</p>	<p>Espaçoso</p> <ul style="list-style-type: none"> Muitos lugares Organização Individualidade Iluminação Tecnologia Sala limpa 	<p>Sem interação</p> <ul style="list-style-type: none"> Sem visão lateral Lugares desconfortáveis Sem livros Sem professor Sem explicação Espaço individual apertado
<p>IMAGEM 2</p>  <p>Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt</p>	<p>Ar condicionado</p> <ul style="list-style-type: none"> Cadeiras confortáveis Computadores Sala aconchegante Livros Mesas grandes Organização Armários 	<p>Pouco espaço</p> <ul style="list-style-type: none"> Pouca iluminação Pouca ventilação Poucos livros Poucos lugares Poucos computadores Alunos não prestariam atenção Cores sem vida Sem TV
<p>IMAGEM 3</p>  <p>Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt</p>	<p>Ar condicionado</p> <ul style="list-style-type: none"> Lousa branca Livros Mesa grande Cadeiras Confortáveis Telão Armários Cor da parede 	<p>Sem iluminação natural</p> <ul style="list-style-type: none"> Pouco espaço Poucos lugares Sem ventilação natural Poucos livros Sem computador
<p>IMAGEM 4</p>  <p>Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt</p>	<p>Confortável</p> <ul style="list-style-type: none"> Computadores Mesa grande Quadros Armários Internet 	<p>Sem iluminação Natural</p> <ul style="list-style-type: none"> Poucos lugares Pouco espaço Sem ventilação natural Sem livros Poucos computadores Cores fracas Sem Impressora

IMAGEM 5



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Computadores

Iluminação natural
Mesas para todos
Telão
Espaço
Organização
Lousa
Sentados em dupla

Computador para dois

Sem ar condicionado
Pouco espaço livre
Cadeiras desconfortáveis
Lousa pequena
Pouco espaço para o professor
Lousa de giz

IMAGEM 6



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

TV

Espaço
Imagens nas paredes
Som
Armários
Limpeza

Poucos lugares

Sem ar condicionado
Má iluminação
Sem conforto
Sem lousa
TV mal posicionada
Muita conversa
Sem atenção
Cor da sala

IMAGEM 7



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Livros

Estantes
Mesa
Muita informação
Organização
Cartazes
Decoração
Violão

Pouco espaço

Poucos lugares
Má iluminação
Sem ar condicionado
Sem computador
Bagunça visual
Cor da sala

IMAGEM 8



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Iluminação natural

Estantes
Mesas
Ventilação
Som
Vista da rua

Espaço pequeno

Poucos lugares
Sem computador
Só uma janela
Sem livros
Sem ar condicionado
Cor da sala
Desordem
Barulho de fora
Decoração

IMAGEM 9



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Mesas

Espaço
Boa iluminação
Lousa de caneta
Muitas janelas
Trabalho em grupo
Decoração
Cores lindas e alegres
Mapas

Sem ar condicionado

Lousa pequena
Sem computador
Sem livros
Sem informação nas paredes
Sem TV
Sem cortina
Cadeiras desconfortáveis
Organização ruim

IMAGEM 10



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Fones de ouvido

Telão
Locais individuais
TV
Espaço
Equipamento organizado
Facilita a aprendizagem
Silêncio

Pouco espaço pessoal

Sem ar condicionado
Pouca iluminação
Sem interação entre os alunos
Sem computador
Sem livros
Sem cortina
TV muito alta
Sem corredores
Conversas no fundo
Sem armário

IMAGEM 11



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Mesas e cadeiras

Espaço
Lousa de caneta
Multimídia
Interação entre alunos
Boa iluminação
Moderna
Confortável
Telão

Pouca iluminação natural

Sem ventilação natural
Sem ar condicionado
Lousa pequena
Sem armários
Cadeiras de plástico
Sem livros
Sem trabalhos expostos
Conversa do grupo
Pouca atenção
Sem janelas
Sem TV
Cor do piso

IMAGEM 12



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Espaço

Livros
Boa iluminação
Livros
Estantes
Interação entre alunos
Lousa
Trabalhos nas paredes
Cores vivas

Sem janelas

Organização das carteiras
Sem computador
Sem iluminação natural
Sem ar condicionado
Falta de atenção
Longe da lousa
Conversa no fundo
Sem TV
Lousa de giz

IMAGEM 13



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Espaço

Iluminação
Lousa
Mobília
Livros
Estantes
Decoração e informação
Interação entre alunos
Organização
Colorida
Ventilação
Cortinas
Janelas

Sem computador

Sem ar condicionado
Lousa desorganizada
Sem TV
Lousa de giz

IMAGEM 14



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Lousa grande

Muitos lugares
Iluminação
Espaço
Ventilador
Cartazes na parede
Organização

Sem ar condicionado

Pouca ventilação
Sem computador
Qualidade das carteiras
Pouco espaço individual
Poucas tomadas
Sem TV
Sem livros
Sem trabalho em grupos
Cores
Sem telão
Muito quente
Sem estantes
Lousa de giz
Sem tecnologia

IMAGEM 15



Fonte: www.esec-almeida-garrett.rcts.pt

Lousa grande

Muitos lugares
Espaço
Iluminação
Interação entre duplas
Ventiladores
Explicação do professor
Corredores mais largos

Sem ventilação

Pouco espaço individual
Sem ar condicionado
Sem computador
Instalações elétricas aparentes
Pouca tomada
Sem armário
Carteiras desconfortáveis
Cor
Decoração
Fileiras
Lousa de giz
Sem livros
Sem TV
Sem informações nas paredes
Sem tecnologia
Cor do chão
Cortinas frágeis
Muita claridade

QUADRO 6 - Análise da Seleção Visual

Imagem com mais aspectos positivos e menos negativos	IMAGEM 13
Imagem com mais aspectos negativos e menos positivos	IMAGEM 14 e 15
Aspectos positivos mais citados	espaço, ar condicionado, conforto, computadores, TV, livros, iluminação natural, mesas, fones de ouvido, mesas e cadeiras, lousa grande
Aspetos negativos mais citados	Sem interação, sem iluminação natural, computador para dois alunos, poucos lugares, sem ar condicionado, pouco espaço pessoal, sem janela, sem computador, sem ventilação.

Fonte: A Autora.

Tanto no instrumento *Wish Poems* (Poemas dos Desejos) como na Seleção Visual, os itens que constituem uma sala de aula ideal para as aulas de Inglês se classificam em: Tecnologia, Ambiência, Necessidades Físicas e Recurso Tradicional.

QUADRO 7 - Itens que constituem uma sala de aula ideal para as aulas de Inglês

Tecnologia	Computadores, TV, fones de ouvido.
Ambiência	Espaço, interação, espaço pessoal, mesas, cadeiras, lousa (grande), janela (relação interior e exterior), decoração.
Necessidades Físicas	Ar condicionado, conforto ergonômico, iluminação natural, janela (circulação do ar e ventilação natural).
Recurso Tradicional	Livros e lousa.

Fonte: A Autora.

A Sala de aula de Inglês deve ter um bom espaço, possibilitar a interação entre alunos e professores, lugares que favoreçam o espaço pessoal de cada aluno e uma mobília confortável com estrutura e formas que favoreçam

mudanças no *layout* da sala. Para isso, deve ter um número limitado de aluno por metragem quadrada da sala; ter um local para guardar os livros e outros materiais didáticos; possuir janelas que possibilitem a entrada e saída de ar, mantendo uma boa ventilação e também uma boa iluminação natural. A tecnologia necessária na sala de aula de Inglês é o computador, a TV e o fone de ouvido, os outros equipamentos eletrônicos já estão obsoletos pelo fato do computador servir como DVD, som e outros. A questão das altas temperaturas na região onde se localiza a escola do estudo de caso leva o ar condicionado a ser tão requisitado quanto o computador em sala.

6.4.5 Análise das entrevistas com os professores – O ambiente ideal para o ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa

As entrevistas foram feitas aos três professores de Língua Inglesa da EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”. Foi exposto o objetivo da pesquisa e destacado que o foco desta é o espaço de ensino e aprendizagem para a Língua Inglesa. Pediu-se, então, a cada um deles que expusessem como deveria ser um ambiente ideal para que as aulas fossem ministradas da melhor forma possível a fim de se obter um excelente resultado no quesito aprendizagem. As repostas foram relatadas abaixo em forma de itens.

QUADRO 8 - Ponto de vista dos Professores de Inglês para uma sala ideal

AMBIENTE PARA AULA DE INGLÊS	CARACTERÍSTICAS
PROFESSOR 1	<ul style="list-style-type: none"> - Ambiente com boa iluminação e ventilação; - Cortinas ou persianas que possuam <i>blackout</i>; - Equipamento multimídia (já organizado, cabos conectados em bom estado); - Disposição de carteiras ou mesa/cadeiras que facilite a interação entre os alunos (fileiras “não”); - Quadro de avisos com frases, pequenos poemas, enunciados, etc., que possam ser trocados frequentemente; - Material autêntico disponível: HQs (Histórias em Quadrinhos), revistas, jornal, folhetos de propaganda, menus de restaurantes, etc. em língua inglesa. - Dicionários: monolíngue e bilíngue; - Armários e estantes; - Quadros que possam despertar o aprendizado de vocabulário com palavras e imagens; - Limpeza.

<p>PROFESSOR 2</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Arejada e bem iluminada; - Móveis que facilite mudanças no <i>layout</i>, propiciando atividades individuais e com grupos diferenciados; - Sala limpa com cores alegres favorecendo uma estética harmoniosa e prazerosa; - Tecnologia disponível: multimídia, TV, som, computadores, pelo menos dois por sala para pesquisa; - Armários e estantes para guardar materiais, jogos, livros, revistas, CDs, DVDs, etc. - Quadros com informações e lembretes; - Ambiente familiar para o aluno com fotos, data de aniversários, armário individual, bebedouro, vegetação (ou vista da vegetação do exterior da sala); - Locais confortáveis para fazer leitura, trabalhos, pesquisas, consultas, etc.
<p>PROFESSOR 3</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sala ambiente para a aula de Inglês, com: tecnologia, informações nas paredes sobre a disciplina e sobre os países nos quais o Inglês é língua mãe, mapas, bandeiras, armários para guardar dicionários, livros, revistas, etc.; - Tecnologia: TV, DVD, telão, multimídia, som; - Sala com ar condicionado e boa iluminação natural e artificial; - Carteiras confortáveis, com cadeiras almofadadas e mesas que possam ser articuladas para formar diferentes grupos; - Sala limpa e arejada; - Menos alunos nas salas, no máximo 30 alunos, ideal seriam até 25 alunos; - Possibilidade e acesso fácil para a sala de informática para uso de computadores por todos os alunos, cada um com um computador; - Material digital como: jogos, software, filmes, <i>quiz</i>, músicas, etc.

Fonte: A Autora.

Nota-se, nas entrevistas com os professores, que as ideias sobre um ambiente para as aulas de Inglês são bastante semelhantes, podendo-se resumir essas sugestões da seguinte forma: sala ampla, bem ventilada e iluminada, com *layout* variado para que haja atividades diferenciadas; a sala e a disposição da mobília adequadas para proporcionar uma aprendizagem ativa, em que o aluno desenvolva seu conhecimento por meio de atividades que o levem a vivenciar a língua de forma experiencial, com uso constante da tecnologia que só vem a acrescentar e facilitar o contato com a Língua Inglesa e com o mundo que a utiliza como meio de interação entre diferentes povos e culturas; a questão climática traz a necessidade de que esse ambiente seja refrigerado para garantir um conforto físico aos seus usuários; o material didático e o material de apoio para as aulas disponíveis e em número suficiente para o uso dos alunos; a ambiência da sala propicie um prazer em ali estar, facilitando a relação entre o usuário e o ambiente.

6.4.6 Cruzamento dos dados e considerações sobre os resultados

6.4.6.1 Matriz de descobertas por meio dos instrumentos aplicados

QUADRO 9 - Matriz de Descobertas por meio dos Instrumentos Aplicados

INSTRUMENTOS	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
<p>FICHAMENTO</p>	<p>Sala de aula com dimensionamento bom; tamanho das janelas suficiente para entrada da iluminação natural.</p> <p>Biblioteca possui uma boa organização.</p> <p>Laboratório de Informática é bem ventilado e tem uma boa iluminação natural.</p> <p>Sala de Leitura é um espaço agradável que oferece uma interação entre o exterior e o interior da escola em razão da grande porta de vidro.</p> <p>Sala de Vídeo está locada em um espaço sem nenhum ponto positivo.</p> <p>Pátios possuem um espaço interessante para o uso permanente e transitório, é bem ventilado e iluminado, possui bebedouro e é coberto.</p> <p>Entrada da Escola possui um grande jardim, é arejada e ventilada e possui bancos que servem como ponto de vivência nos intervalos das aulas e local de pequenas práticas pedagógicas.</p>	<p>Sala de aula está com excesso de carteiras, dificultando mudanças no <i>layout</i>; teto na cor creme prejudica a propagação da luz natural e artificial; janelas com abertura inadequadas, tornando a sala abafada e sem ventilação natural.</p> <p>Biblioteca não possui espaço suficiente para sua função.</p> <p>Laboratório de Informática não possui espaço suficiente para sua função.</p> <p>Sala de Leitura está locada em um espaço de trânsito de professores e funcionários, isto é, está em um local improvisado que deveria servir apenas para vivência.</p> <p>Sala de Vídeo (multimídia) utiliza um espaço muito pequeno, sem ventilação e iluminação natural suficiente para seu uso, não possui uma mobília adequada para essa função e o equipamento de TV está locado de forma a não favorecer a ergonomia.</p> <p>Pátios não possuem uma mobília para que haja uma vivência e a ligação deles não possui uma cobertura para os dias chuvosos.</p> <p>Entrada da Escola é delimitada por um muro que impede a vista da escola por quem está na rua e vice-versa, segregando o espaço escolar do espaço público; além disso, possui um portão com aparência de presídio.</p>

WALKTHROUGH	<p>A Sala de aula possui um tamanho adequado para sua função e uma boa iluminação natural.</p> <p>Biblioteca é muito bem organizada e com uma boa quantidade de livros.</p> <p>Laboratório de Informática apresenta boa ventilação e iluminação natural.</p> <p>Sala de Leitura possui mesas e cadeiras, prateleiras com revistas, pintura diferenciada, porta de vidro com vista do exterior da escola.</p> <p>Sala de Vídeo não possui pontos positivos.</p> <p>Pátios cobertos muito bem iluminados e ventilados, com bebedouros e vista para o jardim.</p> <p>Entrada com vista para o jardim e bancos para uso dos alunos.</p>	<p>A Sala de aula é prejudicada em relação ao número de carteiras, pois não sobra espaço para atividades diferenciadas, sua ventilação também é prejudicada em razão da má abertura das janelas.</p> <p>Biblioteca está locada em um espaço insuficiente para sua função.</p> <p>Laboratório de Informática está locado em um espaço insuficiente para sua função.</p> <p>Sala de Leitura está em um local de trânsito de professores e funcionários, as cadeiras são desconfortáveis para a atividade de leitura, a iluminação natural é prejudicada pela falta de janelas.</p> <p>Sala de Vídeo não possui boa iluminação e ventilação natural, dimensão insuficiente para sua função e material eletrônico mal locado.</p> <p>Pátios não possuem um mobiliário que garanta maior vivência dos alunos nesse espaço.</p> <p>Entrada possui um muro e um portão que prejudica a harmonia entre o exterior e o interior da escola, a entrada é descoberta.</p>
MAPA COMPORTAMENTAL	<p>Sala de aula com <i>layout</i> que favorece atividades em grupo e que permita que os alunos sejam agentes de suas aprendizagens.</p>	<p>Sala de aula com uso da mobília de forma tradicional, em fileiras individuais e com aulas expositivas, nas quais os alunos são apenas receptivos ao desenvolvimento cognitivo.</p>
WISH POEMS	<p>Tecnologia: espaço suficiente para locá-la;</p> <p>Ambiência: espaço suficiente para proporcionar um <i>layout</i> adequado;</p> <p>Recurso tradicional: lousa, mesa do professor, material didático.</p> <p>Necessidades físicas: banheiro próximo às salas em bom estado, iluminação natural.</p>	<p>Tecnologia: Instalação elétrica precária;</p> <p>Ambiência: cor das paredes, teto e piso, mobiliário, cortina.</p> <p>Recurso tradicional: carteiras em fileiras individuais.</p> <p>Necessidades físicas: ventilação natural precária e temperatura quente das salas.</p>

QUESTIONÁRIO	As salas de aula podem receber mudanças para melhorá-las sem mudar de ambiente. Os pátios precisam receber uma mobília para torná-los mais eficazes como local de vivência social e pedagógica. Os corredores precisam ser utilizados como local de vivência social e pedagógica para favorecer a aprendizagem tanto da Língua Inglesa como das demais disciplinas.	A Biblioteca, o Laboratório de Informática, a Sala de Leitura e a Sala de Vídeo precisam ser relocados, isto é, mudados de ambientes.
SELEÇÃO VISUAL	Espaço; tecnologia; <i>layout</i> diferenciado; conforto térmico, acústico e lumínico; material pedagógico e visual.	Número de alunos; instalação elétrica; mobília atual; conforto térmico e acústico; ambiência para aulas de Inglês.
ENTREVISTAS	Sala ambiente para a disciplina de Inglês.	Ambiente adequado para locar a sala de Inglês. Onde locá-la?

Fonte: A Autora.

6.4.6.2 Parâmetros contextuais ambientais

A EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” está locada na região central da cidade de Presidente Venceslau desde 1963. A escola é considerada um símbolo arquitetônico por ter sido uma das maiores edificações da cidade por muitas décadas.

O Entorno

O entorno é constituído pela Santa Casa (hospital), residências, padaria, farmácia, corpo de bombeiros, posto de gasolina e consultórios médicos. A Avenida Princesa Isabel é a via de maior acesso à escola. É considerada uma via coletora, com velocidade máxima de 40Km/h e é por ela que se tem acesso à garagem para os professores e para entrada de veículos maiores, como: van com alimentos da merenda escolar, material didático entregue em grande quantidade, mobiliário, entre outros. É por meio dela que se tem acesso à Rua Euclides da Cunha, rua onde está localizada a fachada frontal da escola, essa rua é considerada uma via local, com velocidade máxima de 30Km/h.

Os Acessos e os Percursos

Os acessos aos professores podem ser feitos pela garagem, na Avenida Princesa Isabel, ou pela fachada frontal da escola, na Rua Euclides da Cunha. Caso o professor entre pela garagem ele vai ter acesso à Sala de Leitura (antiga portaria do Bloco II), se ele entrar pela fachada frontal pode escolher entrar pelo portão dos alunos ou pelo que permite acesso à portaria do Bloco I.

Aos alunos só é permitida a entrada pela fachada frontal da escola, onde há um portão de ferro alto e fechado, sem visibilidade. Após tal entrada, o portão é fechado e aberto somente na hora da saída.

O percurso dos professores é determinado pelo Bloco no qual eles trabalham: quem leciona no Ensino Médio utiliza o Bloco I, que possui a portaria voltada para a Rua Euclides da Cunha; quem leciona nas séries finais do Ensino Fundamental utiliza o Bloco II, entrando pela Sala de Leitura. A circulação vertical ocorre apenas pelas escadas que dão acesso ao primeiro e segundo andar, sem acessibilidade para deficientes.

O percurso dos alunos do Ensino Médio é passar pelo portão de entrada, chegar até o Pátio I e entrar no Bloco I e, em seguida, subir as escadas para o segundo ou o terceiro piso. O percurso dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental é passar pelo portão de entrada, pelo Pátio I, chegar até o Pátio II e entrar no Bloco II, em seguida, subir as escadas para o segundo ou o terceiro piso.

Para chegar até a biblioteca os alunos precisam entrar no Bloco II e passar por todo o corredor do térreo, a biblioteca fica no final do corredor. O laboratório fica ao lado da biblioteca, e a sala de leitura, ao lado da escada. Para chegar à sala de vídeo o aluno precisa sair do Bloco II, passar pelo Pátio II e chegar ao Bloco Complementar, o acesso é todo descoberto. Os acessos às salas de aula são os corredores, como já dito, cada andar há cinco salas de aula.

Quando o professor ministra aulas tanto no Ensino Médio quanto no Ensino Fundamental, é necessário sair de um bloco e entrar em outro, entre uma aula e outra. Tal acesso prejudica o tempo da aula, uma vez que se despende pelo menos cinco minutos nessa troca de sala.

A Paisagem

A paisagem faz parte da imagem que se tem de algum lugar, segundo Santos (1988, p. 61):

[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.

Milton Santos (1988) salienta que a composição de uma paisagem é tudo que nela existe, bem como as características e tudo aquilo que a compõe, inclusive os usuários. Assim, a imagem que cada aluno tem da escola, como um local que serve para que ele desenvolva os conhecimentos, pode influenciar os sentimentos que ele possa vir a ter por ela. Esse sentimento pode facilitar ou não seu desempenho no processo de ensino e aprendizagem. Logo, o aluno, especialmente aquele que acaba de ingressar nela, deve enxergá-la como um instrumento para seu desenvolvimento cultural, social e cognitivo, e perceber, por meio dessa paisagem, que sua permanência naquele local fortalecerá a formação e que nesse ambiente ele estará protegido e acolhido.

A imagem da escola em estudo, a princípio, assusta o aluno ingressante por causa da grande extensão e de seus diversos blocos, mas logo eles se adaptam aos ambientes e aos acessos que levam a eles.

O Conforto Ambiental

A escola do estudo de caso foi construída em 1963, este fato corrobora para que alguns elementos construtivos tenham sido danificados pela questão da própria vida útil, e já não estejam desempenhando as funções, o que prejudica principalmente as questões de conforto.

O conforto ambiental afeta o desempenho das atividades exercidas pelas pessoas, pois sem o mínimo dele, não há qualidade na produção. Isso ocorre em qualquer área, não só no processo de ensino e aprendizagem.

Desta forma, considera-se que, quando há conforto ambiental, este favorece as atividades que ali estão sendo exercidas. O conforto ambiental divide-se em: Conforto Térmico, Conforto Luminoso, Conforto Acústico e Conforto Ergonômico.

O conforto térmico na EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” é um dos confortos com mais índices negativos, pois a região da cidade de Presidente Venceslau possui uma temperatura média de 35°C, possibilitando que a sensação térmica seja elevada, prejudicando o desempenho das atividades em sala de aula.

Além de registrar uma temperatura elevada na maioria das estações do ano, não há uma boa refrigeração e ventilação das salas de aula. A refrigeração é feita por dois ventiladores, os quais não alcançam todas as áreas da sala de aula, favorecendo alguns pontos e desfavorecendo outros.

A ventilação é prejudicada em razão das esquadrias metálicas já não abrirem conforme foram projetadas, assim, o ar externo não entra na sala e o ar interno também tem dificuldade para sair. Além desses problemas mecânicos, há nas salas janelas voltadas para o corredor, as quais normalmente estão fechadas, e essas serviriam para que houvesse a troca do ar. Mas, são raramente abertas, somente quando o professor percebe o calor e nota que elas estão fechadas, então pede para que os alunos subam em carteiras e as abram. A temperatura do ambiente também é prejudicada pelo número de alunos por classe, em virtude da grande quantidade de alunos, formando um aglomerado que eleva a temperatura ambiente.

O conforto luminoso é muito bem aproveitado na sala de aula graças às esquadrias metálicas e aos vidros que favorecem bastante a entrada de luz natural, pois estão posicionadas para o Leste. A questão da iluminação artificial é boa, alcançando os 500lux obrigatórios para salas de aula, pois na última reforma as luminárias antigas foram trocadas por luminárias espelhadas que ajudam a propagar a luz por todo o ambiente.

O conforto acústico apresenta muitos problemas projetuais e construtivos, pois as salas ficam uma ao lado da outra e uma embaixo da outra, sem acabamentos específicos para isolá-las acusticamente. Assim, todo som produzido nas salas, até as explicações dos professores, são ouvidos nas salas ao lado, propagados pelo corredor. A quadra fica muito próxima ao Bloco II, desta forma, como há atividades de Educação Física durante as aulas, todo som produzido nela atinge todas as salas de aulas do Bloco II, prejudicando o conforto acústico que deveria se ter em um local de ensino e aprendizagem.

O conforto ergonômico é prejudicado pelas carteiras desconfortáveis que há nas salas, e pela quantidade de tempo que os alunos ali permanecem sem poder se mover com frequência. Além dessa questão, percebe-se que as carteiras

de todas as salas são praticamente do mesmo tamanho, ao passo que há alunos com idade entre 11 a 15 anos no Bloco II e 15 a 18 anos no Bloco I. Assim, é impossível que as mesmas cadeiras sirvam para diversas estaturas sem prejudicar o desempenho e a saúde postural dos alunos.

6.4.6.3 Parâmetros Técnico-Construtivos

Os aspectos técnico-construtivos são prejudicados no espaço em estudo, pois a escola foi construída e concebida em 1963, com dois blocos modernos para a época. Agora, já passou por algumas reformas, nas quais somente foi substituído o que era necessário em questão de vida útil⁴, pois o conjunto edilício foi muito bem construído, tendo problemas apenas em razão da idade já elevada – 49 anos.

Desta forma, a identidade arquitetônica e tecnológica está bem distante da usual nos dias atuais. As salas só possuem uma tomada elétrica, prejudicando o uso de qualquer tecnologia, seja pelo professor seja pelos alunos.

As escadas que fazem parte da concepção técnico-construtiva impossibilitam o uso de pessoas deficientes (PD), não atendendo às normas de acessibilidade NBR 9050/04 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004).

Os elementos arquitetônicos da década de 60 são bem visualizados mesmo após algumas reformas. Cabe ressaltar que algumas dessas reformas prejudicaram a questão estético-compositiva da edificação, afetando a memória arquitetônica. Os elementos são: marquises, pilotis, vãos abertos, grandes esquadrias metálicas, uso de pastilhas (as originais eram azuis claras), uso de pedra mineira na parede de entrada do Bloco I e seixos marrons na parede de entrada do Bloco II, ambos os revestimentos foram danificados na colocação dos bebedouros. As pastilhas originais ainda permanecem como revestimento externo de ambos os blocos, porém receberam várias demãos de tintas.

⁴ Vida útil: período de tempo durante o qual o edifício ou suas partes mantêm o desempenho esperado, quando submetido apenas às atividades de manutenção pré-definidas em projeto.

6.4.6.4 Parâmetros Estético-Compositivos

Ao pensar a forma do espaço, sabe-se que essa não determina o comportamento dos usuários diretamente, mas é por meio dela que as necessidades humanas podem ser satisfeitas, já que a forma deve seguir a função, neste caso, a função social da escola.

Como dizia Frank Lloyd Wright (1953, p. 322), arquiteto americano voltado para uma arquitetura mais orgânica e naturalista: “A forma e a função devem ser uma, articulando-se em uma união espiritual” (*Form and function should be one, joined in a spiritual union*).

Os espaços devem ser pensados além das funcionalidades, como locais de ações específicas, mas que vão além do óbvio, oferecendo prazer aos olhos e ao corpo e sirvam como espaços articulados, nos quais as mudanças de uso sejam facilitadas e organizadas. Esses espaços precisam guiar possibilidades de uso, facilitando as atividades que nele ocorrerão. Devem ultrapassar o seu tempo, procurar atender o hoje e o que virá amanhã.

Para satisfazer as necessidades humanas por meio da percepção espacial é necessário que o lugar transmita: segurança, estímulo e identidade. A percepção espacial ou ambiental ocorre quando há a coleta de dados visuais e de dados fornecidos pelos outros sentidos, como: ruído, olfato, calor/frio, vento, entre outros; é um fenômeno que ocorre sem a consciência humana, pois as sensações só são notadas quando trazem muito prazer ou muito desconforto.

Já a cognição ambiental é um processamento dos dados da percepção. Guarda na memória as informações espaciais por meio das lembranças sensoriais, como: cheiro, imagem, textura e paladar. Num processo de recuperação das percepções por meio dessas lembranças, utiliza-se da memória sensitiva como estímulo do todo ou, ao contrário, do todo se chega à memória sensitiva.

A imagem da escola vista pelos seus usuários por meio de toda percepção espacial não é algo tão claro, nem a questão da importância dela para eles referente a como o ambiente escolar vai permanecer nas memórias, em questões voltadas à formação tanto emocional quanto intelectual. O que os usuários enxergam é um espaço que serve para que as atividades escolares sejam realizadas, mas quando são levados a refletir, percebem o quanto o espaço influencia suas atitudes.

A aparência externa da escola em estudo tem uma importância no entorno onde está localizada, pois ocupa um quarteirão inteiro e possui um gabarito que excede as demais edificações. Entretanto, os usuários sentem a questão da não visibilidade do interior para o exterior, por causa dos muros que a cercam, impedindo a vista de dentro para fora, bem como a vista de fora para dentro. Essa ausência de visibilidade segrega a vida educacional da vida urbana e, além disso, o muro traz a lembrança de presídio e o portão de chapa de metal com lanças de ferro sobre ele acentua essa aparência.

A aparência interna é prejudicada pelas reformas e adequações feitas durante várias décadas, sem uma preocupação estética e arquitetônica. Percebe-se isso ao olhar as fachadas que possuem condutores de água de chuva os quais foram adaptados para facilitar a manutenção das calhas, contudo, não fazem parte da arquitetura original. Os bebedouros foram adaptados sobre revestimentos nas paredes originais, sendo marcados por uma péssima mão de obra, que além de destruir um trabalho de época não se preocupou em fazer um bom acabamento. Recentemente, as marquises receberam telhas de Eternit sobre as lajes, com a finalidade de não se acumular água, a qual poderia ser foco do mosquito "*aedes aegypti*", transmissor da dengue, porém, não houve preocupação com a estética de época, descaracterizando um possível patrimônio histórico da arquitetura. Os dois blocos são revestidos por pastilhas à base de porcelana ou pastilhado, a primeira pastilha produzida no Brasil, contudo, foram pintadas por várias vezes, perdendo a originalidade e a cor natural, que era um tom de azul claro. Os pilares do pátio I e algumas paredes são revestidos por lajotinhas, as quais já foram pintadas por diversas vezes, perdendo também a originalidade. Os pilares do pátio II são revestidos por mármore, já tiveram várias pedras soltas que não foram devidamente recolocadas e que hoje se perderam, e as que sobraram são pichadas pelos alunos com canetinhas e corretivos. Ao lado das escadas externas foram adaptadas rampas mal dimensionadas, com inclinações inadequadas, que também modificaram a aparência original.

A comunicação visual da escola é a própria arquitetura, com seus blocos separados por marquises e um jardim que rodeia os dois blocos principais; as escadas com corrimão de bronze que suportam há anos os alunos escorregando por ele, talvez seja por isso que ainda mantém seu brilho. As grandes janelas de esquadrias metálicas voltadas para o Leste que simbolizam a estética da escola,

pois é com essa vista que o emblema da escola foi produzido desde a década de 70, e até hoje está cravado nos uniformes de seus usuários.

Os espaços estimulantes são apenas o próximo ao jardim que possui uma bela vista do pátio I e II. Neste espaço há algumas mesinhas e bancos individuais e o pátio I é cercado por bancos contínuos de concreto. Apesar de a escola possuir uma grande área livre, essas áreas não possuem espaços de vivência com conforto adequado, pois poderia ter bancos e mesinhas distribuídos por diversos locais, o que fortaleceria a permanência dos usuários sem precisarem sentar no chão.

A escala da escola permite que ela se destaque no seu bairro e, também, como já mencionado, em várias áreas da cidade, pois está locada em um planalto e sua fachada principal está voltada para o centro da cidade.

A escola é um marco da cidade, sendo referência de localização, é conhecida como IE, e tornou-se ponto de referência na cidade.

6.4.6.5 Parâmetros de Organização Espacial

O desenvolvimento motor e mental das crianças e adolescentes na faixa etária estudada (entre 11 e 15 anos) qualifica-se em: 11-13 anos (pré-adolescência) e 14-15 anos (adolescência). Para essa faixa etária, o comportamento é influenciado por vários aspectos, tais como: **antropometria** (relação das diversas partes do corpo); **proxemia** (trata do jogo de distâncias e proximidades que se entreterem as pessoas no espaço – inventado pelo pesquisador E.T. Hall quando pesquisou o uso do espaço pessoal pelo homem – sendo o estudo da utilização do espaço ou do modo como as pessoas se colocam espacialmente em relação às outras); **espaço pessoal** (espaço cuja invasão nos provoca mal-estar); **territorialidade** (percepção que se tem do poder exercido por um indivíduo ou, um grupo, em dado espaço geográfico), **defesa/segurança** (capacidade de se proteger) e **privacidade** (direito de estar só).

A densidade também pode ser negativa ou positiva conforme indivíduo/área, por exemplo, a necessidade de que todos estejam presentes para iniciar a aula, ou outro caso, em uma sala de vídeo onde não há mais espaços chegam mais dez alunos, são situações diferentes que trazem sensações diversas.

Essa densidade divide-se em social e espacial, a espacial está voltada para a quantidade de pessoas em determinado espaço e a social está voltada para o grupo social que ocupa algum espaço.

Tem-se, ainda, a densidade percebida que está relacionada com a proximidade. Se as pessoas estiverem distantes do indivíduo, mas no mesmo ambiente, ele não percebe a densidade existente.

Os espaços podem estar relacionados com o arranjo espacial (*layout*) que a mobília proporciona para o posicionamento dos indivíduos. Podendo ser classificados em espaços sociofugais (quando as pessoas têm uma visibilidade para o espaço externo) e em espaços sociopetais (as pessoas olham umas para as outras com maior interação social).

O espaço deve possibilitar as mudanças no *layout*, isto é, facilitar novos arranjos espaciais, possibilitando a flexibilidade espacial.

A adequação do espaço conforme o uso deve ser pensada de acordo com as necessidades de inovações baseadas em contextos específicos, dando espaço para experimentações e incorporações de novas práticas por mudanças ambientais.

Para introdução de um processo de renovação, os funcionários e alunos devem estar à frente, visando à melhoria do ambiente, especialmente no quesito limpeza e conservação dos espaços e do mobiliário.

Cada tipo de usuário tem diferentes percepções e necessidades, que diferem das perspectivas do projetista do edifício, pois envolve os indivíduos que usufruem o espaço, os professores e alunos. Há uma relação dinâmica entre ambiente e comportamento, a qual não é automática.

Assim, um espaço bem sinalizado, com indicações dos ambientes por placas, favorece a circulação e a identificação pelos usuários. A visibilidade facilita também essa circulação e o ponto de destino, possibilitando a liberdade do usuário, principalmente em seus primeiros dias neste local. A visibilidade para o exterior é de grande importância para manter o usuário conectado com o mundo, a hora e o tempo, diminuindo sua ansiedade. Outro ponto é a facilidade de distinção de partes da edificação, a diferenciação, o que é de uso público e o que é de uso privado, onde pode entrar e onde a entrada é restrita.

A configuração dos ambientes pode ser um dos itens mais importantes para um bom funcionamento de atividades, pois o *layout* pode facilitar ou não a percepção dos objetivos propostos.

No horário do intervalo, as turmas mais novas, no caso alunos do 6º ano saem cinco minutos antes do restante dos alunos, por dois motivos, o primeiro

por prevenção do grande volume de alunos nas escadas e também por causa da cantina, para ter menos aglomeração de alunos maiores, uma vez que a escola possui também Ensino Médio.

Ao ar livre, os alunos desfrutam dos espaços da instituição com muita euforia, alguns correm, suam, jogam, outros se sentam e se alimentam da merenda que trouxeram de casa ou compraram na cantina, uma boa parte vai até o refeitório e faz a alimentação com o que é servido no dia.

Os pátios são bem arejados e agradáveis. O pátio que fica próximo à entrada, em especial, apresenta um design arrojado, mesmo sendo projetado à quase meio século, possui pilares revestidos de lajotinhas na cor de barro, piso cerâmico verde claro, com formato de 0,10 x 0,20m, típico da década de 50 e 60, a laje do primeiro pavimento serve de teto do pátio, sem vigas aparentes, o que o deixa mais *clean* (limpo). Na década de 80, havia caixas de som distribuídas em seus pilares, demonstrando que a permanência dos alunos neste ambiente era relevante.

Neste mesmo pátio foi instalado um tipo de cerca de madeira com tábuas largas que serviam para os alunos se sentarem durante a permanência no intervalo.

Em 2009, a direção recebeu uma verba do governo do Estado de São Paulo para ser utilizada no paisagismo e conforto externo. Foram instalados nos mesmos lugares onde havia a cerca/assento, bancos de concreto que separam o jardim do passeio e servem para o descanso dos alunos.

Antes desta instalação, os alunos permaneciam muito pouco neste primeiro pátio, porque não havia onde sentar-se, quando ali ficavam ou era em pé ou sentados no chão. A adaptação com as novas instalações foi, aos poucos, trazendo os alunos para este local para apropriarem-se dele novamente.

O pátio do segundo bloco não é tão vistoso e interessante quanto o pátio descrito até então. Seu piso é de concreto, dando a impressão de sujo e mal conservado. Possui um bebedouro instalado na única parede do pátio, a qual possui um trabalho em seixos marrons, que foi danificado na época da instalação do bebedouro, revelando a falta de preocupação com a arquitetura local e a questão estética.

O movimento de alunos neste pátio é mais dinâmico, correm daqui pra lá; dançam; pulam ou ficam parados em pé; escorados no guarda-corpo de alvenaria. Não há bancos neste local, pode-se até dizer que este seja um local de trânsito, local de passagem, acesso para ir do pátio principal, para a quadra ou refeitório.

Em frente à cantina, a permanência ocorre somente enquanto compram os alimentos, após isso ela fica ali, abandonada. As quadras também são usadas durante o intervalo, tanto a coberta quanto a aberta lateralmente, porém também não há um local para os alunos se sentarem.

Os que se alimentam da merenda oferecida pela escola sentam-se no refeitório com mesas em concreto revestidas com cerâmica ou na escada que separa o refeitório da quadra aberta.

O intervalo ocorre das 9h30min às 9h50min, são exatamente 20 minutos, os quais são bem aproveitados para se alimentarem; brincarem; conversarem; paquerarem; “namorarem”; só que se esquecem muitas vezes de irem ao banheiro, lembrando disso somente na hora em que o sinal toca.

Assim, como o número de alunos é relevante, acontece transtorno ao retornarem para sala, pois os que resolvem ir ao banheiro se atrasam ao entrar e os que não vão, ou passam mal, ou insistem com o professor para ir durante a quarta aula.

Após o intervalo, tudo fica mais cansativo: a digestão do que se comeu; o calor que vai aumentando em virtude da localização da cidade; o suor que transborda pela testa, e assim prossegue. O espaço usado em sala começa ficar ainda menor por causa de tantos inconvenientes, e é nesse momento que todos querem ir ao banheiro, beber água, sair dali a qualquer custo. Mesmo os que não querem sair, quando ouvem um colega pedir, se inspiram e o grupo todo passa a ter sede e necessidades de ir ao banheiro.

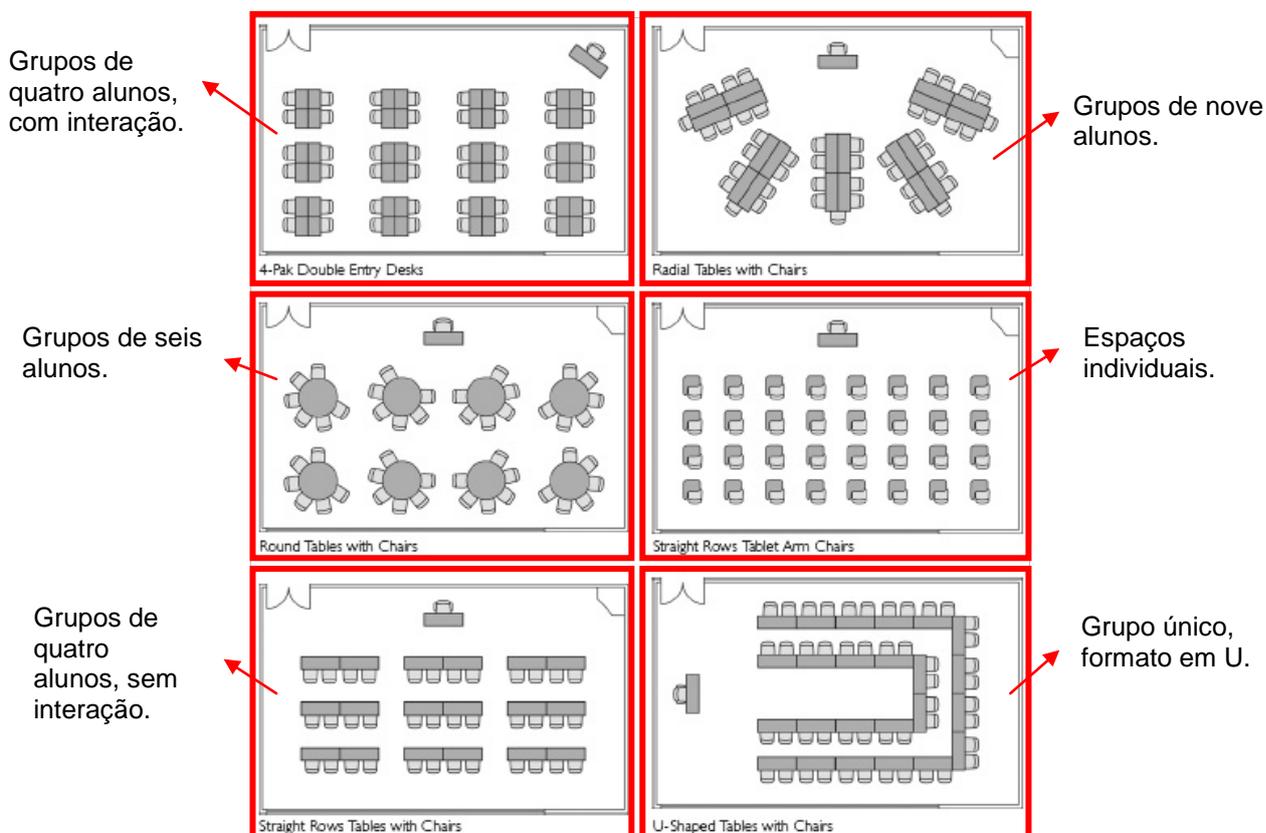
Como as trocas de professores acontecem a cada 50 minutos, entre um professor sair e o outro professor chegar, uma boa parte dos alunos sai da sala e vai para o corredor (local de socialização).

Um detalhe muito prejudicial no edifício em questão é a falta de relação interior e exterior. Como os pavimentos estão mais altos do que o nível térreo, não se vê a vegetação, nem as pessoas pelas janelas, apesar delas serem bem amplas. Isso faz a permanência interna se tornar mais cansativa e deprimente, e até explica boa parte da necessidade de se ficar no corredor, apesar de nele não haver também esse diálogo exterior/interior, mas há os colegas das salas vizinhas que, sempre nas trocas de aula, também se dirigem para este espaço.

6.4.6.6 Parâmetros para as aulas de Inglês

A arquiteta Doris Kowaltowski (2011) destaca diversos *layouts* (arranjos espaciais) das mobílias no ambiente “Sala de aula”, os quais se adequam às propostas de trabalhar com grupos diferenciados conforme a metodologia indicada para cada situação educacional.

FIGURA 57 - *Layout* das salas de aula



Fonte: Kowaltowski (2011)

Cada *layout* proposto (Figura 57) deve ser usado conforme as necessidades metodológicas aplicadas à didática do professor e à proposta pedagógica. Assim, por meio dessas possibilidades, a ambiência deve ser trabalhada para proporcionar um arranjo espacial que possa favorecer as ações ali executadas.

Para isso, o espaço tem de ser programado conforme as influências nas atividades propostas, e a sala precisa ter uma dimensão que possibilite essas mudanças e também um número de usuários que não prejudique essa ambiência.

Pensando nessa ambiência, Malard (2001) agrupa os objetos com os quais se convive cotidianamente em três sistemas: funcionais (de consumo), não funcionais (obras de arte, antiguidades) e metafuncionais (equipamentos eletrônicos).

O sistema dos objetos funcionais compreende duas estruturas: a da ambiência e a do arranjo. A estrutura da ambiência é o modo pelo qual cores, materiais, formas e texturas são combinados no ambiente construído, em suporte ao arranjo. Já a estrutura do arranjo é relativa à disposição e combinação de objetos a fim de obter um conjunto funcional e capaz de comunicar valores sociais.

Considerando a ambiência como uma qualidade bastante concreta da arquitetura, pode-se dizer que ela se configura como o conjunto de fatores necessários para tornar um ambiente agradável. Possui duas dimensões: uma relativa aos aspectos mais subjetivos, relacionados à cultura (materiais, cores, formas, texturas, entre outros); e outra relativa aos aspectos mais objetivos, fisiológicos, inerentes à condição humana (térmica, luminosa, acústica e ergonômica).

Segundo Malard (2001), a dimensão subjetiva se dá na relação das pessoas com os objetos funcionais e a dimensão objetiva se encontra nas condições de conforto do ambiente construído.

Ambiência é composta também pela humanização dos espaços, realizada pelo homem, ocorrendo assim à interação entre o usuário e o espaço. A ambiência é o fenômeno que resulta do conjunto de todas as qualidades do espaço e que engloba todos os outros fenômenos.

Em relação às condições de conforto ambiental, Heimstra e McFarling (1978) discutem sobre temperatura, umidade, iluminação e ruído como elementos que podem produzir conforto ou aborrecimento, que afetam o desempenho do usuário. Discutem, também, sobre a criação de condições ambientais satisfatórias para os usuários, as quais dependem de diferentes níveis de sensibilidade física e psicológica.

As questões de conforto ambiental estão nitidamente relacionadas com a ambiência de modo a favorecer a permanência dos usuários em determinados locais ou não, seria uma forma de prazer em estar lá ou não.

Logo, a idealização de uma ambiência para as salas de aula de Inglês é justificada pelas necessidades físicas e psicológicas dos seus usuários, para que o “estar” seja algo espontâneo e prazeroso, local onde se queira ficar e que os objetos

ali presentes sejam continuidades das ações cognitivas, para que a familiaridade faça parte de cada grupo que ali permanecer, com um único objetivo, aprender.

Deste modo, essa ambiência deve ser idealizada de forma a satisfazer as sensações de seus usuários e fortalecer – por meio de objetos, mobília (*layout*), materiais, tecnologia, decoração – o processo de ensino e aprendizagem.

6.5 Recomendações para a Instituição do Estudo de Caso – EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” em Relação aos Espaços Propícios para o Ensino e Aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna

Após as análises dos instrumentos de APO (Avaliação Pós-Ocupação), propõem-se recomendações para os ambientes analisados como espaços propícios para o ensino e a aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna – em especial a Língua Inglesa –, tais como: Sala de aula, Biblioteca, Laboratório (sala) de Informática, Sala de Leitura, Sala de Vídeo e os espaços de vivência (pátios e corredores). Essas recomendações visam mudanças positivas a curto, médio e longo prazo.

Recomendações

Sala de aula:

- 1- Diminuição do número de alunos de 35 para 25 alunos por sala;
- 2- Adequação da mobília com base na estatura dos alunos da sala, possibilitando mudanças individuais quando alunos estiverem com estatura fora do padrão da sala, garantindo a todos uma boa ergonomia;
- 3- Substituição das esquadrias metálicas por esquadrias de alumínio, com abertura *Max air* (máximo ar), possibilitando uma ventilação adequada ao ambiente;
- 4- Aplicação de *insufilm* (película para vidros) nos vidros das esquadrias com o intuito de amenizar a insolação sem perder a iluminação natural, eliminando o uso de cortinas;
- 5- Instalação de um bebedouro em cada sala, em razão das altas temperaturas durante grande parte do ano e da localização distante dos bebedouros externos em relação às salas de aula, necessitando descer e subir vários degraus das escadas até chegar a eles;

6- Adequação das instalações elétricas nas salas de aula, possibilitando vários pontos de energia para conectar equipamentos eletrônicos que devem ser utilizados em aula;

7- Instalação de ar refrigerado nas salas de aula por causa da grande influência que clima exerce no comportamento humano, servindo assim como aliado no desempenho escolar, tanto dos alunos quanto dos professores;

8- Instalação de multimídias em todas as salas de aula, garantindo uma aula mais moderna e dinâmica, com menos uso de lousa e giz, sem a necessidade do professor transitar com esses equipamentos, o que prejudica a vida útil dos aparelhos e demanda muito tempo na sua montagem e desmontagem;

9- Permanência da lousa tradicional com uso do giz, mas que seja um dos instrumentos a ser escolhido pelo professor, pois seu uso constante prejudica a limpeza das salas e acumula muito pó nos vidros das esquadrias, prejudicando até a iluminação natural e a saúde de quem ali permanece por muito tempo, além disso, prejudica o funcionamento do ar refrigerado, já que em dias muito quentes a sala deve permanecer fechada e sem uso do giz;

10- Instalação de pelo menos dois computadores em cada sala, para uso de pesquisa, possibilitando também que os alunos tragam seus *notebooks* para realizar atividades pedagógicas;

11- Adequação de uma ambiência que fortaleça a interação pessoal dos alunos por meio da formação de grupos diferenciados, para isso a mobília deve ser adaptável e leve para que mudanças sejam feitas conforme cada organização espacial, garantindo conforto e flexibilidade, evitando ao máximo o uso individual e enfileirado das carteiras;

12- As paredes da sala devem servir como um painel informativo, pois, como não há sala-ambiente, deve-se dividir conteúdos de disciplinas diferentes que se complementam, para isso a metodologia de ensino deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, em específico as aulas de Inglês devem ocupar uma parte de uma das paredes e socializar em Inglês conteúdos de outras disciplinas;

13- A cor do teto deve ser trocada do creme para o branco, com o intuito de propagar a luz natural e artificial de forma homogênea;

14- As cores das paredes e portas devem ser alegres e vivas, sem ser algo que canse ou ofusque a vista, melhor forma de escolher seria uma votação entre os

alunos da sala, caso essa permaneça o ano todo com eles, assim, terão uma afinidade maior com aquilo que eles ajudaram a definir;

15 – Instalações de armários individuais, como a proposta é de apenas 25 alunos, isso se tornaria possível, pois o espaço livre seria maior e o número de armários, conseqüentemente, diminuiria; são armários universitários (roupeiro de aço) com partes individuais chaveadas; além desses, é necessário ter estantes para disponibilizar material didático exclusivo para a faixa etária e para os conteúdos específicos das disciplinas; em Inglês, há necessidade de dicionários, livros, revistas, jornais, catálogos, entre outros.

Biblioteca:

1- Ampliação do ambiente sem necessidade de reforma, apenas utilizar como parte da Biblioteca o Laboratório de Informática, remanejando o Laboratório para outro ambiente, pois já não cumpre a função onde está localizado. Assim sendo, o arquivo literário poderá ser locado juntamente com as estantes no espaço do Laboratório, já que esse tem ligação direta com o ambiente da Biblioteca, sem necessidades de reformar ou adaptar a arquitetura, apenas abrindo a porta que já existe. O espaço ocupado pelas estantes será apenas para ambientar as mesas e cadeiras que servirão para uso da Biblioteca e, como Sala de Leitura, melhorando a iluminação e ventilação que já são proporcionadas pela grande esquadria metálica que não cumpre sua função em razão do excesso de estantes que impedem a entrada da luz e ventilação natural. Deve-se fazer um muro externo separando a área externa da quadra e o jardim dos fundos da Biblioteca, possibilitando a entrada somente por ela, adaptando uma mobília que possibilite o uso ao ar livre para leituras, trabalhos, aulas e demais atividades;

2- Adaptação da instalação elétrica possibilitando uso de equipamentos eletrônicos pelos alunos;

3- Uso de uma ambiência que gere sensação de harmonia entre a mobília, os usuários e a função do ambiente;

4- A cor do teto deve ser trocada do creme para o branco para uma melhor propagação da luz natural e artificial;

5- Adaptação de uma parede informativa com propaganda dos livros recentemente lançados e de clássicos, essa produção deve ser feita pelos próprios usuários;

6- Instalação de ar refrigerado para uso em dias mais quentes;

- 7- Instalação de dois bebedouros para que não haja necessidade de sair do ambiente para saciar a sede;
- 8- Revitalização dos dois banheiros entre a Biblioteca e o ambiente do Laboratório, possibilitando um banheiro para cada sexo;
- 9- Melhoria na instalação das luminárias para que proporcione um bem-estar aos leitores.

Laboratório de Informática:

- 1- Principal solução seria a construção de um ambiente específico para ele, pois os espaços da escola em estudo não possibilitam um uso adequado dessa tecnologia;
- 2- Solução paliativa seria uma reforma no Bloco Complementar com expansão do ambiente da Sala de Vídeo. A Sala de Vídeo sairia do local atual e daria lugar ao Laboratório de Informática, fazendo uma ligação entre uma sala de despensa, aumentando a dimensão do ambiente, porém, seria necessária uma grande reforma, com outras adaptações, como:
 - a) Instalação elétrica para uso da tecnologia;
 - b) Instalação de ar refrigerado em virtude da própria necessidade dos equipamentos e para proporcionar conforto térmico;
 - c) Instalação adequada do mobiliário, proporcionando conforto ergonômico e distribuição dos equipamentos de forma prática e que possibilite interação entre grupos e o professor instrutor;
 - d) Abertura de janelas a fim de melhorar a iluminação e a ventilação natural, mesmo com uso constante da refrigeração artificial, há necessidade dos ambientes terem ventilação e iluminação naturais proporcionando uma higienização do espaço;
 - e) A ambiência deve ser voltada para um público jovem que valoriza espaços arejados, claros, com cores atraentes e vivas, melhor forma de escolha seria uma votação nas cores ideais, de preferência mais de uma;
 - f) O teto também deve ser branco;
 - g) Instalação de luminárias modernas que proporcionem luminância de, no mínimo, 500 lux ao ambiente; e
 - h) Não há necessidade de instalação de bebedouros, porque o Bloco Complementar fica próximo aos bebedouros dos pátios, não precisando subir e descer escadas.

Sala de Leitura:

- 1- Desativação da sala de leitura como um espaço específico;
- 2- Uso de Sala de Leitura na Biblioteca, local perfeito para realização das leituras;
- 3- Uso de diversos espaços de vivência que favoreçam leituras individuais e em grupos, tais como: local da Sala de Leitura atual no Bloco II, retirada das mesas e uma ambientação com sofás e poltronas que beneficie uma permanência agradável e possibilite a leitura livre por qualquer aluno, professor ou outros; embaixo das escadas, com uma ambiência agradável que possibilite descanso e leitura com uma mobília e iluminação adequadas; espaços externos com uma ambientação que favoreça a permanência e a leitura, com bancos, mesas e cadeiras, favorecendo uma livre escolha para a atividade do leitor.

Sala de Vídeo:

- 1- Tal qual o Laboratório de Informática, a principal solução seria a construção de um ambiente específico para a Sala de Vídeo ou Sala Multimídia, pois os espaços da escola em estudo não possibilitam o uso dessa tecnologia de forma adequada que proporcione aos usuários os vários confortos que um local como esse precisa ter, como: térmico, acústico, luminoso e ergonômico. Nesse caso, o conforto luminoso foge à regra, porque não há necessidade de muita luz nesse ambiente, deve ser apenas suficiente para a circulação das pessoas, com nível de iluminância de 50 a 100lux, ao passo que os outros ambientes necessitam de no mínimo 500lux.
- 2- Visto que não há um ambiente adequado para se locar a Sala de Vídeo, e as salas de aula já estarão adaptadas ao uso de multimídia, desta forma, a escola fica com 20 salas de “vídeo”, pois todas as salas teriam essa condição. Isso favorece todo processo de ensino e aprendizagem. Contudo, as salas de aula precisam ter, além do *insufilm*, cortinas com *blackout* para diminuir o nível de iluminância, de preferência cortinas tipo rolo, que ficam embutidas, evitando poeira e vedação da iluminância.

Pátios:

- 1- Ambos os pátios devem ser ambientados com mobília que propicie diversas atividades individuais e em grupos, com bancos, mesas com cadeiras, vegetação que amenize a insolação. Essa mobília deve ser alegre e confortável, possibilitando

desde tomar um lanche até usar um *notebook* pelo usuário, isso favorece a permanência e estimula uma vivência agradável;

2- Recuperação dos revestimentos do Pátio I, com as pedras mineiras e o Pátio II, com os seixos marrons, trocando o bebedouro de alvenaria por bebedouros de inox, que além de mais higiênicos evitam danos ao patrimônio arquitetônico escolar;

3- Ampliação das marquises do Pátio II ao Pátio I e do Pátio I ao portão de entrada.

Corredores:

1- Substituição das janelas do corredor que ficam no alto das paredes por janelas maiores que possibilitem uma visão do exterior do edifício, isso propiciará uma melhor iluminação e ventilação natural e, além de tudo, permitirá que o corredor deixe de ser um local isolado visualmente;

2- Adaptação de um elevador no Bloco I, ao lado da escada no pavimento térreo e um elevador no Bloco II, ao lado da atual Sala de Leitura, sem prejudicar a arquitetura do edifício e sua estrutura.

3- Adaptar murais nos corredores para serem espaços de informação e formação, adaptar bancos anatômicos em uma das laterais do corredor para que o espaço de circulação se torne um espaço de vivência;

4- Desativar as despensas que ficam no final do corredor, abrindo as paredes e deixando apenas um guichê de atendimento, possibilitando um apoio técnico a todas as salas do corredor, para isso, terá um funcionário que durante as aulas permanecerá ali para dar suporte aos professores e alunos.

Cabe ressaltar que todas essas mudanças facilitarão o processo de ensino e aprendizagem não apenas nas aulas de Língua Inglesa como também nas demais disciplinas do Currículo.

QUADRO 10 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Sala de Aula

Ação	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Sala de Aula			
1 - Número de alunos			
2 - Mobília			
3 - Esquadrias			

4 - <i>Insufilm</i>			
5 - Bebedouro			
6 - Instalações elétricas			
7 - Ar refrigerado			
8 - Multimídias			
9 - Lousa adequada			
10 - Computadores			
11 - Ambiência			
12 - Painel informativo			
13 - Cor do teto			
14 - Cor das paredes			
15 - Armário			

Fonte: Rheingantz et al. (2009).

QUADRO 11 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Biblioteca

Ação	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Biblioteca			
1- Ampliação do ambiente			
2 - Instalação elétrica			
3 - Ambiência			
4 - Cor do teto			
5 - Parede informativa			
6 - Ar refrigerado			
7 - Bebedouros			
8 - Banheiros			
9 - Luminárias			

Fonte: Rheingantz et al. (2009).

QUADRO 12 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Laboratório de Informática

Ação	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Laboratório de Informática			
1 - Construção de um ambiente			
2 - Reforma: Bloco Complementar			
a) instalação elétrica			
b) ar refrigerado			
c) mobiliário			
d) janelas			
e) ambiência			

f) cor do teto			
g) luminárias			

Fonte: Rheingantz et al. (2009).

QUADRO 13 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Sala de Leitura

Ação	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Sala de Leitura			
1 - Desativação da sala			
2 - Biblioteca			
3 - Espaços de vivência			

Fonte: Rheingantz et al. (2009).

QUADRO 14 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Sala de Vídeo

Ação	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Sala de Vídeo			
1 - Construção de um ambiente			
2 - Locação nas salas de aula			

Fonte: Rheingantz et al. (2009).

QUADRO 15 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Pátios

Ação	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Pátios			
1 - Ambientação			
2 - Revestimentos e bebedouros			
3 - Ampliação das marquises			

Fonte: Rheingantz et al. (2009).

QUADRO 16 - Cronograma Físico de Ações – Recomendações de Intervenção – Corredores

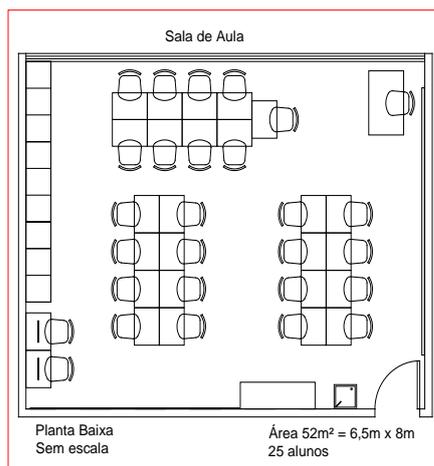
Ação	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Corredores			
1 - Substituição das janelas			
2 - Adaptação de elevadores			
3 - Murais			
4 - Bancos			
5 - Apoio técnico			

Fonte: Rheingantz et al. (2009).

6.6 Projetos para a Instituição do Estudo de Caso – EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” em Relação aos Espaços Propícios para o Ensino e Aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna (APÊNDICE A)

Sala de Aula

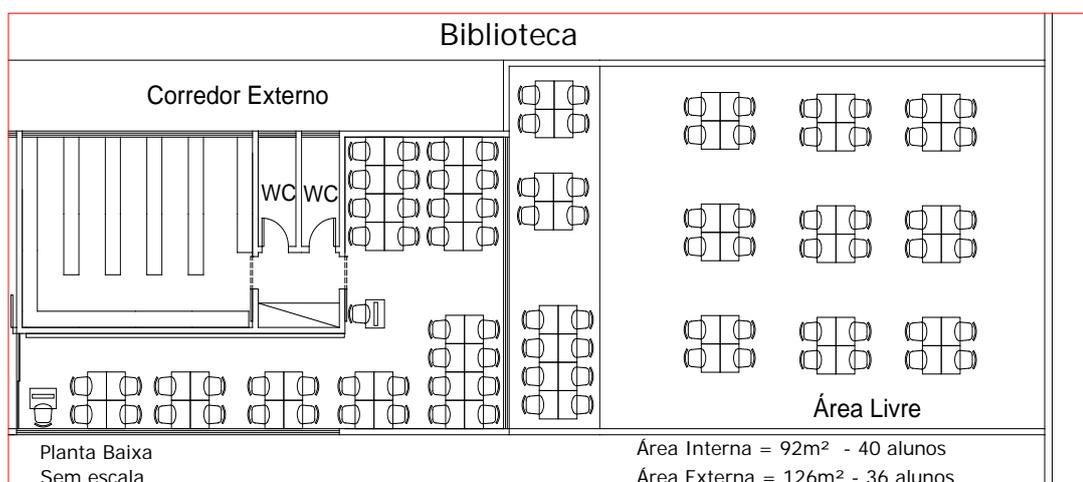
FIGURA 58 - Projeto DWG – Sala de aula – novo *layout*



Fonte: A Autora.

Biblioteca

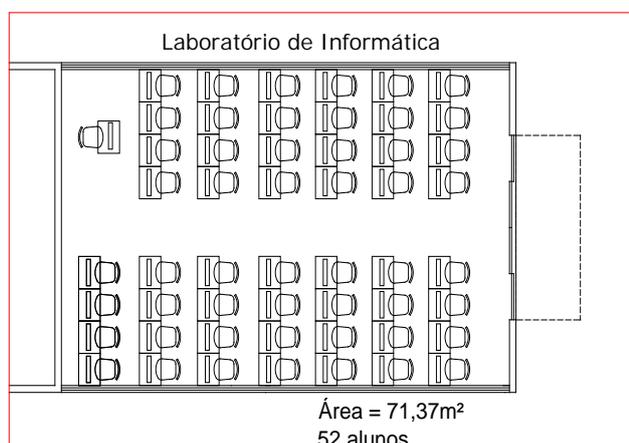
FIGURA 59 - Projeto DWG – Biblioteca – ambiente ampliado e novo *layout*



Fonte: A Autora.

Laboratório de Informática

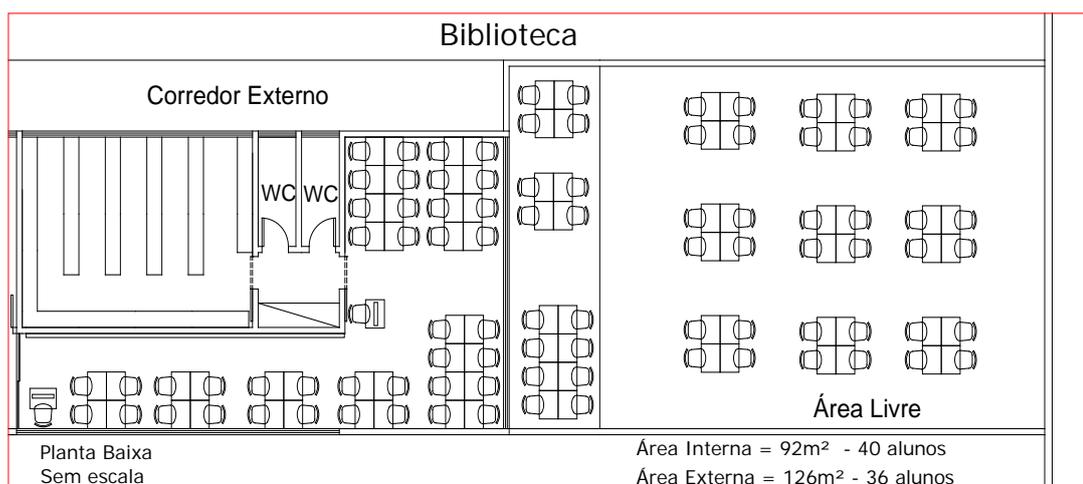
FIGURA 60 - Projeto DWG – Laboratório de Informática – ambiente reformado e novo *layout*



Fonte: A Autora.

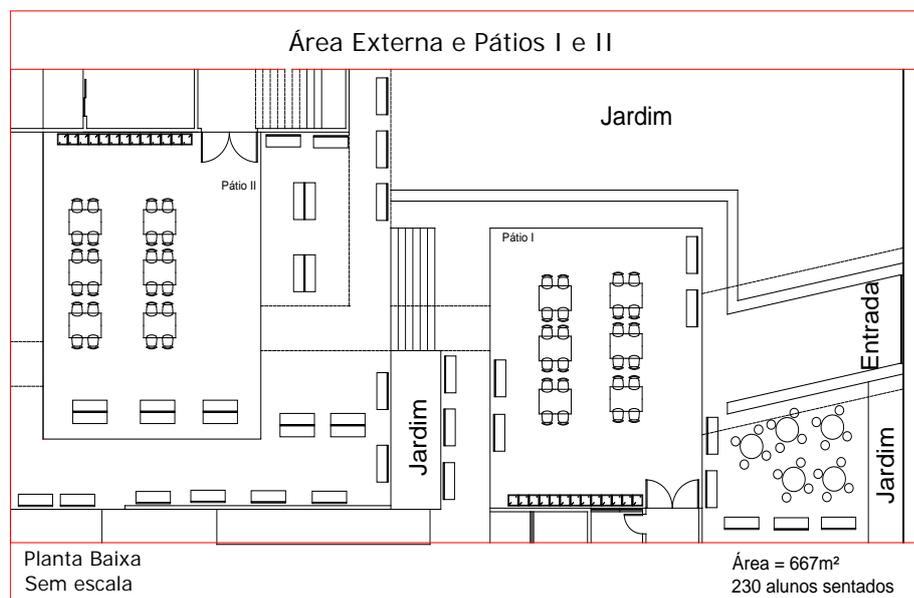
Sala de Leitura

FIGURA 61 - Projeto DWG – Biblioteca – ambiente preparado para atender às atividades de leitura



Fonte: A Autora.

FIGURA 62 - Projeto DWG – Área externa e Pátios – ambientes para atividade de leitura



Fonte: A Autora.

Sala de Vídeo

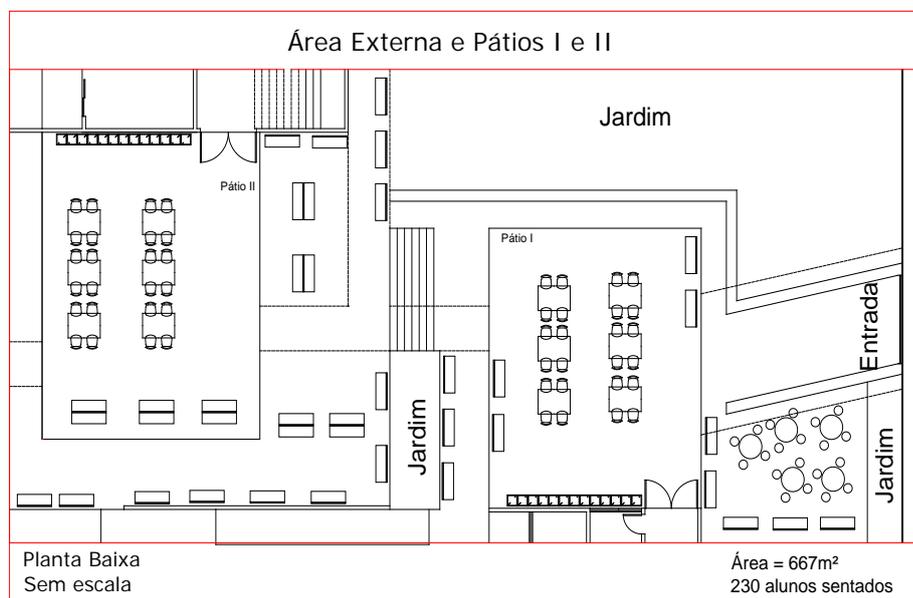
FIGURA 63 - Projeto DWG – Sala de aula – ambiente preparado para uso do multimídia



Fonte: A Autora.

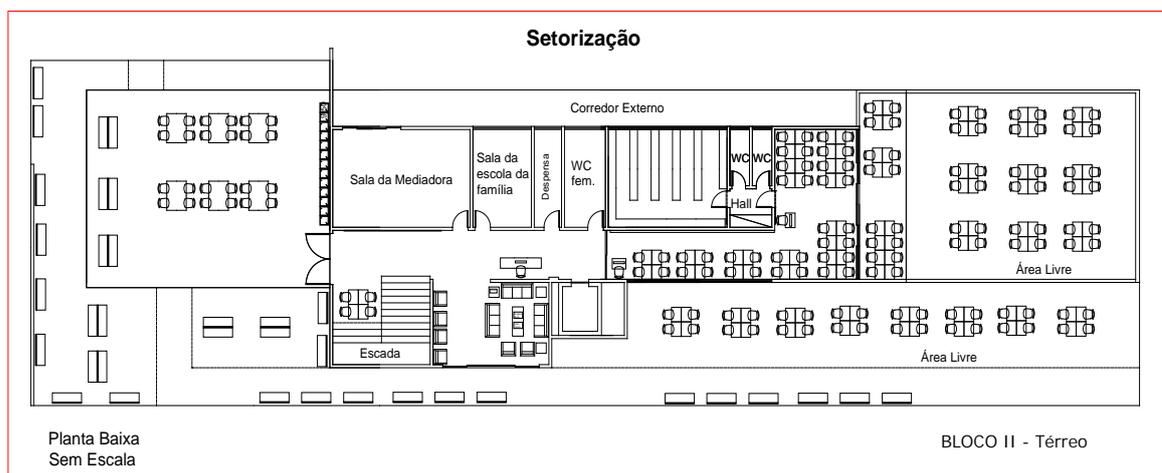
Pátios

FIGURA 64 - Projeto DWG – Área Externa e Pátios I e II – ambiente preparado para vivência



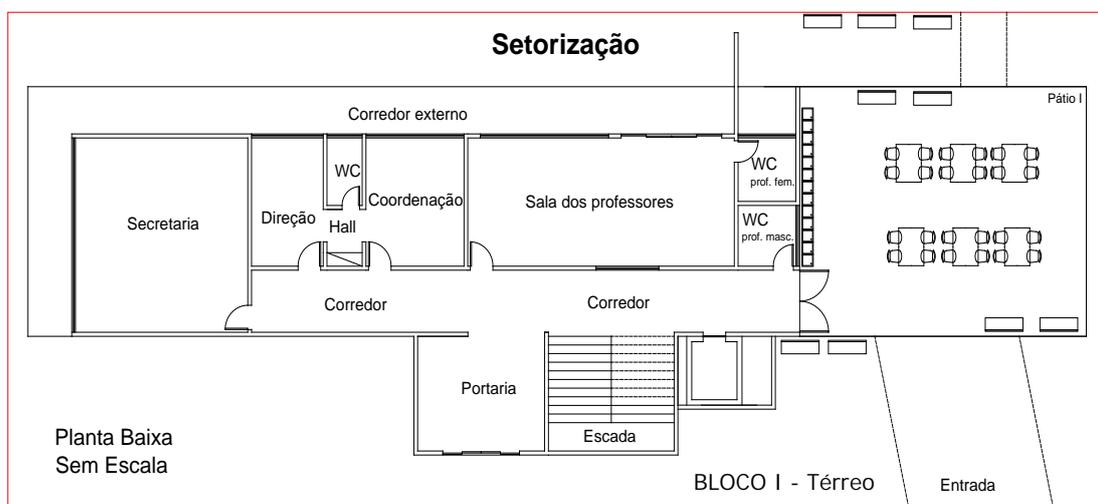
Fonte: A Autora.

FIGURA 65 - Projeto DWG – Área Externa e Pátio II – ambiente preparado para vivência e leitura



Fonte: A Autora.

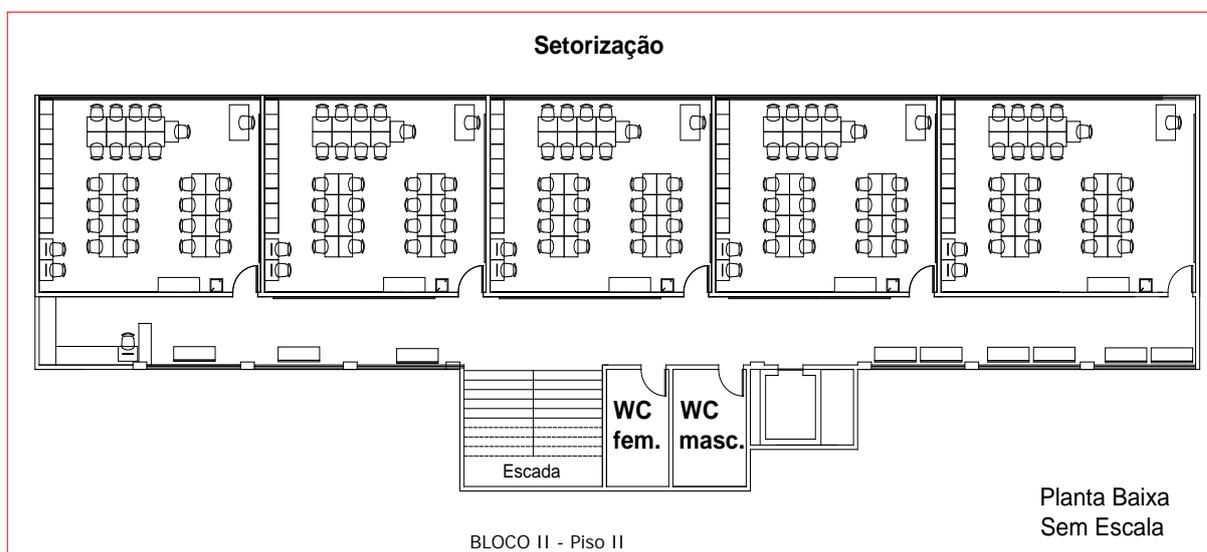
FIGURA 66 - Projeto DWG – Bloco I e Pátio I – ambiente preparado para vivência e leitura



Fonte: A Autora.

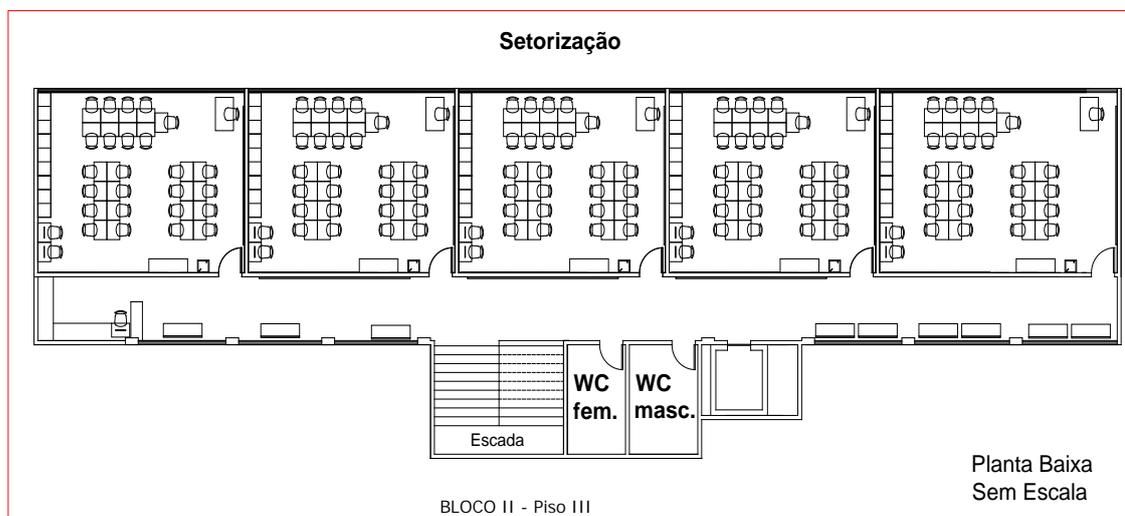
Corredores

FIGURA 67 - Projeto DWG – Bloco II – Piso II – Salas de aula e circulações: horizontais e verticais



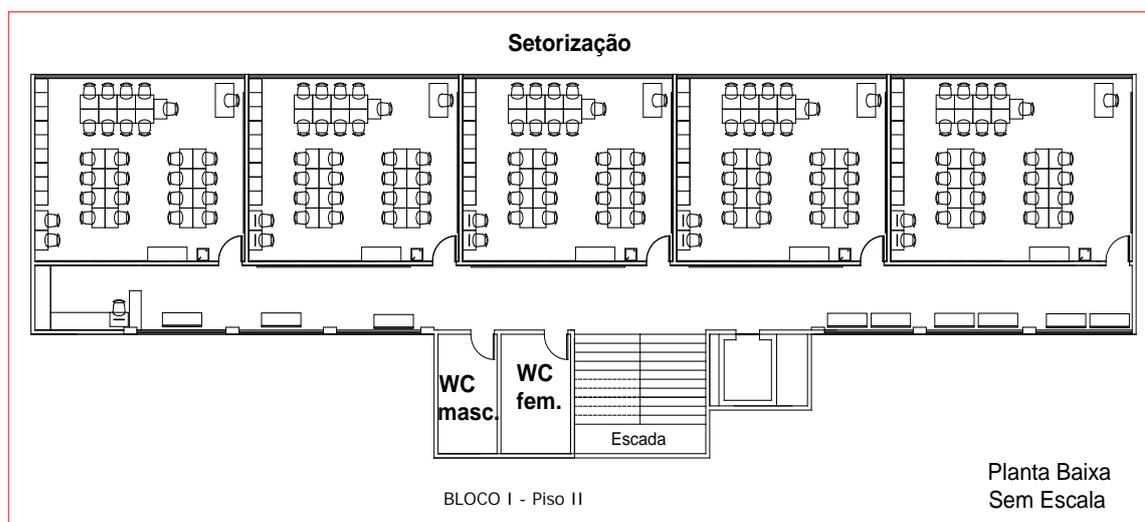
Fonte: A Autora.

FIGURA 68 - Projeto DWG – Bloco II – Piso III – Salas de aula e circulações:
horizontal e vertical



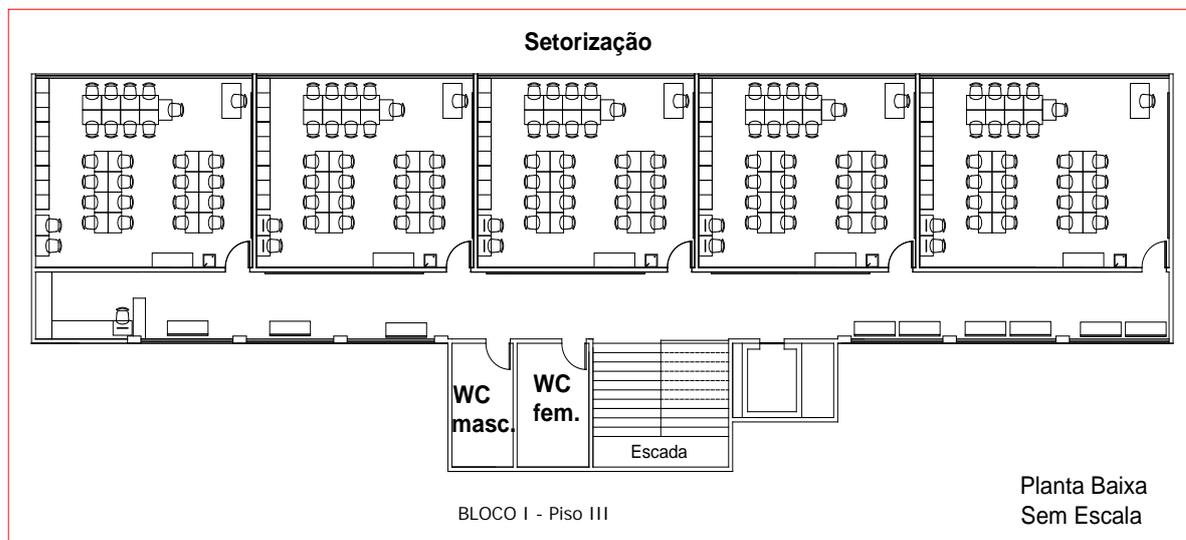
Fonte: A Autora.

FIGURA 69 - Projeto DWG – Bloco I – Piso III – Salas de aula e circulações:
horizontal e vertical



Fonte: A Autora.

FIGURA 70 - Projeto DWG – Bloco I – Piso III – Salas de aula e circulações:
horizontal e vertical



Fonte: A Autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dimensões fenomenológicas que interferem na habitabilidade focalizam de que modo o relacionamento com o edifício é experienciado pelos usuários. As dimensões do edifício escolar e as características influenciam em várias questões psicológicas dos usuários. Desta forma, ao analisar a Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, foi possível visualizar alguns problemas que a sua dimensão provoca.

A edificação foi implantada em um terreno de 8.396,94m². Possui uma área de construção de 4.394,38m², constituída por dois blocos praticamente idênticos, com três pavimentos cada, um térreo, o primeiro e o segundo pavimento ligados por uma circulação vertical (escadas), sem nenhuma acessibilidade aos pavimentos superiores para pessoas deficientes (PD). Tem uma área livre de 4.002,56m², que separa os dois blocos, as duas quadras e também o refeitório.

Estas distâncias provocam no usuário um estranhamento, o qual não se sente pertencente a um espaço tão vasto, perdendo a identidade espacial que poderia adquirir ao se sentir parte do todo.

Isso pode explicar quase todas as dificuldades enfrentadas pelos gestores e professores neste espaço escolar.

Segundo Doris Kowaltowsky (2011), os elementos de influência sobre o comportamento são: o espaço, os equipamentos e móveis, as pessoas (idade, individual/grupo, saúde, condição socioeconômica). E é mediante a percepção do meio que o comportamento humano recebe fluidos positivos ou negativos, que influem na sua formação, tais como: natureza humana, componente somático, sistema sensorial, personalidade, autoestima, caráter, sentimentos, aprendizado. Tudo isso num ciclo contínuo, ao qual tudo se interage de forma a influenciar uns aos outros.

A Psicologia e a Arquitetura possuem uma interface que pode modificar o ambiente físico para evitar reações negativas; fazer as pessoas repensarem os comportamentos e hábitos para melhorar a função social do ambiente físico no qual vivem e usufruem.

Os estudos voltados para a Avaliação Pós-Ocupação (APO) possuem requisitos voltados para o bom funcionamento das escolas, são requisitos subjetivos e objetivos, subdivididos em: requisitos funcionais/pedagógicos, requisitos projetuais, percepção espacial e percepção sensorial.

As avaliações e os registros são excelentes formas de averiguar os sentimentos dos alunos pelo espaço e pela forma como ele é explorado para o processo de ensino e aprendizagem, sendo assim um ótimo material semântico.

Os mecanismos de percepção visual podem ser estimulados em sala de aula por meio de estratégias voltadas para a valorização das sensações obtidas pelos sentidos.

Pestalozzi (1801 apud KOWALTOWISK, 2011), já trazia considerações para o espaço escolar, defendendo que a percepção é “sentida” com as mãos, coração, mãos e pés. Em seus estudos, pode ser encontrada a importância de se diferenciar a escala da criança e do adulto; de se preocupar com o equilíbrio entre a postura em pé e em movimento; que as crianças adoram pular, correr e outras ações que queimem energia e ao mesmo tempo adoram escadas, esconderijos, buracos, chão.

Assim, o referido autor já defendia a importância das cores e das formas para o ambiente de crianças e adolescentes, o uso correto da iluminação, especialmente a natural, a necessidade de ventilação, temperatura e troca do ar para uma sala com conforto térmico. Também demandava cuidado com os ruídos e a acústica para favorecer a relação social por meio do discurso, e a questão dos odores, que podem prejudicar a atenção. O uso no ambiente de informações nas paredes e tetos para fortalecer os conteúdos de forma lúdica e agradável aos olhos; utilizar o piso para sentar, correr, deitar; intensificar a orientabilidade dos alunos tanto no interior da escola quanto em seu entorno.

Enfim, Pestalozzi (1801 apud KOWALTOWISK, 2011), enfatizava a importância de se proporcionar a todos segurança, privacidade, uso do território, tanto o interno quanto o externo, possibilitando um diálogo entre os dois, bem como visualização da natureza e uma total abertura para a comunidade.

O comportamento é influenciado pelo meio e pela função exercida nele, conforme cada usuário, isto é, a forma que cada indivíduo usufrui do meio para realizar as atividades.

Há evidências do efeito de variáveis físicas básicas como qualidade do ar, temperatura, ruído para a aprendizagem. Também há questão de evidências conflitantes sobre os efeitos de iluminação e cor, melhorando e prejudicando o rendimento escolar. A flexibilidade do mobiliário em sala de aula causa um efeito positivo em qualquer faixa etária de alunos.

A questão de pertencer ao local, ao espaço, tanto por professores quanto por alunos é importante para que cada um se identifique e cuide do ambiente, evitando vandalismos.

Os elementos físicos da sala de aula afetam o conforto, o bem-estar e a atitude dos usuários e melhoram o desempenho, tanto de alunos como dos professores. Na escola estudada, essa ambiência é prejudicada pela dimensão espacial, dificultando a apropriação do ambiente externo pelo indivíduo, por ter muitas opções de permanência ocorre uma falta de percepção espacial, pois o usuário não consegue identificar-se com espaços que a cada momento são explorados por diversos indivíduos.

No espaço interno, percebe-se que não há diferenciação entre uma sala de aula e outra, isso demonstra a falta de identidade do grupo usuário de cada sala, desta forma não há receptividade e nem ambiência, prejudicando a apropriação do espaço que fortaleceria o cuidado e a interação entre indivíduo e ambiente. Isso pode ser a causa, muitas vezes, do vandalismo, nem sempre tão extremo, mas que aparece nas paredes escritas; nas carteiras destruídas; nos vidros quebrados; nas cortinas rasgadas; nas portas arrombadas.

A escola Antônio Marinho foi concebida para ser visualizada pela população local, construída no centro da cidade, nos altos da avenida principal, constituindo um conjunto arquitetônico em destaque por possuir dois andares superiores e dois blocos construtivos. Além de ser vista a distância, quem passasse em frente dela teria uma visão dos seus jardins e pátios, porque era vedada por alambrados que permitiam total visibilidade.

Na década de 90, o alambrado foi retirado por motivos de segurança; uma vez que era frequentemente cortado pelos alunos com o intuito de escaparem do interior da escola para o espaço exterior, que muitas vezes era apenas a calçada em frente à escola.

Assim, foi construído um muro e instalado um portão todo vedado, impossibilitando qualquer visão do interior da escola quando este portão é fechado. Desta forma, impossibilitou também a visão externa de dentro da escola, tornando-se um local fechado fisicamente e visualmente.

Contudo, essa solução não impede que alunos saiam da escola sem permissão, pois ainda pulam os muros quando assim o querem.

Relacionam-se com a identidade todas as características que definem a aparência externa e interna do edifício, como: acabamentos, textura, adornos, configuração formal, arranjo da mobília, quantidade de espaço, e outros.

Na escola em questão, nota-se uma conservação dos edifícios tanto externa quanto internamente, pois há dois anos houve uma reforma nos banheiros que dão acesso às salas de aula, trocando absolutamente tudo, desde o encanamento e acabamentos, pois esses locais se mantinham trancados por estarem com problemas de vazamentos, já que ainda estavam em seu estado original desde que foram construídos.

Nessa reforma, todos os pisos das salas de aula foram trocados, uma vez que os originais eram de tábuas largas com difícil manutenção de limpeza; nos vãos entre uma tábua e outra a sujeira não saía. Foi posto piso frio na cor cinza.

Nessa pesquisa, a focalização pelo espaço foi diluindo-se vagarosamente no encontro com tantos outros aspectos importantes para o desempenho do processo de ensino e aprendizagem, os quais se interligavam com a ação do professor dentro de determinado espaço tendo que desenvolver uma atividade específica com um objetivo já proposto. O espaço usado pelo professor sempre está voltado para o processo de ensino e aprendizagem de sua disciplina, contudo, para uma melhoria no desempenho do processo de ensino e aprendizagem, considerando a pesquisa de campo proporcionada pela Avaliação Pós-Ocupação (APO) e com base nas pesquisas do arquiteto Paulo Afonso Rheingantz, foi possível projetar mudanças de *layout* pelos ambientes internos e externos como meio de agilizar e favorecer esse processo.

Para isso, focaram-se nos ambientes: Sala de aula, Biblioteca, Laboratório (sala) de Informática, Sala de Leitura, Sala de Vídeo, áreas externas e pátios e os próprios corredores.

É válido salientar, ainda, que proposta do presente trabalho teve como principal direcionamento a percepção ambiental dos usuários, sobretudo dos alunos e professores. Logo, o objetivo foi transformar os ambientes, tanto interno como externo, em espaços significativos para a ação cognitiva, a princípio para o ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa, mas que favorecerá todas as outras disciplinas.

As mudanças foram voltadas para uma ambiência agradável que possibilite que o comportamento do usuário seja levado pelo instinto do aconchego,

da disponibilidade, da curiosidade, do uso da tecnologia como meio de se apropriar de conhecimentos diversos e distantes, sem sair da própria escola.

A possibilidade de obter informações por meio de livros ou das tecnologias, em qualquer parte da escola, é uma forma de se igualar aos outros ambientes modernos que atraem os usuários em questão.

As mudanças foram centradas na realidade, baseando-se na possibilidade de uma diminuição de alunos por sala, havendo no máximo 25 alunos; na questão de submeter a escola a uma reforma referente às esquadrias metálicas, as quais perderam a função de manter as salas ventiladas por causa de sua vida útil, e a questão de uma instalação elétrica que possibilite o uso frequente da tecnologia em qualquer espaço da escola.

O quesito mais complexo e dispendioso é a instalação de dois elevadores para uso de Pessoas Deficientes (PD), mas que é critério obrigatório para as normas de acessibilidade.

A reforma do bloco complementar para a implantação da Sala de Informática é também uma necessidade espacial e técnica, que precisará de um investimento do governo para que seja realizada.

As demais mudanças são possíveis de serem realizadas com apoio da própria comunidade escolar, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem.

As Salas de aula receberão armários, computadores, bebedouros, pintura, *layout*, mobília adequada para cada faixa etária, estantes, quadro informativo.

Os corredores serão equipados com bancos anatômicos, maiores esquadrias, quadros informativos e ao fundo um apoio técnico. Cada andar estará equipado com materiais que favoreçam as aulas.

A Sala de Leitura ocupará todo o espaço da escola, com mesas, cadeiras e bancos, possibilitando uma liberdade de estudo e vivência.

A Biblioteca ficará bem equipada em espaço já existente, bastando uma pequena reforma, sem grandes gastos, e ainda servirá como Sala de Leitura tanto na área interna quanto na externa.

A Sala de Vídeo foi abolida como um ambiente específico, todas as salas podem se tornar sala de vídeo ou multimídia, sendo equipadas com tecnologia adequada e uma ambiência que propicie esses usos: *layout* (mobília flexível), *insufilm* (película adesiva) e cortinas com *blackout* para escurecer as salas.

Espera-se que as mudanças físicas sejam eficazes para o auxílio de um processo cognitivo que depende da percepção ambiental para que o ambiente cumpra suas principais funções, como um instrumento para melhorar a Educação.

Apegou-se, principalmente, ao ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, focando-se nos espaços que foram estudados, não se atendo demais àqueles que são necessários para todo o processo, mas que não estavam ligados diretamente com as atividades pedagógicas, deixando para outro possível estudo as áreas administrativas e recreativas.

REFERÊNCIAS

Obras citadas

ABREU, R. L. de. **Mapa do Estado de São Paulo**. 20 abr. 2006. Disponível em: <http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SaoPaulo_MesoMicroMunicip.svg#filehistory>. Acesso em: 23 maio 2013.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

AMORIN, M. Brasileiros não sabem falar inglês: apenas 5% dominam o idioma. **O Globo – Economia**. 30 set. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles-apenas-5dominam-idioma-6239142#ixzz2S3P9mjKG>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **Normas ABNT - NBR 9050 sobre acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. (Coletânea de normas).

AZEVEDO, G. A. N. **Arquitetura escolar e educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BATISTA, M. L. W. **O olhar do egresso: uma avaliação da habilitação Português/Inglês no período de 1995 a 2000**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.

BERGER, M. A. F. **O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso de NTICs no processo de ensino aprendizagem desse idioma**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação: Novas Tecnologias de Informação e Comunicação - NTICs) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.

BERNARDO, A. C. **A relação com o saber de alunos do ensino fundamental na aprendizagem da língua inglesa**. 2006. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa) – Faculdade de Educação São Luís, Jaboatão, SP.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna**. Brasília, DF: MEC/SEMT, 1999.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, B. **Relação com o saber:** formação dos professores e globalização: questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAVES, C. **O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil:** para inglês ver ou para valer? 2004. 26 f. Monografia (Especialização em Educação Infantil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção ambiental:** a experiência brasileira. São Paulo: Nobel; São Carlos, SP: UFSCar, 1996.

ESCOLA CAETANO DE CAMPOS. **Blog do Caetano.** Disponível em: <<http://www.caetanodecampos.com/2012/01/escola-da-praca.html>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE. **Arquitetura escolar e política educacional:** os programas na atual administração do Estado. São Paulo: FDE, 1998.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE. **Sala de aula:** conjunto funcional pedagógico, programa arquitetônico ciclo I, módulo básico M1, M2, M3. out. 2012. Disponível em: <http://catalogotecnico.sp.gov.br/meu_site/catalogos/ambientes/08A_Outubro_12.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.

FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, M. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998. Cap. 11, p. 229-280.

FRAGO, V. A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEIMSTRA N. W.; MACFARLING, L. H. **Psicologia Ambiental.** São Paulo: EPU Edusp, 1978.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura Escolar:** o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas,** APLIESP, São Paulo, n. 4, p. 13-24, 1999.

MALARD, M. L. **Os objetos do cotidiano e a ambiência.** Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2001. (Artigo).

MATTOS, C. D. F. et al. As Concepções do fracasso escolar e as propostas de solução. **Fragmentos de cultura,** Goiânia, v. 17, n. 7/8, p. 693-708, jul./ago. 2007.

PEREGRINO, F. Atendimento em inglês ou espanhol é diferencial para fazer negócio em 2014. **SEBRAE Notícias_2014.** Disponível em:

<http://www.sebrae2014.com.br/Sebrae2014/Not%C3%ADcias_2014/Atendimento-em-ingl%C3%AAs-ou-espanhol-%C3%A9-diferencial-para-fazer-neg%C3%B3cio-em-2014#.UguREdLVAbA>. Acesso em: 10 fev. 2013.

RHEINGANTZ, P. A. **A construção do conhecimento no atelier de projeto de arquitetura**: em busca de uma metodologia de ensino fundamentada no paradigma da complexidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

RHEINGANTZ, P. A. et al. **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. São Paulo: SEE, 2010.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WALKER, S. Uma visão geral do ensino de inglês no Brasil. In: STEVENS, C. M. T.; CUNHA, M. J. C. **História do ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**: caminhos e colheitas. Brasília: EDUnB, 2003. p. 35-52.

WOLFF, S. F. S. **Escolas para a República**: Os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. São Paulo: EDUSP, 2010.

WRIGHT, F. L. **The future of architecture**. An American Architecture (Hard Cover - DJ). New York: Horizon Press, 1953.

ZANELLA, L. Aprendizagem: uma introdução. In: ROSA, J. de La. **Psicologia e educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Obras consultadas

ARTIGAS, J. B. V. **Caminhos da arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Pini/Fundação Vilanova Artigas, 1986.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENÉVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRAGA, D. B.; COSTA, L. A. O computador como instrumento e meio para o ensino/aprendizagem de línguas. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 36, p. 61-79, 2000.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CELANI, M. A. A. (Org.). **Professores formadores em mudança**: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CORONA, E.; LEMOS, C. A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart, 1972.

COSTA, M. J. D. et al. (Orgs.). **Línguas: Ensino e ações**. Florianópolis: UFSC/NUSPPLE, 2002.

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DUARTE, H. O problema escolar e a arquitetura. **Revista Habitat**, São Paulo, n.4, p. 4-6, 1951.

FABRIS, A. (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1987.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FDE. **Arquitetura escolar e política educacional**: os programas na atual administração do Estado. São Paulo: FDE, 1998.

FERREIRA, A. F.; MELLO, M. G. **Arquitetura escolar paulista**: anos 1950 e 1960. São Paulo: FDE / DOS, 2006a.

FERREIRA, A. F.; MELLO, M. G. **Arquitetura escolar paulista**: estruturas pré-fabricadas. São Paulo: FDE, 2006b.

FERREIRA, A. F.; CORRÊA, M. E. P.; MELLO, M. G. **Arquitetura escolar paulista**: restauro. São Paulo: FDE, 1998.

GIL, G. et al. **Pesquisas qualitativas no ensino e aprendizagem de língua estrangeira**: a sala de aula e o professor. Florianópolis: PPGI/UFSC, 2005.

HILSDORF, M. L. S. **História da Educação Brasileira**: Leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LEMOS, C. A. C. **Alvenaria burguesa**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

LEMOS, C. A. C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos / Edusp, 1979.

MARTINS, M. A. H. **Metodologia da pesquisa**. 2002. Disponível em: <<http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em: 29 maio 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEGAWA, H. **Construção de ordens**: um aspecto da arquitetura no Brasil 1808-1930. 1988. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEGAWA, H. **Prelúdio da Metrópole**: Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2000.

TOLEDO, B. L. de. **Álbum iconográfico da avenida Paulista**. São Paulo: Ex Libris / João Fortes Engenharia, 1987.

TOLEDO, B. L. de. **Victor Dubugras e as atitudes de inovação em seu tempo**. 1985. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Catálogo de desenhos de arquitetura da Biblioteca da FAUUSP**. São Paulo: FAUUSP / VITAE, 1988.

XAVIER, A.; LEMOS, C.; CORONA, E. **Arquitetura moderna**. São Paulo: Pini, 1983.

ANEXOS

ANEXO A – Solicitações para efetuar o estudo de caso**1-SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO À DIRIGENTE REGIONAL DE ENSINO DA DIRETORIA DE ENSINO DA REGIÃO DE SANTO ANASTÁCIO**

A fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado “**O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO**” sob a responsabilidade da discente do Programa de Mestrado em Educação da UNOESTE, **DANIELA ANDRADE COELHO DA FONSECA**, vem por meio deste solicitar a V.S., uma autorização para realização de entrevistas com os docentes e discentes da escola EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho” pertencente a esta Diretoria de Ensino, com o objetivo de investigar a concepção que os mesmos possuem de organização do espaço escolar, fazendo o melhor uso dos ambientes em prol de uma aprendizagem mais significativa, democratizando o acesso do aluno ao que lhe é de direito.

Sendo assim, em atendimento às regras institucionais dos Programas de Pesquisa, solicito de V.S. autorização para a realização do projeto acima intitulado, além de zelar para que o pesquisador cumpra os objetivos do projeto, mediante acompanhamento dos demais pesquisadores por meio da entrega e avaliação dos relatórios parcial e final enviados à CCPq.

Presidente Venceslau, 10 de junho de 2.012.

Daniela Andrade Coelho da Fonseca

RG. 21.287.764

Aluna regular - mestrado em Educação

De acordo e ciente,

Carimbo e assinatura do dirigente

Dirigente Regional de Ensino

Santo Anastácio, ____ de _____ de 2012

Docentes e Discentes (Pais ou Responsáveis) da Unidade Escolar em questão
(nome, CPF e assinatura)

2-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ R.G. nº. _____, nascido em ___/___/_____, concordo em participar (que meu filho participe) da pesquisa intitulada “**O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO**”, sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a Ivone Tambelli Schmidt, CPF 199.138.778-49, com fone: (18) 33245254 e (18) 97820101, docente do Programa de Mestrado em Educação e sua orientanda **Daniela Andrade Coelho daFonseca**, CPF 113.313.108-57, aluna regular do curso de Mestrado em Educação da UNOESTE, com telefone (18) 3271-4472 e (18) 97221844. Estou consciente de que não existe nenhum risco de dano, visto que será utilizada uma entrevista aplicada pela pesquisadora. Recebi esclarecimentos de todas as perguntas formuladas antes da entrevista e foram sanados quaisquer tipos de dúvida que eventualmente tive a respeito de riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa. Estou ciente sobre a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar no estudo, sem que isto traga prejuízo à sua continuidade. Fui esclarecido(a) sobre compromisso de que minha identificação se manterá confidencial tanto quanto a informação relacionada com a minha privacidade. E por fim, recebi esclarecimento de que qualquer dúvida, eu poderei entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa da UNOESTE e conversar com a Dr^a Rosa Maria Barilli Nogueira pelo telefone: (18) 3229-2077 - ramal: 219. Tendo em vista os registros acima, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Presidente Venceslau, / /2012

Daniela Andrade Coelho da Fonseca
RG. 21.287.764
Aluna regular - mestrado em Educação

Assinatura da pesquisadora Orientadora
Professora Dra. Ivone Tambelli Schmidt
e-mail: ivonetambelli@gmail.com

Assinatura do pesquisador orientado
Daniela Andrade Coelho da Fonseca
e-mail: danicoe33@hotmail.com

Assinatura do sujeito da pesquisa
CPF

3- TERMO DE ADESÃO À PESQUISA

Eu,.....RG.....
diretora da Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho”, em Presidente Venceslau, jurisdicionada à Diretoria de Ensino – Região Santo Anastácio, concordo com que minha escola participe da pesquisa realizada por Daniela Andrade Coelho da Fonseca, aluna regular do mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), intitulada “**O ESPAÇO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: UM ESTUDO DE CASO**”, na qual será realizada nesta unidade escolar entrevistas direcionadas a meus docentes, os quais responderão a uma entrevista com questões não estruturadas.

Estou ciente de que na pesquisa os nomes dos professores serão mantidos em sigilo na posterior redação/dissertação da pesquisa citada.

Local: _____ , ____ de _____ de 2012

Carimbo e assinatura do diretor

ANEXO B – PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola do Estudo de Caso

Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho”

A qualidade da escola é condição essencial de inclusão e democratização das oportunidades, o desafio de oferecer uma educação básica de qualidade para inserção do aluno, o desenvolvimento do país e a consolidação da cidadania é tarefa de todos.

O grande avanço determinado pelas diretrizes (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - nº 9394/96) consiste na possibilidade objetiva de pensar a escola a partir de sua própria realidade, privilegiando o trabalho coletivo.

Assim, o Projeto Pedagógico e o Currículo da Escola devem ser objeto de ampla discussão para que suas propostas se aproximem sempre mais do currículo real que se efetiva no interior da escola e de cada sala de aula.

No artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96) diz respeito às finalidades atribuídas ao ensino o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado.

Plano Diretor – Escola Estadual “Antônio Marinho de Carvalho Filho”

Anexos em atendimento ao artigo 29, § 2º do parecer CEE 67/98.

I – Identificação da Escola:

Nome da escola: EE “Antônio Marinho de Carvalho Filho”

Endereço: Rua Euclides da Cunha, 32

Município: Presidente Venceslau – CEP 19400-000

Fone/Fax: (18) 3271-1118/ 3271-3055

Diretoria de Ensino: Região de Santo Anastácio

Diretor de Escola: Myrian Denise Câmara Coelho Pedrosa

Vice-Diretor: Rosenei Costa Bartol Dias

Cursos e Modalidades de Ensino

- Ensino Fundamental – Ciclo II
- Ensino Médio – Regular

Horário de Funcionamento

- Manhã: das 7:00 às 12:20h.
- Tarde: das 12:35 às 17:50h.

Horário de Atendimento ao Público

- Manhã: das 7:30 às 11:30h.
- Tarde: das 13:00 às 17:00h.

Recursos Físicos

Prédio Escolar em 2 pavimentos, contendo:

- 20 salas de aulas;
- 01 Biblioteca;
- 01 Sala de Informática;
- 01 Sala de Vídeo;
- 01 Secretaria;
- 01 Diretoria;
- 01 Sala de Vice-Direção;
- 01 Sala de Professores;
- 01 Cozinha;
- 18 Banheiros;
- 01 Quadra Poliesportiva – coberta e fechada;
- 03 Pátios cobertos (sendo que 1 também é utilizado para as aulas de Educação Física);
- 01 Zeladoria.

Diversos Materiais Pedagógicos e de Serviços , tais como:

- Livros Didáticos;
- Jogos Pedagógicos;
- Microscópios;
- Materiais de Laboratórios;
- Biblioteca (Acervos);
- Carteiras,
- Lousas;
- Mesas e Cadeiras para Professores;
- Mobiliário para Secretaria, Diretoria e Sala dos Professores;
- Materiais de Cozinha;

- Vídeo Cassete;
- Televisores;
- DVDs;
- Máquinas de datilografia e calculadoras;
- Computadores com impressoras;
- Máquinas de xérox;
- Máquina fotográfica;
- Mobiliário para computadores;
- Mobiliário para Refeitório;
- Materiais de Educação Física;
- Quadros murais;
- Kit pedagógico.

Recursos Humanos

- Quadro Administrativo
 - 1 Diretor efetivo
 - 1 Vice-Diretor
 - 1 Professor Coordenador do Ensino Fundamental (Ciclo II)
 - 1 Professor Coordenador do Ensino Médio
 - 1 Secretário de Escola Designado
 - 5 Agentes de Organização Escolar (Efetivos)
 - 2 Agentes de Organização Escolar (Contratados)
 - 4 Agentes de Serviço Escolar (Efetivos)
 - 1 Agente de Serviço Escolar (Contratada)
 - 1 Zelador

Distribuição do Quadro Administrativo por turnos:

	MANHÃ	TARDE
DIRETOR	1	1
VICE-DIRETOR	1	1
SECRETÁRIA	1	1
AGENTES DE ORGANIZAÇÃO	7	7

ESCOLAR		
AGENTES DE SERVIÇO ESCOLAR	4	5

Matriz Curricular Básica para o Ensino Fundamental – Ciclo II (5ª. a 8ª. séries - 6º ao 9º Ano) – Diurno

Legislação: Lei nº 9394/96 (LDB) e Resolução SE nº 98/2008 ANEXO II

Del. 16/01 e art. 33 da Lei Federal 9394/96;

Módulo – 40 semanas

Carga Horária: 27 aulas semanais, 1080 aulas anuais

Período: Manhã: Início: 7:00 horas Término: 12:20 horas

Tarde: Início: 12:35 horas Término: 17:50 horas

Componentes Curriculares

Base Nacional Comum (Lei nº 9394/96 e Res. SE 98/2008)

1 - Linguagens e Códigos

Língua Portuguesa

Arte

Educação Física

Inglês (LEM)

2- Ciências da Natureza e Matemática

Matemática

Ciências

3- Ciências Humanas

História

Geografia

Carga Horária Semanal por série/ano

6º Ano (5ª série) – 6 aulas de Língua Portuguesa

2 aulas de Arte

2 aulas de Educação Física

2 aulas de Inglês
5 aulas de Matemática
3 aulas de Ciências
4 aulas de História
3 aulas de Geografia

Total semanal: 27 aulas

Total Anual: 1080 aulas

7º Ano (6ª série) – 6 aulas de Língua Portuguesa

2 aulas de Arte
2 aulas de Educação Física
2 aulas de Inglês
5 aulas de Matemática
3 aulas de Ciências
4 aulas de História
3 aulas de Geografia

Total semanal: 27 aulas

Total Anual: 1080 aulas

8º Ano (7ª série) – 6 aulas de Língua Portuguesa

2 aulas de Arte
2 aulas de Educação Física
2 aulas de Inglês
5 aulas de Matemática
3 aulas de Ciências
4 aulas de História
3 aulas de Geografia

Total semanal: 27 aulas

Total Anual: 1080 aulas

9º Ano (8ª série) – 6 aulas de Língua Portuguesa

2 aulas de Arte
2 aulas de Educação Física
2 aulas de Inglês
5 aulas de Matemática

3 aulas de Ciências

4 aulas de História

3 aulas de Geografia

Total semanal: 27 aulas

Total Anual: 1080 aulas

Turmas de Atividades Desportivas Curriculares

Resolução 173/2002

Números de Turmas: 7

Categoria e modalidades: Pré-Mirim: Futsal Masculino;

Mirim: Futsal Masculino e Basquetebol Feminino;

Infantil: Futsal masculino, Basquetebol Feminino,

Voleibol Feminino, Tênis de Mesa Misto.

Número de aulas por turno: 3 aulas

Período- 7 turmas à tarde.

Matriz Curricular Básica para o Ensino Médio – Diurno

Legislação: Lei nº 9394/96 (LDB) e Resolução SE nº 98/2008 ANEXO IV

Módulo – 40 semanas

Carga Horária: 30 aulas semanais, 1200 aulas anuais

Período: Manhã: Início: 7:00 horas Término: 12:20 horas

Tarde: Início: 12:35 horas Término: 17:50 horas

Componentes Curriculares

Base Nacional Comum (Lei nº 9394/96 e Res. SE 98/2008)

1 - Linguagens e Códigos

Língua Portuguesa

Arte

Educação Física

Inglês (LEM)

2- Ciências da Natureza e Matemática

Matemática

Biologia

Física

Química

3- Ciências Humanas**História****Geografia****Filosofia****Sociologia****Carga Horária Semanal por série/ano**

1º Ensino Médio – 5 aulas de Língua Portuguesa

2 aulas de Arte

2 aulas de Educação Física

2 aulas de Inglês

5 aulas de Matemática

2 aulas de Biologia

2 aulas de Física

2 aulas de Química

3 aulas de História

2 aulas de Geografia

2 aulas de Filosofia

1 aula de Biologia

Total semanal: 30 aulas

Total Anual: 1200 aulas

2º Ensino Médio – 5 aulas de Língua Portuguesa

2 aulas de Arte

2 aulas de Educação Física

2 aulas de Inglês

5 aulas de Matemática

2 aulas de Biologia

2 aulas de Física

2 aulas de Química

3 aulas de História

3 aulas de Geografia

1 aula de Filosofia

1 aula de Biologia

Total semanal: 30 aulas

Total Anual: 1200 aulas

3º Ensino Médio – 4 aulas de Língua Portuguesa

2 aulas de Arte

2 aulas de Educação Física

2 aulas de Inglês

5 aulas de Matemática

2 aulas de Biologia

2 aulas de Física

2 aulas de Química

3 aulas de História

3 aulas de Geografia

1 aula de Filosofia

1 aula de Biologia

Total semanal: 30 aulas

Total Anual: 1200 aulas

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO – Perguntas Fechadas de Múltiplas Escolhas

Ensino Fundamental - 6º Ano ao 9º Ano - Aplicados nos docentes e discentes

Questões baseadas na percepção e significado (O que vocês veem nos ambientes?)

1- O tamanho da sala de aula é:

() muito pequeno () pequeno () médio () grande () muito grande

2- A aparência da sala de aula é:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

3- A quantidade e tamanho das janelas na sala de aula:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

4- O tamanho da biblioteca é:

() muito pequeno () pequeno () médio () grande () muito grande

5- A aparência da biblioteca é:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

6- A quantidade e tamanho das janelas na biblioteca:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

7- O tamanho do laboratório de informática é:

() muito pequeno () pequeno () médio () grande () muito grande

8- A aparência do laboratório de informática é:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

9- A quantidade e tamanho das janelas no laboratório de informática:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

10- O tamanho da sala de leitura é:

() muito pequeno () pequeno () médio () grande () muito grande

11- A aparência da sala de leitura é:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

12- A quantidade e tamanho das janelas na sala de leitura:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

13- A quantidade e tamanho das janelas na sala de vídeo:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

14- O tamanho da sala de vídeo é:

() muito pequeno () pequeno () médio () grande () muito grande

15- A aparência da sala de vídeo é:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

16- A quantidade e tamanho das janelas na sala de vídeo:

() muito ruim () ruim () regular () boa () muito boa

Questões baseadas na opinião e valores (O que vocês sentem em relação aos ambientes?)

1- A temperatura de conforto da sala de aula é:

() muito fria () fria () confortável () quente () muito quente

2- O nível de ruído da sala de aula é:

() muito silêncio () silêncio () suportável () barulho () muito barulho

3- O nível de iluminação nas salas de aula é:

() muito escuro () escuro () regular () claro () muito claro

4- A ventilação e a qualidade do ar na sala de aula é:

() muito ruim () ruim () regular () muito boa

5- A temperatura de conforto da biblioteca é:

() muito fria () fria () confortável () quente () muito quente

6- O nível de ruído da biblioteca é:

() muito silêncio () silêncio () suportável () barulho () muito barulho

7- O nível de iluminação na biblioteca é:

() muito escuro () escuro () regular () claro () muito claro

8- A ventilação e a qualidade do ar na biblioteca:

() muito ruim () ruim () regular () muito boa

9- A temperatura de conforto do laboratório de informática é:

() muito fria () fria () confortável () quente () muito quente

10- O nível de ruído no laboratório de informática é:

() muito silêncio () silêncio () suportável () barulho () muito barulho

11- O nível de iluminação no laboratório de informática é:

() muito escuro () escuro () regular () claro () muito claro

12- A ventilação e a qualidade do ar no laboratório de informática:

() muito ruim () ruim () regular () muito boa

13- A temperatura de conforto na sala de leitura é:

() muito fria () fria () confortável () quente () muito quente

14- O nível de ruído na sala de leitura é:

() muito silêncio () silêncio () suportável () barulho () muito barulho

15- O nível de iluminação na sala de leitura é:

muito escuro escuro regular claro muito claro

16- A ventilação e a qualidade do ar na sala de leitura:

muito ruim ruim regular muito boa

17- A temperatura de conforto na sala de vídeo é:

muito fria fria confortável quente muito quente

18- O nível de ruído na sala de vídeo é:

muito silêncio silêncio suportável barulho muito barulho

19- O nível de iluminação na sala de vídeo é:

muito escuro escuro regular claro muito claro

20- A ventilação e a qualidade do ar na sala de vídeo:

muito ruim ruim regular muito boa

Questões baseadas nos lugares, caminhos e relações (O que vocês fazem nos ambientes?)

1- A circulação (o trajeto) até chegar à sua sala de aula é:

muito complicada complicada normal simples muito simples

2- Os corredores são usados para realizar algumas atividades pedagógicas:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

3- O layout da sala de aula nas aulas de inglês é em fileiras indianas:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

4- Há mudanças no layout (mudanças na posição das carteiras) nas aulas de inglês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

5- As aulas de inglês utilizam o laboratório de informática:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

6- As aulas de inglês são realizadas na biblioteca:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

7- As aulas de inglês ocupam o espaço da sala de leitura:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

Questões baseadas nas adaptações e mensagens (O que vocês fazem aos ambientes?)

1- A sala de aula é decorada com materiais produzidos por vocês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

2- Os corredores são decorados com materiais produzidos por vocês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

3- Há mudanças no layout da sala nas aulas de inglês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

4- Você é consultado quando há mudanças na pintura ou ambientes da escola:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

5- Você gostaria de opinar nas mudanças estéticas de sua escola:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

Questões baseadas em conhecimentos e dados (O que vocês sabem sobre os ambientes?)

1- As aulas de inglês podem ser ministradas em outros ambientes:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

2- As aulas de inglês precisam de equipamentos tecnológicos:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

3- As aulas de inglês poderiam ter uma sala, a fim de que essa fosse uma sala ambiente (sala própria para aula de inglês):

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

4- A biblioteca deve ser usada com qual frequência nas aulas de Inglês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

5- O laboratório de informática deve ser usado com qual frequência nas aulas de Inglês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

6- A sala de leitura deve ser usada com qual frequência nas aulas de Inglês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

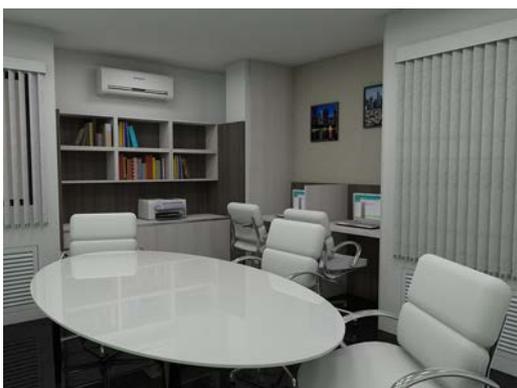
7- A sala de vídeo deve ser usada com qual frequência nas aulas de Inglês:

sempre frequentemente algumas vezes poucas vezes nunca

APÊNDICE B - SELEÇÃO VISUAL**SALA DE AULA DE INGLÊS – SELEÇÃO VISUAL****Imagem 1**

PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 2

PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 3

PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

Imagem 4



PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 5



PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 6



PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 7



PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 8



PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 9



PONTOS
POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 10



PONTOS POSITIVOS

PONTOS
NEGATIVOS

Imagem 11



PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

Imagem 12



PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

Imagem 13



PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

Imagem 14



PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

Imagem 15

PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

APÊNDICE C - PROJETOS SEM ESCALA

(Obs.: Não terão páginas porque serão impressos em DWG – AUTO CAD)